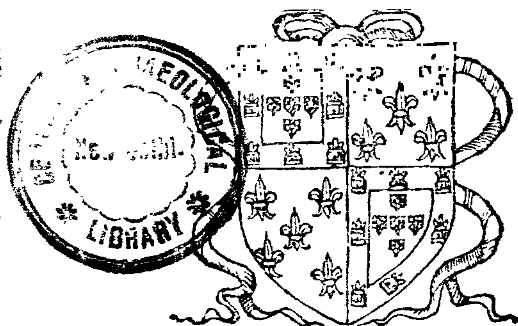
# COMMENTARIOS
## DO GRANDE
# AFONSO DALBOQUERQUE
## CAPITÃO GERAL
### QUE FOI
## DAS INDIAS ORIENTAES
### EM TEMPO DO MUITO PODEROSO
# REY D. MANUEL
## O PRIMEIRO DESTE NOME.
## *PARTE III.*




LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
ANNO MCMXXV

# COMMENTARIOS

DO GRANDE

# AFONSO DALBOQUERQUE

CAPITÃO GERAL QUE FOI DAS INDIAS ORIENTAIS

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

## REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME

---

## PARTE III.





LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1925

## INDICE DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE TERCEIRA

---

# PARTE III

**Em que se contém o que passou o grande Afonso Dalboquerque na conquista do Reyno de Goa a segunda vez, e do Reyno de Malaca: e tudo o mais que fez até a sua partida pera o Estreito**

---

## CAPITULO I

*De como, depois de prestes sua Armada, se partio do porto de Cananor: e o que passou com o Rey de Garçopa, e Timoja sobre entrar o rio de Goa.*

Passadas estas práticas, que o grande Afonso Dalboquerque teve em Cochim com Gonçalo de Sequeira, e os outros Capitães, partio-se pera Cananor, onde achou prestes a Armada, e todas as cousas, que lhe eram necessarias pera sua viagem; e sem fazer nenhuma demóra, partio-se com huma Armada de vinte e tres vélas, em que iria dous

mil homens Portugueses, de que eram Capitães Manuel de Lacerda, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmão, Bastião de Miranda, Afonso Pessoa, Ruy de Brito Patalim, Diogo Fernandez de Béja, Jorge Nunez de Lião, Francisco Pereira Pestana, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima seu irmão, Manuel da Cunha, Duarte de Melo, Pero Dafonseca, Gaspar de Paiva, Simão Martinz, Francisco Pantoja, Antonio de Matos, e Diogo Mendez de Vasconcelos, que hia pera Malaca, Dinis Cerniche, Balthezar da Silva, e Pero Coresma, que eram da sua companhia; e indo assi a Armada toda ao longo da costa, foram ter a Onor pera tomarem mantimentos, e agua. Como o Rey de Garçopa, e Timoja souberam da chegada de Afonso Dalboquerque ao porto, foram-lhe falar, e depois de passadas suas cortesias, perguntou-lhe que novas tinham de Goa, e do Hidalcão? Elles lhe disseram, que em Goa estavam tres Capitães, e que teriam quatro mil homens de guarnição, todos Turcos, Rumes, e Coraçones, e alguns peões do Balagate archeiros, e de Mouros naturaes da terra haveria outros tantos: e que se elle vinha em determinação

de cometer a Cidade, que agora tinha tempo, porque o Hidalcão andava em guerra com os Guazis do Reyno de Decan, porque lhe tinham tomado grande parte das terras, e estava tão metido polo sertão, que não era possivel podela socorrer, e que elles estavam prestes com toda sua gente, como lhe tinham mandado dizer, pera o servirem naquella jornada por terra. Afonso Dalboquerque aceitou as promessas, que lhe elles fizeram, e agradeceo-lho muito : e posto que lhe pareceo cousa duvidosa cometer Goa, tendo tanta gente, e estando tão apercebida, como lhe elles diziam, com tudo deliberou com todas suas forças cercala, e cometer os imigos, e com esta determinação se fez á véla com toda a Armada, e foi ter a Anjadiva, onde esteve onze dias sem se determinar no que faria, porque lhe disseram, chegando ali, que não fizesse fundamento dos offerecimentos do Rey de Garçopa, e de Timoja, porque se receavam, que lhe não sucedessem as cousas bem, e não queriam ficar com o Hidalcão em peior estado do que estavam. O grande Afonso Dalboquerque com todas estas dúvidas, que se lhe offerecêram, partio-se de Anjadiva, e foi ancorar sobre a

barra de Goa, e mandou a Manuel da Cunha com seis navios, que entrasse por Goa a velha, e fosse ter a Agacij, e terra de Saste, pera favorecer a gente de Timoja, que por aquella parte havia de vir: o qual, tanto que chegou ao passo de Benestarim, e de Agacij, poz-lhe o fogo, e deixou-se estar quedo no rio, esperando que ella viessse. Partido Manuel da Cunha, mandou Afonso Dalboquerque chamar os Capitães á sua náo, e disse-lhes, que elles tinham visto bem as promessas, que lhe o Rey de Garçopa, e Timoja tinham feitas; e que elle pelo que tinham dito em Anjadiva, e tambem porque os via tardar, duvidava muito cumprirem sua palavra: que lhes pedia, que lhe dissessem se cometeria este negocio com aquella fraca confiança da gente, que lhe tinham offerecido, ou se iriam primeiro a Cambaya assentar as pazes. Os Capitães ouvidas estas razões de Afonso Dalboquerque, foram todos de parecer que devia de ir sobre Goa, porque tomando-a, o Rey de Cambaya lhe faria todos os partidos que quisesse, e mais lhe mandaria logo os cativos que lá tinha. Este conselho pareceo bem a Afonso Dalboquerque, e mandou logo recado a Manuel da

Cunha, que se viesse ajuntar com elle; e como chegou, leváram todos suas ancoras, e entráram polo rio acima, e chegáram a hum passo, onde os Turcos tinham lançado tres náos Malabares carregadas de pedra pera os nossos navios não poderem passar dali pera cima, que seria hum tiro de falcão da Cidade; e este artificio, de que se os Turcos quizeram valer, lhe sahio muito ao revés do que cuidavam, porque em vez de taparem o rio, foi a força da agua que corria pera baixo tamanha, que abrio dous canaes muito mais altos, que o que tinham tapado. Afonso Dalboquerque como aqui chegou, mandou passar os navios pequenos pelos canaes, que o rio abríra, e disse aos Capitães, que se chegassem á fortaleza quanto mais pudessem, e por ser já tarde não ouve tempo pera passarem as náos grandes. Como foi menhaã, meteo-se Afonso Dalboquerque em hum batel, e foi-se aonde os navios pequenos estavam ancorados, com toda a outra Armada que o seguio, e ali se deixou estar, e mandou Duarte de Lemos, Gaspar de Paiva, e Diogo Fernandez de Béja, que fossem nos esquifes reconhecer a fortaleza da maneira que estava, e elles chegáram de-

fronte della, e víram-na muito bem, e disseram a Afonso Dalbóquerque, que estava muito forte, com muitos cobelos, e baluartes, e bombardeiras ao lume da agua com muita artilheria nellas, e huma cava mui grande. Afonso Dalboquerque com esta informação, que lhe os Capitães deram, e com a muita gente, que a Cidade tinha, pareceo-lhe cousa mui duvidosa cometela, e com tudo confiado em Deos que o ajudaria, mandou diante a Bastião de Miranda, Afonso Pessoa, e Ruy de Brito Patalim, que se passassem com as galés da outra banda da fortaleza, e por serem sentidos, foram muito bem servidos da artilheria, que nella estava, e Nosso Senhor os guardou, que não recebêram nenhum damno; e posto que todas estas cousas lhe fizessem o negocio mais duvidoso pera se cometer a Cidade, por se mais certificar de tudo, mandou a Diogo Fernandez de Béja, que lhe tomasse de noite hum lingua; e de hum Mouro, que tomou, soube que os Turcos tinham muita artilheria grossa, e miuda, e muita gente de pé, e de cavallo, e muitos mantimentos, e que os Mouros naturaes da terra tinham prometido ao Hidalcão de morrerem todos, ou defender a Cidade, que a

não entrassem ; e que os Turcos por cima desta promessa, que lhe tinham feita, arreceando-se que vindo-lhe algum trabalho, se alevantariam contra elles, mandáram meter na fortaleza todas as mulheres, e filhos dos principais da terra.

## CAPITULO II

*Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães pera cometerem a Cidade, e o mais que nisso passou.*

Com esta informação, que o grande Afonso Dalboquerque teve, de como a Cidade estava apercebida, esteve assi tres dias sem se determinar se a guardaria por ElRey de Garçopa, e Timoja, dos quaes não esperava mais ajuda, que virem-lhe alevantando os Gentios contra os Mouros, pera lhe não acudirem com mantimentos, nem com os direitos, que lhe eram obrigados a pagar das terras : e neste tempo, que se andou detendo, sem se determinar no que faria, fizeram os Turcos humas estancias de madeira muito fortes, entulhadas de terra com suas cavas de agua ao longo da ribeira, e nellas puzeram muita

artilheria grossa, e hum Capitão com gente pera as defender. Afonso Dalboquerque vendo que os Turcos pela muita confiança, que tinham na sua fortaleza, faziam estancias de fóra pera defenderem as náos, que lhas não queimassem, confiados que tudo o mais estava seguro, mandou chamar os Capitães, e todos os Fidalgos, e Cavaleiros da Armada, e apresentou-lhes esta suspeita, que tinha dos Turcos, pedindo-lhes que lhe dissessem se cometeriam as estancias primeiro, ou se iriam logo de frécha demandar a fortaleza. Práticado isto, ultimamente assentáram todos, que primeiro se cometesse a fortaleza que as estancias; porque ainda que estivesse mais forte, ali queriam todos empregar a vontade que tinham de se vingarem do passado, porque tomada a fortaleza, no mais não havia que fazer. Afonso Dalboquerque, e Diogo Mendez de Vasconcelos não foram neste parecer, senão que rompessem primeiro as estancias, porque rotas, entrariam de roldão com os imigos, e que devia de ser logo, porque todo o mais tempo que ali estivessem sem fazerem nada, era enfraquecerem cada vez mais aquelle negocio, e neste parecer de Afonso Dalboquerque

assentáram todos, e que esperassem por ElRey de Garçopa tres dias. Elle lhes disse, que pois lhes parecia bem cometerem a Cidade, que não era já tempo pera esperarem outra ajuda, senão a de Nosso Senhor Jesus Christo, a qual lhe não avia de faltar, pois pelejavam pela sua Sancta Fé, que elle cria verdadeiramente ; que a detença do Rey de Garçopa, e de Timoja era tudo ordenado polos Turcos, com grande força de dinheiro que lhes davam, porque não viessem ; e que Timoja era tão sabedor, que havia de andar dissimulando, e não vir senão depois da Cidade ganhada, porque entendia bem que havia de custar muito sangue tomala, e que por isso não deviam de perder tempo em esperar por elles : e com esta determinação despedio os Capitães, que se fossem pera as náos, e se fizessem prestes pera ao outro dia pela menhaã irem todos cometer as estancias ; e depois dellas serem ganhadas, a vitoria lhes aconselharia o que haviam de fazer, e repartio-os em tres batalhas, a saber : Manuel da Cunha, Manuel de Lacerda, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima seu irmão, Gaspar de Paiva, Gaspar Cão, Fernão Feyo, Pero Dafonseca, e outros muitos em huma

batalha, que fossem cometer as estancias junto da fortaleza : e na outra batalha mandou Diogo Mendez de Vasconcelos, Baltezar da Silva, Dinis Cerniche, Pero Coresma, o qual levava comsigo Jorge Coresma seu filho, (que agora he Provedor dos fornos delRey,) que ainda que era moço, deo muito boa conta de si aquelle dia, e Ruy de Brito Patalim, e Jorge Nunez de Lião com outra muita gente, que cometessem as estancias pela banda das náos, e que elle com a mais gente, e Capitães, que ficavam, iria tomar as costas das estancias por hum caminho, que hia do Mandovij por huma costa acima, que elle sabia, porque indo por ali ficava antre os Mouros, e a Cidade, e tomando-lhe as costas das estancias, não podiam deixar de fazer grande estrago nelles. E porque naquelle caminho, por onde Afonso Dalboquerque determinava de ir, estavam humas tranqueiras de madeira muito fortes, por não haver detença quando chegasse, mandou Dinis Fernandez Mestre da sua náo, que fosse diante com trinta Marinheiros cortalas, e que não consentisse pôr-se fogo ás náos, que estavam em terra, salvo se de todo desconfiassem de se tomar a Cidade.

E como os Capitães estavam ainda no seu parecer, tornáram logo de noite ter com Afonso Dalboquerque, e deram-lhe muitas razões, por onde devia primeiro de cometer a fortaleza que as estancias, e elle lhes deo outras muitas, por onde lhe não parecia bem o que elles diziam ; e houve sobre isso tantos debates de huma parte, e da outra, que Afonso Dalboquerque por cima de lho assi parecer, polos contentar, desistio do que estava assentado, e foi-se com seu parecer. Como os Turcos víram estas detenças, e que havia sete dias que os nossos ali estavam sem fazer nada, foram-lhe perdendo a vergonha, e fizeram humas estancias mais perto da nossa Armada, em que puzeram seis bombardas grossas, com que lhe começáram átirar. Afonso Dalboquerque afrontado da pouca conta, que os Turcos faziam delle, com grave, e opportuno conselho mandou dizer aos Capitães, que se fizessem prestes, e ao outro dia pela menhaã viessem a bordo da sua náo, porque sua determinação era, por cima de todas as razões passadas, dar nas estancias, e cometer os Turcos, porque não podia sofrer suas rebolarias, e cada hum cometesse pelo lugar que lhe tinha ordenado.

## CAPITULO III

*Como o grande Afonso Dalboquerque cometeo a Cidade de Goa, e a tomou por força de armas, onde matáram alguns dos nossos: e o grande estrago, que nos Mouros fizeram.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque assentado de cometer a Cidade, como tenho dito, ao outro dia ante menhaã, que foi dia de Sancta Catharina, vinte e cinco dias do mes de Novembro de mil e quinhentos e dez, os Capitães, que já estavam prestes, vieram-se com toda sua gente a bordo da náo Capitaina, e achára-no já embarcado no esquife, e hum paráo com cento e cincoenta soldados esperando por elles ; e feita a confissão geral, ordenáram-se em tres batalhas, como estava assentado, e foram demandar a Cidade já menhaã clara, e em chegando, sem haverem mais outro conselho, foram cometer as estancias, cada batalha polo lugar que lhe estava assinado. Os Turcos, que estavam nellas, se defendêram por hum bom espaço sem os poderem entrar. Afonso Dalboquerque com a gente que levava em

sua companhia, em chegando ás tranqueiras, que Dinis Fernandez já tinha cortadas, foi-se pela ladeira arriba a mais andar. Os Turcos, porque se não arreceavam daquella parte, como sentíram pezo de gente nas suas costas, havendo hum grande pedaço que se defendiam, começáram a render as estancias. Os Capitães como víram que elles com a chegada do grande Afonso Dalboquerque se começavam de embaraçar, cometêram-nos tão valerosamente, levando diante de si o Apostolo Sanctiago, que os hia guiando, que em breve espaço lhes entráram as estancias, e foram com elles de roldão até as portas da Cidade, sem lhes terem rosto atrás, matando, e decepando muitos Turcos, e Rumes, tudo gente limpa, e muito bem tratada de vestidos de seda, e de brocado. Manuel da Cunha, Manuel de Lacerda, Dom João de Lima, D. Jeronymo de Lima seu irmão, e outros seus companheiros, que eram na dianteira, chegando á porta acháram grande resistencia nos Turcos; e com tudo esforçados com a vitoria, que lhes Nosso Senhor mostrava, entráram a Cidade por força de armas, e nas costas delles entrou Dinis Fernandez, que já era chegado

com a gente, com que foi cortar as tranqueiras, e todos juntos foram seguindo os Mouros até a porta da fortaleza, e ali tiveram huma grande batalha com elles, tão bem pelejada de parte a parte por hum bom espaço, que cada hum cuidou que tinha a vitoria por si. Os Turcos, que estavam dentro na fortaleza, acudíram logo a cavallo em favor dos seus, e puzeram os nossos em desbarato: e nisto acudio Diogo Mendez, e Jorge Nunes de Lião com todos os Fidalgos, e gente, que era em sua companhia, e achāram já muita parte dos nossos feridos, e postos em grande trabalho, e em chegando, bradáram-lhe que déssem nos Turcos, que elles os iriam seguindo. Os nossos com este novo socorro deram nos Mouros de pé, e de cavallo, e huns, e outros apertáram tão asperamente com elles, que os desbaratáram, e entráram de roldão as portas da fortaleza, ficando já alguns dos nossos mortos, e feridos. Manuel de Lacerda, que andava com huma setáda polo rosto, em entrando pela porta encontrou-se com hum Turco de cavallo, e matou-o, e subio-se no cavallo, e foi seguindo a vitoria, e andava muito pera lhe haver inveja, porque trazia hum pedaço de

seta quebrada metido polo rosto, e todas as armas tintas do sangue, que corria delle. Afonso Dalboquerque a este tempo hia caminhando com sua gente nas costas dos nossos, seu passo cheio, pera acudir onde visse necessidade. Os Turcos vendo-se entrados dos nossos soldados, e que os hiam seguindo, ajuntáram-se quinhentos delles, em que entravam cento de cavallo com o seu Capitão, e fizeram volta, e pelejáram com tanto esforço, que os nossos tardáram hum grande pedaço, sem os poderem render. Afonso Dalboquerque avisado do trabalho em que estavam, com a gente de sua companhia chegou-se mais depressa a favorecelos, e em chegando, huns, e outros puzeram as lanças tão rijo nos Turcos, que os desbaratáram, e matáram muitos, e dous Capitães principaes, de tres que o Hidalcão ali tinha. Manuel de Lacerda como vio Afonso Dalboquerque, desceo-se do cavallo, e deo-lho. Quando o elle vio com as armas todas tintas de sangue, abraçou-o, e disse-lhe: *Senhor Manuel de Lacerda, confesso-vos que vos hei grande inveja, e assi vo-la houvera o grande Alexandre, se aqui estivera, porque estais assi mais galante pera hum seram que Are-*

*lhano.* Como se Afonso Dalboquerque poz a cavallo, todos os Capitães tomáram cavallos, que os Turcos tinham perdidos, e foram-no seguindo, os quaes sem nenhuma resistencia volvêram as costas, e foram-se pela porta da fortaleza ; e outros muitos ali, onde se achavam, por encurtarem o caminho, se lançavam dos muros abaixo. Como a fortaleza foi despejada, mandou Afonso Dalboquerque fechar as portas, que hiam pera a Cidade, e ter bom recado nellas, porque os nossos não seguissem os Mouros, nem se desmandassem a roubar, arreceando que por serem muitos se ajüntassem, e fizessem outro máo recado, como o de Calicut, e mandou aos Capitães, que todos tomassem estancias nos muros da fortaleza, porque determinava de se fazer forte nella. Os Turcos andavam tão assombrados, que os que escapáram da furia dos nossos soldados, foram fugindo contra Benastarim, pera se passarem dali á outra banda da terra firme ; e hiam tão cortados de medo, que sem esperarem por barca, passáram o rio a nado, onde se afogáram muitos, e perdêram muitos cavallos. Entrada a Cidade, vendo Afonso Dalboquerque a fortaleza fortificada com muita

artilheria, e as bombardeiras tapadas com barro por fóra pera engano dos nossos, se a cometessem, deo muitas graças a Nosso Senhor polos livrar do perigo, que lhes estava aparelhado, se cometêram a fortaleza, como parecia aos Capitães que o devia de fazer. Dos nossos foram feridos cento e cincoenta soldados; e Fidalgos, e Capitães Manuel de Lacerda, que foi o primeiro, que entrou pela porta della, e o primeiro, que foi ferido, (e assi o achei escrito,) e Gaspar de Paiva, Manuel da Cunha, D. João de Lima, Gaspar Cão, Simão Dandrade, Dinis Fernandez, e todos os outros, que eram na dianteira, e matáram sete, e hum delles era D. Jeronymo de Lima, o qual foi morto á entrada da porta da fortaleza; e estando no chão ferido de taes feridas, que não podia escapar, chegou Dom João de Lima seu irmão a elle, que hia de volta com os outros, e quando o vio em tal estado, com a cabeça encostada ao muro, disse-lhe com muitas lagrimas: *Que he isto, irmão? como estais?* D. Jeronymo lhe respondeo: *Estou acabando esta jornada, e folgo, pois Nosso Senhor se houve por servido, que acabasse aqui em seu serviço, e delRey de Portugal.*

D. João de Lima o quiz acompanhar, e elle lhe disse: *Irmão, não he tempo pera ficardes comigo; hi cumprir com vossa obrigação, que eu ficarei acabando meus dias, pois não tenho forças pera mais.* D. João de Lima o deixou, e foi seguindo os Mouros, e depois da fortaleza tomada, e os Mouros lançados fóra, tornou em busca delle, e achou-o já morto. Folgára muito de ser cada hum destes dous irmãos; mas não me sei determinar a qual delles tenha mais inveja, se a D. João de Lima por ir pelejar, onde lhe pudera acontecer outro tanto; ou a D. Jeronymo de Lima, que não querendo remediar suas feridas, ainda que fossem mortaes, (sendo cousa muito natural aos homens desejarem de viver,) quiz remediar a honra de seu irmão, e não consentio que ficasse com elle em tempo, que os outros Fidalgos, e Cavaleiros andavam pelejando com os Turcos dentro na fortaleza: a determinação disto deixo aos que lerem a lição desta historia, elles julguem qual destes dous irmãos cumprio mais com sua obrigação. Matáram tambem André de Afonseca, Antonio Graces, e Alvaro Gomes, filho do Almoxarife de Alenquer, e outros, que não eram conhe-

cidos. Estes que morrêram, e os que ficáram vivos, o fizeram de maneira, assi no cometer da Cidade, como em todas as outras afrontas, em que se víram este dia com os imigos, que são dignos de se ter delles muita lembrança, porque em se Goa ganhar, ficou a India segura. E não deve de esquecer Diogo Mendez de Vasconcelos, e os da sua companhia, porque a presteza, e esforço, com que socorreo os nossos, estando já muitos delles feridos, foi grande parte pera se a fortaleza tomar; e era Afonso Dalboquerque em tanto conhecimento do esforço, e discrição de Diogo Mendez, que lhe disse muitas vezes, nas differenças que com elle teve sobre a sua ida a Malaca: *Arrenego da vida, em que vivo, Senhor Diogo Mendez, que o meu officio vos fez mal.* E se os nossos na primeira tomada desta Cidade ficáram mal julgados pela deixarem, nesta segunda cobráram sua honra em a tornarem a tomar por força de armas, com matarem dous mil homens brancos, Turcos, Rumes, e Coraçones, que foi grande espanto por toda a terra, pela muita confiança que nelles tem de esforçados, a fóra outros muitos naturaes della.

## CAPITULO IV

*Como o grande Afonso Dalboquerque deo licença aos soldados que roubassem a Cidade: e do Crucifixo, que se achou em humas paredes velhas, donde se tirava pedra pera a fortaleza: e o milagre, que Nosso Senhor fez polos nossos o dia da batalha.*

Tanto que se em Cochim soube, que o grande Afonso Dalboquerque tinha tomádo Goa, os Capitães, que ali estavam carregando suas náos pera se partirem pera Portugal, lembrados de como lhe tinha dito, que antes de sua partida lhe viria novas da tomada de Goa, ficáram mui tristes, e envergonhados, quando o souberam, por não serem com elle naquella jornada. Afonso Dalboquerque, depois de ter mandado aos Capitães que tomassem suas estancias, e guardassem a fortaleza, deo licença aos soldados que roubassem a Cidade, e escala franca de tudo o que tomassem, e pera si não quiz mais que o contentamento que tinha de comprir a palavra, que dera ao Hidalcão, estando em

Goa, (como atrás fica dito.) Tomáram-se na Cidade cem bombardas grossas, e muita artilheria miuda, e duzentos cavallos, e muitos mantimentos, e monições de guerra, e tudo mandou que se entregasse ao Feitor pera ElRey; e depois da Cidade roubada, disse aos Capitães, que corressem toda a Ilha, e os Mouros, mulheres, e meninos, que achassem, trouxessem todos á espada, e não dessem vida a ninguem, porque sua determinação era não deixar nenhuma semente desta em toda a Ilha; porque além de ser necessario pera assossego da terra, não aver nella outra gente senão Gentios, fez tambem isto por castigo da traição que lhe fizeram, quando tomou a primeira vez a Cidade, e por quatro dias continuos fizeram sangue em todos os Mouros, que nella achâram; e soube-se por certeza que entre homens, mulheres, e meninos morreriam passante de seis mil. Os Gentios tambem por sua parte, polo odio que tinham aos Turcos, por lhe terem tomado suas terras de que viviam, como souberam que Goa era tomada, esses homens principaes, que estavam recolhidos com sua gente na serra, descêram a baixo, e tomáram os passos aos Mouros, que hiam fugindo á

furia dos nossos Portugueses ; e depois de lhes tomarem tudo o que levavam, traziam todos á espada sem darem vida a ninguem, e na companhia destes Turcos matáram hum, que era Thesoureiro, e Pagador dos soldados da gente do Hidalcão, e tomáram-lhe todo o dinheiro que levava ; e alguns Mouros, que os Gentios cativáram, mandou Afonso Dalboquerque encher huma mesquita, e pôr-lhe o fogo, e nesta companhia foi hum Christão arrenegado, que se lançou com o Hidalcão na primeira tomada de Goa ; e como a terra foi despejada, entendeo logo na fortificação da Cidade, e mandou fazer muita cal, e derribar todas as sepulturas dos Mouros, de que se tirou muita pedra pera a obra, e a todos os Capitães, e Fidalgos deo sua hora de trabalho, e dava grande pressa a se acabar, porque arreceava a vinda do Hidalcão, e não queria que o achasse desapercebido ; e porque esperava que ali fosse o assento principal dos Governadores da India, ordenou que os paços do Çabaio ficassem de dentro da cerca, por serem casas mui nobres, obra mui formosa, e bem lavrada ; e com esta diligencia que deo, em breve tempo se acabou a fortaleza, onde agora está

com suas torres, e cavas, com suas couraças pera defensão do porto, e pouso das náos.

Neste tempo andando certos homens desfazendo humas paredes velhas, pera tirarem pedra pera a obra, achâram nos alicerces huma Imagem do Crucifixo de cobre. Como a nova correo por toda a Cidade, veio Afonso Dalboquerque logo ali ter com toda a gente, e Clerigos que avia, e levâram o Crucifixo com muita devoção, e muitas lagrimas á Igreja. Foi grande espanto este pera todos os que o víram, porque não havia memoria de homens, que se lembrassem que houvera ali nunca Christãos, e que Nosso Senhor lançára aquelle sinal do Ceo, por mostrar que sua vontade era ser aquelle Reyno del-Rey de Portugal, e não do Hidalcão, e que as suas misquitas fossem casas de oração, em que o seu nome fosse louvado; porque como a Cidade estava poderosa de gente, artilheria, e armas, e de todas as outras cousas necessarias pera sua defensão, não eram os nossos bastantes, sendo tão poucos, pera a tomarem, senão estivera dentro este sinal da Cruz, em que Nosso Senhor padeceo, que os chamava, e lhes deo esforço pera a cometerem, e o Apostolo Sanctiago, que

os ajudou, de que foram boas testemunhas os mesmos Mouros, que depois da Cidade ser ganhada, perguntavam aos nossos, que homem era hum Capitão de humas armas brancas, e huma Cruz vermelha, que andava com os Christãos ferindo, e matando nos Mouros, porque elle só fora o que lhe tomára a sua Cidade; e Afonso Dalboquerque pela muita devoção que tinha nelle, e por ser Cavaleiro da sua Ordem, não se esqueceo deste favor, que delle recebeo, e mandou ao Convento de Palmela hum bordão de seis palmos de comprido, da grossura de hum arremeção, todo forrado de ouro, lavrado de Tauxia, e a cabeça do bordão com perolas, e rubís, e hum ramal de contas de ouro muito grossas, e huma vieira de ouro de bom tamanho, com muita pedraria nella, posta em hum chapeo de setim carmesim; e por sua morte mandou ao Apostolo Sanctiago de Galiza huma alampada de prata muito grande, e cem mil reis em dinheiro pera azeite. Como esta nova da tomada de Goa chegou a Cambaya, e que Afonso Dalboquerque se fazia forte nella pera a suster, vendo o Rey que a sua liga era desfeita, mandou-lhe logo os cativos, que lá tinha, que cativáram com

D. Afonso de Noronha seu sobrinho, e offerecer-lhe Diu pera nelle fazer fortaleza, e dali por diante sempre lhe mandou requerer pazes por seus Embaixadores: e Mirocem Capitão da Armada do Grão Soldão, que estava em Cambaya com alguma gente que escapou do desbarato do Visorey, que estava esperando o socorro, que tinha mandado vir do Cairo pera se tornar a reformar em Goa, como a vio tomada, com grande perda dos Turcos, desesperado do negocio ter remedio, pedio licença ao Rey de Cambaya, e foi-se a Judá, onde esteve alguns dias, e dali se partio caminho de Suez por mar em huma gelua, e achou a Armada que se estava fazendo; e chegado ao Cairo com esta nova, que deo ao Soldão da tomada de Goa, mandou alevantar a mão da obra, e não foi mais por diante. Afonso Dalboquerque despachou o Embaixador do Rey de Cambaya, e mandou-lhe dizer, que acabada a fortaleza se iria ver com elle, e fariam suas pazes. E porque desejava de tentar amizade com o Hidalcão, escreveo-lhe esta Carta com algumas rebolarias de mistura, porque com os Reys da India, em quanto a governou, se ajudou sempre de huma cousa, e da outra.

CARTA, QUE O GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE ESCREVEO AO HIDALCÃO, TANTO QUE TOMOU GOA.

*Muito honrado, e bom Cavaleiro Milohau: o grande Afonso Dalboquerque Capitão geral da India, e do Reyno, e Senhorio de Ormuz, e do Reyno, e Senhorio de Goa, polo muito Alto, e mui Poderoso D. Manuel Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, vos envio minhas encomendas. Bem sabereis como o Çabayo vosso pai tomava as náos do Malabar dos portos, e lugares delRey meu Senhor, polo qual me conveio de vir sobre Goa, e tomala, onde fico fazendo huma fortaleza muito forte. Folgára muito, que fora vivo vosso pai, pera saber que sou homem de minha palavra: por amor delle serei sempre vosso amigo, e vos ajudarei contra o Rey de Decam, e contra vossos imigos; e todos cavallos, que aqui vierem, farei ir onde vós estiverdes, e a vossos lugares pera os vós averdes. Folgaria muito, que os Mercadores dessa terra viessem com roupa branca, e com todas as mer-*

*cadorias a este porto, e levarem pera essa mercadorias do mar, e da terra, e cavallos, e eu os ei por seguros. Se quereis minha amizade, venham messageiros vossos com recado a mim, e eu vos mandarei outro meu, que vos levará meu recado: se isto quereis fazer que vos escrevo, com minha ajuda podereis ganhar muita terra, e ser grande Senhor antre os Mouros. Folgai de fazer isto, porque assi vos cumpre, e tereis grande poder; e posto que o Çabayo vosso pai seja morto, eu serei vosso pai, e vos crearei como filho. Vosso messageiro me traga logo reposta, e os Mercadores da terra venham seguros a Goa; e os Mercadores, que mercadorias trouxerem, e vierem com vosso seguro, assinado por vossa mão, eu lho guardarei.*

## CAPITULO V

*Como os Nequibaires mandáram pedir seguro ao grande Afonso Dalboquerque pera virem viver a Goa: e como os nossos desbaratáram Meliqueaye Capitão do Hidalcão.*

Vendo os Nequibaires, que estavam da banda da terra firme, que o grande Afonso

Dalboquerque fazia seu assẽto em Goa, mandáram-lhe pedir seguro, pera se virem viver a ella com toda a sua gente. Estes Nequibaires eram homens principais, e Capitães de gente. Como Afonso Dalboquerque desejava de recolher á Cidade todos os Gentios naturaes da terra, folgou muito com a sua vinda, porque esperava tambem de o ajudarem na obra da fortaleza, e mandou-lhes o seguro, que lhe mandáram pedir; e depois de serem em Goa, deo-lhes as casas, e fazendas, segundo cada hum a tinha na terra; e depois de ter despachado estes messageiros dos Nequibaires, veio-lhe recado que Meliqueaye Capitão do Hidalcão, era chegado com muita gente a Condal, e a Bandá, com determinação de entrar a Ilha de Goa; e posto que Afonso Dalboquerque andasse muito occupado na obra da fortaleza, polo muito que importava acabar-se com brevidade, todavia não pode sofrer que hum Capitão do Hidalcão viesse cercar as terras de Goa, estando elle nella, e mandou logo Diogo Fernandez de Béja que entrasse o rio de Banda, e defendesse a entrada a Meliqueaye nas terras de Antuge, e Saste, e em sua companhia por Capitães dos navios

Aires Pereira, Antonio Dabreu, Gaspar Cão, e Antonio de Matos com duzentos homens. Diogo Fernandez, como esteve prestes, partio-se com esta gente, e chegou a Bandá, e entrou polo rio dentro, e sem haver outro conselho, desembarcou logo. Meliqueaye, como vio a nossa gente desembarcada, confiado nos muitos Turcos de cavallo, que tinha comsigo, foi-os cometer, e Diogo Fernandez os esperou mui valerosamente, e com as lanças varadas nelles tão rijo, que os Turcos assombrados de verem a determinação, com que os nossos os esperavam a pé; indo elles a cavallo, fugíram tão desordenadamente, que muitos se lançáram por humas barrocas abaixo, e ali acabáram seus dias. Diogo Fernandez com esta vitoria veio-se a Goa, e deo conta à Afonso Dalboquerque do que tinha passado, e como Meliqueaye hia na volta de Divarij, pera por ali entrar a Ilha. Com esta nova, que lhe Diogo Fernandez deo da determinação de Meliqueaye, mandou logo Gaspar de Paiva, que fosse guardar aquelle passo, e em sua companhia Afonso Pessoa, Martim Guedez, Vasco Fernandez Coutinho, e outros muitos. Meliqueaye vendo-se desbaratado da sua gente, recolheo-se com essa

que lhe ficou, e foi cometer á entrada da Ilha polo passo de Divarij ; e chegando lá, ainda que hia descuidado de achar nelle quem lhe resistisse, como de sua natureza era muito soberbo, com tudo determinou de cercar as estancias, que Gaspar de Paiva tinha já feitas, e fez da sua gente de pé, e de cavallo huma batalha, e elle diante foi-as cometer. Gaspar de Paiva, que estava já avisado da sua vinda, esperou-o com muito esforço, e aos primeiros encontros lhe matáram os espingardeiros alguns Turcos de cavallo ; e como elles, segundo seu costume, andavam reatados com toucas nas sellas, e os cavallos sem terem quem os governasse, deram pela outra gente, e puzeram-nos em desbarato. Como Gaspar de Paiva vio os Turcos desordenados, sahio das tranqueiras, e foi-os cometer, e desbaratou-os, e foi-lhes seguindo o alcance hum bom pedaço. Vasco Fernandez Coutinho, ainda que naquelle tempo era moço de dezoito annos, encontrou-se com hum Turco de cavallo, e levando-o pelas rédeas, alevantou-lhe as cubertas, e meteo nelle a espada ; e como o cavallo cahio morto, remeteo ao Turco, e cortou-lhe a cabeça, e neste dia mostrou

bem ser filho de seu pai, e neto de seus avós.

Acabado este feito, recolheo-se Gaspar de Paiva á sua estancia; e Meliqueaye vendo-se maltratado dos nossos em huma parte, e na outra, não ousou mais de os cometer, e foi-se dali a duas leguas polo Sertão a hum lugar, que se chama Diocálij, e assentou ali seu arraial, e fez humas estancias muito fortes de madeira pera se defender, se o ali fossem cometer. Vendo Afonso Dalboquerque que Meliqueaye andava assi desmandado, e que podia ser, se o cometesse, que o levaria levemente nas mãos, foi-o buscar em pessoa, onde tinha assentado seu arraial, com mil homens Portugueses, e dous mil da terra com seus Capitães, e passou-se nas galés, e nos bateis á terra firme, e em desembarcando fez quatro batalhas da sua gente, e polos em certos passos, hum tiro de espingarda da ourela do mar, e poz-se ali em cilada, e mandou aos Capitães Gentios, que com a gente que tinham lhe fossem correr ao arraial, e sahindo alguns Turcos apôs elles, se viessem recolhendo pera aquella parte, onde elle tinha postas as ciladas. Os Capitães Gentios, como chegáram á vista do

arraial, achàram Meliqueaye fóra das estancias, posto em hum outeiro alto com sua gente, como homem, que sabia o ardil de Afonso Dalboquerque; e como elle era bom Capitão, e entendia muito bem a guerra, deixou-se estar quedo, e não quiz cometer os Gentios; e vendo os Capitães que Meliqueaye não queria travar com elles, recolhêram-se pera onde Afonso Dalboquerque ficava, porque assi lhos tinha mandado, e contáram-lhe da maneira que o achàram; e elle vendo que Meliqueaye estava advertido do seu ardil, veio-se á Ilha de Divarij, e deixou nella Rodrigo Rabelo, e Manuel de Lacerda com gente, e foi-se pera a Cidade. Passados alguns dias, vendo-se Meliqueaye sem forças pera resistir á nossa gente, se o quisessem entrar, mandou hum messageiro a Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes; e elle perguntou ao messageiro se tinha Meliqueaye comissão do Hidalcão pera cometer pazes, porque sem isso não havia de tratar com elle este negocio. O messageiro lhe disse, que elle não trazia mais recado que de Meliqueaye, que era Capitão do Hidalcão, que pois as elle cometia, que o não havia de fazer sem sua licença. Afonso Dalboquer-

que o despedio sem lhe responder, porque lhe pareceo, vendo-o andar tão desordenado, que a sua estada ali não havia de ser por vontade do Hidalcão.

## CAPITULO VI

*Como Merlao veio ter a Goa, e os Nequibaires pedíram ao grande Afonso Dalboquerque lho désse pera os governar, e o que nisso fez: e como mandou Diogo Fernandez de Béja desfazer a fortaleza de Çacotorá.*

Avia dias, que em Goa andava hum messageiro do Rey de Onor procurando amizade do grande Afonso Dalboquerque; porque como se elle tinha alevantado com o Reyno, e lançado fóra delle Merlao, a quem pertencia de direito, por ser irmão mais velho, temia-se muito que o favorecesse contra elle, pela obrigação, em que lhe era de o ajudar em a primeira guerra de Goa. Merlao, que a este tempo estava em Baticalá com o Rey seu tio, com gente de pé, e de cavallo, pera dali cobrar seu Reyno, se pudesse, como soube que seu irmão trazia negocio com

Afonso Dalboquerque pera se valer da sua amizade, mandou-lhe hum messageiro com cartas, dando-lhe conta do negocio como passava, e como o irmão se alevantára contra elle, e lhe tinha tomado o Reyno por força, pedindo-lhe sua amizade, e offerecendo-se pera servir ElRey de Portugal em tudo o que lhe elle mandasse, e elle lhe aceitou seus offerecimentos, assi pela fama, que tinha de Cavaleiro, como por ser Capitão, que os Gentios tinham em muita estima, com fundamento que lhe daria a governança das terras de Goa, porque se creára ali, e fizera sempre guerra aos Turcos, e por duas vezes que fora cercada delles, sendo de Gentios, a defendêra como muito valente Cavaleiro: e com esta determinação, por lhe parecer muito serviço delRey Dom Manuel recolhelo, e favorecelo, mandou a Baticalá as galés por elle, e alguns navios pera embarcação da sua gente, e cavallos: e mandou dous Capitães Portugueses com dous mil homens dos Gentios, que fossem por terra recebelo a Cintácora, com cartas pera os Tanadares, e póvos das terras de Goa o receberem, e obedecerem, como a sua propria pessoa: e todos o fizeram com muito amor,

pela estima, em que o tinham, porque desejavam de serem governados por elle. Sabendo o Irmão, que estava em Onor, que elle vinha embarcar a Cintácora, mandou logo gente sua a Caribal, e Ancola, (que são dous lugares, que estam defronte de Cintácora, da outra banda do rio, por onde parte o Reyno de Goa com o de Onor,) que se trabalhassem por lhe defenderem a passagem, prometendo-lhe grandes dadivas se lho prendessem, porque tinha receio que Afonso Dalboquerque o ajudasse a lançar fóra do Reyno; mas com todas estas diligencias, que elle teve, deo-se Merlao a tão boa manha, que passou sem se encontrar com a sua gente, e chegou a Goa, (levando comsigo hum Capitão do Rey de Narsinga, que se chamava Icarao, que havia dias, que andava em sua companhia desavindo do Rey,) onde foi recebido de Afonso Dalboquerque com muito prazer, e mandou-o aposentar nas principais casas da Cidade, e ao Feitor que lhe désse tudo o que fosse necessario pera elle, e pera sua gente. Os Nequibaires tiveram tanto prazer com sua vinda, que não tardáram muitos dias, que se foram a Afonso Dalboquerque, que lho désse pera os gover-

nar, porque todo o povo o desejava; e elle, porque esta era a principal razão, por que o recolhêra, folgou muito de vir isto por elles, e disse-lhes, que da sua parte era muito contente, que falaria com Merlao, e que lhe responderia; e ao outro dia pela menhaã o mandou chamar, e disse-lhe, que elle lhe queria arrendar as terras de Goa, e dar-lhe a governança dellas, com tanto que pagasse cada hum anno a ElRey Dom Manuel seu Senhor, ou a seus Governadores da India, quarenta mil pardaos, pagos em quatro pagas, assi como o povo era obrigado pagar, tirando tres meses de huma paga, que a terra ficava devendo ao Hidalcão, porque esta se havia de arrecadar pera ElRey seu Senhor. Merlao foi muito contente. Feitos, é assinados os concertos, que se disso fizeram, mandou Afonso Dalboquerque vir perante si os Nequibaires, e todos os homens principais dos Gentios, e entregou-lhes Merlao pela mão, e disse-lhes, que elle lho dava pera os governar, porque sabia quanto o elles desejavam, e por quão bem tratados haviam de ser delle; e elles o recebêram com grande prazer, e muitas festas, e tangeres á sua usança, e dali a dous, ou tres dias se partio

Merlao, e passou-se a terra firme, levando comsigo cinco mil peões, e cincoenta de cavallo, e começou logo a grangear suas tanadarias. E porque a este tempo estava já a fortaleza de maneira, que se podia defender a todo o poder do Hidalcão, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja por Capitão mór de tres náos a desfazer a fortaleza de Çacotorá, que lhe ElRey D. Manuel por muitas vezes tinha mandado que desfizesse, e deo-lhe hum Regimento do que nisto havia de fazer, e que ali o aguardasse até quinze dias do mes de Maio, porque até este tempo iria ter com elle, se os negocios da India lhe dessem lugar; e sendo caso que neste tempo não pudesse ser com elle, então se fosse a Ormuz com as cartas, e poderes seus, que levava pera receber as pareas, porque Cogeatar lhe mandára dizer que as queria pagar; e isto feito, se viesse no mes de Agosto caminho da India, e se ajuntasse com a Armada de Manuel de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór do mar, navegando elle fóra da India, e todos andassem juntos naquella costa, porque tendo Goa algum trabalho, a pudessem socorrer; e porque Diogo Fernandez fosse melhor des-

pachado de Cogeatar, deo licença a todas as náos de Ormuz que ali estavam, que levassem especiaria, e seguro pera poderem navegar, declarando-lhes que viessem direitos a Goa com os cavallos que trouxessem. E porque Afonso Dalboquerque teve alguns inconvenientes, por onde não pode fazer este caminho, Diogo Fernandez de Béja, depois de ter derribada a fortaleza de Çacotorá, passado o tempo que lhe tinha limitado, veio ter a Ormuz, e recebeo as pareas, e dali se partio caminho da India, e achou Goa cercada da gente do Hidalcão, e os nossos em grande trabalho, como adiante se dirá.

## CAPITULO VII

*Dos Embaixadores, que o Çamorim, depois de Goa tomada, mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe pazes: e como mandou Simão Rangel a este negocio, e do que nisto passou.*

Como o Çamorim foi certificado, que o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado Goa, e se fazia forte nella, com determinação de a suster, desconfiado já da liga, que era

feita antre elle, e o Hidalcão, pera lançarem os Portugueses fóra da India; e vendo que o Rey de Cambaya, que tambem era desta liga, lhe tinha mandado os Portugueses, que em sua terra foram cativos, mandou-o visitar por seus Embaixadores, os quaes partíram de Calicut em hum paráo, e em poucos dias foram ter a Goa; e como ali chegáram, mandáram dizer a Afonso Dalboquerque, que elles eram vindos a Sua Senhoria com embaixada do Çamorim, que lhe pediam por mercê os quisesse ouvir. Afonso Dalboquerque, pera mais autorizar este negocio, mandou a Francisco Pantoja Alcaide mór da fortaleza, que fosse por elles, e os trouxesse; e elle os esperou na sala com todos os Capitães, e Fidalgos, e recebeo-os com muito gazalhado, e mostras de folgar muito com sua amizade. Os Embaixadores, depois de lhe fazerem sua cortezia a seu modo, disseram-lhe que o Çamorim seu Senhor lhe mandava dizer, que folgára muito de ter palavras, com que lhe mostrára o contentamento, que tivera da sua tomada de Goa, e que polos desejos, que tinha da amizade delRey de Portugal, lhe mandava offerecer todo seu estado, se lhe comprisse, e lugar

em seu Reyno pera fazer huma fortaleza, porque assi seria sua amizade mais verdadeira, e que mandasse a elle huma pessoa de confiança, pera assentar este negocio como havia de ser. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que aceitava aquelles offerecimentos do Çamorim em nome delRey de Portugal seu Senhor, e que assi o serviria com todas suas Armadas, e gente, que tivesse na India, quando lhe comprisse, e que logo mandaria em sua companhia hum criado delRey seu Senhor a tratar aquelle seu negocio ; e porque Afonso Dalboquerque havia dias que desejava de meter hum pé em Calicut, e fazer nelle huma fortaleza com paz, e amizade, pois com a guerra que lhe tinha feito nunca se pudera melhorar delle, passados tres, ou quatro dias, depois de Afonso Dalboquerque ter dado conta aos Capitães deste negocio, e assentarem todos que era muito serviço delRey de Portugal fazer-se fortaleza em Calicut, despachou os Embaixadores, e fezlhes mercê em nome delRey : e em sua companhia mandou Simão Rangel, criado delRey, em huma fusta, com Regimento do que havia de fazer. Chegado Simão Rangel a Calicut, foi-se meter na Caravela de Simão

Afonso, que estava surta no porto, e ali esperou o recado do Rey, porque assi lho tinha mandado Afonso Dalboquerque. Como os Embaixadores chegáram ao Rey, contáram-lhe como Afonso Dalboquerque estava em Goa com muito poder de gente, e que se fazia forte nella, e como os Portugueses desbaratáram hum Capitão do Hidalcão, que viera sobre as terras de Goa: e que mandava em sua companhia hum Capitão, criado delRey de Portugal, pera assentar as pazes. Como o Çamorim soube que Simão Rangel estava na caravela, e não havia de ir a terra, mandou os Governadores da Cidade falar com elle, e estiveram em muitas práticas sobre o côncerto da paz, sem se poderem concertar, porque o Rey queria dar fortaleza em Chale, e Afonso Dalboquerque mandava em seu Regimento, que não na aceitasse senão no porto de Calicut, defronte do Cerame do Rey, e por derradeiro não tomáram nenhuma conclusão, porque o Rey não queria dar fortaleza em sua terra, senão entreter este negocio com dissimulações, pera que neste meio tempo pudessem os Mercadores Mouros despachar suas náos, que tinham carregadas pera o estreito, o que não

podiam fazer, estando as caravelas da Armada ali no porto. Como Simão Rangel vio estas dilações, e que tudo eram manhas, e dissimulações do Rey, despedio os Governadores, e embarcou-se na fusta, e foi-se caminho de Goa, e deo conta a Afonso Dalboquerque do que passára, e das dilações, em que o Çamorim com elle andára : e que lhe parecia que lhe não daria fortaleza em nenhum lugar da sua terra por sua vontade, posto que lha offerecesse em Chale. E como Afonso Dalboquerque estava já prestes com sua Armada pera ir na volta do estreito, (a qual ida se mudou pera Malaca, como adiante se dirá ;) deixou este negocio assi em aberto até sua vinda de Malaca, e mandou a Manuel de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór da Armada naquella costa, que andasse sempre sobre o porto de Calicut, e lhe fizesse todo o mal que pudesse, e não consentisse que as suas náos navegassem. E sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, vieram os Turcos cercar Goa, e foi forçado a Manuel de Lacerda deixar a costa de Calicut, e vila socorrer : e neste tempo tiveram os Mouros lugar de mandar suas náos carregadas de especiaria pera o estreito : as

quaes sendo tanto avante como Çacotorá, antre o Cabo de Guardafum, e Magadaxo, deo tão grande temporal nellas, que se perdêram ali duas, e as outras se perdêram naquelle golfão; e Mafamede Maçari, que era nesta companhia, arribou ás Ilhas de Maldiva. Os Mouros Mercadores estrangeiros, que viviam em Calicut, vendo-se atalhados de sua navegação, foram-se com suas fazendas, huns pera o Cairo, outros pera Cambaya, outros pera Ormuz, e por outras partes, de maneira, que ficáram em Calicut muito poucos, os quaes não eram estantes, senão vinham de Çufim, de Ourão, de Tremecem, e de Tripuli com suas fazendas ao Cairo, e do Cairo hiam ter a Judá, e de Judá a Calicut, com dinheiro na mão, e ali faziam náos novas, e carregavam-nas de especiaria, e tornavam-se pera suas terras. E perguntando Afonso Dalboquerque hum dia a hum Mouro destes, que se tomou em huma náo, que vinha do estreito, como se aventuravam virem de tão longe tratar em Calicut, estando antre duas fortalezas nossas, e havendo de passar por onde as nossas Armadas andavam, o Mouro lhe respondeo, que eram tão grandes os ganhos, que a todo o risco se

punham por virem ali ; porque de hum cruzado empregado em Calicut, faziam doze, e treze em Judá, e em todos os lugares da boca do estreito pera dentro ; e que este ganho era tamanho, e o trato da pimenta tão grosso, e tão seguro, que por isso trabalhavam os Mouros estantes em Calicut, que o Çamorim lhe não désse fortaleza em sua terra, porque dando-lha, ficavam elles sem terem navegação pera o estreito.

## CAPITULO VIII

*Como o Rey de Narsinga mandou visitar o grande Afonso Dalboquerque por seus Embaixadores da tomada de Goa: e das novas, que Fr. Luiz lhe escreveo, e o que nisso passou.*

Depois que o grande Afonso Dalboquerque mandou Fr. Luiz a Narsinga, passado o desbarato de Calicut, (como tenho dito,) nunca mais teve recado seu do que tinha passado com elle sobre os apontamentos que levára ; e tomada Goa esta segunda vez, como a nova foi ter a Narsinga, mandou o Rey logo visitar Afonso Dalboquerque por

seus Embaixadores, e por elles lhe escreveo Fr. Luiz como chegára a Narsinga, e que por outras cartas lhe tinha escrito quão bem recebido fora do Rey; e que lhe fazia a saber, que se fazia prestes com cem mil homens de pé, e dous mil de cavallo pera ir sobre hum vassalo seu, que se tinha alevantado com a Cidade de Pergundá, e dizia que a elle pertencia o Reyno de direito, e que acabado de o tomar, se hia com toda esta gente aos seus lugares da ourela do mar, e que não pudera saber o fundamento disto, e que por serem perto de Goa o avisava, pera que estivesse a bom recado, e que se não fiasse do Rey de Garçopa, nem de Timoja, porque eram tão máos homens, que tinham escrito ao Rey de Narsinga, que se quisesse Goa, pois fora antigamente de seus avós, que lhe mandasse gente de pé, e de cavallo, e Alifantes, que elles lha entregariam, primeiro que os Portugueses se fizessem fortes nella: e que havia nova certa, que o Hidalcão era partido com muita gente sobre a Cidade de Calbergate, de que era Guazil hum Abexim capado criado do Rey de Decam, que se chamava Melique distur, e por não poder sofrer o cerco, passados dous me-

ses se dera a partido; e que eram alevantados contra o Hidalcão quatro Guazis principaes do Reyno, porque trazia comsigo prezo o Rey de Decam, e privado de todo seu mando, e que foram com muita gente contra elle pera o destruir; e chegando a huma ribeira, por não poderem passar, se deixáram estar, e ali ficavam, e que o Hidalcão polo receio que tinha delles, mandára vir a gente, que estava em guarda das terras de Goa; e que tambem era vindo recado ao Rey de Narsinga, que os principaes homens Gentios da Cidade de Bilgão, como souberam que elle tinha tomado Goa, e se fazia forte nella, se alevantáram contra o Hidalcão, e lançáram os Mouros fóra da Cidade, e estavam á obediencia do Rey, porque fora sua, e o Hidalcão lha tinha tomada. (Este Bilgão he huma Cidade muito grande, e tem huma fortaleza muito forte, e he passo, e porto principal do Reyno de Decam pera Goa: tem huma serra muito grande, que está sobre as terras de Goa, como a serra do Algarve sobre o campo Dourique, e passando esta serra, jaz o Reyno de Decam estendido tudo terra chã, como o mesmo campo. E porque a principal cousa, por onde o Çabayo

velho veio a ser senhor de Goa, foi tomar esta fortaleza por treição aos Gentios, que a tinham, dizia o grande Afonso Dalboquerque muitas vezes, quando se via afrontado dos rebates do Hidalcão, que se ElRey D. Manuel queria ter seguro o Reyno de Goa, que devia de trabalhar muito de tomar esta fortaleza, porque com ella segurava todo aquelle estado.) E que quanto aos negocios, que em sua instrução levava pera tratar com elle, que lhos apresentára muitas vezes, e que lhe não respondêra nunca a proposito, e andára sempre em dilações, e que por derradeiro lhe dissera, que se espantava muito delle mandar-lhe cometer que lhe deixasse fazer fortaleza em Baticalá, dizendo que desejava muito sua amizade, em tempo que elle sabia que a tinha feita com o Hidalcão, e que aquillo não dizia com lhe mandar offerecer que o ajudaria a tomar o Reyno de Decam, que fora seu antigamente; e que passadas estas práticas, que tivera com o Rey, o mandára chamar o Governador da Cidade, e lhe dera muita culpa desta amizade, que elle queria ter com o Hidalcão; e que o Rey de Garçopa lhe escrevêra huma carta, que o pudera destruir, e prender se

quisera, e que por serem já muito amigos o deixára de fazer, e que se isto era por dinheiro, que lhe prometêra de dar cada anno, que o Hidalcão usaria com elle daquella verdade, que seu pai usou com o Rey de Narsinga, quando o prendeo em huma batalha, e o soltou por lhe prometer que o serviria sempre. Afonso Dalboquerque com isto que lhe Fr. Luiz escreveo, que passára com o Rey de Narsinga, e com o seu Governador, ficou hum pouco suspenso, por ver que tornava atrás do que lhe tinha mandado por muitas vezes dizer, que era ajudalo contra o Hidalcão; e entendendo donde isto nascia, dissimulou com elle, e escreveo a Fr. Luiz polo mesmo Embaixador, que lhe trouxera a carta, que se despedisse do Rey o mais dissimuladamente que pudesse, e se viesse logo, e carteou-se com o Hidalcão, mostrando-lhe que queria sua amizade; porque Afonso Dalboquerque pera encaminhar as cousas da India, como convinha ao serviço delRey de Portugal, trabalhou sempre por dar a entender a cada hum destes Senhores, que com elle queria ter paz, e amizade, e trato dos cavallos, que era o que elles pertendiam, porque como os tinha sobre o pes-

coço em Goa, queria-se valer com este artificio de os ter divisos. E depois de ter escrito ao Hidalcão, despachou os Embaixadores do Rey de Narsinga, mandando-lhe por elles dizer, que havia hum anno que lhe tinha mandado huns apontamentos por Fr. Luiz, e que até não ter reposta delles, não podia tomar conclusão no que lhe mandava dizer. Os Embaixadores se partíram, e chegando a Bisnaga, acháram Fr. Luiz morto, que o matára hum Turco, e dizia-se que o Hidalcão o mandára matar, e deram o recado, que levavam de Afonso Dalboquerque, ao Rey, e disseram-lhe, que em Goa souberam que se carteava com o Hidalcão. O Rey de Narsinga com o receio que tinha desta amizade, e de o Hidalcão haver os cavallos, (que era o nervo principal de seu exercito,) tornou logo a mandar os dous Embaixadores ao grande Afonso Dalboquerque, com huma larga instrução pera assentarem com elle amizade, e trato dos cavallos.

## CAPITULO IX

*Como o grande Afonso Dalboquerque ordenou algumas cousas na Cidade, e assentou huma Casa de Moeda nella, e o mais que passou.*

Desejava o grande Afonso Dalboquerque tanto, que Goa tornasse ao estado, que sempre tivera no trato, sendo senhoreada do Çabayo, que depois da fortaleza estar quasi acabada, mandou certos Capitães pela costa, que todas as náos que achassem, de qualquer parte que fossem, as fizessem arribar a Goa, e fez isto por dous respeitos : o primeiro por favorecer o porto, e tornar a povoar a Cidade como dantes era, e as cafilâs de Narsinga, e do Reyno de Decam com suas mercadorias virem a Goa buscar cavallos, como antigamente sohiam de vir, os quaes naquellas partes são mui estimados, e tem grande valia, porque além de terem necessidade delles pera a guerra, costumam os Capitães, e Senhores principaes trazerem suas mulheres a cavallo : o outro era por desfazer o porto de Baticalá, que se tinha feito muito

nobre polo trato dos cavallos, e pelas muitas mercadorias, que a elle vinham ter de Ormuz, e estando o trato dos cavallos em Goa, podia sempre haver nella quatrocentos, quinhentos cavallos de Mercadores pera qualquer necessidade que sucedesse: e com esta diligencia, que Afonso Dalboquerque fez, e com mandar dar aos Mercadores principaes casas da Cidade pera gazalhado de suas mercadorias, começáram logo a vir de muitas partes náos com mercadorias ao porto de Goa, e de Ormuz com cavallos; e pera se agazalharem, mandou fazer grandes estrebarias, e ordenou trezentos peões da terra, que tinham cuidado de acarretar erva, feno, e mantimentos pera cavallos; e porque os Mercadores tivessem com que carregar suas náos, por não irem buscar carrega a outro porto, mandou ao Feitor, e Officiaes, que tivessem sempre na Feitoria pimenta, cravo, e gingibre, e todas as outras mercadorias, que os Mercadores houvessem mister, e que no despacho que lhe dessem, quando se quisessem partir, lhes declarassem que haviam de ir a Ormuz, e não a outra parte, porque desejava de desfazer o comercio do estreito: e com esta liberdade, que os Mouros tinham

de carregarem suas náos de especiaria em Goa, todos os Mercadores vinham ali ter: e nestas náos, que traziam cavallos, se achou Cogeamir, ao qual Afonso Dalboquerque a primeira vez que tomou Goa, entregou duas náos carregadas de mercadorias pera ir a Ormuz, e elle trouxe os cavallos a troco de suas mercadorias; e chegando á India, como soube que os Mouros de Goa eram alevantados contra Afonso Dalboquerque, e o tinham lançado fóra della, meteo-se em Dabul, e foi apresentar os cavallos ao Hidalcão; e como soube que elle ali estava, pela rebeldaria que lhe tinha feita, mandou-o prender, e a hum filho seu em ferros, e tomou-lhe toda sua fazenda, e vinte e cinco cavallos, que logo foram entregues na Feitoria. Assentadas todas estas cousas, ordenou huma casa principal, em que se lavrasse moeda de prata, ouro, e cobre, naquella valia que a primeira vez que se tomou Goa estava assentado com o povo, e Mercadores da Cidade: e mandou que toda a moeda dos Mouros se trouxesse á Casa da Moeda, e se corunhasse dos cunhos delRey de Portugal, e poz-lhe os mesmos nomes que tinham, (como atrás fica declarado:) A qual Casa arrendou

a hum Chetim de Baticalá por seiscentos mil reis, e fez Thesoureiro della Alvaro Godinho casado em Goa, e de todos os outros Officios proveo esses homens principaes casados, porque cubiçassem de se casar, e povoar a terra : E já a este tempo haveria em Goa quatrocentos e cincoenta casados, todos criados delRey, e da Rainha, e dos Senhores de Portugal ; e eram tantos os homens que queriam casar, que se não podia Afonso Dalboquerque valer com requerimentos, e elle não dava licença senão a homens honrados : e por favorecer este negocio, por ser obra de suas mãos, e tambem por serem homens honrados, e terem merecido por seu serviço fazerem-lhes mais mercê, dava-lhes muito mais em casamento do que estava limitado por ElRey D. Manuel, porque as mulheres, com que casavam, eram filhas dos principaes homens da terra ; e fazia-lhes este favor, porque vendo os Gentios o que elle fazia a suas filhas, netas, e irmans, se viessem de melhor vontade a tornar Christãos, e por esta rezão não consentio que nenhuma dellas fosse cativa, e mandou-as tomar todas aos homens que as tinham, e repartio por todos os casados as terras, casas, gado, e tudo o mais

que havia pera começarem de viver; e se as mulheres que casavam, pediam as casas, que foram de seus pais, ou seus maridos, mandava-lhas dar, e nellas achavam muitas joias, e peças de ouro, que deixáram soterradas quando se a Cidade tomou; e as heranças, que teve por informação, que eram das Mesquitas dos Mouros, e dos Pagodes dos Gentios, deo-as todas á Igreja principal da Cidade, a qual fez da invocação de Sancta Catherina, em cujo dia lhe Nosso Senhor deo a vitoria daquella Cidade; e neste dar das licenças pera se casarem teve Afonso Dalboquerque grandes contradições, porque havia muitos a que não parecia bem querer elle suster Goa, e os principaes eram Lourenço Moreno Feitor de Cochim, e Antonio Real Alcaide mór, e Gaspar Pereira, e Diogo Pereira, os quaes não contentes de sobre isto fazerem ajuntamentos, e conselhos, escrevêram a ElRey D. Manuel, dando-lhe rezões por onde devia de mandar que se desfizesse; e a principal era, que fazia grandes gastos, porque como era perda de sua fazenda, acudiria ElRey por aqui mais prestes a este negocio. E fez Capitão da fortaleza a Rodrigo Rabelo, que era muito bom Cavaleiro, e a

Francisco Pantoja Alcaide mór, e Francisco Corvinel Florentim de nação Feitor: Escrivães da Feitoria João Teixeira, filho de João Paçanha de Alenquer, que foi com elle na primeira tomada de Ormuz, e a Vicente da Costa filho de Mestre Afonso Fysico mór que foi delRey D. Manuel, casado em Goa: e deo Regimento aos moradores da Cidade da maneira que haviam de ter no fazer dos Juizes, e Vereadores, e Almotaceis cada anno. Ordenadas todas estas cousas, e outras, que deixo por escusar proluxidade, começou o grande Afonso Dalboquerque a fazer sua Armada prestes, com determinação de não invernar em Goa, pela falta que havia de mantimentos, e não ter dinheiro pera pagar á gente, e determinava assi sua partida pera onde lhe parecesse mais serviço delRey, e deixou quatrocentos homens em guarda da fortaleza em Goa, e muita artilheria grossa, e miuda, polvora, salitre, e enxofre, e hum engenho assentado pera se fazer quanta fosse necessario, e oitenta homens de cavallo casados em Goa, e por Capitão mór do mar Duarte de Mello com quatro navios, e tres gales, e Regimento, que andasse ao longo de aquella costa provendo a Cidade de tudo

o que lhe fosse necessario; e que quando ali chegasse Manuel de Lacerda, que elle deixava por Capitão mór de huma Armada em Cochim com todos os seus pòderes, lhe obedecesse como a sua propria pessoa; e pera se pagar a toda esta gente, e Armadas deixou doze mil cruzados da renda, que Merlao havia de pagar da Ilha.

## CAPITULO X

*Do que o Bendará Governador de Malaca fez, quando soube que Goa era tomada: e das novas, que Ruy de Araujo, que lá estava cativo, escreveo ao grande Afonso Dalboquerque.*

Como Goa era mui nomeada em todas as partes, e Reynos da India, correo logo a nova por mercadores de Calicut, fazendo saber a todos os Reys como o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado, e lançado os Turcos fóra della. Chegada esta nova a Malaca, o Bendará, que governava o Reyno polo Rey, que era seu sobrinho, receoso que Afonso Dalboquerque quizesse ir a Malaca

tomar vingança da treição, e roubo, que fora feito aos Portugueses, como era muito dissimulado, e manhoso, começou logo a prover a Cidade de muitos mantimentos, e foi-se a Ruy de Araujo, e aos outros cativos, que tinha metidos em huma casa muito mal tratados, e disse-lhes, não lhes dando conta do que era passado na India, que o alevantamento, que se fizera contra os Portugueses, não fora feito por seu conselho, nem mandado, e que os Guzarates, e Jaos o ordenáram sem o elle saber, porque se arreceavam que os Portugueses, sahindo elles daquelle porto, os tratassem mal, e com tudo determinava de os castigar muito bem, porque desejava muito de ter amizade com os Portugueses, e que tratassem em Malaca. Passada esta prática, que teve com elles, mandou-os tirar pera huma casa de fóra, que não era tão escura, como a em que estavam. Ninachatu, hum Gentio estante em Malaca, de que os nossos tinham recebido muito boas obras em seu cativeiro, como soube esta nova da tomada de Goa, foi-se ao Bendará, e disse-lhe, que se Goa era tomada polos Portugueses, como se dizia, que elle se arreceava que o Governador da India quizesse

vir áquella terra vingar-se do que nella fora feito ao Capitão delRey de Portugal; que lhe parecia, que seria bom conselho mandar soltar Ruy de Araujo, e seus companheiros, e tratalos muito bem, porque poderia ser que viria tempo que folgasse muito de os ter por seus medianeiros. Ao Bendará pareceo bem isto que lhe Ninachatu disse, e mandou-os soltar, e deo-lhes huma casa em que vivessem, e dez mil calains em pannos de Cambaya, dos que se tomáram na Armada de Diogo Lopez de Sequeira, pera tratarem, e do dinheiro daquillo se manterem, porque esta era a ordem, que o Rey tinha com os seus escravos, e disse-lhes, que aquillo lhes dava pera seu mantimento, e que quando viessem as náos dos Portugueses, estariam á conta com elles, e satisfaria toda a perda, que ali tinham recebida: e esta virtude, que o Bendará usou com Ruy de Araujo, e com os seus companheiros, não foi sómente polos rogos de Ninachatu, mas porque estava hum junco pera partir pera a India, e queria que levasse nova de como elle tratava bem os Portugueses, que tinha cativos, e assi o disseram a Ruy de Araujo alguns Mouros seus ami-

gos; e que tanto que o junco partisse, lhes havia de tornar a tomar tudo o que lhes tinha dado, e tornalos á prizão em que estavam, e que se o deixasse de fazer, seria com receio de Afonso Dalboquerque polo que ouvia delle. Como Ruy de Araujo isto soube, determinou de mandar recado a Afonso Dalboquerque de tudo o que passava em Malaca, e concertou-se com hum Mouro, que se chamava Abedalla, e por elle lhe escreveo, que lhe fazia a saber que eram vivos dezanove Portugueses, e que o Bendará os tinha cometidos por muitas vezes que se tornassem Mouros, e lhes fazia muitos males por isso, e que estava com grande receio de elle ir a Malaca, porque era mal quisto de todos os Reys seus comarcãos, e todos haviam de ser contra elle, porque era grande tyranno, e fazia muitos roubos aos Mercadores, que áquelle porto hiam ter; e que se elle determinasse de ir a Malaca, que devia de ser com a maior Armada que pudesse, de maneira que o mar, e a terra lhe obedecesse, vendo o grande poder delRey de Portugal naquellas partes, e que tomando alguns juncos no caminho, que fosse de Malaca, que á gente delles não fizesse ne-

nhuma crueza até haver os cativos, e em chegando ao porto, mandasse alguns desses, que tomasse a terra com recado ao Bendará, que lhe dissessem, que sua determinação era não fazer guerra a Malaca, nem tomar cousa nenhuma sua, se o Rey quizesse ter com elle paz, e amizade, e entregar-lhe os Christãos, e estar á obediencia delRey de Portugal; porque o Bendará tinha determinado, tanto que soubesse que a nossa Armada era naquella costa, de os mandar logo todos quatro leguas pelo sertão dentro até saber sua determinação, porque se temia, que estando elles ali, o avisariam de muitas cousas; e que das passadas, depois de aquelle dia da sua desaventura, e partida de Diogo Lopez de Sequeira de aquelle porto, não lhe escrevia miudamente, porque tudo redundava no máo trato, que tinham recebido do Bendará em seu cativeiro até agora; que elle ouve por bem de lhes dar huma casa, em que estivessem todos, e dez mil calains em mercadorias, pera do ganho delles se manterem, dizendo que estava prestes pera satisfazer toda a perda, que os nossos tinham recebido, fazendo-lhe elle Afonso Dalboquerque justiça de outras, que elle tinha recebidas das

nossas náos em seus Juncos, e que elle tinha castigado os Guzarates, e os Jaos, que fizeram a treição de maneira, que dali por diante não ousariam de cometer outra tal, porque desejava muito a amizade delRey de Portugal, e ser seu vassalo; e que destas cousas, e doutras muitas, em que não falava, por não fazerem caso, lhe fazia o Bendará cada dia mil abastanças; e que elle, e todos aquelles cativos lhe pediam por amor de Deos que se lembrasse delles, e os tirasse daquelle cativeiro, e que mandasse dar ao Mouro portador daquella carta de sua fazenda vinte cruzados, que lhe emprestára pera comerem, e lhe fizesse mercê, porque além de os sempre ajudar, e acompanhar, assentára fazer aquelle caminho muito levemente, com quanto corria muito risco se o soubessem, confiado nas mercês, que lhe elle havia de fazer; e que Ninachatu lhe mandava pedir muito por mercê, que das cousas, que elle tinha feito em Malaca por elles, não soubessem os Mouros de Cochim, porque se temia que o escrevessem ao Bendará, e lhe fizesse muito mal por isso, porque elle lhe dera maneira pera poderem escrever, e mandar aquelle Mouro; e que sendo caso que

Sua Senhoria não pudesse ir a Malaca por algum justo respeito, que os mandasse avisar o mais secretamente que pudesse, antes que os Mouros soubessem que sua ida não podia ser, porque esperava que Nosso Senhor lhes daria remedio pera se poderem ir dali pera outra parte, onde estivessem seguros, e livres pera se irem caminho da India.

## CAPITULO XI

*Como os Capitães da Armada de Diogo Mendez lhe requerêram que se partisse pera Malaca: e o que passou com elles, e como pedio licença ao grande Afonso Dalboquerque pera se ir, e as rezões, por que lha não deo.*

Vendo os Capitães da Armada de Diogo Mendes, que a fortaleza de Goa estava de todo acabada, e as cousas da Cidade hiam tomando assento, desejosos de fazerem sua viagem, foram-se a elle, e disseram-lhe, que aquellas náos eram de Mercadores, que tinham feito seu contrato com ElRey D. Manuel, pera irem a Malaca tomar sua carrega,

e que até ali tivera alguma desculpa na dilação de sua partida, polo tempo da moução não ser chegado, e que agora que estavam nella, e o negocio de Goa acabado, em que todos tinham servido muito bem ElRey, que se devia de partir. Diogo Mendes lhe respondeo, que lhe parecia muito bem seu conselho, mas que era necessario darem conta disso a Afonso Dalboquerque, porque além deste comprimento aproveitar pera lhe fornecerem as náos de algumas cousas, de que tinhâm necessidade pera aquella jornada, tinham dado suas menagens, e não se podiam partir daquelle porto sem sua licença. Dinis Cerniche, como era estrangeiro, e queria tratar mais de seu proveito que de sua honra, respondeo-lhe, que aquelles comprimentos eram escusados ; porque no contrato, que os Mercadores fizeram com ElRey, logo os izentou de Afonso Dalboquerque, e de todos os outros Governadores da India. Como Diogo Mendez era homem atentado, (posto que neste negocio errasse no que fez por conselho dos Capitães, Mestres, e Pilotos da sua Armada,) deixadas as rezões, que lhe Dinis Cerniche deo, foi-se a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que em Cananor lhe dis-

sera, que acabado aquelle feito de Goa, sendo o tempo da moução chegado, lhe daria licença pera se partir pera Malaca, e tudo o que lhe fosse necessario pera sua viagem ; que pois lha Nosso Senhor tinha dado ganhada com tanta honra sua, e delle não tinha já necessidade, que lhe pedia muito por mercê que o despachasse, e lhe désse licença pera se partir ; porque vistas as condições, com que os Mercadores contratáram com ElRey Dom Manuel, não lhe podia tolher que não fizesse sua viagem, e que os seus Capitães o matavam, e lhe faziam cada dia requerimentos, que se fossem, e elle o não quizera fazer sem sua licença. Afonso Dalboquerque lhe disse, que era verdade, que elle lhe prometêra em Cananor de o despachar, tanto que acabasse o negocio de Goa ; e que quando lhe aquillo prometêra, não sabia o estado, em que estavam as cousas de Malaca, e que havia poucos dias, que lhe deram huma carta de Ruy de Araujo, em que lhe dava conta como a terra estava ; e que sendo caso que pera aquellas partes navegasse, que fosse com huma Armada tão poderosa, que tudo lhe obedecesse ; e visto isto, e os negocios de Malaca estarem de má desistão, que lhe pedia

por mercê que não quizesse aventurar aquelles navios, e gente, que comsigo levava ; porque acontecendo-lhe algum desastre, ambos teriam a culpa, pois polo acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, não se podia haver mercadorias em Malaca, senão a troco de lançadas, o que elle não podia fazer com quatro navios podres, e duas espadas ferrugentas ; e que ajudalo com gente, e Armada não podia ser por duas rezões : a primeira, estarem as cousas de Goa tão tenras, como elle via ; a outra, a nova da vinda dos Rumes, que tinha a India toda alvoroçada, e passados este sobresaltos elle lhe prometia de o ajudar, como lhe tinha dito. Diogo Mendez, depois de passar muitas práticas com Afonso Dalboquerque, e que estava em determinação de lhe não dar licença, despedio-se delle mal contente, e como foi na sua náo, vieram os Capitães saber delle o que passára, (tirando Baltezar da Silva, que ficou doente em Cananor.) Diogo Mendez lhe deo conta do que lhe Afonso Dalboquerque dissera, e com esta reposta assentáram todos de se partirem sem mais licença sua.

## CAPITULO XII

*De como Diogo Mendez, por conselho dos seus Capitães, se fez á véla pera botar pela barra fóra, e o grande Afonso Dalboquerque mandou apôs elle, e o fizeram tornar pera dentro, e o mais que passou.*

Como os Capitães ficáram mal contentes de lhe o grande Afonso Dalboquerque negar a licença, que lhe Diogo Mendez pedíra pera se partirem, e tinham pera si que lhe não podia tomar menagem, nem elles darem-lha, por virem izentos do Governador da India, determináram de se fazerem á véla, e irem seu caminho direito a Malaca; e porque tiveram alguma dúvida em sahirem pela barra fóra de noite, disse Manuel Pirez, que hia por Piloto, e Capitão da náo de Baltezar da Silva, que elle tiraria todas aquellas náos fóra da barra, ainda que fosse á meia noite, e as levaria a Malaca, e tornaria pera Portugal, sem tocar na India. Com esta determinação de Manuel Pirez fizeram-se todos á véla logo á noite, (salvo Pero Coresma, que não foi neste conselho, e deixou-se ficar.)

Manuel Pirez, porque o seu navio era muito bom da bolina, sahio-se logo pela barra fóra, e os outros andáram ás voltas até pela menhaã. Como Afonso Dalboquerque soube que Diogo Mendez era partido, mandou logo apôs elle Duarte da Silva, e James Teixeira em duas galés, e Manuel de Lacerda por terra com gente de cavallo, que se fosse á barra, e tomasse quaesquer bateis, que ali achasse, e o fizesse arribar; e disse a huns, e a outros, que sendo caso que elles não quizessem obedecer a este seu mandado, que os metessem a todos em o fundo. Chegado James Teixeira a Diogo Mendez, requereo-lhe da parte de Afonso Dalboquerque que se tornasse, e elle como hia em sua determinação não deo polo requerimento. Como James Teixeira vio que elle não queria obedecer aos mandados de Afonso Dalboquerque, disse a Martim Afonso, que era Piloto da náo, que mandasse amainar, e elle lhe respondeo, que se Diogo Mendez, que era seu Capitão mór, lho mandasse, o faria; e vendo que nem por huma via, nem por outra podia acabar com Diogo Mendez que se tornasse, tirou-lhe hum tiro por alto, e elle mandou-lhe tirar outro, e nisto chegou Duarte da Silva na outra galé,

e tirou-lhe hum tiro, e deo-lhe pela ostaga, e veio logo a verga de romania abaixo. Diogo Mendez, como se vio desaparelhado da véla grande, mandou amainar as outras, e sorgio. Manuel Pirez, vendo a náo Capitaina amainada, arribou sobrella, e perguntou a Diogo Mendez que faria, e elle lhe disse, que o que havia de fazer era amainar, e irem todos pagar o que elle fizera por seu conselho, e dos outros Capitães; e estando nisto, chegou Pero Dalpoem Ouvidor da India em hum paráo; e Manuel de Lacerda como o vio, veio-se meter com elle, e tomáram Diogo Mendez, e os outros Capitães, Pilotos, e Mestres, e trouxeram-nos prezos á Cidade. Afonso Dalboquerque, que já tinha sabido o que passava por hum homem, que lhe Manuel de Lacerda mandára por terra, mandou vir Diogo Mendez perante si, e disse-lhe, que se espantava muito delle quebrar a menagem que tinha dado, e desobedecer ao seu Capitão geral diante de todos os Embaixadores dos Reys, e Senhores da India que ali estavam, por conselho de quatro sandeos da sua Armada, estando assentado que não era serviço delRey deixalo ir a Malaca; e elle lhe respondeo, que não se fora por

lhe desobedecer, mas que sua honra o obrigára a fazer o que fez ; porque sendo elle homem pera cousas muito grandes, o mandára como a hum escudeiro em dous bateis socorrer a Ilha de Chorão, que os Turcos tinham entrada. Afonso Dalboquerque lhe disse, que aquella não era boa desculpa, que hum homem tão honrado, e tão cavaleiro como elle, não havia de haver por mascabo de sua pessoa mandalo pelejar por serviço de seu Rey, e que ao mesmo negocio mandára Manuel de Lacerda, que era Capitão mór da Armada delRey com outros bateis, e não se afrontára disso : que o seu caso era de qualidade, que elle por bem de seu officio não podia deixar de fazer justiça, a qual lhe guardaria inteiramente, se a tivesse, e dali o mandou levar prezo á torre da menagem ; e aos outros Capitães, Pilotos, e Mestres mandou meter na cadeia, apartados, e a Pero Dalpoem, que com muita brevidade processasse este negocio, porque estavam ali Embaixadores do Rey de Narsinga, e doutros Reys da India, que tinham visto a desobediencia que lhe fizeram, e queria que se não fossem, sem primeiro verem o castigo, que lhes por isso dava. Tiradas as inquirições,

estando já o feito em final, mandou chamar todos os Capitães, e vistas as culpas, que foram apresentadas polo Ouvidor, julgáram que Diogo Mendes fosse degradado pera Portugal, e com os autos de suas culpas parecesse diante delRey D. Manuel, e Pero Coresma foi tambem degradado pera Portugal, (não sendo neste conselho,) por não descubrir a fugida de Diogo Mendes, e Dinis Cerniche, que morresse degollado, e Martim Afonso Piloto mór, e Manuel Pirez Piloto, e Capitão da náo de Baltezar da Silva, e Diogo Fernandez Mestre da náo de Dinis Cerniche, que fossem enforcados todos tres nas náos, onde eram Mestres, e Pilotos, nos quaes se fez logo aquelle dia execução; e mandando-a Afonso Dalboquerque fazer em Dinis Cerniche, vieram os Embaixadores do Rey de Narsinga a pedir-lhe que lhe perdoasse, e elle o fez, mudando-lhe esta pena em degredo pera Portugal, aonde o mandou com os autos de suas culpas.

## CAPITULO XIII

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera o estreito de Méca com sua Armada, e por não poder dobrar os baixos de Padua, arribou a Goa, e fez sua viagem direito a Malaca.*

Posto que ElRey D. Manuel por muitas vezes tivesse escrito ao grande Afonso Dalboquerque, que entrasse o estreito do mar Roxo, e fizesse huma fortaleza em Adem, os negocios de Goa lhe deram tanto em que entender, que nunca teve tempo pera cometer este caminho mais cedo ; e posto que a carta, que lhe Ruy de Araujo escreveo do estado, em que as cousas de Malaca estavam, o puzesse em grande confusão do que faria, (como fica dito,) com tudo confiado na misericordia de Deos, determinou de ir ao estreito, e comprir com a vontade delRey D. Manuel ; e tendo sua Armada prestes de gente, mantimentos, armas, e artilheria, e tudo o mais que lhe era necessario pera cometer este negocio, (deixando Goa a bom recado,) se partio, e sendo tanto avante, como os baixos

de Padua, polos não poder dobrar por ser já tarde, tornou árribar, e veio surgir com toda a Armada sobre a barra de Goa, e depois de surto, mandou chamar Rodrigo Rabelo Capitão da Cidade, e disse-lhe, que polos tempos serem contrarios, e a moução do estreito, e Ormuz ser já passada, e não poder navegar pera aquellas partes, que sua determinação era ir invernar a Malaca, e ver se podia dar hum castigo aos Malayos pela treição, que tinham feito a Diogo Lopez de Sequeira; que lhe encomendava muito a guarda daquella Cidade, porque a levava atravessada na garganta, arreceando que o Hidalcão a tornasse a cometer, e dali se foi a Cananor, e deixando a fortaleza provída de mais gente da que tinha, partio-se pera Cochim. O Rey como soube que Afonso Dalboquerque estava na barra, foi-o logo ver á náo, e fez-lhe muitos requerimentos, que não cometesse ir a Malaca, porque as cousas de Goa estavam ainda tão tenras, que era necessario estar sua pessoa presente pera tomarem assento; e que tambem o Çamorim de Calicut andava tão desasossegado, que se arreceava, tanto que o visse fóra da India, cometesse alguma treição; e ainda

que isto, que lhe o Rey disse, trazia alguma rezão comsigo, com tudo sua tenção não era esta, senão estorvar-lhe esta ida de Malaca por conselho de Chirinamercar, e Mamalemercar, dous Mercadores Mouros, homens cheios de toda a maldade, e roim tenção. E a causa principal deste conselho era, arrecearem-se que Afonso Dalboquerque lhes tomasse suas náos, que lá tinham mandadas, e tomando Malaca, elles ficassem sem nenhum modo de trato em todo aquelle arcepelago, do cabo de Comorim pera dentro, porque eram os mais ricos Mercadores, que hiam em todo o Malabar. E posto que Afonso Dalboquerque visse claramente, que os Mercadores tinham enganado o pobre Rey, em lhe pedirem que o desviasse deste caminho que queria fazer, porque era nosso amigo, dissimulou com elle, e disse-lhe, que estava já determinado de fazer aquella viagem, porque os tempos não deram lugar pera ir ao estreito, como lhe ElRey D. Manuel seu Senhor tinha mandado, e que esperava em Deos, que muito cedo lhe viesse nova de quão bem vingada tinha a treição, que naquella Cidade fora feita aos Portugueses, e que Goa ficava de maneira, que não arrecearia

todo o poder do Hidalcão que sobre ella viesse. Passadas estas práticas, que teve com o Rey, despedio-se delle, e mandou chamar Manuel de Lacerda, que ali achou, e por ter pequena Armada, forneceo-o mais de quatro navios pequenos, e duas náos grandes, gente, e monições de guerra, com regimento, que no mez de Agosto se fosse ajuntar com as outras náos, que acharia sobre a barra de Goa, e deo-lhe todo seu poder pera todos os outros Capitães, que ali viessem ter lhe obedecerem, como a sua propria pessoa, e que andasse sempre naquella costa pera acudir ás necessidades de Goa, se as tivesse, e despedio-o que se fosse fazer sua Armada prestes, e elle mandou aos seus Capitães, que levassem suas amarras, e se fizessem á véla.

## CAPITULO XIV

*Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim, e fez seu caminho direito a Malaca, e do que nelle passou.*

Despedido o grande Afonso Dalboquerque do Rey de Cochim, tendo despachado Manuel

de Lacerda, que havia de ficar por Capitão mór daquella costa, fez-se á véla com toda sua Armada, que eram dezoito vélas, em que entravam tres galés, de que eram Capitães D. João de Lima, Fernão Telez Dandrade, Gaspar de Paiva, James Teixeira, Bastiam de Miranda, Aires Pereira, Jorge Nunes de Lião, Dinis Fernandez de Melo Patrão mór, Pero Dalpoem Ouvidor da India, Antonio Dabreu, Nuno Vaz de Castelo-branco, Simão Dandrade, Duarte da Silva, Simão Martinz, Afonso Pessoa, Simão Afonso, e Jorge Botelho, e fazendo seu caminho, sendo tanto avante como Ceilão, Lesteoeste com a Ilha de Samatra, ouveram vista de huma náo. Afonso Dalboquerque mandou arribar a ella, e tomáram-na, com a qual folgou muito por ser de Guzarates, e ouve sua viagem por segura, porque são elles mais certos naquella navegação, que todas as outras nações, polo muito comercio que tem naquellas partes: e naquella paragem lhe deo hum temporal, com que se perdeo a galé, de que era Capitão Simão Martinz, porque hia carregado de cobre sem se saber, e levava hum tiro por proa, e com a tormenta correo á banda, e çoçobrou, e salvou-se toda a gente, porque lhe socorreo

Duarte da Silva na galé grande, em que hia muito prestes; e depois de todos recolhidos, foi Afonso Dalboquerque com toda a Armada afferrar o porto de Pedir, levando comsigo cinco náos de Guzarates, que tomára no caminho, e ali achou João Viegas, e oito Christãos da companhia de Ruy Daraujo, que vieram fugidos da Cidade de Malaca, e João Viegas lhe contou, que o Rey de Malaca os quizera tornar Mouros por força, e que mandára fanar alguns delles atados de pés, e de mãos, e tinham sofrido muitos tormentos por não negarem a Fé de Jesus Christo; e estando huma noite todos prestes pera fugirem, foram sentidos, e ficou Ruy Daraujo, e aos outros seus companheiros, por se não poderem salvar: e disse-lhe mais, que com o Rey de Pacé estava hum Mouro principal de Malaca, que se chamava Maodabegea, o qual fora o principal author da treição, que se ordenára a Diogo Lopez de Sequeira, e que fugíra de lá, porque elle, e o Bendará, (que o Rey matou,) tinham ordenado de o matarem, e de se alevantarem com o Reyno. Afonso Dalboquerque com esta nova despedio-se logo do Rey de Pedir, e foi-se a Pacé, que he o principal porto da Ilha

Samátra, e como ali chegou, mandou visitar o Rey por João Viegas, e que lhe dissesse, que elle tinha sabido, que naquella Cidade estava hum Mouro, que vinha fugido de Malaca, que fora em ajuda de matarem certos Portugueses de humas náos, que ElRey de Portugal seu Senhor mandára ao porto da Cidade de Malaca, que lhe pedia por mercê, que lho mandasse entregar. O Rey de Pacé respondeo, que era verdade, que aquelle Mouro fora ali ter, e que ao presente não sabia novas delle, que o mandaria buscar com muita diligencia, e achando-se lho entregaria ; e depois de ter mandado este recado a Afonso Dalboquerque, aconselhou ao Mouro, que se fosse direito a Malaca, e avisasse o Rey da sua ida, porque com esta nova lhe perdoaria, e ficaria em sua graça. Como o Rey teve ordenado isto, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que elle mandára buscar o Mouro, e que se não achava, que lhe parecia que era fugido, porque em toda a Cidade não havia novas delle. Como Afonso Dalboquerque entendeo que tudo eram malicias do Rey, não quiz ter mais prática com elle, e ficando amigos se partio.

## CAPITULO XV

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio do Porto de Pacé, e no mar ouveram vista de huma véla, em que hia o Mouro que fugíra, e como mandou apôs ella, e o mais que passou.*

Tanto que o grande Afonso Dalboquerque se despedio do Rey de Pacé, mandou fazer a Armada á véla, e indo assi todos com vento bonança, ouveram vista de uma pangajaoa, (que são huns navios compridos muito veleiros daquella terra,) e porque o vento era calma, e Aires Pereira Capitão da Taforea se achar mais perto della, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que a seguisse. Aires Pereira meteo-se no seu batel com alguns soldados, e foi demandar. Os Mouros, que hiam dentro, defendêram-se com tanto esforço, que feríram Aires Pereira, e muita parte da sua gente, sem os poderem entrar. O seu Capitão não contente de defender o seu navio, andando já muito ferido, saltou com Aires Pereira dentro no batel ás cutiladas, e ali o acabáram de matar, e entráram a Panga-

jaoa, e matáram todos os Mouros, que se quiseram defender, e cativáram sete, ou oito, e tornáram-se a recolher ao seu batel, e acháram ainda o Capitão meio vivo, sem lhe sahir sangue das muitas feridas que tinha. Aires Pereira mandou aos Marinheiros que assi como estava o lançassem ao mar: e elles porque lhe víram bom vestido, quiseram-no primeiro despir, e acharam-lhe no braço esquerdo huma manilha de osso, encastoada em ouro, e em lha tirando vasou-se todo do sangue, e espirou. Espantado Aires Pereira disto, foi-se com a manilha, e com os Mouros que tomáram a Afonso Dalboquerque, e contou-lhe tudo o que passára, e elle perguntou aos Mouros quem era aquelle Capitão, e de que lhe servia aquella manilha que trazia; e elles lhe disseram, que era hum Mouro principal de Malaca, que se chamava Naodabeguea, que hia avisar o Rey da sua ida, e a manilha era hum osso de humas alimarias, que se chamavam Cabais, que se creavam nas serras do Reyno de Sião, e a pessoa que trazia aquelle osso, tocando-lhe na carne, não lhe podia sahir sangue, por mais feridas que lhe dessem, em quanto o tinha. Afonso Dalboquerque pezou-lhe com a morte deste

Mouro, que se quizera enformar delle das cousas de Malaca, e estimou muito a manilha pera a mandar a ElRey D. Manuel polo effeito della.

Recolhido Aires Pereira á sua náo, tornou toda a Armada seu caminho ao longo da costa como hiam, e naquella paragem da polvoreira ouveram vista de dous juncos muito grandes, e arribáram a elles: hum, que era de Choramandel amainou logo: o outro da Jaoa, porque o não quiz fazer, mandou Afonso Dalboquerque a Pero Dalpoem que o fosse demandar, e não se querendo render, envestisse com elle; e porque os nossos ao abalroar do Junco se embaraçáram, feríram-lhe os Jaos parte da gente ás frechadas, e desaparelháram-lhe o traquete, e o goroupés da náo. Pero Dalpoem vendo-se desaparelhado desaferrou o Junco, e afastou-se delle. Afonso Dalboquerque, que era mais perto, como vio Pero Dalpoem desaferrado, foi demandar o Junco, que seria de setecentos toneis, muito bem armado, e com trezentos homens de peleja dentro; e temendo-se que depois de aferrado lhe puzessem fogo, (costume, que os Jaos tem, quando se vem vencidos de seus imigos,) mandou ao seu

Mestre que levasse o batel prestes com hum calabrete pelos esconvés da náo com tal recado, que pondo os Jaos fogo ao Junco, que se pudesse alargar delle cada vez que quizesse. Ordenado isto, arribou sobre o Junco, e começáram-lhe átirar ás bombardadas; e porque não quizeram amainar, tendo-lhe já quarenta homens mortos, e muita parte dos outros feridos, foi-o afferrar. Os Jaos vendo-se sogigados da náo Flor de la mar, que era muito alteroso de castelos, puzeram fogo ao Junco. Como a labareda chegou á náo, mandou Afonso Dalboquerque ao Mestre que desaferrasse o Junco, e se afastasse pera fóra. Como se os Jaos víram desassombrados da náo, tornáram a apagar o fogo, que por ser já muito grande fizeram-no com muito trabalho, que foi causa de se renderem. Rendido o Junco, soube Afonso Dalboquerque, que era o Rey de Pacé, e mandou por elle, e como o vio, pedio-lhe muitos perdões do acontecido, por não saber que vinha ali sua Real pessoa, e fez-lhe aquellas ceremonias, e bom tratamento, que á pessoa de tal dignidade se deve de fazer; e depois de o ter agazalhado, e curados alguns criados seus, que vinham mal feridos, deo-lhe o Rey

conta de seus trabalhos ; e como hia pedir ao Rey da Jaoa, que era seu parente, que o ajudasse com gente, e Armada contra hum Governador seu, que se tinha alevantado com o Reyno, e que se elle quizesse tomar esta empreza, e tornalo a restituir em seu estado, que elle se faria vassalo delRey de Portugal, e lhe pagaria pareas. Afonso Dalboquerque, porque o trato de Pacé convinha muito a Malaca, se a tomasse, pela muita pimenta, que ha na Ilha, disse-lhe, que elle hia tomar conta ao Rey de Malaca de huma sem rezão, que fizera a hum Capitão delRey de Portugal seu Senhor, que áquelle porto fora ter com seu seguro ; que acabado isto, elle lhe prometia, que da volta que fizesse pera a India, de o meter de posse do seu Reyno. O Rey lhe agradeceo muito seus offerecimentos, e que queria ficar ali na náo com elle, e mandou aos do Junco que o seguissem ; e sendo já perto de Malaca, tomou Nuno Vaz de Castelo-branco hum Junco muito rico, que sahia do porto, e hia pera o Reyno de Sião, e dos Mouros, que se nelle tomáram, soube Afonso Dalboquerque, que Ruy Daraujo, e os Portuguezes, que com elle estavam, eram vivos, e que o Rey sabia já da sua ida. Foram

tantas as náos, que naquella viagem topáram, que senão fora a determinação que Afonso Dalboquerque levava pera fazer Malaca, tomariam a maior preza, que se vio naquellas partes, porque naquelle tempo he a moução, em que os Mouros navegam pera aquelles Reynos do Cabo do Comorim pera dentro, e na outra fazem seu caminho direito ao estreito de Méca, carregados de todas as diversidades de especiarias, que vem ter a Malaca ; mas como Afonso Dalboquerque desejava de ter segura paz, e amizade com todos os Reys, e Senhores Gentios, que tem seus Estados da banda do Sul, e trato em seus portos, como lhe ElRey D. Manuel tinha mandado, por se não perder o comercio de Malaca, todas as náos, que achou pelo caminho, que eram de Senhores Gentios, a todas fez bom tratamento, e gazalhado, e aos Capitães dellas fez mercê em nome delRey de Portugal, e seguros pera poderem navegar, não sendo pera o estreito, de que foram muito contentes.

## CAPITULO XVI

*Como o grande Afonso Dalboquerque chegou ao porto de Malaca, e o Rey o mandou logo visitar, e o mais que passou.*

Como o grande Afonso Dalboquerque teve recolhido o Rey de Pacé á sua náo, fez seu caminho, e foi demandar os baixos de Capacia, e entrou pelo canal de doze braças, e chegou ao porto de Malaca hum dia á tarde, com toda a sua Armada embandeirada, tangendo suas trombetas, e mandou salvar a Cidade com toda a artilheria, e foi surgir diante do seu porto; e como a Armada foi surta, o Rey mandou logo hum Mouro com recado a Afonso Dalboquerque, dizendo, pera que era tamanha Armada? se vinha pera guerra, ou pera paz, porque elle não queria senão paz com ElRey de Portugal; e que lhe fazia a saber, que mandára matar o seu Bendará, porque fora culpado no alevantamento, que se fizera a hum Capitão seu, que áquelle porto viera, e fizera matar os Christãos, que andavam em terra, de que elle não tinha nenhuma culpa. Afonso Dalboquerque lhe

recebeo sua enganosa disculpa, e dissimulou com elle, a fim de haver á sua mão Ruy de Araujo, e os outros Christãos que lá tinha, e respondeo-lhe, que elle sabia bem quão pouca culpa tinha na treição, que se fizera ao Capitão delRey seu Senhor, e pois já tinha vingada a morte dos Christãos, que o Bendará matára, com lhe cortar a cabeça, que lhe pedia por mercê, que lhe mandasse entregar os que ficáram vivos, e pagar toda a fazenda, que lhe era tomada á custa do Bendará. O Rey tornou logo a mandar o Mouro, que dissesse a Afonso Dalboquerque, que fizessem pazes, que elle lhe mandaria os Christãos, e satisfaria tudo o mais que fora tomado. Elle lhe respondeo, que não havia de fazer pazes, até lhe não mandar os Christãos, e toda a fazenda delRey, que tinha tomada, como lhe já mandára dizer por elle, e depois de ser entregue de tudo falariam em pazes, porque isso era o que ElRey seu Senhor desejava, e pera isso o mandava ali, e que aquella Armada não vinha a buscar carrega, senão a fazer-lhe guerra, senão quisesse ter paz com ElRey seu Senhor. O Rey com tudo isto refusou não entregar Ruy de Araujo, e os Christãos, sem primeiro fazer paz, por-

que cuidava que com isto enfreava Afonso Dalboquerque; mas elle assentou de a não fazer sem primeiro lhe restituirem os Christãos, e tudo o mais que tinham tomado; e andando estes recados de huma parte pera a outra, começou o Rey com suas rebolarias, e mandou sahir huma Armada de lancharas fóra do rio, e como deram huma mostra com gente, e artilheria, tornáram-se a recolher, e com estes biocos, e sandices, que faziam, cuidavam que assombravam Afonso Dalboquerque, e elle sofria tudo por haver Ruy de Araujo ás mãos, porque lhe lembrava que o mandára o Visorey na companhia de Diogo Lopez de Sequeira degradado pera Malaca por amor delle; e sendo avisado por Ruy de Araujo, que o Rey mandava fazer estancias muito fortes ao longo do mar, mandou-lhe dizer, que não parecia sinal de boa amizade não lhe querer entregar os seus Portugueses, e mandar fazer estancias, como homem, que queria mais guerra que paz, e que differentemente o fizera o Rey de Pacé com elle, que tanto que ao seu porto chegára, logo lhe mandou nove Portugueses, que lá foram ter, fugidos da prizão em que os tinha, e com elle não podia acabar de tomar con-

clusão em nada. O Rey por cima destas rezões determinou-se em não lhe entregar os Christãos, sem primeiro fazer pazes.

Como Afonso Dalboquerque vio este desengano do Rey, porque não cuidasse que o tinha assombrado com as suas lancharas, que tinha no rio, com que lhe mandava dar mostra cada dia, quilo desenganar, e mandou armar quatro bateis com gente, e artilheria, que fossem ao longo da ribeira esbombardear a Cidade. Como os Mouros víram os bateis afastados das náos, vieram-nos esperar fóra do rio com vinte pangajaoas armadas com muita gente. Afonso Dalboquerque como os vio vir, mandou reforçar os nossos com mais bateis. Os Mouros como isto víram, tornáram-se a recolher pera dentro dô rio com sua Armada, e recolhidos tornou o Rey a mandar seus recados acostumados, e cheios de enganos, e palavras moles, e mentirosas a Afonso Dalboquerque, e elle lhos tornou a receber com muita paciencia, escusando-se sempre da guerra, mostrando-lhe que a sua vinda ali fora pera conservar o porto de Malaca, e assentar trato, e amizade com elle, e não pera o destruir; e porque na Cidade havia Mouros de muitas nações, que todos

desejavam que não houvesse paz, (porque os nossos não fizessem assento na terra,) fizeram entender ao Rey, que Afonso Dalboquerque não ousaria de cometer a Cidade, e como viesse a moução, que se havia logo de ir, e neste conselho eram tambem os seus Capitães : e os que mais trabalhavam por se não fazer paz eram os Guzarates, porque todo o trato de Cambaya he em Malaca, e offerecêram-se ao Rey pera o servirem com seiscentos homens brancos, muito bem armados, e quarenta bombardas ; e na força destes conselhos, em que o Rey andava com os Mouros naturaes, e estrangeiros, mandou Ruy de Araujo dizer a Afonso Dalboquerque, que as estancias hiam ávante, e o Rey se fazia prestes pera se defender ; e que os Turcos, e Guzarates, Rumes, e Coraçones, eram os que o aconselhavam, que não fizesse nenhum concerto, nem consentisse que os nossos tomassem assento na terra, e pera se isto effeituar davam grandes peitas ao Rey, e seus Governadores, e que tinham tambem por si os Cacizes, que lhe faziam grandes prégações, dizendo, que os Portugueses eram arrenegados, e ladrões, e queriam senhorear todo o Mundo, e peccaria se os recolhesse na

Cidade; e que o Xabandar dos Guzarates, que era estante de todos os Mercadores de Cambaya, (o qual tinha grande credito com o Rey,) se fora a elle, e lhe pedíra muito que não tivesse amizade com os Portuguesses, nem fizesse paz com elles, porque as suas náos, e as dos Mouros não podiam navegar por hum caminho em huma moução, nem tomar carga todos juntos em hum porto, porque era cousa de muita divisão, ainda que fossem todos de huma nação, quanto mais sendo elles Mouros, e os Portugueses Christãos, desejosos, e procuradores de toda sua destruição: que isto lhe dizia, porque desejava muito seu serviço, e a conservação de seu Reyno, e que devia de dissimular com o Capitão mór daquella Armada, e entretelo, porque como viesse a moução não havia de estar ali mais. O Rey pareceo-lhe bem o conselho do Xabandar, e praticou tudo com os seus Governadores, e todos foram de parecer que assi se fizesse, e mandou logo concertar a sua Armada pera estar prestes pera qualquer cousa que sucedesse, e dar mais pressa ao fazer das estancias.

## CAPITULO XVII

*Do sitio, e fundação do Reyno, e Cidade de Malaca.*

O Reyno de Malaca de huma parte confina com o Reyno de Queda, e da outra com o Reyno de Pam, e terá de comprido cem leguas de costa, e de largo pela terra dentro até huma serra, por onde parte o Reyno de Sião, terá dez leguas. Esta terra toda antigamente era sujeita ao Reyno de Sião, e haveria noventa annos, pouco mais, ou menos, (quando Afonso Dalboquerque ali chegou,) que era Reyno sobre si, e vieram os Reys deste Reyno a ser tão poderosos, que se chamáram Coltois, que antre elles he nome de Emperador; e porque esta fundação de Malaca pera se bem entender he necessario vir hum pouco de mais longe, contarei aqui donde este Reyno teve primeiro principio. Naquelle tempo, que se ella fundou, reinava na Ilha da Jaoa hum Rey, que se chamava Bataratamurel, e no Reyno de Palimbão, que he dentro na Ilha da Jaoa, reinava hum Rey Gentio, que se cha-

mava Parimiçura; e havendo antre elles muitas differenças, vieram-se a concertar, que Parimiçura casasse com huma filha de Bataratamurel, que se chamava Parimiçuri, e ficasse pagando hum certo tributo ao Rey da Jaoa seu sogro. Este Rey Parimiçura, passados alguns dias, depois de ter feito este concerto, arrependeo-se, e alevantou-se com a obediencia, e não quiz pagar o tributo a seu sogro, e pera fazer isto falou-se com alguns parentes seus, e polo por obra. Vendo Bataratamurel que seu genro se alevantava com a obediencia, e não lhe queria pagar o tributo, veio sobre elle com muita gente, e desbaratou-o, e tomoulhe o Reyno; e vendo-se o Parimiçura desbaratado, temendo cahir nas mãos de seu sogro, fugio com sua mulher, filhos, e criados, e alguma pouca gente, em hum Junco, e veio ter a Singapura, que era huma Cidade mui grande, e mui povoada: dá testemunho disto as grandes ruinas, que hoje em dia parecem, antes de se fundar Malaca, e estava á obediencia do Rey de Sião. Singapura, donde esta Cidade tomou o nome, he hum canal, por onde passam todas as náos pera aquellas partes, e quer dizer em

linguagem Malaya, falsa demora; e convem-lhe este nome muito, porque algumas vezes, estando ali as náos esperando por moução, vem hum temporal tão rijo que se perdem. Chegado o Rey Parimiçura a este porto, o Capitão da Cidade, que se chamava Tamagi, vendo-o assi vir desbaratado, agazalhou-o em sua casa, e fez-lhe muita honra. O Parimiçura, por lhe pagar o bom gazalhado que lhe fez, com cubiça da grossura da terra, do dia que chegou a oito dias, matou-o ás crisadas, e ficou por Senhor do Canal, e povoações, que nelle havia. Sabido no Reyno de Palimbão a prosperidade em que estava, vieram-se para o Rey tres mil homens Palimbões, os quaes teve comsigo, e viveo na Cidade de Singapura cinco annos, roubando todos os que passavam, porque trazia hùma Armada de muitas lancharas no mar. O Senhor de Patane, que era irmão do Tamugi, como soube que o Parimiçura matára seu irmão, e se fizera senhor do canal, fez-se prestes, e veio sobrelle com muita gente, e com favor dos da terra, que lhe queriam mal, polos roubos que fazia, o desbaratou. Como se o Parimiçura vio desbaratado, fugio, e veio-se

meter no rio de Muar, onde achou alguns pescadores, que viviam pobremente, e começou a fazer terras de pão pera se manter, e com algum pescado, que lhe os pescadores davam, viveo ali algum tempo; e alguma gente, que trazia comsigo, não tinha outra vida, senão andarem furtando pelo mar em lancharas que trouxeram.

A este tempo viviam tambem no porto, onde agora está a povoação de Malaca, vinte, ou trinta pescadores, que ás vezes se mantinham de pescar, e outros de furtar; e sabendo que o Rey Parimiçura estava em Muar, pela fama que tinham de ser cavaleiro, e homem de espirito, vieram ter com elle, e disseram-lhe, que naquella terra, onde elles estavam, por hum rio acima tres leguas estava hum campo, que se chamava Bintão, muito fertil, em que se podia semear muito arroz, e todas as outras cousas que quisesse, e que tinha muito boa agua pera beber, que se devia de mudar pera elle, e que querendo fazer ali sua habitação, que elles o serviriam, e seriam seus vassalos. O Parimiçura com esta informação, que lhe os pescadores deram, foi ver o lugar, e contentou-se muito delle, e de toda aquella

terra; e tornando a Muar embarcou-se com toda sua casa, e gente, e foi-se viver a Bintão, e começou a fazer grandes sementeiras, e pomares de fruitas, e fez huns paços muito grandes pera sua vivenda, e ficou tão contente desta terra, que polo serviço, que lhe os pescadores fizeram em o trazerem a ella, os fez Fidalgos, e Mandaris de sua casa; e por ser o porto bom, e ter muita agua, e muito boa, havendo quatro mezes que Parimiçura viera pera ali, se fez huma povoação de cem vizinhos, onde agora está a Cidade de Malaca. Os ladrões, que andavam roubando pelo mar em lancharas, que vinham ali ao porto tomar agua, polo favor, e bom gazalhado, que recebiam do Rey Parimiçura, começáram a continuar ali, e trazer as mercadorias que roubavam, e foi a cousa em tanto crescimento, que dentro em dous annos se fez huma povoação de dous mil vizinhos, e começáram a ter trato. Este Parimiçura poz nome a esta povoação Malaca, porque na linguagem da Jaoa, ao Palimbo que foge, chamam-lhe Malayo; e porque elle viera fugido do Reyno de Palimbão, de que era Rey, poz nome ao lugar Malaca; outros dizem que

se chamou Malaca, por rezão da muita gente, que a ella vinha de huma parte, e da outra em tão pouco tempo, porque Malaca quer tambem dizer encontrar, e por isso lhe puzeram nome Cidade em contradição: destas duas opiniões tome cada hum a que lhe melhor parecer, porque esta he a verdade.

Vendo Batara Tamurel o crescimento, em que hiam as cousas de Malaca, e a prosperidade, em que seu genro estava, tornou-se a reconciliar com elle, e mandava-lhe muitos mantimentos por seu dinheiro; e por o Rey Parimiçura ser de boa condição, e tratar bem a gente, que áquelle porto hia, começáram os de Pacé, e os de Bengala ter trato com os de Malaca; e havendo sete annos que o Parimiçura começára esta povoação de Malaca, morreo, e ficou-lhe hum filho, que se chamou Xaquendarxa, o qual sendo Gentio casou com huma filha do Rey de Pacé, que havia pouco que se tornára Mouro; e como foram casados, ora fosse por rogos da mulher, ora por admoestações do sogro, não tardáram muitos dias que se não tornou Mouro; e este Rey Xaquendarxa, depois de ter alguns filhos, de-

sejou de ir ver o Rey da China, dizendo, que queria ir ver hum Rey, que tinha por vassalos os Jaos, e Siões, e todas as terras sabidas, e partio-se de Malaca, e levou-lhe hum presente, e tardou nesta jornada tres annos, e fez-se seu vassalo, e trouxe hum meio sello em sinal de vassalagem, e licença pera poder lavrar moeda de estanho miuda, a qual moeda elle mandou lavrar tanto que chegou a Malaca, e poz-lhe nome Caixes, que são como os nossos ceitís, e cento delles valiam hum Calaim, e cada Calaim valia por lei posta onze reis, e quatro ceitís. A prata, e ouro não se tratava por moeda, senão por mercadoria. E despedido Xaquendarxá o Rey da China, mandou com elle hum Capitão, que o acompanhasse até Malaca, e pela muita amizade, que ambos tiveram pelo caminho, casou-o Xaquendarxá com huma filha sua, de que houve hum filho, que se chamou Rajapute, donde descendem os Reys de Campar, e Pam; e chegado a Malaca, dahi a poucos dias morreo, e ficou por Rey hum filho seu mais velho, que se chamava Modafaixa, e este como reinou, tornou a confirmar as pazes, que seu pai tinha feitas

com o Rey da China, e de Sião, e da Jaoa, e enobreceo grandemente Malaca, e andava sempre de Armada no mar, e conquistou muitas terras, e tomou o Reyno de Campar, e de Pam, e de Dandargiri, e felos Mouros per força, e casou-os com tres filhas de seu irmão Rajapute; e feito isto, tomou por nome Soltão Madofaixa, e dali a poucos dias morreo, e ficou por Rey hum filho seu, que se chamava Soltão Marsusa, e este como começou a governar o Reyno, fez no monte de Malaca casas grandes, em que vivia; e porque se temeo que seu tio Rajapute, que estava em Bintão, se alevantasse com o Reyno, foi lá, e matou-o ás crisadas, sendo já muito velho. Como os Reys de Pam, e Dandargiri souberam que Soltão Marsusa lhe matára seu sogro, alevantáram-se contra elle, e como era cavaleiro, foi sobrelles, e venceo-os, e fez-lhes pagar o tributo dobrado, e casou-os com duas irmans suas, e elle casou com huma filha do Rey de Pam, e com estes casamentos ficáram muito amigos, e desta filha do Rey de Pam houve hum filho, que foi morto com peçonha, e depois disto casou com huma filha do seu Lassamane, de que houve hum

filho, que se chamou Alaoadim. Morto Soltão Marsusa, ficou por Rey Soltão Alaoadim, e casou com huma filha do Rey de Campar. Este foi tão rico, e ajuntou tanto ouro das rendas do porto de Malaca, que foi estimado em cento e quarenta quintaes de ouro.

Vendo-se tão rico, determinou de ir á casa de Méca, e fez prestes muitos Juncos pera passar, com determinação de levar comsigo o Rey de Campar, e o Rey de Dandargiri, os quaes por serem revoltosos os trazia na sua Corte, e não os deixava ir pera suas terras, e tinha senhoreado toda aquella terra, porque era muito poderoso no mar, e muito rico: e no tempo deste veio Malaca a ser tão nobre cousa, que diziam que haveria nella quarenta mil vizinhos, em que havia gente de todas as partes do Mundo. Este Soltão Alaoadim casou com huma filha do seu Bendará, que fora Quelim no tempo de seu pai, a quem queria grande bem, e desta houve hum filho, que se chamou Soltão Mahamet, e da filha do Rey de Campar houve hum filho, que chamáram Soltão Celeimão, e a este pertencia o Reyno de direito por vir da linhagem dos Reys.

Estando este Alaoadim prestes pera partir pera Méca, foi morto com peçonha, e diziam que por industria dos Reys de Pam, e Dandargiri, porque os queria levar per força. Como Soltão Alaoadim foi morto, houve grande divisão no Reyno; porque a filha do Rey de Campar, que era Rainha, queria que erdasse o Reyno seu filho, por lhe pertencer de direito. O Bendará, como era muito poderoso, e tinha muito dinheiro, favorecia o neto de seu irmão, que fora Bendará antes delle, e os Reys de Pam, e de Campar favoreciam o outro; finalmente, o Bendará alevantou o sobrinho por Rey, e tanto que Soltão Mahamet foi em posse do Reyno, alevantou a obediencia aos Reys de Sião, e da Jaoa, e ficou obedecendo ao Rey da China. O Rey de Sião como vio que o Rey de Malaca lhe não queria obedecer, veio com huma Armada de cem vélas sobre elle. Sabendo isto o Rey de Malaca, mandou o seu Lassamane que o fosse buscar ao caminho, e o Lassamane o foi esperar á Ilha de Pulapicão, e desbaratou toda a Armada; e daquelle tempo até Afonso Dalboquerque tomar Malaca, que passáram vinte e dous annos, não tornáram mais. Este

Rey Soltão Mahamet era muito vão, e muito soberbo, e zombava do pai querer ir á casa de Méca, e dizia que Malaca era a propria Méca, e por se temer de seu irmão Soltão Celeimão, o matou ás crisadas, e assi matou dezasete homens principaes todos seus parentes sem porque, e matou seu filho herdeiro, porque lhe pedio dinheiro pera gastar, (e diziam os Mouros que por este peccado lhe tomára Afonso Dalboquerque o Reyno.) E mortos estes, recolheo toda a fazenda, em que havia cincoenta quintaes de ouro, e tomou as mulheres, e filhas de todos por mancebas, que seriam cincoenta mulheres de preço: assi que em Malaca desde o primeiro Rey, que a fundou, até o tempo de Soltão Mahamet, em cujo tempo Afonso Dalboquerque a tomou, havendo noventa annos que começára a ser povoada, houve seis Reys, a saber, Parimiçura, Xaquendarxá, Soltão Modafaixa, Soltão Marsusa, Soltão Alaoadim, Soltão Mahamet. E era tão nobre Malaca, que diziam, quando a Afonso Dalboquerque tomou, que haveria na Cidade, e em seu Termo cem mil vizinhos, e tinha huma grande legua de comprido ao longo do mar.

## CAPITULO XVIII

*Dos costumes, e regimento da Cidade de Malaca.*

Este porto de Malaca he muito bom, não ha nelle tormentas, e nunca se nelle perdeo náo. He principio de monções, e fim de outras, de maneira, que os de Malaca chamam aos da India gentes de ponente; e aos Jaos, Chins, e Gores, e de todas aquellas Ilhas, gentes de levante: e Malaca he o meio de tudo isto, navegação segura, e breve, o que não tinha Singapura, porque nos baixos de Capácia se perdiam muitas náos: e os que vem de levante pera ponente acham aqui as mercadorias de ponente, e levam-nas, e deixam aqui as suas que trazem, e outro tanto fazem os de ponente; e desta maneira se foi Malaca fazendo tamanha cousa, que onde Malaca era aldea de Pacé, ficou Pacé aldea de Malaca, porque os mais dos Mouros de Pacé se vieram viver a ella. Sohião de vir a Malaca cada anno náos de Cambaya, de Chaul, de

Dabul, de Calicut, de Adem, de Méca, de Xaer, de Judá, de Choramendel, de Bengala, dos Chins, dos Gores, dos Jaos, de Pegú, e de todas aquellas partes, e os de Sião não vinham a Malaca com suas mercadorias, porque sempre tiveram guerra com os Malaios: e creio verdadeiramente, segundo as informações das cousas de Malaca, que se outro mundo, e outra navegação houvera, todos vieram ter a ella, porque nella acháram toda a diversidade de drogarias, e especiarias, que se podem nomear em o Mundo, polo porto de Malaca ser mais commodo pera todas as mouções do Cabo do Comorim pera dentro, que todos os outros portos, que ha naquellas partes; e não falo particularmente nos outros proveitos, que ha neste porto de Malaca, por respeito das mouções, com que se navega naquellas partes, por amor dos baixos de Capácia, por não ser proluxo. Os Malaios são homens soberbos, e prezam-se muito de matarem homens manhosamente ás crisadas: são maliciosos, geralmente de pouca verdade, e porém os Gores sempre a tratavam, porque haviam por grande honra terem commercio com elles, por ser gente nobre, e bem acostu-

mada. Os Malaios são homens galantes, vestem-se bem, não consentem que lhes ponham as mãos na cabeça, nem nos hombros, todo o seu feito he praticar em cousas de guerra, e são muito cortezes. Ninguem póde vestir amarelo sobpena de morte, senão só o Rey da terra, salvo se he pessoa a que o deixa trazer por lhe fazer mercê. Os Fidalgos, quando falão ao Rey, hão de estar arredados delle cinco, ou seis passos.

Os Senhores, que hão de morrer por justiça, tem por honra morrerem ás crisadas, e o parente mais chegado o mata. Se algum homem do povo morre sem herdeiro, a fazenda he do Rey, e não póde nenhum casar sem licença sua, ou do Bendará. Se algum achar sua mulher em adulterio, póde matar dentro em casa a ambos, e não fóra de casa, nem póde matar hum sem outro, senão acusalos por justiça. Nas injúrias, que se julgam, os Reys levavam ametade de dinheiro, e o injuriado a outra ametade. Em Malaca havia diversas maneiras de justiça, segundo a qualidade do crime: huns espetados, outros acotovelados nos peitos: delles enforcados: outros cozidos em agua: outros assados, e dados a comer a huns ho-

mens, que são como salvagens, de huma terra, que se chama Daru, que o Rey trazia em Malaca pera comerem estes taes: e de todo o homem, que morre por justiça, tem o Rey ametade de sua fazenda, tendo herdeiros; e não nos tendo, leva tudo. Havia em Malaca cinco Dignidades principaes: a primeira he Pudricaraja, que quer dizer Visorey, e depois do Rey este he o maior: a segunda he Bendará, este he Veadór da fazenda, e governa o Reyno: ás vezes o Bendará tem estes dous officios, de Pudricaraja, e de Bendará, porque nunca se concertam bem dous nestes dous officios: a terceira he Lassamane, este he Almirante do mar: a quarta he Tamungo, e este tem carrego da justiça da gente estrangeira: a quinta he Xabandar, e destes havia quatro, cada hum de sua nação: Hum da China, outro da Jaoa, outro de Cambaya, e outro de Bengala. E eram todas as terras repartidas por quatro homens destes, e cada hum tinha sua parte, e o Tamungo era Juiz da Alfandega sobre todos estes. Póde-se dizer com verdade, que Malaca no feito, e trato da mercadoria, he a maior cousa do Mundo, e as suas leis foram sem-

pre mui bem guardadas, e havia mister grandes pessoas, que a governassem, assi na justiça, como na fazenda, porque ella o merece; e sendo meãmente governada, nunca Malaca deixára de ser quem foi antigamente; e não falo aqui de muitas terras, Ilhas, e Reynos, e Provincias, que nestas partes ha, ainda que disso tivesse certas informações, por cartas que via de Afonso Dalboquerque pera ElRey D. Manuel, em que lhe dava conta de todas aquellas partes, porque minha tenção he escrever sómente os trabalhos, e conquistas de Afonso Dalboquerque, e o mais deixalo a quem o melhor fará: sómente farei aqui menção dos Gores, por convir a esta historia.

Os Gores, pela informação, que Afonso Dalboquerque, quando tomou Malaca, ainda que se agora sabe mais certo; naquelle tempo se dizia, que a sua Provincia era terra firme, e a voz commua de todos he, que a sua terra he Ilha, e navegam della pera Malaca, onde vem cada anno duas, e tres náos. As mercadorias, que trazem, são seda, e pannos de seda, brocados, porcelanas, grande soma de trigo, cóbre, pedra

hume, frusseria, e trazem muito ouro em ladrilhos marcados do sello do seu Rey : não se póde saber se estes ladrilhos era moeda da sua terra, ou se lhes punham aquella marca, como cousa resistada no porto, donde sahião, porque são homens de pouca fala, e não dam conta das cousas da sua terra a ninguem. Este ouro he de huma Ilha, que está perto delles, que se chama Perioco, em que ha muito ouro. A terra destes Gores se chama Lequea : são homens alvos : seus vestidos são como balandrois sem capelo, trazem as espadas compridas da feição de cimitarras de Turcos, hum pouco mais estreitas : trazem adagas de dous palmos : são homens ousados, e temidos nesta terra. No porto a que chegam não tiram suas mercadorias por junto, senão pouco, e pouco : falam verdade, e querem que lha falem. Se algum mercador em Malaca sahia de sua palavra, logo o prendiam. Trabalham por se despacharem em breve tempo : não tem estante nenhum na terra, porque não são homens, que folguem de andar fóra da sua. Partem pera Malaca no mes de Janeiro, e pera sua terra em Agosto, e Setembro. A sua certa navega-

ção he vir demandar o Canal dantre as Ilhas de Celáte, e a ponta de Singapura da banda da terra firme; e ao tempo que Afonso Dalboquerque se partio pera a India, depois de ter tomada Malaca, eram chegadas duas náos delles á porta de Singapura, e vinham pera Malaca, e por conselho do Lassamane, que fora Almirante do mar do Rey de Malaca, se deixáram estar, e não quizeram passar, sabendo que Malaca era tomada polos Portugueses; e como os Governadores da terra souberam que elles ali estavam, mandáram-lhes seguro, e bandeira, e elles vieram logo. Este Lassamane era homem de oitenta annos, bom cavaleiro, e de boa fama, e de bom saber; e vendo o Rey de Malaca perdido, foi-se assentar em Singapura, e depois de Afonso Dalboquerque estar em posse de Malaca, se veio ao rio de Muar, e mandou pedir seguro, dizendo, que se queria ir viver a Malaca, e servir ElRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lho mandou, e com tudo não quiz vir, e creo-se que alguns Mouros de Malaca, porque tinham favor de Afonso Dalboquerque, e governavam a terra, lhes escrevêram alguma

cousa, por onde trováram sua vinda, arreceando que por ser elle singular homem, lançasse Afonso Dalboquerque mão delle pera governar Malaca.

## CAPITULO XIX

*Do recado, que o grande Afonso Dalboquerque mandou ao Rey de Malaca: e do conselho que teve com os Capitães sobre a Carta, que lhe escreveo Ruy de Araujo.*

Vendo o grande Afonso Dalboquerque a soberba do Rey, e o pouco temor, que tinha da sua Armada, lembrando-lhe o caso acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, desconfiou-se muito de ver como este negocio passava, e as mentiras, e enganos, que o Rey com elle usava; e considerando todas estas cousas, mandou-lhe dizer, que elle por muitas vezes lhe tinha mandado pedir os Christãos, não tendo rezão de lhos ter forçosamente, pois não foram tomados de boa guerra, nem por reprezaria; mas antes debaixo do seu seguro, e dos seus Governadores, andando elles sem armas pela Ci-

dade, os mandára trazer todos á espada por essas ruas a quem nos queria matar ; e que o seu Bendará que dizia, que mandára matar por ser causa da morte dos Portuguezes, e que elle tinha sabido que o mandára matar pela treição, que lhe tinha ordenada, com determinação de se alevantar com o Reyno ; e ainda que lhe recebesse suas enganosas desculpas, que esta era a verdade ; porque depois da morte do Bendará, elle mandára meter os Christãos a tormento, pera que se tornassem Mouros, e alguns delles polos não poderem sofrer deixáram a Fé de Jesus Christo per força, e que todas estas cousas dissimulára, e sofrêra por ver se podia ter boa paz, e amizade com elle. E pois estava tão obstinado, que nenhuma maneira de conclusão queria, lhe fazia a saber, que toda a gente daquella Armada não podia sofrer estarem ali tantos dias, sem terem tomado vingança da treição, que naquella Cidade fora feita ao Capitão, e soldados delRey de Portugal, que elle mandára matar atreiçoadamente. Com este recado, que Afonso Dalboquerque mandou ao Rey, escreveo huma Carta a Ruy de Araujo, em que lhe dizia, que elle sa-

bia bem quão obrigado era, e os Capitães, e toda a mais gente daquella Armada a morrerem por serviço de Deos, e delRey D. Manuel seu Senhor, e mais em guerra tão justa, em que se elle tinha muitas vezes justificado, e que o Rey se punha em determinação de lhe não entregar os Christãos, nem aceitar a paz, e amizade, que lhe offerecia da parte delRey de Portugal, pelas quaes rezões lhe convinha pôr-lhe as mãos sem mais dilação, e se se recrecesse disto passarem elles trabalho, que o tomassem em paciencia, porque a elle lhe convinha, polo que compria ao estado delRey de Portugal, ver o cabo a este negocio, e provar suas forças com as dos imigos, e quanto mais tardasse, teriam elles mais tempo de se fortificarem. Ruy de Araujo respondeo, que não quizesse Deos que a Armada delRey de Portugal, nem os seus Portugueses, recebessem afronta, nem abatimento, por lhe segurarem a vida, porque elle obrigado era a morrer por serviço de Deos, e de seu Rey, e pola liberdade dos seus naturaes, que elle se havia por bemaventurado trazelo Nosso Senhor a estado, que pudesse morrer pela sua Sancta Fé; e que quanto

a elle, e a seus companheiros não deixasse de fazer o que compria ao serviço delRey de Portugal, porque já estavam offerecidos a tudo o que lhe viesse; e que lhe fazia a saber, que o Rey se fazia prestes quanto podia, e que os Guzarates eram os que andavam de dia, e de noite ajudando na fortificação das estancias, e que estes eram os principaes, que não podiam sofrer fazerem os Portugueses assento na terra; e que se determinava de cometer a Cidade, que o devia de fazer o mais prestes que pudesse, sem mais falar em concerto, nem pedir Christãos; porque soubesse certo, que o Rey lhos não havia de dar senão por força, e que estava tão soberbo com a muita gente estrangeira que tinha, que não cuidava senão em lhe tomar a sua Armada. Com esta reposta de Ruy de Araujo, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães á sua náo, e deo-lhes conta de tudo isto que lhe tinha escrito; e que pois o Rey estava nesta determinação, lhe dissessem se cometeria logo a Cidade, ou se teria mais alguns comprimentos com elle. Os Capitães lhe respondêram, que dias havia que lhes não parecia bem ter elle tanto

sofrimento com o Rey; porque desde o dia que ali chegáram, sempre suas repostas trouxeram rosto de não querer nenhum concerto, nem amizade com elles, e que todas as dilações, em que andára, foram pera se aperceber, e fazer forte, como Ruy de Araujo por muitas vezes tinha mandado dizer.

## CAPITULO XX

*Do requerimento, que o grande Afonso Dalboquerque mandou fazer ao Rey, assinado por elle, e por todos os Capitães: e de como lhe mandou Ruy de Araujo, e os seus companheiros que lá tinha.*

Por cima desta determinação dos Capitães, pareceo ao grande Afonso Dalboquerque, que pera mais justificar este negocio com Deos, e com os Reys de toda aquella terra, por não dizerem que os Portugueses eram tyrannos, que lhe devia primeiro de mandar fazer hum requerimento, assinado por elle, e por todos os Capitães, e apôs isso alguns rebates com mostra de guerra, o qual requerimento lhe logo mandou polo Mouro, que andava com

os recados, e nelle lhe dizia, que ElRey Dom Manuel seu Senhor mandára áquelle seu porto hum Capitão com certas náos, que vinham mais carregadas de mercadorias, que de gente, com desejos que tinha de assentar paz, e amizade com elle ; e sobre seu seguro, e do seu Bendará, roubára toda a fazenda, e matára, e cativára os Portugueses, como lhe já tinha dito, e trabalhára quanto pudera por lhe tomar suas náos, se milagrosamente os Nosso Senhor não livrára ; que soubesse certo se lhe logo não mandava entregar os Christãos, e toda a fazenda, que tinha tomada, que o havia de destruir, e tomar-lhe a sua Cidade, e que tomava a Deos por Juiz, que elle, e seus Governadores eram causa de sua destruição ; pois por conselho dos Guzarates, que eram imigos capitaes dos Portugueses, não queria tomar conclusão nenhuma de paz com elle ; e que aquella Armada, que ali tinha comsigo não aguardava moução, como elles tinham dado a entender, nem perdiam tempo de viagem, nem queriam carga, porque eram náos de Armada, que ElRey de Portugal tinha na governança da India, e não lhe dava mais estar hum anno naquelle porto que dez ; e que

fosse certo que se senão arrependesse da guerra, que queria ter com os Capitães, e gente delRey de Portugal, que cedo perderia seu estado; e que lhe dava por sinal disto assi ser, mudar hum annel de hum dedo pera o outro, (o que logo fizera perante seu messageiro,) o qual se foi com este recado ao Rey, e elle o tornou logo a mandar, que lhe dissesse, que seu coração era bom, e são, e que lhe não lembrava Ruy de Araujo, e os seus Christãos; que a causa de lhos não mandar fora estarem-lhe fazendo de vestir, e que lhe pedia que mandasse tirar as suas náos diante do porto, por não haver differenças antre os Christãos, e os Mouros, que ali tinham as suas. E posto que Afonso Dalboquerque entendesse que isto era malicia do Rey, com tudo, por não ter a que se apegar, mandou tirar os navios pequenos pera fóra, e disse ao Mouro seu messageiro, que elle esperava por Ruy de Araujo, e seus companheiros, e não lhos mandando logo, que não curasse de ter mais práticas, nem recados com elle. O Mouro foi com este recado, e passáramse seis dias sem tornar com reposta. Vendo Afonso Dalboquerque esta tardança, não quiz

mais esperar, e mandou dez bateis com gente armada pôr fogo a humas casas, que estavam pegadas no mar, e queimar as náos dos Guzarates, por perderem a esperança de tornarem á sua terra tão azinha com carrega, pois trabalhavam tanto por não haver concerto antre elle, e o Rey de Malaca, e tambem queimassem todas as outras náos, que estavam no porto, tirando as do Çabo de Comorim pera dentro, que fossem de Gentios. Como os bateis chegáram ás casas, puzeram-lhes logo o fogo, e outro tanto fizeram ás náos. Vendo o Rey a determinação de Afonso Dalboquerque, mandou logo Ruy de Araujo, e os Christãos, e hum Mouro com elles a falar no concerto da paz, e que lhe mandasse huns apontamentos do que queria, e que faria tudo quanto elle quizesse; e posto que Afonso Dalboquerque entendesse que isto não havia de vir a effeito, mandou-lhe certos apontamentos, e disse ao Mouro, que dissesse ao Rey, que com aquellas condições faria paz com elle, e assentaria em sua terra. O Rey vendo os capitulos, concedeo-lhe aquelles, em que Afonso Dalboquerque tinha maior dúvida, que lhe não pareceo bom sinal; a saber, que era con-

tente de lhe dar lugar pera fazer fortaleza na Cidade, e que pagaria a dinheiro tudo o que fora tomado a Diogo Lopez de Sequeira. Afonso Dalboquerque, usando tambem com o Rey de artificio, respondeo-lhe, que posto que nos outros apontamentos, que lhe mandára, lhe fosse mais que naquelles que lhe concedêra, todavia os aceitava por não dizer que era máo de contentar. A esta reposta nunca mais o Rey mandou recado nenhum, e vinham alguns Mouros por espias a modo de mercadores, e traziam a vender almiscar, gallinhas, e outras cousas, e outras vezes vinha o Mouro, que andava nos recados, falando em cousas fóra de proposito; mostrava que vinha avisar Afonso Dalboquerque dos muitos Juncos, que vinham de muitas partes armados, e com gente em favor do Rey de Malaca, e os grandes aparatos de guerra, que tinha; e como se o Mouro hia, sahiam do rio muitos paráos armados, fazendo mostras de quererem cometer a nossa Armada, e com tudo isto dissimulou Afonso Dalboquerque alguns dias para ver se queriam haver bom conselho; e vendo suas estancias embandeiradas, e postos todos em determinação de guerra,

e que o Rey era tão cego, que não via o perigo, em que estava de perder o seu Reyno, sendo tyranno, desejoso de viver em seu estado, e gastando muita de sua fazenda pelo suster, e conservar, considerou em si que era sentença que vinha sobrelle, e que Nosso Senhor o queria apagar de todo, e lançar os Mouros fóra da terra, e o nome de Mafamede, e que o seu Evangelho fosse prégado naquellas partes, e as suas mesquitas feitas casas de louvor de Deos á custa delRey D. Manuel, e do trabalho dos seus naturaes, e mandou-lhe dar hum rebate com bateis armados, e duas barcas com bombardas grossas, a fim de ver a gente, que acudia ao rebate, e onde tinham sua artilheria assentada, e seu modo de defensão.

## CAPITULO XXI

*Como os Mercadores Chins, que estavam em Malaca, se vieram pera o grande Afonso Dalboquerque, e o que passáram com elle: e do conselho, que teve com os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada pera cometer a Cidade.*

Antre as náos dos estrangeiros, que estavam no porto de Malaca, a que Afonso Dalboquerque quiz que se não fizesse nenhum damno, quando mandou queimar as dos Guzarates, eram cinco Juncos dos Chins, cujos Capitães, e gente havia dias que o Rey de Malaca tinha reteudos, pera se ajudar delles contra o Rey de Daru, com quem tinha guerra, e neste tempo chegou Afonso Dalboquerque com sua Armada. O Rey de Malaca, confiado que os Chins não ousariam de fugir com medo dos Portugueses, que estavam no porto, e tambem porque lhe compria olhar por si, e pòr sua terra, descuidou-se delles. Os Chins, vendo-se com mais largueza da que tinham, buscáram maneira pera fugirem, e recolhêram-se aos seus Juncos. A gente,

que ficou em terra, vendo os Capitães em salvo, poucos, e poucos, cada hum como podia, vieram-se pera elles, os quaes como tiveram sua gente recolhida, polo escandalo que tinham do Rey, dos roubos, e tyrannias, que lhe tinha feito em suas mercadorias, e tambem por se assegurarem, vieram-se offerecer a Afonso Dalboquerque com sua gente, e náos pera o ajudarem naquella guerra. Elle lhes agradeceo muito seus offerecimentos, e que não queria mais ajuda delles, que as barcas dos Juncos, pera nellas desembarcar gente em terra ; porque se o negocio não sucedesse da maneira que elle esperava em Nosso Senhor que fosse, sendo elles naquelle feito contra o Rey de Malaca, podiam depois receber máo tratamento delle. Os Chins lhe disseram, que pois se não queria servir delles, que lhe pediam muito por mercê, que lhes désse licença pera se irem pera sua terra, e onde quer que achassem Portugueses seriam sempre lembrados do favor que lhes dera pera se verem em sua liberdade, e fóra de tão má gente, como eram os Malayos ; e que se Malaca estivesse em seu poder, que elles lhe ficavam que cada anno viessem a ella mais de cem Juncos da China,

com muitas mercadorias; e com palavras de muita cortezia lhe disseram, que houvesse bom conselho em cometer a Cidade, porque havia nella mais de vinte mil homens de peleja, Jaos, Persios, e Coraçones, que era gente, em que o Rey confiava muito, e que dos naturaes teria quanta quizesse, e tinha vinte Alifantes de guerra com seus castelos muito bem armados, e muita artilheria, e armas de toda a sorte, que lhe os Guzarates trouxeram de Cambaya, e de todas as outras cousas necessarias pera guerra lhe não faltava nada; e que se não tomasse a Cidade por fome, segundo ella estava apercebida, tirando-lhe os mantimentos, que lhes vinham da Jaoa, que tinham por cousa muito duvidosa poder haver vitoria contra elles; que lhe diziam isto, porque sentiriam muito velo em algum trabalho. Afonso Dalboquerque lhes disse, que lhes agradecia muito o seu conselho, e que elle estava já determinado pera cometer aquelle feito; e ainda que o poder do Rey de Malaca fosse grande, que maior era o poder de Deos, por cuja Fé elles pelejavam; que lhes rogava muito que esperassem ali mais alguns dias, pera verem o fim que Malaca teria, e de tudo

o que passasse levarem novas ao Rey da China ; e que elle lhes mandaria dar huma galé, em que estivessem perto, donde haviam de desembarcar, pera verem o grande animo, com que os Portugueses cometiam a Cidade, e seu modo de pelejar. Os Chins fizeram o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, e pezando-lhes muito de elle não querer que o servissem naquella empreza, se foram pera as suas náos, e mandáram-lhe as barcas.

Afonso Dalboquerque, como se os Chins foram, mandou chamar todos os Capitães, Fidalgos, e gente nobre da Armada, e disse-lhes o que passára com elles, e como ficára afrontado de lhe dizerem, que haviam aquella empreza por duvidosa, e que pera se desafrontar determinava de cometer a Cidade, antes que se elles partissem pera a China, e fazer nella huma fortaleza da maneira que pudesse ser, com determinação de a suster, porque isto era o que mais compria ao serviço delRey seu Senhor ; porque não na fazendo, aproveitava pouco aventurar muito em a tomar, por Malaca ser escapula principal de todo o Mundo, e ali virem os Mouros de todas

as partes buscar as especiarias, principalmente os do Cairo, e de Méca; e todos os que viviam das portas do estreito pera dentro, que eram os que mais nojo faziam ao trato da India, e as náos de Portugal, que ali viessem, corriam muito risco de se perderem, senão fosse huma Armada muito grossa, provída de gente, e monições de guerra: que lhes pedia, que olhassem todas estas cousas, e determinadamente lhe dissessem o que faria, porque não lhes parecendo bem fazer-se fortaleza, não aventuraria a vida de hum grumete por quantos Mouros havia em Malaca. Os Capitães, depois de muitas práticas passadas sobre esta materia, disseram-lhe, que não tinham dúvida a ser serviço delRey fazer-se fortaleza em Malaca, pera se segurar o comercio daquellas partes, mas que isto havia de ser, tendo todas as cousas necessarias, pera em breve tempo se poder acabar; que o que havia de fazer era cometer a Cidade, e dar hum castigo ao Rey polo que tinha feito, e derribar-lhe aquella sua soberba; e se depois de tomada pudesse haver o necessario pera fazer fortaleza, que a fizesse, com tanto que se não

perdesse tempo de tornarem acudir á India. Afonso Dalboquerque pareceo-lhe bem isto que disseram os Capitães, e mandou-lhes que se fossem pera as náos, e estivessem prestes, que elle lhes mandaria dizer o dia em que determinasse de cometer a Cidade.

## CAPITULO XXII

*Como o grande Afonso Dalboquerque, dia de Sanctiago pela menhaã, cometeo a Cidade de Malaca, e o que nisso passou.*

Era o grande Afonso Dalboquerque tão devoto do Apostolo Sanctiago, que depois de estar assentado por todos que se cometesse a Cidade, andou dilatando este negocio alguns dias, pera no seu pôr mãos a esta obra, porque esperava que por seus rogos, e merecimentos lhe mostrasse Nosso Senhor a vitoria della, como fizera na tomada de Goa; e chegado o tempo, mandou chamar os Capitães, e disse-lhes, que elle determinava de cometer a Cidade ao outro dia, que era dia do Apostolo Sanctiago, e que era necessário, primeiro que

o fizessem, praticarem onde, e como haviam de desembarcar, porque cada hum soubesse o que havia de fazer. Os Capitães começáram a dizer o que lhes parecia; e porque houve diversos pareceres antre elles, que huns diziam, que se cometesse por huma parte, e outros por outra, quiz Afonso Dalboquerque, primeiro que se tomasse nenhuma determinação, que Ruy de Araujo, pela experiencia que tinha da terra, dissesse seu parecer. Ruy de Araujo disse, que lhe parecia que deviam de cometer a ponte primeiro que nenhuma outra cousa, porque ganhando-a, e fazendo-se fortes nella, ficavam os nossos antre a Cidade, e a povoação Dupe, e o poder do Rey repartido em duas partes, e huns não podiam socorrer aos outros, senão pela ponte, a qual cem homens com pequenas tranqueiras que nella tivessem, se defenderiam a toda a força dos Mouros que viesse; e cometendo a Cidade por outras partes, como alguns daquelles Senhores que ali estavam diziam, Malaca era tamanha, e tinha tanta gente do povo em si, que havia o negocio por muito duvidoso, e corriam todos risco de se perderem. Afonso Dalboquerque ou-

vido Ruy de Araujo, sem mais outras rezões, assentou no seu parecer, e ordenou logo os Capitães com sua gente em duas batalhas pera irem cometer a ponte. D. João de Lima, Gaspar de Paiva, Fernão Perez Dandrade, Sebastião de Miranda, Fernão Gomez de Lemos, Vasco Fernandez Coutinho, e James Teixeira com outros Fidalgos, e gente da Armada, desembarcassem da banda da mesquita, e que elle com Duarte da Silva, Jorge Nunes de Lião, Simão Dandrade, Aires Pereira, João de Sousa, Antonio Dabreu, Pero Dalpoem, Dinis Fernandez de Melo, Simão Martinz, Simão Afonso, e Nuno Vaz de Castelobranco com toda a outra mais gente desembarcariam da banda da Cidade, e que depois de entradas as estancias, huns, e outros acudissem ao meio da ponte, até verem a força dos imigos, e pera onde os inclinava o seu animo, porque em cousa que ainda não tinham visto, não lhes podia dar outra determinação senão esta, e que onde vissem a sua bandeira, ali acudissem todos. Ordenado isto, despedio os Capitães, que se fossem fazer prestes, e que ao outro dia em tocando huma trombeta viessem a

bordo da sua náo pera dali partirem. Afonso Dalboquerque, como foram duas horas ante menhaã, polos espertar, mandou tocar a trombeta, e elles se embarcáram logo com toda a mais gente, e vieram-se a bordo da sua náo, e feita a confissão geral, partíram todos juntos, e chegáram á boca do rio em amanhecendo, e cometêram a ponte cada batalha por onde lhe estava assinada. Os Mouros com a artilheria, que tinham nas estancias, começáram-lhes átirar, e com os espingardões feríram alguns dos nossos. Como a primeira furia da sua artilheria acabou, mandou o grande Afonso Dalboquerque tocar as trombetas, e em dizendo *Sanctiago,* foram todos apegados nas estancias da ponte, cada batalha em seu lugar, e de huma parte, e da outra acudíram infinidade de Mouros archeiros, e outros de lanças compridas, e pavezes Biscainhos, tangendo seus anafis, e trombetas, e por hum bom espaço pelejáram muito bem, e defendêram as estancias; mas os nossos, que eram daquella banda da mesquita, por força darmas os entráram, e a este tempo acudio o Rey de Malaca em hum Alifante, e seu filho em outro com força de gente,

e Alifantes armados com castelos de madeira, com muitos artificios dentro, e fez tornar os Mouros ás estancias que tinham deixadas. D. João de Lima, Fernão Perez Dandrade, e todos os outros, que eram naquella companhia, vendo o Rey, cobráram novas forças, e sem temor dos seus Alifantes, cometêram tão animosamente os Mouros, que foram logo em posse da mesquita, e o Rey se tirou atrás. Afonso Dalboquerque, que ficava da banda da Cidade com todos os outros Capitães, e gente, cometêram a ponte por aquella parte ; e posto que achassem grande resistencia, por ali acudir muita parte da gente, que viera com o Rey armada de muito boas armas, e muitos archeiros, e outros, que tiravam zarvatanas com setas ervadas, com que lhes feríram muita parte da sua gente, com tudo invejosos dos outros Capitães estarem já senhores da mesquita, e do cabo da ponte, cometêram aos Mouros tão ousadamente, que lhes entráram as estancias por força, e matáram muitos delles, e puzeram-nos em desbarato. Dos nossos foram feridos muitos, e alguns morrêram das setas de herva.

## CAPITULO XXIII

*De como Tuão Bandão Capitão do Rey de Malaca, vendo o desarranjo dos Mouros, os foi socorrer com hum corpo de gente, e o que nisso passou, e como o Rey foi fugindo, e os nossos o seguíram.*

Vendo Tuão Bandão Capitão do Rey de Malaca, o qual tinha huma estancia na ponte embandeirada de bandeiras das suas cores, o desarranjo dos Mouros, apartou-se com setecentos Jaos, e outros dous Capitães com elle, e foi acudir á ponte pela banda da Cidade, com determinação de dar nas costas dos nossos. Como Afonso Dalboquerque os vio vir por huma rua principal da Cidade, apartou de si João de Sousa, Antonio Dabreu, e Aires Pereira com a sua gente, que os fossem cometer, e elles o fizeram com tanta pressa, que antes que os Mouros chegassem ás estancias, puzeram as lanças nelles com tanto animo, que os fizeram tornar atrás. D. João de Lima, e os outros Capitães, que esta-

vam da banda da mesquita como víram os Mouros, acudíram a tomar-lhes a dianteira, e matáram logo ali alguns. Os outros como se víram atalhados de huma banda, e da outra, lançáram-se todos ao rio. Os marinheiros, que estavam nos bateis, acudíram logo, e matáram todos, que não ficou nenhum, sendo já morto o seu Capitão Tuão Bandão, e os dous Capitães, que com elle eram, e acabado isto, recolhêram-se ás estancias. D. João de Lima, e os outros, que eram na sua companhia, vendo, depois de estarem nas estancias, que o Rey se hia recolhendo por huma ladeira arriba, foram-no seguindo, e pelejando sempre com os Mouros. O Rey, e o filho, que hiam em cima de seus Alifantes, vendo-se apressados dos nossos, fizeram volta com dous mil homens, que levavam em sua companhia. Os Capitães os esperáram na boca de huma rua, e com muito esforço, e boa determinação puzeram as lanças nos Alifantes, que vinham na dianteira, e dizem que Fernão Gomez de Lemos foi o primeiro; e como os Alifantes soffrem mal serem feridos, volvêram o rosto atrás, e deram polos Mouros, e pu-

zeram-nos em desbarato. O Alifante, em que o Rey hia com a dor da morte, tomou o negro, que o mandava com a tromba, e dando grandes urros, o fez em pedaços, e o Rey se lançou fóra delle já ferido em huma mão, e por não ser conhecido se salvou; e elle, e seu filho, e o Rey de Pão seu genro, (que era vindo a Malaca havia poucos dias pera casar com huma sua filha,) se recolhêram pera o cabo da Cidade. Afonso Dalboquerque com a outra gente, entradas as estancias, foram seguindo os Mouros por huma rua, que vinha ter á ponte, e matáram muitos delles; e porque a gente da Cidade, que andava pelas ruas pelejando com os nossos, era muita, arreceando-se Afonso Dalboquerque que se desmandassem, felos recolher pera a ponte, e mandou fazer huma tranqueira da banda da Cidade, e deo cuidado della a Jorge Nunez de Lião, e a Nuno Vaz de Castelobranco, e que dali varejassem com a artilheria huma rua principal, que á ponte vinha ter. Como os Mouros isto víram, recolhêram-se ás outras ruas da Cidade, e vendo-se Afonso Dalboquerque desafogado delles, mandou fazer outra tranqueira

da banda da mesquita, que viesse do rio entestar nella, de maneira que a ponte ficava no meio, e em quanto se estas tranqueiras fazíam, mandou Gaspar de Paiva com cem homens, que como a viração começasse a ventar, puzesse fogo á Cidade daquella parte; e a Simão Martinz com outros cem homens, que o puzesse ás casas do Rey, que estavam da banda da mesquita. Como o fogo tomou posse de huma parte, e da outra, foi tão grande, que queimou grande parte da Cidade. Como os Mouros víram o fogo, arredáram-se longe da nossa gente. Queimou-se aqui huma casa de madeira mui grande, e mui bem lavrada de macenaria, que seria de trinta palmos em quadrado, toda cozida em ouro, a qual estava assentada sobre trinta rodas, cada huma tamanha como hum quarto, e tinha hum corucheo, que era o remate da casa, mui alto, cheio de bandeiras de seda, e ella toda emparamentada de pannos mui ricos de seda, porque havia de andar dentro nella o Rey de Pão com sua mulher, filha do Rey de Malaca, pela Cidade, com grandes tangeres, e festas, e em as casas do Rey; e outras por ali arredor, que se

queimáram, se queimou huma grande soma de mercadorias, e outras cousas muito ricas, que o Rey tinha nos seus Paços. E acabado isto, se recolhêram pera a ponte, onde os nossos estavam, e seriam duas horas depois do meio dia, e a gente ainda não tinha comido. Os Capitães, a que Afonso Dalboquerque tinha dado cuidado do fazer das estancias, foram-se a elle, e disseramlhe, que a gente de cansada, e por as calmas serem grandes hia já de muito má vontade ao trabalho, que seria bom conselho recolherem-se, e descançarem. Afonso Dalboquerque dissimulou com elles, porque desejava de acabar as tranqueiras, e dormir ali aquella noite; e porque tornáram outra vez com mais instancia a falar-lhe nisso, fez da necessidade virtude, e sendo já Sol posto, começou-se a recolher aos bateis. Os Mouros como os víram recolher, com os espingardões, frechas, e zarvatanas começáram a ferir alguns dos nossos, e com toda esta pressa mandou Afonso Dalboquerque recolher cincoenta bombardas grossas, que tinham tomado nas estancias da ponte, e como foram nas náos, mandou curar os feridos, que seriam setenta,

e dos feridos com herva não escapou nem hum, senão Fernão Gomez de Lemos, que em o ferindo foi logo queimado com toucinho, que depois de Deos lhe deo a vida.

## CAPITULO XXIV

*Como o Rey de Malaca, depois de os Portugueses serem recolhidos ás náos, tornou a refazer as estancias, e se fez forte na ponte: e do recado, que Utemutaraja mandou ao grande Afonso Dalboquerque.*

Recolhidos todos ás náos, mandou logo o Rey reformar todas as estancias, e fazelas mais fortes de que estavam, e poz nellas dobrada artilheria, da qual havia muita quantidade em Malaca, como adiante se dirá, e mandou atalhar a ponte com tranqueiras muito fortes, e em huma rua principal, que vinha da Cidade pera ella mandou fazer outras, e nellas poz muita artilheria, e da outra parte da mesquita fez outro tanto, e pela banda da praia, onde era o desembarcadouro, mandou lançar muitos abrolhos cheios de herva pera

encravar a nossa gente, quando sahisse em terra; e porque os Jaos, que era a principal gente que elle tinha, andavam descontentes de lhes não pagar, polos contentar, mandou-lhes pagar tudo o que lhes era devido de seu soldo, e tres meses dante mão, arreceando-se que Afonso Dalboquerque lhe tornasse outra vez a cometer a Cidade; e andando fortificando suas estancias, hum Jao, homem principal, que se chamava Utemutaraja, que vivia na povoação Dupe, o qual teria cinco, ou seis mil Jaos seus escravos, e de seus genros, e filhos, homem muito rico, e que tratava mui grossamente por todas as partes do Mundo, mandou hum presente de sandalos a Afonso Dalboquerque, e secretamente pedir-lhe seguro pera si, e pera toda aquella povoação, em que elle vivia, dizendo, que com elle queria ter paz, e amizade, e servir ElRey de Portugal naquella Cidade, em tudo o que elle pudesse. Afonso Dalboquerque aceitou sua amizade, e mandou-lhe o seguro, e por vezes algumas dadivas, trabalhando sempre polo ter da sua parte. E porque o concerto, que com elle tinha assentado, era, que não désse ne-

nhuma ajuda, nem favor ao Rey de Malaca, passados tres dias, mandou-lhe dizer, que lhe era dito, que depois de lhe ter mandado o seguro, ajudava o Rey com sua gente a fazer as estancias na ponte, que não era isto o que ambos tinham concertado, nem lei de amizade, favorecer seus imigos contra elle. Utemutaraja lhe respondeo, que era verdade, que elle dava alguma ajuda de gente ao Rey pera o fazer das estancias, mas que era pouca, e fazia isto por dissimular com elle, porque de outra maneira não poderia viver na terra alheia, se o assi não fizesse. E com tudo isto Afonso Dalboquerque não deixou de lhe guardar o seu seguro, e mandou aos Capitães, que em a sua povoação não tocassem, e não polo elle não ter melhor merecido que os outros, mas felo por ter menos imigos na Cidade. E assi deo a entender aos Mercadores Mouros estrangeiros, que elle não quizera mandar roubar a Cidade por amor delles; e porém que se se o Rey não quizesse descer da sua opinião, que elle não poderia ter a gente, tornando outra vez a cometer a Cidade, que a não destruissem. E dali por

diante os Mercadores eram os que aconselhavam ao Rey, que não quizesse guerra, e que se concertasse, e fizesse pazes com Afonso Dalboquerque; mas como o Rey estava já obstinado, não deo por seus conselhos, dizendo-lhe, que mui poucos dias havia que lhe aconselhavam o contrairo daquillo.

Afonso Dalboquerque, passados alguns dias, vendo que o Rey lhe não mandava recado, tendo já experimentado seu poder, e o esforço dos Portugueses, pezou-lhe, porque forçadamente lhe era necessario meter outra vez a gente no trabalho passado, por lhe acabar de amançar sua soberba, e não havia na terra maneira pera se fazer fortaleza, que era o seu principal intento, nem Ruy de Araujo não sabia dar rezão de nada, porque todo o tempo, que esteve cativo, estava fechado em huma casa. E por outra parte vio que deixando Malaca em poder dos Mouros, era total damno pera o trato da India, e das nossas náos; e com estas dúvidas, que lhe eram sempre presentes, não sabendo a sahida, que teria este feito de Malaca, poz tudo nas mãos de Nosso Senhor, porque este foi sempre

o melhor remedio, que achou em todas as cousas, e com esta confiança começou de dar ordem, e fazer-se prestes de algumas cousas, de que tinha necessidade, pera outra vez cometer a Cidade.

## CAPITULO XXV

*De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera tornar outra vez a cometer as estancias, que o Rey tinha feito na ponte: e como os Chins lhe pedíram licença pera se irem pera sua terra: e do Embaixador que com elles mandou ao Rey de Sião.*

Vendo o grande Afonso Dalboquerque, que o Rey pela pouca conta, em que tinha os Portugueses, (não tendo rezão pela experiencia que tinha tomada, o primeiro dia que cometêram a Cidade,) tornava outra vez a fazer estancias em a ponte com gente, e artilheria pera se defender, determinou com seu animo invencivel de o tornar a cometer, e quebrar-lhe sua soberba, e pera isto ordenou hum Junco

grande com muita gente, e artilheria, porque são navios muito alterosos, e ficava sobranceiro sobre a ponte, pera se os nossos valerem delle, e mais a seu salvo poderem cometer as estancias, que os Mouros tinham feitas: e fez Capitão do Junco Antonio Dabreu, e mandou-lhe, que ordenasse nelle aposentamento pera a gente, e mantimentos, e todas as mais cousas necessarias pera aquelle feito; porque vindo alguma grande chuva, se pudessem recolher a elle, e os mantimentos, de que tinha muita necessidade, se não perdessem; e pera guarda deste Junco mandou huma caravela, de que era Capitão Simão Afonso, e a galé grande, em que hia Duarte da Silva por Capitão, pera o revocarem; e prestes tudo isto, disse a Antonio Dabreu, que se fosse polo rio arriba, e passasse huma coroa de arêa, que estava antes de chegar á ponte, e que elle com toda a mais gente o iria seguindo; e porque o Junco demandava muita agua, e a não pode passar por serem aguas mortas, quiz Afonso Dalboquerque, por não perder mais tempo, mandar outro mais pequeno, e tambem não pode nadar, que lhe foi forçado esperar as

aguas vivas. O Rey de Malaca, como vio que o Junco não podia passar a coroa, e que todavia estava ali, e não se tornava pera trás, mandou quatro barcos cheios de lenha, breu, e azeite pera o queimarem, e em a maré começando a descer punham-lhe o fogo, e deixavam-nos ir ao som da agua pelo rio abaixo direitos ao Junco, e isto fizeram por nove noites contínuas. Vendo Afonso Dalboquerque a ordem em que se os Mouros punham pera lhe queimarem o Junco, mandou aos Capitães, repartidos cada noite, que fossem dormir junto delle nos bateis, e com goroupezes, e arpéos com cadeias de ferro desviassem os barcos, que vinham acezos, de maneira que se não queimasse o Junco, e elles ordenáram-se tambem que este ardil dos Mouros ficou em vão: e nesta detença, que se fez em esperarem pelas aguas vivas, mandou Afonso Dalboquerque aos ferreiros, que trouxera comsigo de Goa, que assentassem suas forjas, e começassem a concertar algumas armas, que estavam desconcertadas, e fizeram armazem pera as béstas, porque tinham muita necessidade delle, e ao Feitor da Armada que tivesse prestes

pipas, machados, enxadas, picões, e tudo o necessario, pera que ganhando-se a ponte, fizessem logo estancias nella, e que mandasse fazer mantas, pera que debaixo do emparo dellas andasse a nossa gente mais segura das bombardas dos imigos; e como tudo fosse acabado, e prestes, o fizesse embarcar nas barcas grandes dos Juncos que tomára; e porque Afonso Dalboquerque foi certificado, que o Rey determinava, tanto que a nossa gente desembarcasse, mandar muitas atalaias, muitas lancharas de noite queimar a nossa Armada, mandou a Pero Gonçalves Piloto mór, que com toda a gente do mar viesse dormir ás náos cada noite, e que elle mandaria ter boa vigia nelles, porque tendo algum rebate, o socorresse se fosse necessario.

Andando Afonso Dalboquerque ordenando todas estas cousas, os Capitães Chins foram a elle, e pedíram-lhe licença pera se irem, por quanto o tempo da sua moução era chegado, e que lhe pediam por mercê lha désse tambem, pera levarem huma pouca de pimenta, que tinham nas náos, de hum Mercador Mouro natural de Malaca,

de que tinham recebido muito boas obras; e elle por lhes fazer mercê lha deo, e mandou dar a todos os mantimentos, de que tivessem necessidade pera sua viagem, e fez-lhes mercê de algumas cousas, que ainda tinha de Portugal, e pedio-lhes, (pois se queriam ir,) que fizessem o caminho por Sião, porque queria mandar em sua companhia hum messageiro com cartas pera o Rey. Elles foram disso muito contentes, e prometêram-lhe de o apresentarem ao Rey, e tornarem com a reposta muito cedo, e louvarem-lhe muito o esforço dos Portugueses, e o pouco receio que tiveram no cometer das bombardas dos imigos. Afonso Dalboquerque fez logo prestes Duarte Fernandez, que fora cativo com Ruy de Araujo, e sabia muito bem a lingua, e por elle escreveo ao Rey de Sião o acontecido em Malaca, e que sua determinação era destruila, e fazer nella fortaleza, e lançar os Mouros fóra, que folgaria, que as gentes da sua terra viessem viver a ella. E que ElRey D. Manuel Rey de Portugal seu Senhor, por ser certificado que elle era Gentio, e não Mouro, lhe tinha muita afeição, e desejava de ter paz, e amizade com elle,

e lhe tinha mandado, que todas as náos, e gentes de seu Reyno, que quizessem ter trato em seus portos, lhe désse todos os seguros, que lhes fossem necessarios : E por este Duarte Fernandez lhe mandou huma espada das nossas, toda guarnecida de ouro, e de pedraria, feita ao nosso modo ; e despachado Duarte Fernandez, os Chins se partíram pera sua terra muito contentes de Afonso Dalboquerque.

## CAPITULO XXVI

*A fala, que o grande Afonso Dalboquerque fez aos Capitães, e gente da Armada pera outra vez cometer a Cidade, e o que nisso passou.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque todas as cousas prestes, que eram necessarias pera tornar a cometer a Cidade, foilhe dito, que havia alguns Capitães, que diziam, que lhe não parecia serviço del-Rey suster-se, nem fazer nella fortaleza. Advertido disto, mandou-os chamar á sua náo, e a todos os Fidalgos, e Cavaleiros

da Armada, e disse-lhes : *Senhores, bem sereis lembrados, que quando se assentou de cometermos esta Cidade, foi com determinação de se fazer fortaleza nella, porque assi pareceo a todos que era necessario, e depois de a ter tomada, eu a não quizera largar, e porque todos mo aconselhastes, a deixei, e me recolhi; e estando prestes como vedes, pera outra vez lhe tornar a pôr as mãos, soube que estaveis já doutro parecer, e isto não deve ser polos Mouros terem levado a melhor de nós, senão por meus peccados, que merecem não se acabar este feito como eu desejava; e porque minha vontade, e determinação he, em quanto for Governador da India, não pelejar, nem aventurar gente em terra, salvo naquelles lugares, em que houver de fazer fortaleza pera os suster, como vos já tenho dito: Peço-vos muito por mercê, que ainda que já estê assentado por todos que se faça, que de novo me deis livremente vossos pareceres por escrito do que devo fazer; porque como destas cousas hei de dar conta, e rezão de mim a ElRey D. Manuel Nosso Senhor, não quero eu só ser culpado nellas; E posto que haja muitas*

*rezões, que vos eu podia dar pera tomarmos esta Cidade, e fazermos fortaleza nella pera a suster, duas sós vos apresentarei aqui, por onde não deveis de tornar atrás do que tendes assentado. A primeira o grande serviço, que faremos a Nosso Senhor, em lançarmos os Mouros fóra desta terra, e atalharmos a este fogo da seita de Mafamede, que não passe mais daqui por diante; e eu espero nelle, que acabando nós isto, seja caminho pera os Mouros nos deixarem a India de todo, porque a maior parte delles, ou todos, vivem do trato desta terra, e são feitos grandes, ricos, e senhores de grande thesouro: e de crer he, que pois o Rey de Malaca, sendo já huma vez desbaratado, e tendo expermentado nossas forças, sem esperança de lhe vir socorro doutra parte, havendo dezaseis dias que isto he passado, não tenta ter negocio comnosco pera segurar seu estado, que Nosso Senhor lhe cerra o entendimento, e endurece seu coração, e quer que este feito de Malaca se acabe, pois cometendo nós o caminho do estreito, onde me ElRey por muitas vezes tinha mandado que fosse, (porque ali parecia a Sua Alteza que se podia atalhar*

*o comercio, que os Mouros do Cairo, de Méca, e de Judá tem nestas partes:) houve por seu serviço de nos trazer aqui, porque com se tomar Malaca ficam as partes do estreito çarradas, por onde elles nunca mais podem meter nenhumas especiarias.*

*E a outra rezão he o mais serviço, que faremos a ElRey D. Manuel em tomarmos esta Cidade, por ser fonte de todas as especiarias, e drogarias, que os Mouros daqui levam cada anno pera o estreito, sem lhas podermos defender, e cortando-lhes esta escapola tão antiga, não lhes fica nenhum porto, nem lugar tão commodo nestas partes, donde as possam haver; porque depois que estamos em posse da pimenta do Malabar, nunca mais o Cairo teve nenhuma, senão a que lhe os Mouros levavam destas partes, e quarenta, ou cincoenta náos, que cada anno daqui vão carregadas de todas as sortes de especiarias pera Méca, não se podem tolher sem grandes despezas, e grandes Armadas, que continuadamente he necessario andarem no golfão do cabo do Comorim: e a pimenta do Malabar, de que podem ter alguma esperança, por terem o Rey de Calicut da sua parte,*

*em nosso poder está, nos olhos do Governador da India, donde aos Mouros não podem levar tanto a seu salvo, como elles cuidam; e eu tenho por muito certo que tirando-lhes este trato de Malaca de suas mãos, que o Cairo, e Méca se percam de todo, e a Veneza não vá nenhuma especiaria, senão aquella, que a Portugal forem comprar. E se vos parece que por Malaca ser grande Cidade, e de muita gente, será trabalhosa de suster, nisto não deve de haver dúvida, porque ganhada a Cidade, tudo o demais do Reyno he tão pouca cousa, que não tem o Rey donde se possa reformar; e se arreceais, que tomando-se a Cidade faça grandes despezas, e polo tempo não haja onde se a nossa gente, e Armada possam prover, eu confio na misericordia de Deos, que senhoreada Malaca com huma boa fortaleza, se os Reys de Portugal tiverem nella quem a bem saiba governar, e grangear, que os direitos da terra paguem todas as despezas, que se nella fizerem; e se os Mercadores, que a ella sohiam de vir, acostumados a viver debaixo da tyrannia dos Malayos, gostarem da nossa justiça, e verdade, franqueza, e brandura, e virem os Re-*

*gimentos delRey D. Manuel Nosso Senhor, em que manda, que todos os seus vassalos nestas partes sejam mui bem tratados, eu me affirmo, que todos venham viver a ella, e façam as paredes das casas de ouro: e todas estas cousas, que vos aqui apresento, se çarram com esta chave de meia volta, que he fazermos fortaleza nesta Cidade de Malaca, e sustela, e esta terra ser senhoreada de Portugueses, e ElRey D. Manuel chamar-se verdadeiro Rey della, e por isso peço-vos por mercê que olheis bem a empreza que tendes nas mãos, e não na deixeis perder.* Acabado o grande Afonso Dalboquerque de fazer seu arrezoamento, como tenho dito, os que estavam no conselho tiveram antre si diversas opiniões por huma parte, e pela outra, e o fim que houve este conselho, foi, que os mais se tornáram affirmar, que era serviço delRey tomar-se a Cidade de Malaca, e lançar os Mouros fóra, e fazer fortaleza nella. Os outros foram de contraira opinião, e disseram, que não devia de cometer mais a Cidade, porque era cousa muito duvidosa acabar-se aquelle feito, e que bastava a vingança, que tinha tomado nos Mouros, do que fora feito a Diogo

Lopez de Sequeira, e á sua gente; e que ainda que houvesse todas as cousas necessarias pera se fazer fortaleza, não havia tempo pera se poder acabar, porque estavam já no começo da moução, e era forçado acudir á India, porque não sabiam o assento, que as cousas de Goa tinham tomado, depois de se partirem della. Vendo Afonso Dalboquerque estas differenças, que havia no conselho, foi-se com o parecer dos mais, e assentou de cometer a Cidade, e fazer-se forte nella; e todas as outras dúvidas, que se offereciam pela outra parte, polas nas mãos de Nosso Senhor Jesus Christo, porque elle ordenaria tudo como fosse seu serviço, e mandou fazer hum assento polo Secretario, em que elle assinou, e todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, que ali estavam.

## CAPITULO XXVII

*Como o grande Afonso Dalboquerque tornou a cometer a Cidade, como estava assentado: e como entrou a ponte por força de armas, e se fez forte nella.*

Tomado o parecer dos Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada por seus as-

sinados, como tenho dito, determinou o grande Afonso Dalboquerque de cometer a Cidade, e tomando-a, com ajuda de Nosso Senhor fazer-se forte nella; e porque os Mouros estavam bem apercebidos, e tinham ordenado melhor sua defensão, do que a tiveram a primeira vez que os nossos a entráram, assentou com todos os Capitães de cometer a ponte com toda a gente em huma batalha. Assentado isto, foram-se todos ás suas náos pera estarem prestes, esperando o dia, que havia de ser preamar de aguas vivas, pera o Junco poder chegar á ponte; e chegado este tempo, huma sesta feira, duas horas ante menhaã, mandou Afonso Dalboquerque, polos espertar, fazer o sinal, que lhe tinha dado, e elles como estavam já prestes, vieram-se a bordo da sua náo, e dali abaláram todos juntos em seus bateis; e sendo já Antonio Dabreu no Junco hum tiro de bésta da ponte, começáram-lhe os Mouros átirar de huma parte, e da outra com espingardões, zarvatanas, e setas ervadas, e com bombardas, que lançavam pelouros de chumbo tamanhos como de espera, vasavam o Junco de huma parte, e da outra; e como Antonio Dabreu não

buscava nelle lugar sadio pera remedio dos tiros que lhe tiravam, foi o primeiro, que feríram com hum pilouro de espingardão, que lhe deo pelas queixadas, e levou-lhe muitos dentes com parte da lingua. Afonso Dalboquerque, que hia no seu batel pegado com o Junco, vendo Antonio Dabreu ferido, mandou-lhe, mais por força que por sua vontade, que se fosse curar ás náos, e a Pero Dalpoem que se metesse nelle, e estivesse por Capitão até Antonio Dabreu ser são. Passada esta demora, que aqui tiveram, que foi pouca, tornáram outra vez a ir com o Junco diante, naquella ordem que levavam; e como abalroou a ponte, por ser muito alteroso, e ficar sobranceiro sobrella, como tenho dito, os Mouros não podendo sofrer o máo tratamento, que lhe os nossos faziam de cima da gavea com muitas panelas de polvora, lanças de arremeço, e espingardadas, fugíram, largando a ponte, e recolhêram-se ás estancias, que nella tinham de huma parte, e da outra. Afonso Dalboquerque, vendo que os Mouros se começavam a embaraçar, mandou aos Capitães que apertassem os bateis mais do remo, e todos juntos foram cometer as es-

tancias, como estava assentado ; e posto que achassem grande força de Mouros nellas, que lhas defendêram por hum bom espaço com muito esforço, com tudo foram entrados dos nossos, e desbaratados. Nesta entrada foi muita gente nossa ferida, e dous, ou tres mortos ; mas foi á custa de muitos Mouros, que ali morrêram : e vendo-se Afonso Dalboquerque senhor da ponte, deixou-se estar quedo com sua bandeira, e parte da gente, e mandou certos Capitães, que fossem ganhar a mesquita, e outros, que cometessem humas tranqueiras, que os Mouros tinham feitas na boca de huma rua, que vinha ter á ponte, e que huns, e outros não passassem dali sem seu certo recado. Chegados os Capitães ás tranqueiras, ainda que achassem alguma resistencia, ouveram-se tão valerosamente, que desbaratáram os Mouros, e foram em posse dellas. Os outros, a que coube em sorte cometerem a mesquita, como naquella estancia estava o Rey com muita gente, e Alifantes, deram-lhes muito trabalho, porque se defendêram tão esforçadamente, que durou hum bom espaço sem os poderem entrar. Afonso Dalboquerque, vendo da ponte o estado em que

os nossos estavam, foi-se a mais andar com toda a sua gente a dar-lhe costas ; e porque na boca de huma rua grande, que vinha ter á mesquita, onde elle estava, havia muitos Mouros, que ficavam nas costas de alguns Capitães, que hiam seguindo o Rey, que fugia com tres mil homens de padeses, deixou-se estar ali com sua bandeira, e gente, e mandou-lhes dizer que estivessem quedos, e se recolhessem pera onde elle estava, porque lhe ficavam muitos Mouros nas costas, e elles recolhêram-se logo, e depois de serem juntos, deixou Afonso Dalboquerque em guarda da mesquita, e estancias, Jorge Nunez de Lião, Nuno Vaz de Castelo-branco, James Teixeira, e Dinis Fernandez de Melo com alguma gente, e elle com a mais que ficava voltou sobre a ponte, e mandóu aos Capitães, que estavam de huma parte, e da outra, que se deixassem estar, e não travassem com os Mouros, ainda que os viessem cometer, até elle fortificar a ponte, e mandou quatro barcas grandes, que tinha com bombardas grossas, que se passassem da outra banda, e que varejassem o campo pera huma parte, e pera a outra, e fizessem arredar os Mouros de ma-

neira, que pudesse trabalhar a gente mais a seu salvo nas estancias; e ordenado isto, mandou tirar todas as monições que trazia no Junco, e começou-as; e como todos trabalhavam por vontade, em breve espaço fez duas tranqueiras muito fortes, huma da banda da Cidade, e outra da mesquita, com pipas cheas de terra, e madeira, e poz nellas muita artilheria, e mandou cubrir a ponte, e o Junco com ola, pera recolhimento da gente, porque o Sol era muito grande, e arreceava-se que com o trabalho adoecessem todos.

## CAPITULO XXVIII

*De como o grande Afonso Dalboquerque mandou socorrer os nossos, que estavam na boca da rua, que vinha ter á ponte: e como Utamutaraja, e Ninachatu, e outros Mercadores, vendo o desbarato da Cidade, se vieram meter em suas mãos.*

Andando o grande Afonso Dalboquerque nesta pressa de acabar de fortificar as estancias, que fazia na ponte, vendo que os Capitães, que elle tinha mandado que esti-

vessem nas bocas das ruas, por não sahirem de seu mandado, passavam muito trabalho, que lhe os Mouros davam, com bombardas que tinham postas nos terrados das suas casas, e com espingardas, com que lhe tiravam, mandou com muita pressa Gaspar de Paiva, Fernão Perez Dandrade, Pero Dalpoem, Antonio Dabreu, que já a este tempo estava bem da sua queixada, que lhe fossem acudir com a sua gente por huma rua da Cidade, e a D. João de Lima, Aires Pereira, Simão Dandrade, Simão Martinz, e Simão Afonso por outra, que vinham ter onde os Mouros estavam ás lançadas com os nossos, e fossem correndo toda a Cidade, e não dessem vida a nenhuma pessoa que achassem, e que elle lhes iria dando costas com sua bandeira real; e posto que os Mouros fossem muitos, os Capitães os cometêram tão valerosissimamente, que não podendo elles resistir á furia, com que os cometêram, voltáram as costas, e foram-se fugindo; e alguns, que foram mais apertados dos nossos, lançáram-se ao mar, cuidando que ali tinham sua salvação. Os Marinheiros, que Afonso Dalboquerque tinha mandado nos esquifes que andassem

pelo rio, acudíram logo, e matáram todos os que puderam alcançar; e sendo Sol posto, os Capitães se recolhêram á ponte, onde tinham já suas estancias muito fortes feitas de huma parte, e da outra, e Afonso Dalboquerque aposentou-se no meio, e estiveram toda aquella noite em vigia, e mandou aos Capitães das barcas, que estavam no rio, que toda a noite atirassem com as bombardas á Cidade, e a Pero Gonçalvez Piloto mór, que se fosse com toda a gente do mar dormir ás náos, e fizesse outro tanto, e nesta ordem estiveram toda aquella noite; e era cousa de espanto ver a Cidade, porque como os tiros eram muitos, parecia que ardia toda em fogo. Os Mouros espantados do improviso mal que viam, quando veio a menhaã não pareciam pelas ruas, e durou isto por espaço de dez dias contínuos, sem cessar de noite, nem de dia, e neste tempo sempre os nossos fizeram sangue nos Mouros, porque como a fome antre elles era grande, aventuravam-se a virem buscar mantimentos á Cidade, e ali deixavam as vidas; e vendo-se neste trabalho, com muito perigo de suas vidas, e sem remedio, começáram a vir alguns a pedir

misericordia a Afonso Dalboquerque; e os primeiros que vieram foram os Pégus, e elle os agazalhou muito bem, e deo-lhes seguro pera poderem navegar, e liberdade pera levarem suas fazendas, e assi o deo a todos os Mercadores do Cabo do Comorim pera dentro, que ali não tinham náos, pera dar sahida ás mercadorias, e começáram a ter trato, e navegação de suas terras pera Malaca, que era o principal intento porque o fazia. Utemutaraja, que atrás fica dito, que tinha seguro de Afonso Dalboquerque, vendo a destruição da Cidade, temendo-se que estivesse descontente delle, porque seu filho fora em ajuda do Rey contra os nossos, (ainda que bem no pagou, porque foi muito ferido, e muita gente da sua morta,) veio-se desculpar do que o filho tinha feito, mostrando folgar muito com a destruição do Rey: elle o recebeo benignamente, e com tudo mandou aos Capitães, que andassem sempre armados com toda sua gente, e a bom recado, porque se não fiava delle. Ruy de Araujo, lembrando-se das boas obras, que elle, e os outros Christãos tinham recebido de Ninachatu, Gentio de nação, em seu cativeiro, trou-

xe-o a Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que o favorecesse, e honrasse, porque lhe não podia pagar, o que lhe sempre fizera com outra cousa. Afonso Dalboquerque o agazalhou, e disse-lhe, que lhe prometia que antes que se partisse pera a India lhe pagasse o que Ruy de Araujo delle lhe dizia. Como se Afonso Dalboquerque vio mais desapressado dos rebates, que os Mouros de dia, e de noite lhe davam, e que na Cidade não havia gente, que lhe resistisse, pera remedio dos trabalhos passados, deo lugar a todos que saqueassem a Cidade, e escala franca de tudo o que tomassem, avisando-os que nas casas, nem nos gudões de Ninachatu não tocassem. Saqueada a Cidade, alguns Mercadores, que estavam fugidos por essas quintans, vendo o bom tratamento que se fizera a Ninachatu, mandáram pedir seguro a Afonso Dalboquerque pera se virem pera a Cidade, e elle o deo a todos, salvo aos Malayos naturaes da terra, porque a estes mandou que onde quer que os achassem os matassem todos.

Nesta segunda vez, que se tomou a Cidade, foram muitos dos nossos feridos, e alguns dos feridos com erva morrêram,

e toda a outra gente se remediou, porque Afonso Dalboquerque teve muito bom cuidado de os mandar curar, e dos Mouros, mulheres, e meninos morrêram a ferro infinidade delles, porque não se dava vida a ninguem. Tomáram-se tres mil tiros de artilheria, e destes seriam dous mil de metal, e hum tiro grande, que o Rey de Calicut mandára ao Rey de Malaca. Os outros eram de ferro da feição dos nossos berços, e toda esta artilheria com seus repairos, que lhe não fazia aventaje a de Portugal: Espingardões, zarvatanas de peçonha, arcos, frechas, laudeis de laminas, lanças da Jaoa, e outra diversidade de armas, foi cousa de espanto o que se tomou, a fóra muitas mercadorias de toda a sorte. Tudo isto, e o mais que deixo por não ser proluxo, mandou Afonso Dalboquerque repartir polos Capitães, e por toda a gente da Armada, sem tomar pera si mais que seis liões grandes de metal, que trazia pera a sua sepultura: e a manilha, que tenho dito, e humas meninas de todas as nações daquella terra, e alguns brincos, que tudo trazia pera mandar a ElRey D. Manuel, e á Rainha D. Maria, perdeo-se na náo Flor de la

mar, tornando pera a India, como adiante se dirá. Não se espante quem ler esta escritura, de dizer que em Malaca se tomáram tres mil tiros de artilheria, porque diziam Ruy de Araujo, e Ninachatu a Afonso Dalboquerque, que em Malaca havia oito mil, e póde-se isto crer por duas rezões: a primeira, porque em Malaca havia muito cobre, e muito estanho, e tão bons fundidores como em Alemanha: a outra, que a Cidade era huma legua de comprido, e quando Afonso Dalboquerque desembarcou, lhe atiravam de todas as partes, por onde parece que ainda era pouca pera a que havia mister pera se defender.

## CAPITULO XXIX

*De como depois do principe de Malaca ser apartado de seu pai, se veio ao rio de Muar, e se fez forte nelle com muitas estacadas, e o grande Afonso Dalboquerque mandou gente sobrelle, e o desbaratáram.*

Desejando o grande Afonso Dalboquerque que Malaca tomasse assento, determinou de fazer Ninachatu, por ser Gentio,

Governador dos Quilins, e Chetins ; e pera assegurar os Mouros, fez cabeça principal delles a Utemutaraja, e com estes dous homens, por serem pessoas principaes na terra, se começou o povo a socegar, e os Mercadores poucos, e poucos se tornáram pera a Cidade, e com tudo isto não se havia Afonso Dalboquerque por muito seguro delles, principalmente de Utemutaraja, e por se tirar desta suspeita, trabalhava o que podia por haver o Rey ás mãos, e pera isto mandou muitos bateis pelo rio acima, e ao longo da costa, a ver se lho podiam tomar. O Rey com estes rebates, que cada dia lhe davam, e com saber o desejo, que Afonso Dalboquerque tinha de o tomarem, arreceando que os seus o entregassem, afastou-se da Cidade hum dia dandadura, e levou comsigo alguns Mercadores Malayos, e os seus Capitães, e Governadores da terra, fazendo fundamento de andar esperando por ali o seu Lassamane Almirante do mar, que tinha mandado á Ilha de Lingá, pera lhe trazer huma grossa Armada com muita gente, e em sua companhia o Rey daquella Ilha, que se chamava Rajalingá, que era seu vassalo, com

determinação de tornar sobre a Cidade, o que não houve effeito; porque o Rajalingá, sabendo que Afonso Dalboquerque estava em posse da Cidade, não ousou de vir, e o Rey de Malaca parecendo-lhe que o fundamento de Afonso Dalboquerque era roubar a Cidade, e deixala, e ir-se com o despojo que nella tomasse, deixou-se andar por ali por espaço de dez dias, esperando o fim que havia de ter este negocio; e como soube que elle começava assentar huma fortaleza de madeira pera se recolher nella, e desenhava querer fazer assento em Malaca com determinação de a suster, atemorizado desta nova, não se havendo por seguro ali onde estava, foi-se polo sertão dentro dous dias dandadura; e porque antre elles havia muita falta de mantimentos, e a gente perecia, apartou-se o Principe de seu pai, e foi-se fazer seu assento perto do rio, e ali ordenou humas estacadas muito fortes, e atalhou o rio com muita madeira, porque os nossos bateis não pudessem lá passar. Advertido Afonso Dalboquerque, que o Principe de Malaca se fazia forte no rio, mandou Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmão, Gaspar de Paiva,

Francisco Sarram, Aires Pereira, Ruy de Araujo, e Jorge Nunez de Lião com quatrocentos homens Portugueses, e seiscentos Jaos, que deo Utemutaraja, e os Capitães Pégus com trezentos seus, que fossem em bateis, e lancharas polo rio acima, e desfizessem aquella ladroeira, que se ali começava a fazer, e elles foram; e chegando á estacada, que o Principe tinha feita, começáram-na arrancar com engenhos, que pera isso levavam, e como a tiveram arrancada, foram-lhes cometer as estancias. O Principe como vio a Armada, e a determinação com que vinha, sem haver resistencia nenhuma alevantou seu arraial, e fugio pera onde o Rey estava, que era dali hum dia de andadura, e os nossos entráram de roldão nos seus paços, e tomáram-lhe tudo o que ali tinha, que não pode levar, e seus andores muito ricos dourados, e pintados, e sete Alifantes com seus castelos, e sellas, e com esta vitoria se tornáram pera a Cidade. O Principe chegado aonde o Rey seu pai estava, houve differenças antre elles sobre a perda de Malaca, e cada hum tirava a culpa de si pela dar ao outro, de maneira, que desconcertados por isso, e tambem

por a fome os perseguir, apartáram-se, e fizeram seu caminho pera o Reyno de Pão, por terra deserta, e apaulada em cima de Alifantes, com suas mulheres, e filhos, com cincoenta homens, que levavam em sua companhia por força.

## CAPITULO XXX

*De como o Rey de Malaca, depois de lhe os Portugueses terem ganhado a Cidade, se recolheo ao Reyno de Pão, e mandou hum Embaixador ao Rey da China, pedindo-lhe socorro.*

Chegado o Rey de Malaca ao Reyno de Pão, vendo-se sem nenhum remedio, determinou de mandar hum Embaixador ao Rey da China, pedindo-lhe socorro pera tornar a cobrar a Cidade que tinha perdida, obrigando-o pera o nisto favorecer a amizade antiga, que os Reys de Malaca tiveram sempre com os da China, e a obediencia, que como seus vassalos lhe tinham; e pera mais autorizar esta embaixada, quiz que fosse a este negocio hum seu tio, que

se chamava Tuão Nacem Mudaliar, em quem confiava muito, o qual depois de ser despachado, se veio embarcar ao rio de Muar, donde se partio em hum Junco com sua mulher acompanhado de alguns Mouros seus criados ; e chegado á Cidade de Cantão, que he o porto da China, onde todos os que navegam pera aquellas partes vam portar, os Governadores della polo costume antigo que tem, mandáram logo hum messageiro ao Rey, que estava dali cento e oitenta leguas polo sertão, fazendo-lhe a saber a chegada do Embaixador do Rey de Malaca, que mandasse o que queria que se nisso fizesse, porque o costume da China he, que nenhum Estrangeiro póde passar daquelle porto, nem ir ao Rey sem sua licença. O messageiro, que os Governadores mandáram, chegou á Cidade de Pequim, onde elle estava, e tardou na jornada dous mezes, e tornou com recado aos Governadores, que deixassem passar o Embaixador com a companhia que trazia, e que lhe dessem tudo o que lhe fosse necessario pera seu caminho. O Embaixador como teve este recado, fez-se logo prestes, e partio-se com sua mulher caminho da Corte,

e foi sempre caminhando ao longo de hum rio, onde havia mui nobres Cidades, e mui sumptuosos edificios, de que não trato, porque não convem a esta historia. Chegado o Embaixador á Corte, foi muito bem recebido de todos os Senhores, e Governadores da terra; e passados alguns dias, quilo o Rey ouvir em pessoa, posto que este não era o seu costume, porque ninguem o vê, e correm os negocios por homens, que governam a terra. E depois de lhe o Embaixador fazer sua cortezia ao modo, e costume dos Chins, lançou-se aos seus pés, e com muitas lagrimas lhe pedio, que quizesse ajudar o Rey seu Senhor naquelle trabalho em que estava, porque nelle tinha toda sua confiança. O Rey o mandou alevantar, e disse-lhe, que lhe contasse o negocio como passára; elle lho contou, porque a tudo fora presente, e disse-lhe, que o Rey seu Senhor, depois de desbaratado, se recolhêra ao Reyno de Pão, e ali ficava esperando que elle o favorecesse, e ajudasse com gente, e Armada, pera se tornar a empossar do Reyno, e vingar-se das afrontas, que o Capitão delRey de Portugal lhe tinha feitas. E posto que o Rey da China

tinha já sabido polos Chins, que vieram de Malaca, tudo o que passára, folgou de ouvir o Embaixador, e muito particularmente lhe perguntou pela pessoa, e authoridade do grande Afonso Dalboquerque, e os Portugueses que homens eram, e o modo que tinham no pelejar. O Embaixador como era homem discreto, deo-lhe muito boa rezão de tudo, de que ficou muito satisfeito. Passadas estas práticas, disse-lhe o Rey, que se fosse agazalhar, que elle o despacharia, e faria tudo o que pudesse, e não lhe quiz dar palavra de o ajudar, porque sua tenção, e desejos eram ter amizade com ElRey de Portugal, e com o seu Capitão Afonso Dalboquerque, e mandalo visitar, assi pelas grandes novas que tinha de sua pessoa, como tambem polo bom tratamento, que fizera aos Chins, que achára no porto de Malaca, e desejar de ter comercio na sua terra; e ajudou muito a isto as queixas, que os Mercadores Chins tinham das tyrannias, que o Rey de Malaca lhe fizera em suas mercadorias, os dias que estiveram na terra. O Embaixador andou muito tempo na Corte sem poder haver despacho, e neste tempo lhe morreo sua mulher; e passa-

dos alguns dias, respondeo-lhe por seus Officiaes, escusando-se do socorro que lhe pedia, dandolhe suas rezões pera o não poder fazer, e a principal era a guerra, que tinha com os Tartaros. O Embaixador com esta reposta se partio logo, e chegando á Cidade Janquileu, vendo-se mal despachado, e sua mulher morta, de pura paixão faleceo, e mandou fazer huma capela pera seu enterramento no arrabalde da Cidade, em que jaz enterrado em huma sepultura cercada de grades de latão, na qual mandou pôr hum letreiro, que diz: *Aqui jaz Tuão Nacem Embaixador, e tio do grande Rey de Malaca, a quem a morte levou primeiro que se vingasse do Capitão Alboquerque, lião dos roubos do mar.*

## CAPITULO XXXI

*De como o Rey de Malaca chegado ao Reyno de Pão, faleceo: e como o grande Afonso Dalboquerque começou a fortaleza, e o letreiro, que poz na porta depois de acabada, e o que nisso passou.*

Como os trabalhos hiam seguindo este pobre Rey de Malaca, não se contentando

a fortuna de o pôr em estado de perder sua Cidade, mulher, filhos, e gente, descontente, e anojado desta perda, chegando ao Reyno de Pão, dahi a poucos dias faleceo. Morto o Rey, todos os Mouros honrados, que o seguiam, se espalháram por esses matos, e dahi a alguns dias vieram buscar a ribeira do mar, e mandáram pedir licença a Afonso Dalboquerque pera se tornarem pera a Cidade, e a alguns delles, que eram homens principaes, a deo, porque houve por mais seguro telos dentro da Cidade, que andarem por fóra fazendo ajuntamentos, e amotinando os Mercadores, que não viessem ao porto, e mandou aos Jaos que se ajuntassem, e corressem a terra, e trouxessem prezos todos os Malayos, que achassem por esses matos, pera servirem na obra da fortaleza, que queria começar ; e se antre estes se achava algum, que conhecidamente fora culpado em a morte da gente de Diogo Lopez de Sequeira, mandava Afonso Dalboquerque fazer justiça delle, e aos outros com bragas de ferro que servissem na obra, e em companhia destes lhe trouxeram mil e quinhentos escravos, que foram do Rey, com suas mu-

lheres, e filhos, e todos tomou por cativos delRey D. Manuel, assi como eram do Rey de Malaca, e mandou-lhes dar seu mantimento, e ordenado, quando trabalhavam na obra, segundo o costume que tinham ; e quando não eram necessarios pera servirem, ganhavam pera si, porque desta maneira eram obrigados a servir o Rey ; e como teve isto ordenado, mandou desembarcar a fortaleza de madeira que trazia, pera recolhimento da gente, que havia de trabalhar na obra, e fazer prestes cal, pedra, cantaria pera se começar ; e posto que Ruy de Araujo nunca deo esperança de se poder achar pedra pera fazer fortaleza, como a vontade de Nosso Senhor era, que os Portugueses fizessem assento naquella Cidade, e que o seu nome fosse ali louvado, achou-se tanta pedra, e cantaria em humas sepulturas antigas dos Reys passados, que estavam em o campo debaixo do chão, e de mesquitas que derribáram, que se puderam fazer duas fortalezas ; e como houve copia de achegas pera começarem a obra, e muitos servidores, mandou Afonso Dalboquerque abrir alicerces, e fundou-se huma fortaleza muito forte, entulhada huma lança

darmas de alto, porque o sitio o demandava, com dous poços de muito boa agua dentro pera beber, que ali estavam feitos de cantaria lavrada; e porque a nossa gente, que na fortaleza estivesse, pudesse recolher socorro, se lhe fosse necessario cada vez que quizesse, sem lho os imigos poderem tolher, fundou-se huma torre de menagem de quatro sobrados ao longo do mar, pera que tambem do alto della pudessem com artilheria defender hum outeiro, que a fortaleza tem sobre si por padrasto. E porque póde ser que alguns, que lerem esta historia, reprovem fazer-se fortaleza em terra de imigos com tal defeito, responde-se, que lhe sofreo Afonso Dalboquerque o padrasto, por não haver em toda a Cidade lugar mais acommodado pera segurança do Capitão, e gente, que nella ficasse, porque ao longo desta torre podia chegar huma náo nossa de duzentos toneis, cada vez que quizessem, e puzeram nome a esta fortaleza a *Famosa;* e segundo tenho por informação de muitas pessoas, que a víram, parece que lhe convem muito, e não digo suas particularidades por ser muito frequentada dos nossos Portuguezes; e porque Afonso Dal-

boquerque era muito devoto de Nossa Senhora, mandou fazer huma Igreja, a que poz nome *Nossa Senhora da Annunciada;* e pera que ficasse memoria pera sempre das pessoas, que foram na conquista deste Reyno, e fundação da fortaleza, mandou fazer huma pedra muito grande, em que se escrevêram os nomes de todos os principaes; e como a natureza dos Portugueses he serem invejosos de honra, não sofrêram a Afonso Dalboquerque que se fizesse mais conta de huns, que de outros, pois todos foram iguaes no trabalho, e conquista daquella Cidade, e elle polos não descontentar, nem tornar atrás com o que tinha feito, mandou assentar a pedra sobre a porta, com os nomes virados pera dentro, e nas costas della aquelle verso de David, que diz: *Lapidem, quem reprobaverunt edificantes.*

## CAPITULO XXXII

*Como o grande Afonso Dalboquerque, a requerimento dos Governadores, e povo da Cidade, mandou lavrar moeda: e dos preços della, e do mais que se nisso fez.*

Estando as cousas de Malaca neste estado, veio-se Ninachatu ao grande Afonso Dalboquerque com os Governadores da terra, e disseram-lhe, que o povo passava grande trabalho, por não haver moeda, que lhe pediam por mercê a mandasse fazer; e posto que elle havia já dias que o desejava, como a obra da fortaleza o trouxesse muito occupado, deixava isto pera outro tempo, em que tivesse menos occupação; e porque a necessidade que lhe apresentavam era muita, e o povo se não podia remediar sem moeda, quiz logo entender nisso: assi por ser insignea Real delRey D. Manuel, e de sua vitoria, em Reyno ganhado de novo, de que elle era direito Rey, como tambem por apagar a moeda dos Mouros, e lançar suas prantas, e nome fóra da terra. Determinado isto, mandou

chamar todos os Mercadores, Governadores, e Principaes homens da Cidade, e pozlhes em prática o que lhe tinham pedido; e depois de haver muitas differenças antre elles, assentáram com o parecer de todos os Capitães, que estavam presentes, que se fizesse moeda, e de dous caixes, que era moeda de estanho do Rey de Malaca, se fizesse huma moeda com a espera delRey D. Manuel, a que puzeram nome dinheiro; e outra mais grossa, que tinha dez dinheiros, puzeram nome soldo; e outras, que pezavam dez soldos, puzeram nome bastardos; e toda esta moeda era de estanho, que nasce na terra de Malaca, e estas minas fez Afonso Dalboquerque direitos reaes delRey de Portugal; e porque em Malaca não havia moeda de ouro, nem de prata, e corria a troco de outras mercadorias, assentáram que se fizesse; e depois de passarem muitas práticas sobre a valia que teria, pareceo a todos bem que a moeda douro pezasse hum quarto de tundiá, que tem de valia mil reis antre nós, a que puzeram nome Catholico, e a de prata pareceo bem aos Mercadores que fosse da de Pegú, que he pouco menos que a de Castelete, e

sobre isso houve algumas rezões por huma parte, e pela outra; e Afonso Dalboquerque assentou que fosse prata mercadoura, porque querendo os Reys de Portugal mandala por mercadoria a Malaca, pela muita valia que tem, o pudessem fazer. Os Mercadores, posto que esta valia da prata fosse em seu prejuizo, foram com o parecer de Afonso Dalboquerque, e assentáram, que a moeda de prata se chamasse Malaqueses, e que tivesse o mesmo preço de quarto de tundia; e porque a moeda dos Mouros fosse logo apagada de todo, principalmente a de estanho, que era mais commua na terra, mandou Afonso Dalboquerque assentar huma casa de fazer moeda, e que todos os Mouros, que a tivessem do Rey de Malaca, a levassem logo ali sob pena de morte; e veio tanta quantidade della por medo da pena que lhes era posta, que os officiaes não se podiam valer com o despacho, e em breve tempo se lavrou huma grande quantidade de prata, ouro, e estanho. Afonso Dalboquerque como soube dos officiaes a copia da moeda que tinham, mandou chamar os Governadores da terra, e dissełhes, que elle tinha mandado lavrar muita

somma de moeda, como todos tinham assentado, e que era necessario mandar-se apregoar por toda a Cidade com aquella solemnidade, que convinha ao estado del-Rey D. Manuel seu Senhor. Os Governadores assentáram que ao outro dia pela menhaã se apregoasse, e ajuntáram-se todos os principaes do povo, e vieram-se á fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estava com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada, e dali começáram a caminhar nesta ordem. Hia diante de todo o povo hum dos principaes Governadores da Cidade em cima de hum Alifante com seu castelo emparamentado de seda, e levava nas mãos huma bandeira das armas delRey de Portugal em huma áste comprida, e apôs elle hia todo o povo a pé de huma parte, e da outra como em procissão, e no meio desta gente hia hum Mouro em cima doutro Alifante, emparamentado tambem de seda, dando os pregões, e apôs elle as trombetas, e atrás dellas os Governadores da Cidade, e todos os Mercadores, e principaes homens della, e no couce desta gente hiam Antonio de Sousa filho de João de Sousa de Santarem, e o filho de Nina-

chatu ambos juntos em hum Alifante grande, que fora da pessoa do Rey, com seu castelo emparamentado de pannos de brocado, e levavam comsigo muita somma de moeda de ouro, prata, e estanho, que lançavam por cima de todo o povo, a cada pregão que o Mouro dava, o qual era tanto que não cabia pelas ruas, e com muitos cantares, e tangeres á sua usansa, davam grandes louvores a Afonso Dalboquerque pela mandar fazer por conselho, e parecer de seus naturaes, e com esta ordem foram caminhando por toda a Cidade. Acabado de se apregoar a moeda, pedíram os Pegús licença a Afonso Dalboquerque pera se irem pera sua terra, e elle lha deo, e lhe fez muita honra, e mercê, de que foram muito contentes, e lhe deram grandes agradecimentos pelo que lhes fizera, quando se saqueou a Cidade, em não consentir que suas casas, e mercadorias fossem roubadas, e não importou tão pouco, que não valesse oitenta mil miticaes de ouro, a fóra o que elles tinham escondido em ouro, e prata. Despedidos de Afonso Dalboquerque, partíram-se, prometendo-lhe que muito cedo tornariam áquelle porto com muitas

mercadorias, e se trabalhariam por lhe trazer hum Junco muito grande, que se lá fazia pera o Rey de Malaca, e ficou ali hum filho do Piloto, mancebo gentil homem com cem Pegús, e aprendeo a nossa lingua Portuguesa; e era tão curioso de ver cousas, que a principal porque ficou, foi pera ver a nossa fortaleza acabada, e sempre trabalhou na obra della com a sua gente, a que Afonso Dalboquerque mandou pagar mui bem seu trabalho. Este ouro, que acima disse que vinha a Malaca, o mais delle vem de huma mina de Menamcabo, que he na ponta da Ilha de Samatra da banda do Sul, fronteira a Malaca, navegação de seis dias, e tambem vem do Reyno de Pão, e em todas as Ilhas derredor de Malaca ha ouro, mas pouco; tambem o trazem os Gores, e Chins. A prata vem do Reyno de Sião, e do Reyno de Pegú, onde ha muitas minas della, e tão fina como a de Castelete.

## CAPITULO XXXIII

*De como os Mercadores, e todos os Mouros honrados da Cidade se aqueixáram ao grande Afonso Dalboquerque das tyrannias, que Utemutaraja fazia na terra, e como tinha em seu poder todos os mantimentos, e de outras muitas cousas que fazia.*

Passados alguns dias, depois da fortaleza ser posta em altura pera se poder defender dos imigos, vieram por algumas vezes dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que Utemutaraja andava em concerto com o Rey Alaoadim, que sucedia no Reyno por morte do Rey Mahamet seu pai, que morrêra em Pão, como atrás fica dito, pera se alevantarem ambos contra os nossos; e pera mais certeza deste negocio, deramlhe huma carta, que Utemutaraja escrevêra ao Rey, e a reposta della. A substancia da carta era desculpar-se Utemutaraja ao Rey da amizade, que tinha com Afonso Dalboquerque, e estar á sua obediencia, dando pera isso muitas rezões, e desculpas,

offerecendo-lhe nella sua pessoa, e gente pera o ajudar, determinando de cometer a Cidade de Malaca, com toda sua casa, e fazenda, parentes, e amigos, fazendo-lhe este negocio muito facil, pela pouca gente que havia nossa. Afonso Dalboquerque guardou isto em si, sem dar conta a ninguem, e mostrou-lhe dali por diante muito boa vontade, o qual com este favor, que elle sentia, cuidando que não era sabedor da treição em que andava, começou-se a desavergonhar hum pouco no governo da terra, e deo lugar aos Mouros, que viviam na sua povoação Dupe, que usassem da sua moeda, e que a nossa não corresse; e posto que elle estivesse presente, quando se assentou que se lavrasse, como pessoa principal, com tudo elle, nem seus filhos, netos, nem parentes não no quizeram ser a apregoar della; pelo que se Afonso Dalboquerque não houve por muito seguro na sua amizade, e começou-se a recatar delle, e aplacou os Mouros dos queixumes, com que lhe vinham cada dia dos roubos que lhes fazia, o qual trazia sempre a sua gente polo campo em quadrilhas, roubando o povo, que com o seguro de Afonso Dal-

boquerque se tornava pera a Cidade; e não contente disto, mandou tomar todos os escravos do Rey, e de seus Mandarijs, e de Mercadores, e começou-se a impossar pela terra dentro de algumas quintans, que ficáram dos Governadores de Malaca, que fugíram com o Rey, sem haver remedio de querer largar nenhuma destas cousas que tinha tomadas; e porque os Mercadores, e povo da Cidade se tornáram a queixar a Afonso Dalboquerque, e que tinha atravessado todos os arrozes que eram vindos, e não consentia que nenhum Mercador os comprasse, polos ter todos na sua mão, e que por esta causa havia muita falta de mantimentos, mandou-lhe Afonso Dalboquerque dizer por Ruy de Araujo, dissimulando com elle, que alguns Mercadores se queixavam do máo governo da terra, e que seria sem rezão, por quão máos eram de contentar, que lhe rogava muito, que mandasse olhar por isso; e ficou elle tão pouco emendado disto, que lhe Afonso Dalboquerque mandou dizer, que andando na sua povoação Dupe hum Naire, que se tornou Christão, que era homem do Meirinho, o mandou prender; e dizendo-lhe o Meirinho com

palavras muito brandas, que olhasse o que fazia, porque aquelle homem era Christão, e não da sua jurdição, e que se alguma cousa tinha feito, que o fosse dizer a Afonso Dalboquerque, que o mandaria castigar muito bem, não lhe respondeo nada, nem lhe deo o Naire, e dali por diante começou a fazer tranqueiras fortes, cercadas de cava ao redor em Dupe. Vendo Ruy de Araujo estes desavergonhamentos de Utemutaraja, foi-se a Afonso Dalboquerque, e contou-lhe todas estas cousas, que eram passadas, não cuidando que elle as sabia, e disse-lhe, que se não apagasse aquelle Jao de todo, que soubesse certo que depois de sua partida pera a India havia de dar muito trabalho á fortaleza, e á gente que nella ficasse; e este mesmo requerimento lhe fizeram os Mercadores, pedindo-lhe mui afincadamente que se não partisse de Malaca, sem deixar primeiro fóra della Utemutaraja, porque era tredor, e máo homem, e sempre andára em divisão com o Rey passado, e tentára algumas vezes levantar-se contra elle, e que elles não ousavam de ficar na terra, se Utemutaraja nella ficasse, dando pera isso

mui boas rezões, assi por ser homem velho, e mui antigo, e acreditado naquella terra, como tambem por ter muitos filhos, e netos, e ser muito rico, e ter muita gente; e além destas rezões todas, que lhe os Mercadores deram, tinha Afonso Dalboquerque sabido, que a principal cousa, por que este Jao andava nestes tratos, era, porque não podia sofrer que os Quilins, e Chitins, que eram Gentios, fossem fóra da sua jurdição, e tivessem Governador, e justiça apartada por si, que era Ninachatu que os regia, e governava segundo suas gentilidades, e costumes : e ajuntou-se tambem a isto favorecer Afonso Dalboquerque muito os Mercadores Gentios, por serem homens de muito trato, e mais ricos, e de maiores fazendas que os Mouros, e em que jazia todo o trato, e negocio de Malaca, e obrigavam-se a fazerem vir de Choramandel seiscentas casas dos mais ricos homens da terra viver a Malaca; e este favor, que elle fazia aos Gentios, e o muito que trabalhava por desarreigar os Mouros de Malaca, fez com que Utemutaraja se confederasse com o Rey Alaoadim pera se alevantarem contra os nossos.

## CAPITULO XXXIV

*De como o grande Afonso Dalboquerque, pela certeza que teve da treição, que Utemutaraja lhe ordenava, e outras cousas que fazia, determinou de o prender, e a seu filho, e genro: e o mais que nisso fez, e o que passou com sua mulher.*

Vendo o grande Afonso Dalboquerque a conjuração, em que Utemutaraja andava com o Rey Alaoadim pera se alevantar contra elle, e como tinha recolhido todos os arrozes, que era o principal mantimento da Cidade, arreceando de o obrigar este negocio a muito, se com elle mais dissimulasse, determinou de o prender, e a seu filho, e genro, e neto, e por algumas vezes os mandou chamar pera se aconselhar com elles sobre o governo da terra, e sempre se escusáram, sem quererem vir a seu chamado, de que se Afonso Dalboquerque começou a enfadar mais delles, e com tudo dissimulou sempre; e chegando-se sua partida pera a India, vendo que não podia acabar este feito, senão por alguma

manha, dissimuladamente disse a Cojeabrahem, (hum Mouro Persio de nação, que era grande amigo de Utemutaraja, e andava em requerimento com elle, que lhe désse o officio de Quitoal: que elle tinha assentado de não dar os officios da Cidade sem conselho, e parecer dos principaes homens della, que os chamasse todos, e sendo disso contentes, que perante elles lho daria. Cojeabrahem, porque isto era o que elle desejava, teve tal maneira que os ajuntou, e trouxe-os á fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estava com todos os Capitães; e como foram dentro, sem mais ter nenhuma prática com elles, mandou-lhes tomar as armas, que tinham, e a Ruy de Araujo, que perante todos lhes lesse huns capitulos, que tinha contra Utemutaraja, e seu filho, genro, e neto, de muitas cousas, que tinham feitas contra o serviço delRey D. Manuel seu Senhor, e a carta, que escrevêra ao Rey Alaoadim. Utemutaraja confessou alguns dos capitulos, e outros negou; e quanto á carta, que era verdade que elle a escrevêra, mas que sua tenção não era alevantar-se contra elle, senão haver o Rey ás mãos pera lho entregar;

e que quanto aos arrozes, que diziam que tinha em sua mão, que elle os comprára pera ganhar nelles, porque esse era o officio de que vivia, e não pera nenhum outro máo fim: que aquillo eram cousas, que lhe os Gentios assacavam, porque lhe queriam mal por lhes não consentir suas ladroices. Passadas estas práticas, mandou-os meter todos quatro em hum sotão da torre da menagem, e ter boa guarda nelles, e derribar as tranqueiras, e atopir as cavas, que Utemutaraja na sua povoação tinha feitas; e a Pero Dalpoem, que servia de Ouvidor, que entendesse logo judicialmente em seu feito, guardando-lhe inteiramente sua justiça. Como os Mercadores, e Principaes da Cidade souberam que Afonso Dalboquerque tinha prezo Utemutaraja, e seus filhos, vieram-lhe pedir que lhes fizesse justiça de muita fazenda, que lhe tinham roubado; e elle disse ao Ouvidor, que lhes fizesse tornar tudo o que se achasse que lhes tinham tomado: e a fóra muitas cousas, que fez restituir a estes Mercadores, e povo da Cidade, foram quinhentos escravos, que tinha tomado forçosamente; e processado o feito, estando em final pera se dar

sentença, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães, e perante elles disse ao Ouvidor, que lesse o processo de suas culpas, e vistas, julgáram que morressem morte natural, e que fossem degollados. Dada a sentença, mandou Afonso Dalboquerque fazer hum cadafalso alto no meio da praça pera serem vistos de todo o povo. Como sua mulher soube que marido, e filhos eram julgados á morte, mandou-lhe pedir por hum Jao chamado Patequitir, que houvesse piedade della, e perdoasse a seu marido, e filhos, e que ella com elles se iriam viver a sua terra, que era a Jaoa, pois não era contente de elles vivérem em Malaca, e que lhe daria pera ajuda da despeza da obra da fortaleza sete Bahares de ouro, que tem cada hum quatro quintaes. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que o costume dos Portugueses não era vender justiça por dinheiro, que a elle lhe pezára muito acharlhes culpas pera mandar fazer justiça delles, que os corpos lhe mandaria dar pera os enterrar segundo seu costume. Como o cadafalso foi acabado, mandou ao Ouvidor que fosse fazer justiça delles, e levasse em sua companhia toda a sua guarda, e outra

muita gente armada por serem pessoas poderosas; e como foram no cadafalso, querendo o algoz degollar primeiro os filhos, disse-lhe Utemutaraja, que começasse primeiro nelle, que era velho, e os outros moços, e não nos queria ver acabar tão mal. Os corpos estiveram ali desde pela menhaã até a tarde, vistos de todo o povo da Cidade, o qual não podia crer que eram degollados. Este espectaculo destes Mouros foi permissão Divina, porque em esta mesma praça, onde o grande Afonso Dalboquerque os mandou degollar com o cutelo da justiça delRey de Portugal, havia dous annos que o Rey de Malaca teve determinado de matar o seu Capitão mór Diogo Lopez de Sequeira, e todos os que com elle viessem a terra, em hum banquete que lhe dava, senão fora huma Jaoa, que de noite a nado foi ter ás náos avisar hum Marinheiro, que tinha por amigo. A mulher de Utemutaraja, depois de ter dado sepultura áquelles corpos de Satanás, falou-se com Patequitir, e deo-lhe sete, ou oito mil miticaes de ouro, e pedio-lhe que ajuntasse todos os seus escravos, que eram muitos, e que a vingasse dos Quilins, e Chitins, que

foram causa da morte de seu marido, e filhos. O Patequitir como teve o dinheiro ajuntou-os todos, e determinou-se de ir pôr fogo á povoação, donde os Quilins, e Chitins viviam. Sabendo Afonso Dalboquerque isto, acudio com gente, e deo nelles, e trouxeram-nos todos por essas ruas da Cidade á espada, matando muito delles. O Patequitir vendo-se desbaratado, e que não tinha poder pera fazer o que desejava, tomou a mulher de Utemutaraja, e toda a fazenda que pode levar, e foi-se pela terra dentro, e queimou muita parte das quintans dos Chitins, e Quilins, e andou nesta revolta dez, ou doze dias; e porque vio que esta sua empreza não podia ter bom fim, pedio seguro a Afonso Dalboquerque, e assocegou deste seu proposito, mas não quiz tornar a viver em Malaca.

Este Utemutaraja era Jao Gentio de nação, e havia muitos annos que se tornára Mouro. Sería homem de oitenta, ou noventa annos, de baixa sorte: veio povre pera Malaca, e havia cincoenta annos que vivia nella: disse-lhe bem a mercadoria, e fez-se grande rico: era muito soberbo, grande tyranno, desassocegado, revoltoso, e sem-

pre assi foi em tempo do Rey Mahamet; e tinha tanto poder, e tanta authoridade em Malaca, que se senão apagára houvera de dar grande trabalho aos nossos; e dizia Afonso Dalboquerque muitas vezes, (vendo o assocego em que a terra ficára, depois de o ter morto,) que se este conselho tivera em Ormuz contra Cogeatar, que se não levantára elle, nem lhe fizera quantas rebaldarias lhe fez. Este filho seu, que com elle foi morto, era o que esteve com a adaga na mão pera matar Diogo Lopez de Sequeira, e este tinha o Rey ordenado por Capitão, depois da morte de Diogo Lopez, pera tomar as náos, com muita gente sua, e de seu pai, que tinha pera este feito, e Nosso Senhor não quiz que o elle cometesse, e quiz que pagasse a pena que por isso merecia.

## CAPITULO XXXV

*Como Duarte Fernandez, e os Chins, que levava em sua companhia, chegáram á Cidade de Udiá, onde o Rey de Sião estava, e lhe deo o recado, que levava do grande Afonso Dalboquerque, e do Embaixador, que lhe o Rey mandou.*

Partido Duarte Fernandez de Malaca em companhia dos dous Capitães Chins, com recado do grande Afonso Dalboquerque pera o Rey de Sião, como atrás fica dito, em poucos dias atravessáram á outra banda, e chegáram á boca de hum rio grande, que vai ter á Cidade de Udiá, na qual o Rey de Sião estava; e como soube que ali era chegada gente estrangeira, mandou lá hum Capitão com duzentas lancharas saber que gente era, e donde vinha. Chegado o Capitão ao porto, onde os Chins estavam, perguntou a Duarte Fernandez a que vinha, e quem o mandava. Elle lhe disse, que era messageiro de hum grande Capitão delRey de Portugal, o qual ficava em Malaca com huma grande Armada, e que era vindo ali

por seu mandado visitar o Rey de Sião, e trazer-lhe huma carta sua. Sabido isto, mandou o Capitão dizer ao Rey a gente que era, e a que vinha, que lhe mandasse dizer o que nisso queria que fizesse. O Rey pela noticia que já tinha da chegada de Afonso Dalboquerque a Malaca, folgou muito de saber que o messageiro era seu, e mandou ao Capitão que lho levasse logo. Chegado este recado do Rey, o Capitão se embarcou nas lancharas com Duarte Fernandez, e os Capitães Chins, e foram-se polo rio acima até a Cidade, e como desembarcáram, o Capitão com toda sua gente levou Duarte Fernandez ao Paço, onde o Rey estava esperando em huma sala grande, armada toda de brocados, e alcatifada de mui ricas alcatifas, o qual estava assentado em huma cadeira alta, vestido ao modo dos Chins, e junto com elle de huma parte, e da outra da sala todas suas mulheres, e filhas, assentadas, vestidas de brocados, e pannos de seda, com muitas joias de ouro, e de pedraria, e dali pera baixo outras muitas mulheres honradas, vestidas do mesmo theor, que era cousa muito pera ver. As mulheres desta terra são hum pouco baças,

e porém mui formosas, e estavam tambem ali todos os principaes Senhores da terra mui bem vestidos. Entrado Duarte Fernandez na sala, fez sua cortezia ao Rey ao modo dos Gentios, e chegou a elle, e deolhe a carta de Afonso Dalboquerque, e a espada, que o Rey recebeo com muitas palavras de agardecimento, e perguntou-lhe polo feito de Malaca, e por ElRey de Portugal, e polo estado, e poder que tinha. Elle como era homem avisado, deo mui boa rezão de tudo o que lhe o Rey perguntou. Passadas estas práticas, mandou ao seu Capitão que o levasse pera sua casa, e aos Capitães Chins fizesse muito bom gazalhado, e ao outro dia lhe mandou mostrar toda a Cidade por lhe fazer honra, e hum Alifante branco que tinha, de que os Chins ficáram mui espantados; e se fora cousa que se pudera vender, deram por elle muito dinheiro pera o levarem ao Rey da China. Passados alguns dias, o Rey despachou a Duarte Fernandez, e mandou em sua companhia hum Embaixador a Afonso Dalboquerque com huma carta pera ElRey D. Manuel, e hum annel de hum rubi, e huma coroa, e espada de ouro, os quaes

partíram da Cidade de Udiá, e em sete dias foram da outra banda da costa de Samatra, e chegáram a Taranque, que he huma Cidade do Rey de Sião, e dali se vieram sempre por lugares seus até os baixos de Capacia ; e chegados a Malaca, acháram já os muros da fortaleza com grande parte das ameas, e torres acabadas, com muita artilheria posta nellas, e a Cidade toda á obediencia de Afonso Dalboquerque. Os Capitães Chins como arreceavam que se elle perdesse naquella empreza de Malaca, quando víram a fortaleza feita, e o assocego em que estava a Cidade, ficáram mui espantados, e muito corridos do que tinham passado com elle antes de sua partida. Como Afonso Dalboquerque soube que em companhia de Duarte Fernandez vinha Embaixador do Rey de Sião, mandou-o receber por todos os Capitães, e fez-lhe muita honra, e gazalhado. O Embaixador lhe deo a carta que trazia pera elle, e outra pera ElRey D. Manuel com o presente. A carta de Afonso Dalboquerque era reposta da que lhe tinha mandado por Duarte Fernandez, em que lhe dizia, que folgára muito com o seu messageiro, e com sua amizade, offerecendo-lhe

seu Reyno, e pessoa pera serviço delRey de Portugal, e mantimentos, e gente, e mercadorias de sua terra quantas fossem necessárias, e que dias havia que elle desejava sua amizade, pelas grandes cousas que ouvia dizer, que os Portugueses faziam na India contra os Mouros, e que esperava que elle lhe désse vingança daquelle tyranno do Rey de Malaca, não sabendo ainda que era tomada.

## CAPITULO XXXVI

*De como o grande Afonso Dalboquerque despachou o Embaixador do Rey de Sião, e em sua companhia mandou Antonio de Miranda de Azevedo com huma instrução do que havia de fazer, e do presente, que por elle lhe mandou.*

Depois de o grande Afonso Dalboquerque ter passado suas práticas com o Embaixador do Rey de Sião, como estava já prestes pera se partir pera a India, determinou de o despachar, e mandar em sua companhia Antonio de Miranda de Azevedo por Embaixador ao Rey, e mandou-lhe que se fizesse prestes pera se ir no Junco dos Chins, que

ali estavam esperando por elle, e deo-lhe esta instrução do que havia de dizer:

»Direis ao Rey de Sião, como ElRey »de Portugal meu Senhor me mandou a »este porto de Malaca tomar emenda da »treição, que o Rey, e seus Governadores »fizeram a hum seu Capitão mór, e gente, »que a elle mandára tratar de amizade, »e que sobre seu seguro lhe matáram, e »cativáram muita parte da gente em terra.

»Lhe direis, que depois de eu ser che»gado a este porto, mandára per muitas »vezes pedir ao Rey, que fizesse rezão de »si, e mandasse entregar os Portugueses, »que tinha cativos, e tornar toda a fazen»da, que tinha tomada, e que elle com sua »desordenada soberba nunca respondêra a »proposito, nem quizera sua amizade, nem »fazer assento de paz com elle, favorecendo »os Mouros da India, que ali tinham suas »náos, contra o serviço delRey de Portugal.

»Lhe direis, que vendo eu sua falsa de»terminação, cometi a Cidade, e a entrei »por força, e venci o Rey, que escapou »ferido, e sua gente, e Alifantes; e por »não destruir a Cidade, me tornei a em»barcar, e estive assi por espaço de quinze

»dias, esperando seu arrependimento ; e que
»tendo o Rey experimentado o esforço dos
»cavaleiros Portugueses, não deixára toda-
»via de se determinar em guerra, sem que-
»rer que antre mim, e elle houvesse concerto
»de paz, e amizade.

»Lhe direis, que por lhe reprimir esta
»sua contumacia, tornei outra vez a co-
»meter a Cidade, e o desbaratei, e matei
»muita gente, e alguns Capitães seus, e
»tomei seus Alifantes, e queimei seus pa-
»ços, e que perdoei ao povo, e Mercadores,
»por se não perder a Cidade, e trato da
»terra : e que lhe dou esta conta, porque
»sei certo que ha de folgar muito com a
»destruição deste Rey pela guerra, que com
»elle sempre teve.

»Lhe direis, que ElRey de Portugal meu
»Senhor folgará muito de suas náos, e
»gente tratarem em Malaca, e que esta era
»a principal rezão por que folguei de a ter
»tomada ; e que tendo elle necessidade de
»suas Armadas, e gente pera conservação
»de seu estado, que eu como seu Capitão
»geral o servirei em tudo o que me mandar.

E com esta instrução lhe deo hum pre-
sente pera o Rey, que lhe mandou em

nome delRey de Portugal, a saber, humas couraças de veludo cramesim: hum cosselete comprido de todas as peças: hum capacete, e barbote mui bem guarnecido: huma adarga danta com seus cordões muito ricos, metida em huma funda de brocado: tres pannos darmas de veludo, e cetins de cores entretalhados, e borlados de ouro, que foram do Rey de Malaca, com que tinha armado a casa de madeira, onde o Rey de Pão seu genro havia de andar pela Cidade, (como atrás fica dito,) e hum bacio de agua ás mãos de bastiães: e duas albarradas do mesmo theor: e huma caldeirinha bem lavrada: e duas taças de bastiães, tudo de prata: e huma bésta com seu almazem: e quatro ramais de coral muito grosso, e fino, por ser de muita valia naquella terra, e huma peça de escarlata: e fez mercê ao Embaixador do Rey de Sião de algumas peças, de que foi muito contente. Antonio de Miranda, depois de ter suas cartas de crença pera o Rey, embarcou-se no Junco dos Chins, e navegando, em poucos dias foi ter á Cidade de Taranque, que he do Rey de Sião, e ali se despedio dos Chins, e fez seu caminho por terra em cavallos, e

bois de carrega, direito á Cidade de Sião, onde foi muito bem recebido do Rey que nella estava.

Este Reyno de Sião he muito estreito daquella banda, por onde os Chins fazem sua navegação. Tem alguns portos, e lugares, e dali por terra tem dez dias de caminho até a costa de Tanaçarij, e Taranque, e Savião, e da outra banda do mar de Samatra: tem tambem muitos portos, e lugares, e he Senhor de muita gente. São Gentios, e na terra ha muitos Mouros Mercadores de muitas partes. Os Chins tem nella seus estantes, porque confiam muito daquella gente. Este Rey teve sempre guerra com o de Malaca, e por isso não lhe pezou de o ver destruido. Muitas cousas havia que dizer deste Reyno de Sião, mas minha tenção não he escrever mais das terras que aquillo que convem pera declaração desta historia.

## CAPITULO XXXVII

*Como o grande Afonso Dalboquerque despachou os Embaixadores dos Reys de Campar, e da Jaoa, e mandou descubrir a Ilha de Maluco.*

Sendo o Rey de Campar certificado que o de Malaca era desbaratado, e o estado em que as cousas de aquelle Reyno estavam, temendo-se que por ser seu genro lavrasse tambem a furia dos Portugueses por sua terra, embarcou-se em dez lancharas, e veio-se ao rio de Muar, que he do Reyno de Malaca, oito leguas da Cidade, contra o Reyno de Pão, e chegado a este rio, mandou hum messageiro a Afonso Dalboquerque com hum presente de oito fardos de lenhonoe muito fino, e dous de huma maça, que se faz do sangue do dragrão, que serve de verniz pera cousas pintadas, e mandou-lhe dizer, que aquella era a fruta que se colhia na sua terra, e que desejava muito sua amizade, e ser vassalo, e servidor del-Rey de Portugal, porque elle nas cousas de seu sogro não tinha nenhuma culpa. Afonso Dalboquerque lhe mandou agradecer

muito o presente, e a vontade que tinha de servir a ElRey de Portugal seu Senhor, e mandou-lhe algumas peças em recompensa do seu presente, e offereceo-lhe gente, e Armada quando lhe comprisse; e partido este messageiro do Rey de Campar, despachou outro, que havia muitos dias que ali andava do Rey da Jaoa, o qual lhe trouxe de presente huma duzia de lanças muito compridas, com suas fundas de páo metidas no ferro, e hum panno muito comprido, em que vinha pintado o modo, em que o Rey vai á guerra, com suas carretas, cavallos, e Alifantes armados com seus castelos de madeira, e o Rey ali pintado em huns paços de madeira em riba das carretas, e tudo isto muito bem pintado, e mandou-lhe vinte sinos pequenos, que he a sua musica, e tangedores, que os tangiam com páos feitiços, e concertavam-se muito bem, e faziam muito bom som: e mandou-lhe dous muito grandes, que tangem na guerra, e soam muito longe, e offerecer gente, e mantimentos, e o mais que lhe fosse necessario pera aquella guerra de Malaca; e a causa foi, porque estava muito differente com o Rey, pelas muitas tyrannias, que

se faziam aos seus naturaes, quando ali vinham. Afonso Dalboquerque o despachou, e por elle mandou ao Rey de Jaoa hum Alifante dos que tomára em Malaca, porque são lá muito estimados, e huma peça de escarlata, e outra de veludo cramesim, e deo-lhe embarcação pera sua pessoa, e pera levar o Alifante : e neste tempo chegáram tres pangajaoas do Reyno de Menamcabo, que he na ponta da Ilha de Çamatra da outra banda do Sul a Malaca, e trouxeram somma de ouro, e vinham buscar pannos da India, de que têm muita necessidade na sua terra. Os homens deste Reyno são muito bem dispostos, e alvos, andam sempre bem tratados, vestidos em seus bajus de seda, e crisis com bocaes de ouro, e pedraria na cinta. He gente bem acostumada, e verdadeira : são Gentios : tem em grande estima uma carapuça de ouro, que dizem que lhes ali deixou Alexandre, quando conquistou aquella terra.

Tendo Afonso Dalboquerque todos estes messageiros despachados, determinou de mandar descubrir as Ilhas de Maluco, e todas as outras daquelle arcepelago, que tinha por informação serem muitas, e fez prestes

tres navios, dos quaes deo a capitanía mór a Antonio Dabreu, que atrás tenho dito que fora ferido no Junco, com que se cometeo a ponte de Malaca, por seu esforço, e cavaleria merecia tudo ; e dos outros dous navios deo a capitanía a Francisco Serrão, e a Simão Afonso, e mandou por Pilotos Luis Botim, e Gonçalo de Oliveira, e Francisco Rodriguez, homem mancebo, que sempre andou na India por Piloto, e sabia mui bem fazer hum padrão se comprisse, e este era o fim, por que o lá mandava, e com elles dous Pilotos da terra, e por Feitor João Freire criado da Rainha D. Leonor, e Diogo Borges criado delRey D. Manuel por seu Escrivão, e fez prestes hum Junco carregado de muitas mercadorias, de que deo parte a Ninachatu, e a hum Gentio, que se chamava Cogequirmani, que tinha sua mulher, e filhos em Malaca, e hia por Capitão do Junco ; e porque nelle havia pouco que fazer, partio-se dous, ou tres dias primeiro que a nossa Armada : e o regimento, que deo a Antonio Dabreu foi, que por nenhum caso do mundo em aquelle caminho fizesse prezas, nem arribasse sobre nenhuma náo, nem consentisse que gente

sua sahisse em terra, e em todos os Portos, e Ilhas a que chegasse désse presentes, e dadivas aos Reys, e Senhores da terra, e pera isso lhe mandou dar muitas escarlatas, e veludos de Méca, e outras muitas mercadorias; e mandou-lhe que nenhuma náo de Malaca, nem de outras partes, ora fossem de Mouros, ou de Gentios, que achassem em essas Ilhas do cravo, ou das maçans, não lhe tolhesse tomarem carrega, mas antes lhe désse favor, e ajūda quanta lhe fosse possivel, e que da mesma maneira que elles negoceassem sua carrega, assi o fizesse elle, guardando os costumes da terra: e que nenhum Capitão por caso que acontecesse fosse a terra, senão o Feitor, e Escrivão, com duas, ou tres pessoas, que os acompanhassem. Estes navios levavam cento e vinte Portugueses, e vinte escravos cativos pera darem á bomba, e hiam mui bem fornecidos de mantimentos, e artilheria, e levavam muita estopa, e breu, e calafates, pera que sendo-lhes necessario fossem espalmar os navios no cabo de huma Ilha grande, que está quatro dias de caminho das Ilhas do cravo, que se chama Amboino, porque ali ha já reconhecimento de maré.

E estando prestes de tudo, partíram-se em o mez de Novembro. Partido Antonio de Abreu, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes hum Junco novo muito grande, de que deo parte a Ninachatu, e a outros Mercadores de Malaca, no qual mandou carregar muitas mercadorias de Cambaya, que tomou no caminho vindo da India, e que fosse a Pacé carregar de pimenta pera estar na fortaleza, porque vindo os Chins, e os Gores, (por quem esperava,) achassem carrega; e todos os outros Mercadores, e Chitins de Malaca começáram a fazer suas navegações, e seus tratos, de maneira que em poucos dias começou o negócio della a ser muito célebre; e com esta nova do bom tratamento, que o grande Afonso Dalboquerque mandava fazer ás náos, que ali vinham com mercadorias, começáram a vir de todas as partes, e todos achavam que levar pera suas terras.

## CAPITULO XXXVIII

*Do conselho, que o grande Afonso Dalboquerque teve com os Capitães sobre a ordem, em que deixaria as cousas de Malaca: e algumas que ordenou pera governança da terra antes de sua partida pera a India.*

Acabado o grande Afonso Dalboquerque de dar despacho a todas as cousas, que tenho dito, mandou chamar todos os Capitães Fidalgos, e criados delRey da Armada, e disse-lhes, que aquella fortaleza estava acabada da maneira que elles viam, com muita artilheria nella pera se poder defender de todo o poder dos Reys daquella parte, que sobre ella viessem : que a moução pera partir pera a India era chegada, e que compria muito partir-se, porque as cousas de Goa ficavam tão tenras, que não sabia o estado em que estariam : que lhes pedia muito lhe dissessem a maneira que se teria sobre a governança de Malaca, e que gente, e artilheria deixaria na fortaleza, e quantas náos, e se faria Capitão do mar, ou se abas-

taria hum só no mar, e na terra, e se tiraria alguns Mouros principaes da Cidade, em que houvesse suspeita. Ouve neste conselho diversos pareceres, e por fim de tudo assentou-se, que houvesse Capitão na fortaleza, e Capitão da Armada no mar, e que o do mar estivesse á obediencia do Capitão da fortaleza, (por atalhar a desavergonhamentos da India, que já então havia, ainda que fossem menos que agora, que elle sempre castigou com grande rigor, em quanto a governou ;) e que lhe désse menagem de em tudo lhe obedecer, e todos os Capitães como á propria pessoa de sua Senhoria; e que sendo caso que Deos fizesse alguma cousa do Capitão da fortaleza, que o do mar ficasse por Capitão della até elle prover. Assentado isto por todos, fez Afonso Dalboquerque Capitão da fortaleza a Ruy de Brito Patalim, e Capitão mór do mar Fernão Perez Dandrade, e por Capitães dos navios, que com elle haviam de ficar, Lopo de Azevedo, que ficava por sota Capitão, Christovão Graces, Aires Pereira, Antonio de Azevedo, Pero de Faria, Christovão Mascarenhas, Vasco Fernandez Coutinho, e João Lopez Dalvim, e tambem havia de

ficar Antonio de Abreu com os seus Capitães, tanto que chegasse de Maluco, e fez Ruy de Araujo, (pela muita obrigação em que lhe era,) Feitor, e Alcaide mór, e Provedor da fortaleza delRey, e Escrivães da Feitoria Francisco de Azevedo, e Pero Salgado, e Almoxarife dos mantimentos João Jorge, e seu Escrivão Jacome Fernandez, e Francisco Cardoso Almoxarife do almazem, e seu Escrivão Bras Afonso, e Provedor dos defuntos, e Hospital Christovão Dalmeida, e Diogo Camacho por seu Escrivão, e Meirinho da fortaleza Bastião Gallego, e fez Governadores da terra, (não tirando a superioridade ao Capitão da fortaleza,) dos Gentios, Ninachatu, e dos Mouros hum Caciz seu, e dos Jaos da povoação Dupe, Regunecerage Mouro, e da outra parte da Cidade a Tuão Calascar Jao de nação, e deixou Ruy de Araujo por determinador de seus agravos, e differenças; e quando a justiça houvesse de obrar como maior alçada, o Capitão da fortaleza ficava sobre tudo.

Assentado isto, como os Mercadores da terra souberam que Afonso Dalboquerque estava em determinação de se partir pera

a India, vieram-se a elle, e hum em nome de todos lhe disse, que elles tinham sabido que Sua Senhoria se queria partir, e deixalos, que se espantavam muito de deixar huma cousa tamanha, e tão rica, como era Malaca, e ir-se, a qual sem elle se não podia suster: e pois tinha a maior cousa que havia no Mundo nas mãos, que a não devia de deixar perder por nenhuma outra, e que se o fazia por falta de dinheiro, que elles lhe dariam quanto ouro, prata, e mercadorias houvesse mister, e tudo o mais de suas fazendas gastariam por serviço delRey de Portugal, e seu, que lhe pediam muito por mercê que não deixasse aquella Cidade até não tomar mais assento. Afonso Dalboquerque lhes agradeceo muito seus offerecimentos, dando-lhes algumas razões por onde lhe convinha chegar á India, e que elle lhe prometia de muito cedo os tornar a ver, e que pera segurança, e defensão da Cidade deixava aquella fortaleza com muita artilheria, e muitos cavaleiros Portugueses pera a defender a todo o poder do Mundo, e pera segurança do mar, e trato de suas mercadorias huma Armada com muitos Fidalgos, e Cavaleiros. Os Mercadores lhe

disseram, que estando elle em Malaca, o seu nome só abastava pera a defender, e suster cem annos, e por isso lhe pediam que se não fosse, e por aqui se foram alargando em boas palavras, e louvores de sua pessoa. Afonso Dalboquerque lhes agradeceo esta confiança que delle tinham, e disse-lhes, que elle folgára muito de ficar ali, por lhes fazer a vontade, mas que era forçado ir ver a India, porque a fortaleza de Goa ficava por acabar, e não sabia o assento que teria tomado. Passadas estas práticas, que teve com os Mercadores, estando já prestes pera se partir, deteve-se mais hum dia, porque o Rey de Pacé, que tomára em o caminho vindo da India, (como atrás fica dito,) que elle trazia em sua casa, tratado com toda a cortezia, e ceremonia que convinha a sua pessoa, havia dous dias que secretamente era desaparecido, sem se saber por onde fora. Afonso Dalboquerque feitas suas diligencias polo haver ás mãos, vendo que se não achava, despedio-se dos Capitães, e de todos, e foi-se embarcar na náo Flor de la mar, e Pero Dalpoem Ouvidor da India em a náo Trindade, e Jorge Nunez de Lião em a náo Enxobregas, e Si-

mão Martinz em hum Junco grande, o qual hia carregado de muitas mercadorias, que se tomáram no despojo da Cidade, e levava Simão Martinz em o Junco treze Portugueses, e cincoenta Malabares de Cochim pera guarda delle, e sessenta Jaos carpinteiros da ribeira, muito bons offciaes, que Afonso Dalboquerque levava com suas mulheres, e filhos pera servirem ElRey de Portugal em Cochim no concerto das náos, por haver muita falta delles na India. O Governador de Pacé, que estava alevantado contra o Rey, (como atrás fica dito,) sabendo que os Portugueses tinham tomado Malaca, cheio de temor de Afonso Dalboquerque fez-se vassalo delRey de Portugal, e elle o recebeo, porque o proprio Rey não quiz aceitar seus offerecimentos, e dali por diante esteve sempre em seu serviço, e obediencia.

## CAPITULO XXXIX

*Oração, que Camillo Porcio fez ao Papa Leão Decimo em louvor da tomada de Malaca: e das vitorias, que os Portugueses tiveram da conquista da India.*

Tomado este Reyno, e feito fortaleza na Cidade de Malaca, avisou logo o grande Afonso Dalboquerque ElRey Dom Manuel do estado em que as cousas delle ficavam, o qual pelas mais engrandecer, (por ser este Aurea Chersoneso muito celebrado de todos os Authores antigos, e modernos,) o fez a saber por suas cartas ao Papa Leão Decimo; e sendo-lhe por João de Faria, Embaixador que lá estava, notificado as grandes vitorias dos Portugueses, havidas nestas partes, por industria, animo, e esforço deste grande Capitão Afonso Dalboquerque, mandou fazer huma solemne Procissão em que foi; e tornado ao Sacro Palacio, Camillo Porcio diante de todos lhe fez a Oração que se segue, em Outubro anno de mil quinhentos e treze.

»Se em algum tempo, Beatissimo Padre,

»teve o povo Christão rezão de dar graças
»ao Senhor, e ter em muito o esforço, e va-
»lentia sua, por cousa esforçadamente come-
»tida, e felicemente acabada, este anno he
»pera isso o mais commodo ensejo, que até
»agora houve, em o qual o Senhor Deos,
»pela muita misericordia que de seu povo
»houve, lhe quiz acrescentar prazeres com
»novos prazeres, e prosperidades com novos
»contentamentos communs; porque além
»de pôr Vossa Sanctidade este anno na ma-
»gestade do throno Pontifical, mais por uni-
»versal proveito da Christandade, que por
»particular algum de sua pessoa, pois fez
»Vossa Sanctidade com isso unico refugio,
»e remedio pera cousas quasi perdidas, e
»ardendo todo o Mundo em guerras, pera
»que com mais alegria fosse festejada sua
»nova eleição. Neste mesmo tempo deo ao
»muito poderoso, e muito felice, e invictis-
»simo Rey D. Manuel de Portugal tantas,
»e taes vitorias, e triunfos de seus imigos,
»que facilmente se póde crer pelejar o Se-
»nhor por nós. E desta insigne batalha, que
»em seu nome se deo, haver-nos dado final,
»pera daqui por diante termos confiança,
»que nos dará vitorias assinaladas, se qui-

»zermos usar do esforço naturalmente nos»so, tão nomeado, e temido antre gentes »barbaras.

»Por ventura haverá alguem que possa »cuidar serem obras de mãos de homens »as novamente feitas polos Portugueses »na India, tendo por Capitão o esforçado »Afonso Dalboquerque? tantas, tão ricas, »e fortes Cidades entradas per força de ar»mas? tão varias nações vencidas? tantos »povos sujeitos em batalha? e com desigual »numero de gente, sempre ficando vence»dores em todas as cousas a que puzeram »peito, e com isso fizeram tributarios mui»tos Reys, sujeitos com Armas Portugue»sas: e os a que não chegou o perigo da »guerra, por de todo estarem seguros delle, »vieram, ou mandáram per seus Embaixa»dores com muita instancia pedir paz, e »alliança. E por esta rezão he a nobreza »destas vitorias maior, e mais excellente, »por não serem nomeadas, polo estrago, e »mortandade que se em os imigos fez só»mente, mas polo esforço notavel Portugues, »com que foram ganhadas a que assi Deos »favoreceo, que vitorias presentes puzessem »em esquecimento as passadas de maneira,

»que sempre os despojos de huma alcan»çassem os da outra, e com ellas ficassem »vencidos tantos Reys, e alliados todos os »demais, que não quizerem exprimentar »a valentia Portuguesa.

»Pelo que, Beatissimo Padre, (assi como »tudo o mais,) faz Vossa Sanctidade isto »com muita prudencia, e christão zelo, que »por huma vitoria como esta, (que não sei »se se póde desejar maior,) que em tão »felices tempos Nosso Senhor quiz dar ao »Christianissimo Rey D. Manuel, manda »que se façam solemnes Procissões, e pes»soalmente as acompanha, pera que sejam »dadas graças ao Senhor, e a todos os »Sanctos por huma tamanha mercê como »esta.

»Porque não he esta vitoria havida de »hum povo belicoso, ou de huma Cidade »forte, e bem defendida, mas daquella »grande, e nomeada India, em a qual de»pois de sujeitos per armas Portuguesas »os riquissimos Reynos de Goa, e Ormuz, »e feitos seus tributarios, de maneira que »da mão do valeroso Capitão Afonso Dal»boquerque, em nome delRey de Portugal »seu Senhor, aceitassem os Reynos aquelles,

»que os houvessem de governar: agora em »fim de tantas vitorias, assi por mar, como »por terra, está vencido aquelle fertilis»simo, e riquissimo Reyno de Malaca, a »quem os antigos por sua muita riqueza »chamáram de ouro, querendo com este »nome, (que a nenhuma outra terra se »deo,) mostrar a grandeza de suas muitas »riquezas; e não sómente na vitoria destes »Reynos havida se interessa a grandeza »delles, mas, (o que não he pouco proveito »pera nossos tempos,) que barbaros, a quem »dantes a fama nossa não chegou, agora »o perigo delles faz temor a áquelles, pera »cujas terras se abríram caminhos, de que »até agora não tinhamos conhecimento al»gum. Abrio-se-nos polo Reyno de Ormuz »caminho pera a Casa Sancta de Jerusalem, »(terra, em que o Salvador nasceo,) poder »ser tornada a ganhar, e tirada das mãos »de aquelles infieis, que tyrannica, e inde»vidamente a possuem, em cujos corações »tem entrado temor, que lhes faz arrecear »o perigo de seus semelhantes. Nas quaes »cousas todas não sei a qual mais gabe, »se o zelo, e felicidade do muito poderoso »Rey D. Manuel, o qual com tanto tra-

»balho, e despezas suas quiz estender o »nome Christão a tão apartadas Provincias, »e alheias gentes de nosso comercio, pera »que donde a Ley de Christo não era de »antes ouvida, ahi puzesse a bandeira de »sua Sancta Cruz; ou o esforço, saber, »e valentia de animos Portugueses, que »com ousadia nunca vista, e com desejo »íntimo de accrescentar a Religião Christã, »hajam passado a tão diversos climas de »sua natureza, onde lhes era necessario »pelejar não sómente com crueis, e despia»dados inimigos, mas com a mesma fome, »sede, frios, e calmas insofriveis: e com »ella mesma desprezassem todos os traba»lhos, que sobrevir pudessem, por cumprir »com a obrigação, que de mandado de seu »Rey com animo contente aceitáram.

»E em estas cousas verá facilmente a »grandeza das mercês do Senhor quem »olhar com quão pouca gente toda a India »se ganhou; pois não havendo na Armada »toda tres mil homens Portugueses, sobre »tantos Reynos della tomados por força de »armas, tantos Reys espantados do nome »Portugues virem humildes pedir paz, e os »que a não quizeram tomar, aceitarem per

»força leis da mão de seus vencedores, e »alguns, a que o Senhor quiz alumiar, se »bautizassem, e aceitassem a Fé Christã, »de maneira que em tão remotas terras se »achassem Christãos com Christãos: e por »remate destas vitorias, com o mesmo nu»mero de gente, e menos ainda, por ser »necessario sustentar com parte della em »guarnição os Reynos ganhados, vemos »Malaca tomada, seu Rey vencido, e afu»gentado com muita pequena parte de seu »exercito, que o seguir pode, por a maior »ser morta a ferro, e ficar huma tão nobre »Cidade cabeça de hum tão rico Reyno »em poder de Christãos. Esta, Beatissimo »Padre, he aquella Aurea Chersoneso, que »está no cabo daquella grande enseada, em »que o rio Ganges descarrega suas aguas »no mar, tão nomeada pela sua muita ri»queza, que assi polas muitas, e mui ricas »mercadorias, que se a ella de differentes »partes trazem, como pelas não menos ricas, »que della se levam, he tida pela mais »nobre escala de toda a India; e com »rezão, porque nenhuma cousa ha das que »na vida se podem desejar, de que não »haja nella grandissima abastança.

»Tinha Malaca hum Rey Mouro em »secta, rico em thesouros, poderoso, e Ar»mada de mar, e grandissimo imigo do »nome Christão, especialmente de Portu»gueses, porque quasi dous annos antes »quizera matar á treição hum Capitão no»bre Portugues, que a seu porto chegára, »e havendo o excelente Capitão Afonso Dal»boquerque, (nome bem merecido por seus »illustres feitos,) que então em nome do »muito poderoso Rey D. Manuel governava »a India, posto em paz, e segurança os »outros Reynos, e fortalezas delles, que »nella áquem do Ganges, a que os Portu»güeses chamam do cabo do Comorim pera »dentro, tinha ganhado, determinou tomar »vingança da treição, que o Rey de Malaca »a Portugueses fizera, e em satisfação disso »tomar-lhe o Reyno; e chegado com bom »tempo a Malaca, se poz em ordem pera »combater a Cidade, assi por mar, como por »terra. O Rey della, que nunca tal cousa »arreceára, vendo-se menos apercebido do »que havia mister pera sua defensa, quiz »usar de manha, e mandando recado de paz »ao animoso vingador da treição feita a »Portugueses Afonso Dalboquerque, come-

»çou com dilações álargar a conclusão do
»negocio da paz, que tratava fingidamente,
»e entretelo, continuando em fortalecer-se;
»e sendo estas cautelas sentidas polos Por-
»tugueses, se puzeram em ordem pera com-
»bater a Cidade, e embarcando-se em em-
»barcações pequenas, com animoso peito
»pojáram em terra, e com a artilheria que
»levavam, começáram a desviar os Mouros,
»pera que mais sem perigo pudessem entrar
»a Cidade. Vendo-se o Rey neste trabalho,
»e que o chegavam a estado de lhe ser
»necessario defender-se por armas, e que
»já o não podia fazer com enganos, ordena
»a defensa com os seus por suas estancias,
»e elle sobre hum Alifante andando antre
»elles esforçando-os, e dizendo-lhes que não
»quizessem faltar á sua patria, e áquelle
»ultimo estado. Já os Portugueses com
»huma animosa alegria se chegavam ao
»muro, e a artilheria da banda do mar
»desparava, quando os da Cidade começá-
»ram de enfraquecer, e deixadas suas es-
»tancias, (que pouco tempo sustentáram,)
»começáram de fugir: seguindo-os os Por-
»tugueses com esforçados corações, e en-
»trando em seu alcance dentro na Cidade,

»chegáram ao meio della, onde em huma »ponte, que sobre hum rio, por onde en»tram navios, que polo meio da Cidade »corre, estava, tinha o Rey feito sua de»fensa, e posto a força de sua gente; e »fortalecendo mais esta estancia, recolheo »nella os que fugiam; e por o rio se não »poder passar a váo polos Portugueses, se »fez forte na ponte. Ali se azedou mais a »peleja, todavia os Portugueses favorecidos »da esperança, e os imigos cortados do »medo das armas Portuguesas, tão rija»mente apertáram com os infieis, que não »estimando as armas delles, nem seus Ali»fantes com castelos de frecheiros, nem a »difficuldade do váo, com ferro abríram ca»minho por meio dos imigos, dos quaes »huns se metiam com desesperação pelas »armas Portuguesas, outros se deitavam ao »rio pera se salvarem: finalmente em cabo »de poucas horas fugíram todos, e o Rey »com elles, indo ferido. Foi entrada a Ci»dade, e saqueada, muitos imigos mortos: »foi nella achada muita quantidade de ouro, »e prata, acháram-se nella muitos apa»relhos, e munições de guerra, entre as »quaes foram duas mil peças de artilheria:

»foram tomados sete Alifantes costumados »a guerra com seus castelos, e encaixados »delles tecidos de ouro, e muito ricamente »guarnecidos, de maneira que não sómente »os homens, mas os brutos daquelle Reyno »ficáram obedecendo ao imperio Portugues. »Ó bom Deos, ó Senhor poderoso, vosso he »o poder, vosso he o esforço: a vossa mão »direita fez virtude, a vossa mão direita »nos alevantou; porque como pode huma »tão forte Cidade ser entrada, e hum tão »poderoso Rey ser lançado della, se vós »não déreis vossa ajuda, e favor? Não a »nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso »nome dai gloria. Vós quebrantastes as »forças dos imigos, vós fizestes os póvos »sujeitos a nós, e os puzestes debaixo de »nossos pés. Vós mandastes vossas setas, »e os desbaratastes, com vossos relampados »os espantastes, vós fostes o Capitão, vós »o Conselheiro, vós puzestes o medo em »nossos imigos, vós os fizestes fugir. Não »pera nós, Senhor, não pera nós, mas pera »glória do vosso nome.

»Mas pera que me detenho tanto na to- »mada de Malaca, pois não he menos o que »depois della tomada se fez de suas ruinas.

»Della, e de suas mesquitas se fez logo »fortaleza assás forte pera freio daquella »inquieta gente, e lhe foram dados Gover»nadores cada anno, debaixo de cujo go»verno vivessem, e leis, com que fossem »sustentados em justiça; e depois disto fo»ram assentadas pazes com muitos Reys »vizinhos seus, que foram os Reys de »Pegú, Samatra, Pedir, Pacé, Jaos, e final»mente até os ultimos Orientaes Chinas, »tão nomeados pela mercancia.

»E por não faltar aos Portugueses oc»casião de empregar suas forças, e estender »com ellas o imperio com ellas ganhado, »partido o illustre Capitão Afonso Dalbo»querque de Malaca, tornando a Goa, que »direi da vitoria que ouve? que não parece »vitoria, mas huma disposição Divina que »assi o quiz; porque tendo este illustre »Capitão a Ilha, e Reyno de Goa ganhado »per força de armas duas vezes, deixando-a »á sua partida o mais fortalecida que pode, »fazendo a viagem que fez a Malaca, e »visitar as mais fortalezas da India: o »Hidalcão, Senhor que fora della, vendo »Afonso Dalboquerque fóra de a poder de»fender, com muita gente de pé, e de

»cavallo a veio cercar, e fez perto de hum »estreito de agua salgada, que em torno »cérca a Ilha, huma fortaleza; e fazendo »passar gente á Ilha, mandou que com »contínuas escaramuças, e rebates canças»sem os Portugueses, que na fortaleza ficá»ram, os quaes cercados de tão poderoso »imigo, se víram em grande aperto, e ne»cessidade. E querendo assi o Senhor Deos, »estando elles neste trabalho, apareceo a »Armada, que com tão insigne vitoria vi»nha de Malaca, com cuja vinda foi tama»nho o medo dos imigos, que sem esperar »que se desembarcassem os Portugueses, »se foram com a maior pressa que puderam.

»Lê-se daquelle grande Alexandro Prin»cipe de Macedonia, que chegando ás par»tes da India, e combatendo hum lugar »forte, e bem defendido de seus moradores, »teve em tanto, e pareceo tamanha cousa »haver tomado aquelle lugar, que começá»ram os seus soldados a dizer, que era »mais esforçado que Hercules. Sendo isto »assi, que triunfos, que honras soberanas »se devem a ElRey D. Manuel, que tem »vassalos, por cuja mão, e esforço não só»mente venceo per armas huma Cidade da

»India, mas a mesma India, (dos Romanos »não vista, dos Godos não sabida, e dos »famosos Sesostris Rey de Egypto, Cyro, »Semiramis em vão per muitas vezes com»batida,) quasi andou rodeando com conti»nuação de suas vitorias.

»Augusto Cesar com ser Monarca houve »por grande felicidade sua antre as mais, »ser visitado dos Reys da India com pre»sentes, e mandar-lhe por seus Embaixa»dores pedir amizade.

»Quem poderá contar bem os grandes »serviços, que polos Reys da India foram »mandados ao invictissimo Rey D. Ma»nuel? as pareas que lhe pagáram? as »amizades que lhe requerêram? finalmente »a vassalage, que quasi todos aceitáram per »mão, e esforço deste illustre Capitão? por»que além dos que por força de armas »tinha feito tributarios, não ficou Rey da »India, de quem não fosse servido com ser»viços de infinito preço: do Rey de Cam»baya, do poderoso Rey de Narsinga, que »sabida a vitoria de Malaca, mandou por »seus Embaixadores hum copo de ouro, e »huma espada de ouro com hum robi no »punho de grandissimo preço, e lhe man-

»dou pedir que delle, e de seu Reyno se »servisse. Mas pera que me detenho em »contar de ouro, e pedraria, e cousas, que »infieis lhe mandáram? Passo-me ao que »mais val. Aquelle preste João Senhor de »toda a Ethiopia, que está debaixo do Egy»pto, por o ter por amigo, não lhe man»dou ouro, nem pedraria, mas mandou-lhe »o que em muito mais estima elle tinha, »e elle estimou muito mais, que foi huma »boa parte do lenho da Vera Cruz; e lhe »mandou dizer, que com rezão lhe mandava »aquella parte da verdadeira Cruz, em que »foramos remidos, pois elle levantára per »forças de armas tão longe da sua patria a »bandeira da Sancta Cruz. Escrevem os »historiadores, que Demetrio, filho de Anti»gono, sucessor que foi de Alexandro no »senhorio de Macedonia, por ser muito in»dustrioso no tomar Cidades, lhe chamá»ram Poliorcetes, que em lingua Grega »significa tomador de Cidades. Que nome »daremos logo ao excellente Capitão Afonso »Dalboquerque, pois taes Cidades tomou, »taes Reynos venceo, tantos exercitos des»baratou: que felicidade ahi que se possa »comparar com a de hum Rey, Senhor de

»tal vassalo? que per força de armas dis-
»truio Calicut fortissimo Reyno? Fez o
»Rey de Narsinga tão poderoso com todos
»seus vassalos, e riqueza de Reynos, e co-
»pia de Alifantes vir pedir pazes a seu
»Rey? Fez o Rey de Cambaya aceitar paz?
»Restituio em seus Reynos depois de per
»armas vencidos aos Reys de Cochim, e
»Cananor? Livrou de grande sujeição os
»Christãos, que viviam na India? Ganhou
»o Reyno de Ormuz? O Reyno de Goa?
»O Reyno, e Ilha de Ceilão? Finalmente,
»que não contente com tantas vitorias, man-
»dou-o o poderoso Rey Dom Manuel fazer
»guerra ao grão Soldão do Egypto, passando
»o mar Roxo? E porque não haja parte, a
»que suas vitorias não cheguem, em Africa
»tomou a nobre Cidade de Çafim? As quaes
»vitorias, e felicissimos successos do invi-
»ctissimo Rey Dom Manuel quanto mais são
»dignos de louvor, e honra, tanto nós so-
»mos mais merecedores do odio da gente,
»porque nenhuma outra cousa trabalha,
»senão acrescentar polo Mundo a Fé de
»Christo, nós deixada tão justa, e comum
»causa, todos estamos embaraçados em vin-
»gar particulares injúrias: elle peleja com

»imigos infieis, nós huns com outros: elle »ganha pera si novos Reynos, e Provin»cias, nós por negligencia nossa perdemos »o nosso, e havemos de perder cada vez »mais, nem ouvimos ao Senhor que cada »dia nos chama, e brada que acordemos. »Olhai, Senhores, por vossa Fé, quantas, »e quão graves perdas tem recebido a Re»ligião Christã de sessenta annos a esta »parte? são por ventura cousas, que nos »possam esquecer? nem lembrar-nos sem »muita dor? quéde Costantinopla? quéde »Negroponte? quéde Lepanto? quéde Mo»don? quéde Durazo? quédas outras Ci»dades, que com grande deshonra nossa »estam em poder de Turcos? que espera»mos? senão que nos tomem dormindo? »e descuidados nos destruão? e desaperce»bidos nos matem? Já entram por Ungria: »já fazem guerra em Esclavonia: já nave»gam livremente todo o mar: já querem »Italia. Ora pois, Beatissimo Padre, pois »viestes a este lugar como estrela de sal»vação em tamanha tormenta, tomai este »cuidado, concertai estas discordias dos »Principes Christãos, apagai de todo esta »desaventurada guerra, que antre elles ha,

»que nenhum bom sucesso póde ter: apar-
»tai todas as imizades, pera que amigos
»todos, as armas, que huns contra outros
»aparelhavam, todas juntas vam buscar o
»comum inimigo; pera que vencido elle,
»e cobrando nós a Casa Sancta, juntamente
»com ElRey Dom Manuel, que manda doze
»mil homens em companhia do Duque de
»Bragança seu sobrinho passar a Africa,
»ficando nós vencedores, alevantemos ao
»Senhor hum trofeo da vitoria, que das
»gentes barbaras nos deo, e sejam confun-
»didos os que adoram idolos, e confiam em
»seus deoses vãos, e conheçam o nome do
»Senhor, e saibam, que elle he só o pode-
»roso em toda a terra. Amen.»

## CAPITULO XL

*O que os nossos passáram em Goa com os Capitães do Hidalcão, que a vieram cercar depois da partida do grande Afonso Dalboquerque pera Malaca.*

Lembrado o Hidalcão do que o grande Afonso Dalboquerque mandára dizer a seu pai, estando no rio de Goa, como fica

dito, não podendo encubrir a paixão que tinha, de lhe ver assi cumprida sua palavra, e a Cidade em poder de Christãos, e Milrrhao Gentio estar governando, e grangeando as tanadarias da terra firme, vendo o tempo disposto pera a tornar a cobrar pela partida de Afonso Dalboquerque pera Malaca, mandou hum seu Capitão, que se chamava Pulatecão, com gente de pé, e de cavallo, que fosse sobre Milrrhao, e o lançasse fóra das terras, e que se trabalhasse muito por lhe tomar Timoja, que andava em sua companhia, e tanto que as tomasse, se deixasse estar, até lhe elle mandar o que fizesse. Partido Pulatecão com seu arraial, como Milrrhao soube de sua vinda, foi-o esperar com cinco mil peões da terra, e cincoenta de cavallo, e mandou diante Hicarrhau, que lhe tomasse hum passo da serra, por onde havia de passar, o qual se deo a tanto vagar, que quando chegou o tinha Pulatecão tomado, e deo nelle com toda sua gente, e desbaratou-o, e seguindo-lhe o alcance o matou no caminho, e muita parte da gente que levava : e assi de caminho como hia, foi dar no arraial de Milrrhao, e polo logo em desba-

rato; e vendo-se elle assi desbaratado sem esperança de socorro, aconselhado de Timoja, não quiz tornar a Goa, e fez-se na volta de Narsinga, e chegado a Bisnaga, onde o Rey estava, foi muito bem recebido delle, e ali morreo Timoja em chegando de doença; e o Milrrhao, passados alguns dias, tendo recado de Onor como seu irmão, que se tinha alevantado com o Reyno, era morto, pedio licença ao Rey, e veio-se tomar posse delle, e foi sempre leal vassalo delRey de Portugal. O Pulatecão como se vio com esta vitoria, e em posse das terras de Goa, não se lembrando do que lhe o Hidalcão tinha mandado, quiz seguir sua boa fortuna, e fez prestes algumas jangadas, e bateis que achou, e sem ter nenhuma resistencia passou á Ilha de Goa, e fez-se forte em Benastarim; o qual Rodrigo Rabelo, que era Capitão da Cidade, ou por seu descuido, ou por acudir a outras cousas, que lhe parecêram mais necessarias, não tinha fortificado, como lhe Afonso Dalboquerque mandára antes de sua partida, por ser passagem, e passo principal da terra firme pera a Ilha de Goa. O Pulatecão depois de fortificar Benastarim, com

determinação de o suster, foi-se por essas aldeas dos Gentios, distruindo, e queimando tudo o que achava. Avisado Rodrigo Rabelo disto, sahio da Cidade com trinta de cavallo, e o Aguazil velho de Cananor com quatrocentos Naires de espada, e adarga, que lhe Diogo Correa tinha mandado, como soube a nova da vinda da gente do Hidalcão, foi cometer o Pulatecão mui valerosamente, e desbaratou-o, e matou-lhe mil e quinhentos Turcos, e Coraçones, e a sobegidão da boa fortuna fez a Rodrigo Rabelo desprezar os imigos vencidos, e foi-lhe seguindo o alcance com a gente de cavallo. Os Turcos vendo-se apressados dos nossos, recolhêram-se obra de sessenta delles a huns pardieiros velhos, que estavam em hum outeiro por se valerem da furia da nossa gente. Rodrigo Rabelo chegado ali foi-os cometer, e como o lugar onde estavam era hum pouco ladeira arriba, e trabalhoso de entrar a cavallo, defendêram-se os Turcos de maneira que o matáram, e Manuel da Cunha, que eram na dianteira. A outra gente como se vio sem Capitão, recolheo-se com esta desastrada nova á Cidade, na qual houve

muita tisteza pela morte de Rodrigo Rabelo, porque era muito esforçado, e singular Capitão. E Pulatecão com a gente que lhe ficou recolheo-se a Benastarim, com determinação de fazer guerra á Cidade. Os nossos, porque os mais não queriam que fosse Capitão Francisco Pantoja, a quem pertencia, por ser Alcaide mór da fortaleza, passadas algumas differenças que houve antre elles, elegêram por Capitão Diogo Mendez de Vasconcelos, que Afonso Dalboquerque deixára prezo na torre da menagem polo caso já dito. Feita esta eleição, foram-se todos ao Castelo, e soltáram-no, e entregáram-lhe a governança da Cidade, com juramento que lhe todos fizeram de lhe obedecerem como á propria pessoa de Afonso Dalboquerque até elle prover nisso como lhe parecesse; e como foi em posse da capitanía, escreveo logo a Manuel de Lacerda, que andava por Capitão mór de huma Armada sobre Calicut, dando-lhe conta de tudo o que passava, e pedindo-lhe que o viesse socorrer.

## CAPITULO XLI

*De como o Hidalcão, sabendo que o seu Capitão tinha entrado a Ilha de Goa, e tomado Benastarim sem sua licença, mandou Roçalcão que o fosse tirar delle, e o que nisso passou.*

Como Manuel de Lacerda teve recado de Diogo Mendez do trabalho em que estava, deixou logo a guarda da costa de Calicut, e veio-se com toda sua Armada, e gente meter em Goa, e achou toda a Cidade muito atemorizada da nova que havia da vinda de Roçalcão Capitão principal do Hidalcão, com muita gente, e artilheria; e porque os não tomasse desapercebidos, deram grande pressa ao fortificar da Cidade, e fazer estancias de novo, e proverem-se de mantimentos, antes que entrasse o Inverno: e neste tempo chegou Diogo Fernandez de Béja com sua Armada, e gente, que Afonso Dalboquerque antes de sua partida pera Malaca tinha mandado a Ormuz, que deo grande animo aos nossos. O Hidalcão como soube que o Pu-

latecão tinha entrado a Ilha de Goa, e estava em posse de Benastarim, receoso delle, porque era boliçoso, que depois de tomado Goa se alevantasse com ella, e lhe não obedecesse, como já fazia com as rendas da terra, mandou hum Capitão seu principal, de que se fiava muito, que se chamava Roçalcão, com muita gente, e artilheria sobre Goa, e que se trabalhasse muito polo lançar fóra. Pulatecão não ficou contente com a chegada de Roçalcão, e houve-se por muito injuriado mandar o Hidalcão outro Capitão áquelle negocio, tendo elle já entrado a Ilha; e o que o mais escandalizou foi ser Roçalcão, de quem não estava muito amigo, e por esta causa não quiz obedecer a seus mandados. O Roçalcão como era homem discreto, e vio que este negocio se não podia curar per força, determinou de se valer dos nossos, e com huma profundissima dissimulação usou deste artificio. Vinha em sua companhia João Machado com quinze Portugueses, que foram cativos com Fernão Jacome, quando deo á costa com a náo, em que partíra de Çacotorá, como fica dito, e na companhia destes cativos vinha hum Duarte Tavares,

escudeiro do Conde de Abrantes, que os Turcos cativáram na Ilha de Choram; e porque este Duarte Tavares era homem de credito antre elles, mandou-o Roçalcão com recado a Diogo Mendez Capitão da Ilha de Goa, e que lhe dissesse que o Hidalcão seu Senhor desejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que estava muito pezaroso do que Pulatecão tinha feito, e que por isso o mandava ali com gente pera o prender; e chegando a Benastarim, o achára fóra de conclusão, como homem que estava alevantado; que lhe pedia por mercê que o ajudasse a lançar fóra, porque elle não queria ter guerra com os Portugueses, senão paz, e amizade. Diogo Mendez não olhando que era mais serviço delRey favorecer Pulatecão, que era homem aventureiro Turco de nação, e que estava alevantado contra o Hidalcão, e sendo favorecido dos nossos pudera cometer qualquer cousa contra elle: e tambem fiando-se das palavras de Duarte Tavares, que vinha enganado da malicia do Roçalcão, assentou com todos os Fidalgos, e Cavaleiros de o ajudar, e fez logo prestes os bateis, e galés, e mandou Diogo Fernandez de Béja,

que fosse com duzentos homens polo rio arriba favorecer a parte do Roçalcão, o qual com o nosso favor por mar, e elle por terra deram no Pulatecão, e desbaratáram-no, e como se vio perdido, fugio pera a terra firme de Goa, onde foi morto com peçonha. O Roçalcão como teve Benastarim fortificado, e com muita gente, artilheria, e munições de guerra, passados alguns dias, mandou dizer a Diogo Mendez, que lhe pedia muito por mercê, que lhe alargasse aquella Cidade, que era cabeça principal do Reyno do Hidalcão seu Senhor, porque não havia de ser doutrem. Com este recado ficou Diogo Mendez assombrado, e conheceo o erro que tinha feito, e os que o aconselháram, e dali por diante começou-lhe o Roçalcão a fazer a guerra, e todo aquelle inverno teve a Cidade cercada, onde os nossos passáram muitos trabalhos, fomes, e desaventuras, que são largas de contar, até que o grande Afonso Dalboquerque chegou de Malaca, e na força destes trabalhos, tendo já hum lanço do muro no chão, que cahio com as grandes invernadas. Vendo João Machado que alguns Portugueses se hiam pera Roçalcão,

desesperados já de se a Cidade poder suster, deixou sua mulher, e filhos, que lá tinha, e veio-se pera os nossos com dez, ou doze Christãos, que com elle se quizeram vir, a qual vinda alegrou muito os nossos por ser em tal tempo. Este João Machado era casado com huma Moura, que fez Christã, de que teve tres, ou quatro filhos, que elle mesmo bautizou secretamente.

## CAPITULO XLII

*De como o grande Afonso Dalboquerque, partido de Malaca, veio demandar o canal por onde entrára, vindo da India: e como se perdeo em huns baixos da Costa de Çamatra, e milagrosamente se salvou, e o mais que passou.*

Partido o grande Afonso Dalboquerque de Malaca, veio demandar o canal por onde entrára vindo da India, e passados os baixos de Capacia, porque a náo Enxobregas, e o junco eram companheiros, mandou aos Capitães que fossem ambos juntos, porque os Jaos, que hiam no junco, não lhe orde-

nassem alguma treição, e se alevantassem, e elle, e Pero Dalpoem tiveram-se conserva hum ao outro; e fazendo seu caminho tanto ávante, como a polvoreira, não se resguardando os Pilotos da náo de Afonso Dalboquerque de huns baixos, que estavam naquella costa de Çamatra, fronteiros ao Reyno de Darú, vieram de noite dar nelles com a náo Flor de la mar, a qual por ser já muito velha, tanto que ali deo, fez-se logo em duas partes. Pero Dalpoem, que vinha mais ao mar, como ouvio a grita da gente, e sentio que a náo era perdida, sorgio logo, e esteve assi toda a noite com grande tempo á mercê da amarra; e como foi menhaã, porque os bateis das náos Trindade, e Flor de la mar eram perdidos, os quaes polo mar ser grande se desfizeram a bordo das náos, ordenou Afonso Dalboquerque de mandar fazer huma jangada de taboas sobre huns páos, em que se meteo, vestido em huma jaqueta parda, e atado com huma corda, porque o mar o não levasse, e dous Marinheiros comsigo, que com huns remos feitos de huns pedaços de taboas remavam a jangada; e assi desta maneira, e tambem com cordas, que lhe

Pero Dalpoem mandou lançar atadas em baldes, com muito trabalho chegou á náo Trindade. A gente, que ficava naquelles pedaços de Flor de la mar, vendo-se no derradeiro dia de sua vida, começáram com grandes gritos, e prantos a bradar por Afonso Dalboquerque, que hia na jangada, e elle movido com muita piedade de os ver assi neste trabalho, lhes disse, que se não agastassem, e tivessem muita confiança em Nosso Senhor, porque elle lhes prometia de os não deixar, ainda que polos salvar aventurasse perder a vida, e a náo, e gente que nella estava, e que entretanto fizessem huma jangada, porque logo tornaria por elles.

Estando os nossos fazendo a jangada, o junco, em que hia Simão Martinz, veio na volta da terra, muito perto donde estavam aquelles pedaços de Flor de la mar com a nossa gente, e víram bem o trabalho em que estavam, e dali se tornou outra vez na volta do mar, e não no víram mais; e o caso foi, que os Jaos, que hiam neste junco, pelo máo cuidado que Jorge Nunez de Lião teve, do que lhe Afonso Dalboquerque tinha muito encommendado, e tam-

bem por Simão Martinz ir muito doente, se alevantáram, e matáram a todos, sem escaparem mais que quatro Marinheiros, que com a revolta se metêram em huma almadia, e foram ter a Pacé, e o Governador, que estava alevantado com o Reyno, como tenho dito, os agazalhou, e lhes fez muita honra, e dali os mandou caminho da India em huma náo, que vinha de Malaca, que ali chegou, e hia pera Choramandel; e estando a náo pera se partir, chegou a barca do junco com muitos Jaos nella, e disseram que o junco se perdêra. Chegado Afonso Dalboquerque á náo Trindade com assás trabalho, o qual Nosso Senhor quiz salvar milagrosamente, que por rezão, segundo o mar era grosso, não fora possivel salvar-se, e lembrando-se do que tinha prometido aos que ficáram na náo, mandou logo a Pero Dalpoem que se fizesse á véla pera os ir tomar. A gente da náo Trindade lembrando-se mais de si, que do trabalho, em que seus companheiros estavam, fizeram-lhe grandes requerimentos, que não mandasse chegar a náo a terra, porque era parcel, e o vento muito, que se perderiam. Afonso Dalbo-

querque vendo que não hia contra caridade em salvar aquella gente, que teve por companheira em seus trabalhos, não deo por seus requerimentos, mas antes os reprendeo muito da pouca lembrança que tinham de quantas vezes se víram socorridos delles, nas afrontas, em que se achára-ram no feito de Malaca, e determinou de aventurar tudo polos salvar ; e indo á véla demandar a jangada, que os nossos tinham feito do masto, e verga, em que todos estavam metidos, vio-a ir desamarrada, (e diziam depois alguns Marinheiros, que lhe cortáram o cabo, e não sabiam quem ;) e porque o vento, e a maré eram contrairos pera virem pera a náo, e a jangada se hia direito a terra, sem lhes poderem valer huns pedaços de remos com que remavam, por cumprir com o que lhes tinham prometido, desconfiado já de os poder tomar, mandou dar todas as vélas polos alcançar, antes que chegassem a terra, e fazer duas ancoras prestes pera sorgir, se fosse necessario, e aos Pilotos, que com os prumos nas mãos fossem sondando o fundo, e como a viração era tendente, e a maré enchia, em breve espaço chegá-

ram á jangada, e surgíram logo as duas ancoras em tres braças e meia, que era o fundo, que a náo demandava com seu resgardo: e com cordas, que lançáram da náo atadas em baldes, e quartos vazios, tomáram a jangada com muito trabalho. Recolhida a gente á náo, estiveram toda aquella noite com muito vento pela proa, aguardando a misericordia de Nosso Senhor, a qual lhes não faltou, porque na antemenhaã lhes veio hum pouco de terrenho, com que sahíram pera fóra, e fizeram sua viagem.

## CAPITULO XLIII

*Do que se perdeo na náo Flor de la mar: e como o grande Afonso Dalboquerque, depois de ter a gente recolhida á náo Trindade, fez sua derrota a Ceilão: e do que passou no caminho até chegar a Cochim.*

Nesta náo Flor de la mar, e no junco, que se alevantou contra os nossos, se perdeo o mais rico despojo, que nunca se vio,

depois da India descuberta, até aquelle tempo, e a fóra isto muitas mulheres grandes lavrandeiras de bastidor, e muitas meninas, e meninos da geração de todas aquellas partes, do cabo do Comorim pera dentro, que Afonso Dalboquerque trazia pera a Rainha D. Maria. Perdêram-se os castelos de madeira emparamentados de brocado, que o Rey de Malaca trazia em riba de seus Alifantes, e andores mui ricos de sua pessoa, todos forrados de ouro, cousa muito pera ver, e muitas joias de ouro, e pedraria, que trazia pera mandar a ElRey D. Manuel: e se perdeo huma meza com seus pés, forrado tudo de ouro, a qual Milrrhao deo a Afonso Dalboquerque pera ElRey, quandó lhe entregou as terras de Goa; e chegando a Cochim com fundamento de a deixar ao Feitor, que a mandasse, foi a pressa tamanha no embarcar, por bem da moução que se hia gastando, que lhe esqueceo, e levou-a comsigo, e os nossos por sua parte tambem perdêram muito. De maneira, que quanto vinha na náo, e no junco, não se salvou mais que a espada, e coroa de ouro, e o annel de rubi, que o Rey de Sião mandava a

ElRey D. Manuel; e o que Afonso Dalboquerque mais sentio desta perda, foi a manilha, que se tomou a Naodabegea, a qual trazia em muita estima pera lhe mandar, por ser cousa de admiração o effeito della: e assi sentio muito perder os liões que trazia, por se acharem em humas sepulturas antigas dos Reys de Malaca, e trazia-os pera pôr na sua em Goa por memoria daquelle feito, e de todos os despojos, que se ali tomáram, estas duas peças sós tomou pera si, que por serem de ferro eram muito pera estimar. Naquella travessa de Ceilão esteve de todo perdido por falta de agua, e mantimentos, por a gente ser muita, senão fora socorrer-lhe Nosso Senhor com duas náos grandes de Mouros, que topáram no caminho, que vinham de Çamatra carregadas de pimenta, e seda, sandalos, e lenholoes. Afonso Dalboquerque como as vio, mandou arribar a ellas, e tomou-as, e dali se forneceo de mantimentos, e agua, que os poz em Ceilão. E porque os Mouros disseram que as náos eram de Chaul, e de Dabul, até saber a verdade, mandou meter Simão Dandrade com certos homens, e Dinis Fer-

nandez Patrão mór nellas. Os Mouros da de Chaul, em que hia Simão Dandrade, vendo que elle não sabia a altura, nem entendia o caminho que faziam, deram comsigo nas Ilhas de Maldiva, e foram ter á de Candaluz, que he a principal de todas ellas, e ali lhe fugíram todos os Mouros; e de alguns, que Simão Dandrade nella achou de Cananor, soube que estava ali Mafamede Maçari, hum Mercador do Cairo, o qual susteve sempre a opinião dos Rumes com o Çamorim, e trabalhou muito por sua vinda á India; e sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, com o medo que tinha, que havendo os nossos vitoria, o Çamorim lho entregasse, porque havia muitos dias que trazia este requerimento com elle em segredo, e mentia-lhe: e ouve medo que alguma hora lhe falasse verdade, partio-se de Calicut com tres náos carregadas de especiaria, e sua mulher, e filhos, e toda sua fazenda; e sendo tanto avante como Çacotorá, pegado com a costa, antre o cabo de Guardafum, e Magadaxo, deo-lhe tão grande temporal que arribou, e naquelle golfão perdeo as duas náos, e elle na em que hia com sua

mulher, e filhos correo as Ilhas de Maldiva, e foi afferrar Candaluz, e ali deo com a náo a través, e salvou alguma especiaria, e comprou huma candura, que são navios pequenos, que navegam por aquellas Ilhas. E como foi tempo, partio-se com essa pouca de especiaria, que pode salvar, e levou Simão Rangel comsigo, que tinha comprado, e veio a ver Calayate, onde se perdeo a candura, e dali se partio em huma náo de Ormuz, e foi ter a Adem. Com êste temporal se perdêram muitas náos, que aquelle anno, sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, eram partidas pera o estreito; e por esta grande perda que os Mouros de Calicut recebêram nestas náos, por serem grandes, e perdendo huma, perdiam muito, por não ousarem de navegar senão no Inverno, com medo das nossas Armadas, dali por diante fizeram navios pequenos, e com elles a remo navegavam todo o estreito do mar Roxo. Quando Afonso Dalboquerque soube, depois de ser em Cochim, que Mafamede Maçari arribára ás Ilhas, sentio muito mais perder-se, porque vinha com determinação de vasar por antre ellas com as náos que trazia,

e fazer a navegação dos Mouros, e pudera ser que lhe viera cahir nas mãos com toda sua fazenda, que elle muito desejava haver. Simão Rangel era hum homem honrado criado delRey D. Manuel, de que se Afonso Dalboquerque servia em muitas cousas, porque era homem, que tudo sabia mui bem fazer; e estando em Cochim, sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, porque começou elle, e outros a estranhar cousas, que Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira faziam contra o serviço delRey, mandou-o em hum catur pera Goa, e no caminho o cativáram os paraos de Calicut. E este Mafamede Maçari o comprou, e levou comsigo, de que Afonso Dalboquerque chegado de Malaca ficou muito agastado, e quizera castigar Lourenço Moreno, que era Feitor; e porque todos tinham culpa, o deixou de fazer, e escreveo a ElRey Dom Manuel tudo o que tinham feito, sendo elle em Malaca, e do descuido que tiveram em prover Goa, estando cercada.

## CAPITULO XLIV

*Como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Cochim: e das novas que lhe deram de Goa, e da vinda dos Rumes, e da Armada que chegou de Portugal.*

Chegado o grande Afonso Dalboquerque a Cochim, porque até ali se não sabia novas delle, nem do acontecido em Malaca, foi grande alvoroço, e prazer em todos, porque com sua chegada ficáram os Mouros da India mais assocegados do alvoroço, que tinham da nova dos Rumes, e Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira muito envergonhados de terem escrito a ElRey D. Manuel, e espalhado pela India que era perdido, e toda sua Armada, (e era este grande Capitão tão temido dos Mouros, e sua pessoa de tanta authoridade antre elles, que só com ella, assi desbaratado, e perdido, vestido em huma jaqueta parda com que se salvou, sabendo-se que era chegado á India, fez tornar atrás todos os Reys della da conjuração em que andavam contra os Portugueses,) e o dia que

chegou desembarcou logo, e da ribeira, donde o Capitão estava com toda a gente, o leváram debaixo de hum paleo de brocado á Igreja, estando-o esperando á porta o Vigairo della com as reliquias; e depois de fazer oração, e dar muitas graças a Nosso Senhor polo livrar dos perigos, que tinha passados, se foi á fortaleza, acompanhado de todos, e fazendo-lhes muito gazalhado, os despedio á porta, ficando só com o Capitão, e Officiaes delRey; e depois de lhes dar conta das cousas de Malaca, e do que passára em sua viagem, perguntou-lhes pela fazenda delRey, e as náos, que aquelle anno foram carregadas pera Portugal; porque ainda que as cousas da guerra o ocupassem muito, nunca lhe faltou tempo pera olhar pela fazenda delRey; e perguntando-lhes pelas cousas de Goa, (porque em nenhuma outra tinha tanto o sentido, estando em Malaca, como nela;) contáram-lhe como todo aquelle inverno estivera cercada de tres Capitães do Hidalcão com muita gente, e o trabalho que os nossos passáram no cerco, assi de guerra, como de fome, e que de todo estiveram perdidos por hum lanço do muro

que lhes cahíra com a grande invernada, e que o Capitão era morto, e Manuel da Cunha. Afonso Dalboquerque sentio muito estas mortes: a de Rodrigo Rabelo, porque era muito bom Cavaleiro; e a de Manuel da Cunha, porque não estava bem com seu pai Tristão da Cunha, pelas differenças que tiveram em sua jornada, quando foram pera a India; e como elle não tinha cousa, de que fizesse mais fundamento que Goa, despachou logo hum catur com recado a Diogo Mendez, dando-lhe conta de sua vinda, e escreveo aos Juizes, e Vereadores o alvoroço que tinha pera os ver, e que se ficava fazendo prestes pera ser logo com elles, e que esperava na misericordia de Deos de lhes dar boa vingança dos Turcos de Benastarim, e mandou-lhes huma Provisão pera Manuel de Lacerda ser Capitão da Cidade, e Duarte de Melo Capitão mór do mar até sua ida.

Como em Goa se soube a vinda de Afonso Dalboquerque, foi grande prazer na Cidade, e grande repicar de sinos, e tirar de artilheria, porque se houveram todos por remidos. Partido o catur, chegou recado de Diogo Correa Capitão de Cana-

nor, que havia nova por Mercadores, que era partida de Suez huma grande Armada de Rumes, que vinham em favor do Hidalcão contra Goa, e isto se ordenára tanto que souberam que elle era partido pera Malaca. Afonso Dalboquerque, porque tinha muito pequena Armada pera os ir buscar, como tinha assentado, ficou muito descontente desta nova; e estando estas cousas assi, e elle indeterminado a qual dellas acudiria primeiro, sendo vinte dias de Agosto do anno de doze, chegou D. Garcia de Noronha a Cochim, o qual partíra o anno passado com seis náos, e invernára em Moçambique, e Jorge de Melo Pereira, que aquelle anno partíra destes Reynos de Portugal por Capitão mór de huma Armada de oito náos com muita gente, a qual El-Rey D. Manuel mandava, com lhe parecer que Afonso Dalboquerque era perdido, e a vinda dos Rumes certa, como lhe Lourenço Moreno, e Antonio Real tinham escrito da India, e com a chegada destas duas Armadas ficou muito contente, e deo muitas graças a Nosso Senhor por ser em tal tempo, e muito mais com a vinda de D. Garcia seu sobrinho, assi pelas qualidades de sua

pessoa, como tambem polo ajudar nos trabalhos da India, que eram cada vez maiores; e ElRey D. Manuel lhe escreveo, que o mandava por Capitão mór daquella Armada, e tendo necessidade de sua pessoa pera o ajudar, que ficasse na India por Capitão mór do mar; e porque Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira tinham escrito a ElRey D. Manuel como Goa ficava cercada, e a pouca necessidade que tinha della, culpando muito Afonso Dalboquerque querela suster, cuidando que nisso se vingavam das reprehensões, que lhe dava de seus vicios, e de cousas que em seus officios faziam contra o serviço delRey, com esta informação escreveo a Afonso Dalboquerque, que lhe agradeceria muito praticar este negocio com os Capitães, e Officiaes; e que se a todos parecesse bem deixar Goa, que a derribasse, e que o não cegasse ganhala duas vezes aos Mouros com tanto trabalho, e risco de sua pessoa, porque nisto lhe fazia muito serviço. Afonso Dalboquerque vendo que isto eram informações de Duarte de Lemos, e Gonçalo de Sequeira, os quaes envergonhados de não serem com elle na tomada della,

tomavam isto por desculpa, dissimulou este negocio sem dar delle conta a ninguem, e acabado o feito de Benastarim, fez o que lhe ElRey mandou, da maneira que adiante se dirá.

## CAPITULO XLV.

*Como o grande Afonso Dalboquerque partio de Cochim com determinação de ir buscar os Rumes: e como foi cercar a fortaleza de Benastarim.*

Com esta nova da vinda da Armada dos Rumes apressou o grande Afonso Dalboquerque mais sua partida. E posto que a sua Armada não fosse tamanha, que pudesse resistir ao poder, que se dizia que elles traziam, porque as principaes náos, que havia na India, de que se pudera ajudar, achou-as muito desbaratadas quando chegou de Malaca, polo pouco cuidado que disso tiveram os Officiaes delRey, que estavam em Cochim : com tudo com a esperança que tinha de o Nosso Senhor ajudar, se partio pera Goa a dez de Setembro do anno de doze com huma Armada de dezeseis vélas, e quatro que havia de tomar em

Goa, com determinação de os ir buscar; e chegado a Cananor já tarde polos ventos serem rijos, achou a vinda dos Rumes hum pouco duvidosa, e com esta nova mandou duas náos, das que vieram de Portugal, que comsigo trazia, que se tornassem a Cochim tomar sua carga, e de Cananor se partio, e foi sobre a barra de Goa com determinação de pôr as mãos aos Capitães do Hidalcão, que estavam em Benastarim; e por huns Mouros que tomou em huma náo, que vinha de Adem, foi certificado que aquelle anno não viria Armada dos Rumes á India, porque se dizia que entenderiam primeiro em tomar Adem, e segurar as partes do estreito, porque a nossa Armada o não pudesse navegar. Surtos na barra, disse Afonso Dalboquerque aos Capitães, que elle determinava de ir sobre Benastarim antes que o Hidalcão soubesse da sua vinda: que elles se fossem á Cidade com toda a Armada, porque elle queria ir por Goa a velha tomar-lhe o passo por mar, antes que o cercasse por terra; e ainda que o perigo estava certo, elle determinava de forçar a artilheria dos Turcos, e atalhalos de maneira, que lhe não pu-

desse vir nenhum socorro, porque no rio havia agua pera os navios chegarem até a fortaleza, e abalroarem com os seus baluartes. Determinado isto, mandou desembarcar toda a gente darmas, que estava nos navios, que havia de ir com elle, e meteo nelles cem Marinheiros, e bombardeiros, os melhores de toda a Armada, e forneceo-os da melhor artilheria que havia, muita polvora, e pilouros, e deo a capitanía delles a Tristão de Miranda da náo S. Pedro, Pero de Afonseca de Sancta Maria da Ajuda, Vicente Dalboquerque da Ajuda pequena, Antonio Raposo do navio Ferros, Garcia de Sousa de huma náo Malabar, e Aires da Silva do navio Rosairo, o qual fez Capitão mór de todos estes navios, e Afonso Dalboquerque hia em hum catur. Prestes tudo, mandou a D. Garcia que se fosse com toda a Armada pera Goa, e que lhe tivesse prestes todas as cousas necessarias pera ir por terra a Benastarim, e que não consentisse sahir nenhuma gente da Cidade sem seu especial mandado; e elle partio-se, e foi entrar por Goa a velha, e chegando defronte da fortaleza de Benastarim, mandou a Tristão

de Miranda que se chegasse com a náo São Pedro até se pôr a tiro de bombarda com a fortaleza, e que elle, e os outros Capitães nos navios o iriam seguindo, e naquelle lugar aguardáram todos até que a artilheria dos Turcos quebrou da furia com que começára átirar.

Como a nossa gente perdeo o medo, e espanto de tantos tiros, mandou Afonso Dalboquerque aos Capitães que se chegassem mais hum pouco com os navios, e a Garcia de Sousa que se fosse atravessar antre elles, e a fortaleza, porque era náo grande, e ficava ali por amparo dos navios. Os Turcos como não folgavam com a vizinhança dos nossos navios, tiravam-lhes tantos tiros, e tão furiosos, que os passavam de huma parte á outra; e porque os nossos se viam afrontados de hum bazalisco, que os Turcos tinham assestado em hum baluarte ao lume dágua, fez Afonso Dalboquerque prestes huma barcaça com hum camelo de metal, e mandou ao seu Condestabre com seis bombardeiros, que fosse de noite nella surgir pegado no baluarte dos Turcos, defronte das suas bombardas, e que se trabalhassem

por lhes quebrar a bazalisco. O Condestabre era tão valente homem, que sem receio do perigo fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, e como foi menhaã começou átirar com o camelo ás bombardas, e quiz Nosso Senhor que deo hum pilouro pela boca do bazalisco, e quebrou-o, e matou dous bombardeiros arrenegados, hum Gallego, e outro Castelhano, que na primeira entrada de Goa se lançáram com os Mouros. Como se Aires da Silva vio desafrontado do bazalisco, mandou alar o seu navio mais avante, e os Marinheiros ordenáram-se tão mal, que se atravessáram diante das bombardas dos imigos. Os Turcos vendo os nossos embaraçados, atiráram-lhes com tantos tiros juntos, que o espedaçáram, e acertou hum pilouro de dar pela proa do navio, e dando em huns tres barris de polvora, que ali estavam, lançou-lhes parte da cuberta, castelos, e ponte ao mar, e duas taboas junto do lume da agua, sem haver perigo na gente mais que queimarem-se tres grumetes; mas o espanto disto os fez lançar todos ao mar, e só Aires da Silva ficou no navio. Os Turcos como víram a fortuna dos

nossos, deram grandes gritas, tangendo suas trombetas. Afonso Dalboquerque vendo Aires da Silva neste trabalho, meteose em hum esquife com quatro homens, e per antre as bombardas dos Turcos chegou ao navio, e bradou á gente que andava a nado, que se tornassem a elle, acusando-os com sua pessoa, e dizendolhes algumas palavras de reprehensão por deixarem o seu Capitão só. Os Marinheiros quando o víram andar no seu esquife diante de tantas bombardas, envergonhados do que tinham feito, tomáram esforço, e volvêram outra vez ao navio; e elle, posto que a artilheria não deixava de fazer seu officio, disse ao seu Mestre, que andava em hum batel, que fosse dar huma rageira por popa ao navio, pera o desatravessarem das bocas das bombardas; e como foi desatravessado, mandou muitos calafates com couros, e tudo o mais que era necessario, que fossem a elle, e lhe tapassem os buracos, que tinha ao lume dágua. Aires da Silva com os Marinheiros, em quanto os calafates faziam seu officio, com caldeirões esgotáram o navio de muita agua que tinha, e porque aquelle

dia se não acabou de concertar, como foi noite, mandou-lhe Afonso Dalboquerque que se arredasse pera fóra, e a Tristão de Miranda que mandasse alar a náo S. Pedro ávante dos navios pequenos, o qual logo de noite mandou melhorar as amarras, porque de dia não ousava nenhum batel de aparecer. Os Turcos como víram a náo, começáram-lhe átirar logo com huma bombarda grossa, e aos primeiros tiros vasáram-na de huma parte á outra; e ainda que a nossa gente passasse trabalho, com tanto risco de suas pessoas, os Turcos não estavam fóra delle, porque a nossa artilheria lhe tinha morta muita gente, e muitos cavallos dentro na fortaleza, e tinham-lhes arrasado todo o muro de maneira, que Roçalcão, e os Capitães não ousavam de entrar na torre de menagem polo perigo que havia de ir a ella, e de noite mandava repairar no muro o que lhe a nossa artilheria derrubava de dia.

## CAPITULO XLVI

*Como o grande Afonso Dalboquerque mandou arrancar a estacada, com que os Turcos tinham rodeado a fortaleza, polos nossos navios não entrarem dentro: e como se foi pera a Cidade, depois de os ter metidos, e o mais que passou.*

Estando as cousas neste estado, o grande Afonso Dalboquerque por atalhar a todo o remedio, que os Turcos podiam ter de socorro, mandou recado a D. Garcia de Noronha, que lhe mandasse dous navios pequenos, e huma barcaça com suas arrombadas muito fortes, e artilheria, e que entrasse polo passo seco, pera baterem com ella a fortaleza por aquella banda, e que tivesse prestes muitos carros carregados de pilouros, e de polvora, e muitas mantas, bancos pinchados, cestos, alviões, e artilheria grossa, e miuda encarretada, e tudo o mais que fosse necessario pera combater a fortaleza por mar, e por terra, e os Capitães da Ordenança que fizessem sua gente prestes; porque tanto que tivesse os navios

da estacada pera dentro, seria logo com elle. Dom Garcia com este recado mandou fazer os navios prestes com suas arrombadas de cairo, e de pipas, e a barcaça com huma bombarda grossa, e deo a capitanía dos navios a Fernão Gomez de Lemõs, e a Antonio de Matos, e a João Gomez da barcaça; e como estiveram prestes, foram-se polo rio arriba, e querendo passar polo passo seco, porque o navio em que hia Antonio de Matos era maior, tocou, e foi necessario tirarem-lhe as arrombadas em que escorava pera poder passar; e polo pezo da artilheria que levava em cima da ponte ser grande, veio o navio á barda, e soçobrou. Fernão Gomez de Lemos, e João Gomez passáram, e em chegando á fortaleza, pegáram logo em hum baluarte, que estava daquella banda, e puzeram-se tão perto delle, que os Turcos de cima lhe feríram alguma gente com espingardões, e com frechas, e os navios bem varejados da artilheria; e com tudo, como homens de esforço, sempre tiveram mão sem se afastarem. Roçalcão como vio que tambem por aquella parte os combatiam, mandou logo passar áquelle baluarte qua-

tro bombardas grossas, e no pano do muro por baixo, e por cima mandou tambem pôr artilheria, e com ella lhe passavam os navios de huma parte á outra; mas os nossos com todo este trabalho não deixavam de lho pagar na mesma moeda. Afonso Dalboquerque tendo aquella parte segura de lhe não entrar por ali nenhum socorro de gente, e mantimentos, determinou de arrancar huma estacada, com que os Mouros tinham a fortaleza rodeada, e meter os navios dentro pera abarbarem com os muros della, e mandou a Tristão de Miranda, e Aires da Silva, que com elle eram dentro na náo, polo seu navio ficar de fóra polo caso acontecido, que abalroassem a náo S. Pedro com a estacada pera a arrancarem, e fazerem hum boqueirão largo, por onde pudessem entrar dentro, porque o que os Mouros deixáram pera serventia da fortaleza, era muito estreito: E apôs elles mandou Pero de Afonseca, Antonio Raposo, è Vicente Dalboquerque que fizessem outro tanto; e com quanto estes Capitães chegáram os seus navios com muito esforço á estacada, não foi sem perigo seu, porque foram bem ser-

vidos da artilheria, frechas, e espingardões; e como foi noite, foi ter Afonso Dalboquerque com elles, e arrancáram muita parte da estacada. Feito isto, mandou a Tristão de Miranda que portasse huma ancora além da estacada, e que alasse a náo S. Pedro pera dentro quanto mais pudesse, e aos outros navios que o seguissem. Os Turcos como víram que os nossos de noite andavam metendo os navios da estacada pera dentro, lançáram feixes de palha acezos ao pé do muro, e á claridade do lume lhes tiravam com a artilheria; e porque os nossos estavam já muito metidos nas bocas das bombardas, e Afonso Dalboquerque corria muito perigo no esquife em que andava, pediram-lhe os Capitães muito que se afastasse pera fóra, porque em aventurar sua pessoa se podia perder aquelle negocio, e que descançasse, que elles fariam aquillo que lhes elle mandava muito bem feito. Afonso Dalboquerque com o seu animo invencivel lhes respondeo, que não podia descançar em quanto os visse naquelle trabalho, que fizessem o que lhes mandava, porque elle não nos havia de deixar, sem

entender como os deixava; e como teve os navios dentro da estacada postos em ordem pera baterem a fortaleza, recolheo-se pera fóra com determinação de se ir pera a Cidade fazer prestes pera vir por terra, e ao recolher lhe espedaçáram dous negros remeiros do esquife, e como se vio fóra, foi-se ao paráo, e dali mandou alguns peões Canarins, que lhe fossem á terra firme tomar algum lingua pera saber novas do Hidalcão, e elles foram, e tomáram dous Mouros, que vinham pera a fortaleza de Benastarim, e delles soube que Içufularij vinha com dous mil homens socorrer a fortaleza, e que dentro nella estariam seis mil Turcos, Rumes, e Coraçones, e da outra gente haveria tres mil, em que entravam cem espingardeiros, e trezentos de cavallo.

Afonso Dalboquerque com esta nova deixou Aires da Silva por Capitão mór daquelles navios, e hum parão pera lhe trazer agua, e os mantimentos que fossem necessarios, e disse-lhe, que tanto que elle cometesse a fortaleza por terra, désse elle pela banda do mar com a sua gente. E ordenado isto, partio-se pera a Cidade no catur em que viera. Durou este trabalho oito

dias, e oito noites, e em todos elles nunca os Turcos cessáram de tirar com sua artilheria, da qual as nossas náos foram bem hospedadas por estarem apegadas com os baluartes, e nas bocas das suas bombardas. E diziam os nossos, que neste feito se acháram, que nestes oito dias lhes atiráram os Turcos mais de quatro mil tiros de artilheria grossa, a fóra outra miuda, e do alto do muro lhes tiravam com frechas, e espingardões, com que feríram muitos dos nossos. Os mastos, vergas, enxarcea dos navios eram tão crespos das frechas, que espantava muito velos. Tristão de Miranda, e Vicente Dalboquerque, posto que naquelle tempo eram mancebos, fizeram-no muito ousadamente aquelles dias, e ficáram tão atroados da artilheria dos Turcos, e da nossa, polos seus navios serem sempre dos dianteiros, que por espaço de muitos dias não ouvíram. Aires da Silva tambem por sua parte fez aquelle dia como muito valente cavaleiro; e o caso acontecido no seu navio foi, porque nunca curou de rageiras, nem de proizes, senão chegar-se por diante de todos a conclusão, porque nelle não havia medo; e depois de

Afonso Dalboquerque se partir pera a Cidade, sabendo que da outra banda da terra firme era chegada huma cafila de bois de carrega, que trazia mantimentos pera a fortaleza, foi de noite com essa gente que tinha nos navios, e deo nelles, e queimou-lhes as casas, e matou muitos Mouros, e tomou-lhes os mantimentos, e os que ficáram vivos puzeram-se em fugida. Pero de Afonseca, e Antonio Raposo tambem por sua parte pelejáram com muito esforçó, e sem nenhum receio da artilheria dos imigos, portavam suas ancoras. Este negocio assi cometido com tanta artilheria, tanta gente de imigos em huma fortaleza, não creio que se vio outro como este naquellas partes, porque muitas vezes reprendia Afonso Dalboquerque os nossos de não segurarem suas pessoas, e vidas, porque os navios eram tão espedaçados da artilheria dos Turcos por todas as partes, que não havia lugar em que se elles pudessem salvar, senão fora querelos N. Senhor guardar daquelle perigo.

## CAPITULO XLVII

*Como o grande Afonso Dalboquerque chegou á Cidade, e do grande recebimento que lhe fizeram, e o mais que passou com os Turcos.*

Depois que o grande Afonso Dalboquerque teve os Turcos atalhados de todo o socorro que lhes podia vir, foi-se a Goa por mar no catur em que viera, e chegado ao cais, como aquella fora a primeira vez que entrára na Cidade, depois da sua vinda de Malaca, vieram-no receber á porta de Sancta Catharina, onde desembarcou desta maneira. D. Garcia de Noronha com toda a gente da Armada, Manuel de Lacerda Capitão da Cidade com todos os Fidalgos que nella havia, e Pero Mascarenhas com a gente da Ordenança; e os Juizes, e Vereadores, e o mais povo natural da terra em sua companhia. E tinham-lhe huma faca, em que havia de ir com huma guarnição de brocado, e estribos, e tudo o mais da guarnição era de prata muito bem lavrada, e hum páleo de brocado, que haviam de levar os Vereadores da Cidade;

e em chegando á porta, lhe fizeram huma arenga : a sustancia da qual era o grande alvoroço, que todos tinham de sua vinda, e o contentamento da vitoria, que lhe Nosso Senhor dera contra o poder do Rey de Malaca. Acabada a arenga, chegou Manuel de Lacerda, e entregou-lhe as chaves da fortaleza. Feitas todas estas ceremonias, falou a todos com muito amor, e gazalhado ; e cavalgando na faca, que lhe tinham prestes, rodeado de toda a sua guarda, começou a caminhar direito á Igreja, indo todos a pé diante delle ; e sendo no meio do caminho, vieram os Clerigos recebelo com huma Cruz alevantada ; e vendo-a Afonso Dalboquerque, desceo-se da faca, e pondo-se em joelhos diante della, disse aos que levavam o páleo, que a tomassem debaixo, porque aquella honra não se havia de fazer senão áquella Cruz, que era semelhança da em que Nosso Senhor padecêra, e foram-na assi todos seguindo até á Igreja ; e feita a oração, tornou Afonso Dalboquerque a cavalgar na faca, e debaixo do páleo veio-se ás casas do Çabayo, em que pousava, e começou logo a entender nas cousas que eram necessarias, pera ir por terra

sobre Benastarij. Estando prestes pera se partir, com determinação de dar huma bateria á fortaleza, e fazer hum portal largo, por onde pudesse entrar hum corpo de gente, vieram-lhe dizer, que Roçalcão era fóra da fortaleza, e vinha marchando com muita gente de pé, e de cavallo em batalha dar vista á Cidade. Afonso Dalboquerque com esta nova, porque era de noite, mandou a Manuel de Lacerda Capitão da Cidade, que tanto que fosse menhaã se puzesse a cavallo, e Pero Mascarenhas, e Antonio de Saldanha, João Machado, Fernão Caldeira, Manuel Fernandez, João Cabeceira, Lourenço Prego, e Diogo Fernandez Adail com elle, que fosse ver que gente era. Ao outro dia pela menhaã cedo se sahíram pela porta fóra, e chegáram sobre um valle, onde Roçalcão com a sua gente estava alojado; e como Manuel de Lacerda ouve vista da gente, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que Roçalcão estava ali, e poderia haver em sua companhia tres mil homens. Com este recado mandou sahir Ruy Gonçalvez, e João Fidalgo com trezentos soldados da Ordenança, bésteiros, e espingardeiros, e alguns

com piques, que fossem pela estrada direita ajuntar-se com Manuel de Lacerda; e apôs esta gente mandou mais trinta de cavallo, e recado a Manuel de Lacerda que se deixasse estar, dando costas á gente da Ordenança, e não travasse com os Turcos; e se visse que todavia queriam pelejar, que lho mandasse dizer. Roçalcão como vio que os nossos eram poucos, veio-se chegando com suas batalhas. Manuel de Lacerda deixou-se estar, e não quiz travar com elle. Roçalcão vendo esta determinação dos nossos, esteve quedo sem ousar de andar mais por diante. E estando huns, e outros assi, foi João Machado correndo á Cidade, e disse a Afonso Dalboquerque como Roçalcão estava em som de querer pelejar, que visse o que queria que fizessem: elle com este recado mandou chamar D. Garcia, e todos os Capitães, e deo-lhes conta do que passava; e porque João Machado se começou áffirmar, que Roçalcão queria pelejar, foram todos de parecer que devia de sahir com toda a gente, e illo cometer. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que pois estavam em determinação de ir cometer a fortaleza por terra, a qual tinham já

cercada por mar, e lançar os Turcos fóra della, não lhe parecia bom conselho andar escaramuçando com os Mouros no campo, senão chegarem-se a conclusão do feito com boa determinação, porque os Mouros eram grandes archeiros, e gente muito solta, e andavam muito despejados de armas, e podiam-se chegar, e afastar cada vez que lhe bem viesse, o que elles não podiam fazer, porque hiam todos carregados dellas, e eram mui pezados pera andarem escaramuçando com os Turcos no campo: e por cima de todas estas rezões tornáram-se todos áffirmar, que devia de sahir fóra, e pelejar com os Turcos.

Vendo-se Afonso Dalboquerque forçado deste conselho, mandou repicar, e abrir as portas, e sahio ao campo com toda a gente, e fez della tres batalhas. Na dianteira mandou Pero Mascarenhas, que se ajuntasse com Ruy Gonçalves, e João Fidalgo, e tivesse cuidado da gente da Ordenança; e na outra D. Garcia, e em sua companhia Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Antonio de Saldanha, Francisco Pereira Pestana, Jorge Dalboquerque, Jorge Nunez de Lião, Gonçalo Pereira,

D. João Déssa, Diogo Fernandez de Béja, D. João de Lima, Gaspar Pereira, Jorge da Silva, Ruy Galvão, Pero Correa, João Delgado, Manuel de Sousa, Jeronymo de Sousa, e outros muitos Fidalgos, e Cavaleiros, e elle com a mais gente na retaguarda; e indo assi nesta ordem á vista dos Turcos, começou Roçalcão ábalar com suas batalhas pera os nossos. Afonso Dalboquerque como o vio, mandou a Pero Mascarenhas com a gente da Ordenança, que fosse de rosto a elles, e a D. Garcia que se fosse chegando seu passo cheio pela banda da mão direita, e elle ficou da banda da mão esquerda, e foi melhorando por hum vale acima, tomando a ilharga da batalha dos Turcos; e porque D. Garcia andava muito, mandou-lhe dizer que se tivesse, até que elle fosse no cabo do valle, porque era lugar de grande commodidade pera cometer os Turcos. O Roçalcão vendo que a determinação dos nossos era cometelos, teve-se, e mandou a sua gente que não andasse mais por diante. Afonso Dalboquerque como era esperto na guerra, entendeo que os Turcos se queriam retirar atrás, como gente mudada da de-

terminação em que vinha, e mandou dizer a Pero Mascarenhas, que apertasse hum pouco mais rijo com elles, e a D. Garcia de Noronha que os seguisse por aquella banda onde hia, e a Manuel de Lacerda que fosse dando costas aos da Ordenança com a gente de cavallo, como lhe tinha mandado. Os Turcos vendo-se afrontados da gente da Ordenança, metidos em desordem, deram volta contra a fortaleza.

## CAPITULO XLVIII

*Como Roçalcão se poz em fugida, e o grande Afonso Dalboquerque lhe foi seguindo o alcance até os muros da fortaleza de Benestarij, e do mais que passou.*

Como o grande Afonso Dalboquerque vio que Roçalcão levava o rosto na fortaleza, mandou a Manuel de Lacerda que com a gente de cavallo travasse com os Turcos; e como se os nossos foram chegando pera elles, apartáram-se mil peões dos Canarins da terra, e foram-se por hum recosto arriba. Afonso Dalboquerque vendo que

carenhas, que hia com a gente da Ordenança, ao qual Afonso Dalboquerque depois de recolhidos abraçou, e beijou na face, de que alguns ficáram escandalizados, e não tinham rezão; porque além de o elle fazer aquelle dia, como valente Cavaleiro, tinha-lhe Afonso Dalboquerque obrigação, porque deixou a fortaleza de Cochim, de que era Capitão, e veio servir ElRey naquella guerra. Francisco Pereira Pestana, que foi o que se mais tomou disto, remeteo ao muro, e dando huma palmada nelle, (que não foi sem lhe custar queimaremno,) disse : *Quero ver se dirão em Portugal as regateiras de Lisboa, que chegou aqui Francisco Pereira.* Afonso Dalboquerque o reprendeo, dizendo-lhe, que se espantava muito delle fazer huma cousa como aquella tão fóra de tempo. O Francisco Pereira como era agastado, e aspero de condição, começou-se a tomar com Afonso Dalboquerque em palavras, e veio a tanto, que lhe disse : *Comigo vos tomais vós, e não com Duarte de Lemos, porque vos mostrava os dentes?* Ao que elle respondeo com muita paciencia, (porque em todas suas cousas foi sempre exemplo della :)

*Mostraria, que os tinha muito grandes, e mui compridos;* e virou-lhe as costas sem mais reposta, porque dias havia que em outras palavras, que com elle teve, o sofreo polo não castigar, e disse-lhe: *Arrenego da vida em que vivo, Francisco Pereira, rasgo-me,* e lançou as mãos a huma loba de escarlata çarrada, que tinha vestida, e rasgou-a.

D. Garcia de Noronha com toda a outra gente, que era da banda da mão direita, com o arrifar, e couces dos cavallos, que os Turcos deixáram por se salvarem por cima do muro, metêram-nos em tão grande desconcerto, que os não deixáram chegar ao muro, nem á porta, e tiveram bem que fazer em se defender delles; mas os Turcos antes de se subirem, foram bem escozidos dos nossos, e matáram muitos; e nesta presteza que tiveram de seguir aos Turcos, se houve Roçalcão de todo por desbaratado, e a fortaleza entrada; e não fora muita dúvida, se os nossos foram apercebidos pera isso. Afonso Dalboquerque com a outra gente, que vinha da banda da mão esquerda, foi cometer hum baluarte, em que estava Miliqueaye,

o segundo Capitão com muita gente, que o defendeo muito bem; mas com tudo os nossos aperfiáram de maneira pela subir, que bem pudera Afonso Dalboquerque por aquella parte pôr a sua bandeira em cima do muro, se pelas outras tivera esperança de ser ajudado; mas como Benestarij era huma Villa muito grande, e com muros muito fortes, e não tinha ali artilheria, com que a pudesse bater, mandou a gente que se arredasse. E ainda que os nossos este dia não fizeram mais que o que tenho dito, muito he pera louvar, tantos Fidalgos, tantos Cavaleiros, e gente nobre, carregados de armas, por grande calma, irem de Goa a Benestarij, que são duas leguas a pé, e chegarem a pôr as mãos no muro, e com tanto esforço aperfiáram de entrar em huma fortaleza com tantos Turcos dentro, e que a sabiam muito bem defender. Foram aqui feridos Manuel de Lacerda, Pero Dalboquerque, Jorge da Silva, Lopo Vaz de Sampayo, Ruy Golvão, Pero Correa, João Delgado, Ruy Gonçalvez Capitão da gente da Ordenança, Diogo Fernandez de Béja, Manuel de Sousa, Jeronymo de Sousa, e outros mui-

tos homens honrados, que aquelle dia acompanhando seus Capitães pelejáram mui ousadamente, sem receio de fogo, nem de panelas de polvora, espingardões, lanças, frechas, e pedras, com que lhes tiravam; e além destes foram feridos cento e cincoenta soldados com a artilheria, os quaes estavam afastados do pé do muro: e não ficou isto sem castigo, porque dos Turcos foram muitos mortos, e feridos, antes de se recolherem á fortaleza, e dos peões, que ficáram de fóra ao cerrar da porta, morrêram muitos, e dous Capitães Gentios, hum chamado Miralle, e outro Conaique.

## CAPITULO XLIX

*Como o grande Afonso Dalboquerque recolheo a gente, e se foi á Cidade: e como tornou com todo seu arraial pôr cerco á fortaleza, e do que passou com Roçalcão.*

Retirados os nossos do pé do muro, poz-se o grande Afonso Dalboquerque defronte da fortaleza, em lugar onde lhe a artilheria não podia fazer nojo, e esteve

assi hum grande pedaço com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, vendo a maneira que se podia ter pera a cometer, e os lugares por onde se podia entrar; e depois de terem tudo muito bem visto, partio-se pera a Cidade com toda a gente, onde esteve alguns dias curando os feridos, e dando folga aos sãos do trabalho que passáram aquelle dia, e mandou logo pôr em ordem toda a artilheria, escadas, bancos pinchados, mantas, pipas vazias pera estancias, e todas as outras cousas, que pera tal feito na Cidade se podiam haver; e posto tudo em caminho, dali a dous dias mandou sahir a gente da Ordenança, e todos os bésteiros, e espingardeiros, que fossem dando guarda a estas munições, e que o esperassem ás duas arvores, (que he meio caminho de Goa pera Benestarij) e que ali lhe assentassem a sua tenda, e ao outro dia pela menhaã se partio com toda a gente, que seriam por todos tres mil e quinhentos homens; e chegado ás duas arvores, assentou seu arraial cercado todo de artilheria, e ali esteve dous dias esperando polos mantimentos, de que tinha dado cargo a Bas-

tiam Rodriguez seu criado, que ora he Juiz da balança da Moeda desta Cidade de Lisboa; e como foi chegado, poz-se Afonso Dalboquerque em caminho com todo o seu arraial em tres batalhas, e mandou a Pero Mascarenhas, que com a gente da Ordenança fosse diante com toda a artilheria, e que fizesse estancias em que a puzesse. Como os nossos foram á vista da fortaleza, começáram-lhe os Turcos átirar, e Afonso Dalboquerque por lhes pagar na mesma moeda, mandou a Pero Mascarenhas que fizesse outro tanto; e como a nossa artilheria começou átirar, os Turcos, que pareciam por cima do muro, recolhêram-se pera dentro. Despejado o muro, desceo-se Afonso Dalboquerque de huma faca em que hia, e foi-se a pé onde Pero Mascarenhas tinha a estancia da artilheria, e como foi noite, mandou-a chegar mais á fortaleza, defronte de hum certo lugar, que João Machado lhe tinha dito que o muro era mais fraco, porque sua determinação era derrubar hum lanço delle, por onde pudesse entrar força de gente, a que os Turcos não pudessem resistir. E aquelle dia que chegáram não se

fez mais, que assentarem seu arraial ao redor da fortaleza, e ao outro dia pela menhaã tornou Afonso Dalboquerque, e poz-se em hum lugar encostado a hum penedo, pera ver o que os nossos faziam. Os Turcos como víram na maneira da cortezia, que elle podia ali estar, começáram átirar com a artilheria pera aquella parte mais a miudo, e nisto chegou Diogo Mendez de Vasconcelos, e como vio que o lugar não era muito sadio, e os pilouros amiudavam, disse a Afonso Dalboquerque que se passasse pera detrás do penedo, porque ali corria sua pessoa muito risco; e posto que Diogo Mendez não fosse muito seu amigo, fez o que lhe aconselhou, e indo-se pera detrás do penedo, veio hum pilouro, e matou hum homem, que hia falando com elle, e encheo todo de sangue. Afonso Dalboquerque deo muitas graças a Nosso Senhor polo livrar daquelle perigo, e mandou guardar o pilouro, e por sua morte deixou que o forrassem de prata, e o levassem a Nossa Senhora de Guadelupe, com huma alampada de prata muito grande, e hum colar de ouro de pedraria muito rico, e cem

mil reis em dinheiro pera se comprar de renda de azeite pera a alampada, e tudo isto lhe mandou Pero Correa, que ficou por seu testamenteiro.

Passado isto, mandou Afonso Dalboquerque a D. Garcia, que aquella noite fizesse chegar as estancias mais perto do muro, porque estavam hum pouco longe, e elle poz tão boa diligencia em o fazer, que antes que fosse menhaã tinha feito huma estancia muito mais forte do que estava dantes, com muitas pipas, e cestos cheios de terra, e a artilheria toda posta em seu lugar, e Afonso Dalboquerque andou toda a noite na sua faca, vendo o que se fazia. Como foi menhaã, que Roçalcão vio as nossas estancias mais chegadas á sua fortaleza, fez prestes quatrocentos Turcos, e mandou-lhes que dessem nellas. Pero Mascarenhas, Ruy Gonçalvez, e João Fidalgo, que estavam com a gente da Ordenança em guarda dellas em hum baixo, por amor da artilheria dos Turcos, acudíram mui prestes ao rebate, e Dom Garcia de Noronha por outra parte, e deram nelles tão ousadamente, que primeiro que se os Turcos recolhessem, ficáram muitos

estirados por esse campo. Tanto que os Turcos foram recolhidos, começou a nossa artilheria átirar ao muro com tanta furia desde pela menhaã até á tarde, que não havia Mouro que ousasse aparecer antre as ameas. E porque em o nosso arraial havia tiros muito furiosos, e os bombardeiros eram muito certos em seu officio, começáram a romper o muro por algumas partes. Vendo Afonso Dalboquerque os muros desta maneira, mandou aos Capitães que estivessem prestes, pera ao outro dia pela menhaã cometerem a fortaleza, e entrarem os Turcos por força de armas, e que não lhes dizia o lugar, senão que cada hum tivesse aviso, e onde vissem sua pessoa, ali acudissem todos, e aos bombardeiros mandou que apertassem mais a fortaleza com a artilheria. Vendo-se Roçalcão tão apertado por mar, e por terra, sem esperança de nenhum socorro, mandou chamar Miliqueaye, (o segundo Capitão que era Coraçone de nação,) e todos os principaes Turcos da fortaleza, e arrenegados, e fez-lhes huma fala, dizendo, que elles viam bem da maneira que estavam cercados, e atalhados de todo o socorro, e

muita parte do muro derribado, e que havia muita falta de mantimentos, e polvora, e de todas as outras munições necessarias pera sua defensão, e a pouca esperança que tinham de ser provídos dellas, que pois se já não podiam salvar pelas armas, que o deviam de fazer com algum concerto de paz, que fizessem com os Christãos. Miliqueaye, e os outros Turcos, vistas as rezões de Roçalcão, e a experiencia que tinham do que passava, foram de parecer que se pedisse tregoa, pera depois tratarem em o concerto da paz. Determinado isto, ao outro dia pela menhaã cedo, (estando Afonso Dalboquerque em sua determinação,) puzeram huma bandeira branca no muro: elle como a vio, mandou logo João Machado, que fosse ter fala com Roçalcão pera saber delle o que queria, o qual chegou ao pé do muro, e Roçalcão lhe veio falar, e disse-lhe, que dissesse ao Capitão geral, que lhe désse seguro, porque queria fazer tudo o que elle quisesse. Afonso Dalboquerque, como queria mais a vida de hum Christão que no combate podia aventurar, que matar quantos Turcos estavam na fortaleza, folgou muito, e man-

dou-lhe dizer que lhe mandasse dous Turcos homens principaes em arrefens, e que elle lhe mandaria dizer o que queria. João Machado tornou com este recado, e como Roçalcão desejava a paz, mandou-lhe logo os Turcos que pedia.

## CAPITULO L

*De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os Capitães, e Fidalgos, que ali estavam, o que lhe Roçalcão mandára cometer: e do que assentou com elle, e como se partio pera Goa.*

Chegado João Machado com os dous Turcos, que haviam de estar em arrefens, até se acabar de tomar conclusão no concerto das pazes, que Roçalcão pedia, como tenho dito, chamou Afonso Dalboquerque todos os Capitães, e Fidalgos, que estavam naquelle arraial, e disse-lhes como os Turcos da fortaleza de Benestarij estavam já quasi rendidos, porque Roçalcão Capitão principal lhe mandára cometer pazes, e que faria tudo o que elle quizesse; que pera lhe responder a este seu requerimento era necessario dizerem-lhe todos seus pareceres.

Os Capitães lhe respondêram, que elles estavam offerecidos ali com suas pessoas pera morrerem por serviço de Deos, e delRey Dom Manuel; e pois tinha tanta gente, e com tal vontade, que não havia de responder a preposito a Roçalcão, senão combater a fortaleza, e entrala por força de armas, e tomalo ás mãos; porque cometer elle pazes, tendo dentro comsigo em a fortaleza dobrada gente de Turcos, do que ali estavam de Christãos, que não era senão por ter mais mal comsigo, do que todos cuidavam, e que por estas rezões, e outras muitas lhes parecia que não devia de entender em concerto nenhum com elle. E como Afonso Dalboquerque, e D. Garcia, e outros eram de contrario parecer, respondeo-lhes, que a melhor cousa que os Turcos tinham naquella fortaleza era a artilheria, e os cavallos, e que toda a outra gente, ainda que a cativasse, não daria por ella dous vintens, nem os havia de meter comsigo na Cidade, porque havia muita falta de mantimentos: e se lhes parecia, que dando-lhe combate tomariam a pessoa de Roçalcão, como diziam, que era cousa muito duvidosa tomalo, e pu-

nham em condição de matarem quatro, ou cinco Fidalgos, ou vinte pela ventura, segundo todos eram desejosos de serem os primeiros; porque oito mil Mouros cercados, e atalhados, sem nenhuma esperança de salvação, de necessidade muito sangue haviam de fazer primeiro que os apagassem de todo; e por tanto seu parecer, e determinação era, que deixando-lhe Roçalcão a fortaleza com toda a artilheria, e cavallos, e tudo o mais que nella houvesse, e entregando-lhe os arrenegados, deixalos ir, e pôr-lhes huma ponte de prata por onde passassem á terra firme.

Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque dizer a Roçalcão por João Machado, que com estas condições, que tenho dito, faria pazes com elle, e o deixaria ir livremente; e não querendo, que soubesse certo que não havia de dar vida a elle, nem a nenhuma pessoa, que naquella fortaleza estivesse. Como Roçalcão desejava muito a paz, concedeo-lhe tudo; e que quanto era aos Christãos arrenegados, que lá estavam, que lhe pedia por mercê que não falasse nelles, que os não havia de entregar, porque sua lei lho defendia.

Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que a primeira cousa, que lhe havia de entregar, eram os arrenegados, e que sem isto não faria nenhum concerto com elle. Roçalcão como vio sua determinação, polos desejos que tinha de se ver já fóra do laço, em que estava, quiz antes acudir á sua necessidade, que cumprir com a obrigação de sua lei; e disse a João Machado, que dissesse ao grande Capitão, que pois tanto insistia nos arrenegados, que lhos entregaria com tal condição, que lhes désse a vida. Afonso Dalboquerque lha concedeo, e mandou-lhe seguro pera elle, e pera todos os Turcos, e Mouros, com tanto que não levassem nenhuma cousa, senão vestidos de suas pessoas. Como Roçalcão teve o seguro, mandou logo á terra firme suas mulheres; e como as teve da outra banda, elle, e Miliqueaye, que era o segundo Capitão da fortaleza, desconfiados de lhe Afonso Dalboquerque guardar o seguro, se passáram logo da outra banda, não lhe lembrando a palavra, que tinham dado aos Turcos, de se não sahirem fóra da fortaleza, sem primeiro os levarem diante.

## CAPITULO LI

*De como os nossos entráram a fortaleza, e quizeram saquear os Turcos, se lhes o grande Afonso Dalboquerque não valêra: e o que passou com os arrenegados, e como se partio pera Goa.*

Como a nova correo polo arraial, que Roçalcão, e Miliqueaye eram passados da outra banda da terra firme, com a cubiça de saquearem a fortaleza vieram-se os nossos de roldão, e entráram dentro nella, e começáram a roubar, e a tratar mal os Turcos, e muitos com medo se lançáram ao rio, e se afogáram. Vendo Afonso Dalboquerque este alvoroço, chegou á porta pera ter a gente que não entrasse, até que de todo fosse a fortaleza despejada dos Turcos; e depois de ali estar, foi-lhe forçado entrar dentro, e com assás trabalho pode defender a nossa gente, que os não matassem, e roubassem, por lhes guardar o seguro que lhes tinha dado; e porque os Mouros eram muitos, e não havia ne-

nhum remedio pera se passarem da outra banda tão prestes, como Afonso Dalboquerque queria, por acabar de os lançar todos fóra, mandou vir os bateis das náos, e algumas atalaias que ali tinha, e com isto se começou a despejar hum pouco mais a ribeira; e com tudo eram tantos os Persas, Turcos, e Coraçones, e da outra gente da terra, que estiveram dous dias em passar. Passados todos á outra banda da terra firme, ao outro dia pela menhaã chegou Içufularij Capitão do Hidalcão, que vinha socorrer a Roçalcão com grande força de gente, e mantimentos; mas segundo Benestarij estava rodeado por mar, e por terra da nossa gente, não era possivel poderem-no entrar, e Içufularij como vio a fortaleza tomada, e sem nenhum remedio, tornou-se com a gente que trazia pera suas terras mui agastado, dando muita culpa a Roçalcão por deixar huma fortaleza com tanta gente sem pelejar. E os Turcos vendo-se em salvo, sem mais esperarem foram-se logo tres Capitães com muita gente branca pela terra dentro. Afonso Dalboquerque como a fortaleza foi despejada, mandou recolher todos os cavallos, e artilheria que

nella estava, e mandou repairar o derribado da fortaleza o melhor que pode, e fornecela de mais artilheria, e munições de guerra, e hum Capitão com gente pera a guardar; e acabado de prover isto, mandou vir perante si Fernão Lopez, e os outros arrenegados, os quaes vendo-se diante delle, receosos que lhe não guardasse o seguro que lhes tinha dado, lançáram-se aos seus pés, e com muitas lagrimas lhe pedíram misericordia. Afonso Dalboquerque como não havia de faltar de sua verdade, guardou-lhes o seguro quanto á vida, como tinha prometido a Roçalcão, e mandou-lhes cortar a todos a mão direita, e o dedo pollegar da esquerda, e as orelhas, e narizes, por memoria, e espanto da treição, e maldade, que cometêram contra Deos, e seu Rey. Este Fernão Lopez, que era o principal delles, se veio pera Portugal depois da morte de Afonso Dalboquerque, e chegando á Ilha de Sancta Ilena, deixou-se ficar nella com hum escravo seu, e ali acabou seus dias, e foi o primeiro, que nesta Ilha fez casa, e huma Ermida, prantou muitas arvores, e fez muita creação de porcos, e de ca-

bras, que foi grande refugio pera as nossas náos, que ali chegam vindo da India. Afonso Dalboquerque, depois de ter provída a fortaleza de tudo o que lhe era necessario, veio-se pera a Cidade com toda a gente, onde foram recebidos de todo o povo com huma grande Procissão á porta da Cidade, e dali se foram direitos á Igreja dar graças a Nosso Senhor pela grande vitoria que lhe dera de seus imigos; e passadas estas ceremonias todas, ordenou logo hum Hospital muito grande com camas, e todo o mais necessario pera se curarem os feridos, que eram muitos, e mandou Garcia de Sousa com certos navios, que andasse sobre a barra de Dabul, e não consentisse que nenhuma náo entrasse no porto, nem sahisse, a fim de fazer a guerra ao Hidalcão por todas as partes que pudesse. Partido Garcia de Sousa, fez prestes muita cal, pedra, e cantaria pera fortificar a fortaleza de Benestarij, e repartir os passos da Ilha, que tivessem disso necessidade, e poz-lhe nome o *Castelo de S. Pedro,* pela náo, que ali fora despedaçada diante delle, e deo cuidado a Manuel Fagoso do baluarte de Pangij, e da

torre da Ilha de Choram; e a Bastião Rodriguez Cavaleiro da casa delRey, e Juiz da balança que ora he da Moeda da Cidade de Lisboa da torre de Divarij, e por ser casado em Goa, deo-lhe a Alcaidaria mór della em sua vida. E porque estes passos eram os principaes, e muito importantes pera segurança da passagem da terra firme pera a Ilha, deo grande pressa a se acabarem, porque sua determinação era entrar o estreito do mar Roxo, e tomar Adem se pudesse, do qual negocio não tinha dado conta a ninguem por se não saber de sua ida; e porque o tempo da moução era chegado, e tinha muitos negocios em que entender, primeiro que se nelles embaraçasse, determinou de despachar os Embaixadores dos Reys da India, que ali andavam; e porque Pero Mascarenhas vendo o negocio de Benestarij acabado, lhe pedio licença pera se tornar á sua fortaleza de Cochim, elle polos desejos que tinha de o deixar por Capitão em Goa, confiando muito de seu esforço, e discrição, lhe pedio muito por mercê que quizesse ficar ali pera dar ordem a se acabarem aquellas torres, pera as quaes

tinha já todas as cousas necessarias, porque nisso fazia mais serviço a ElRey, que estar em Cochim.

## CAPITULO LII

*De como o grande Afonso Dalboquerque mandou D. Garcia de Noronha seu sobrinho com huma Armada sobre Calicut: e como despachou os Embaixadores, que andavam em Goa, e o mais que passou.*

Como o grande Afonso Dalboquerque estava muito descontente do Çamorim, por lhe faltar de sua palavra, sobre as pazes que por seus Embaixadores lhe mandára pedir, estando de caminho pera Malaca, ao qual negocio foi Simão Rangel, desejando de se vingar delle. Acabado o feito de Benestarij, mandou D. Garcia de Noronha seu sobrinho, que fosse sobre Calicut, e lhe fizesse todo o máo tratamento que pudesse, e guardasse aquella costa de maneira, que della não sahisse nenhuma náo com especiaria pera Méca. Partido D. Garcia, porque havia dias que em Goa andavam alguns Embaixadores dos Reys da

India, entendeo logo Afonso Dalboquerque em seus despachos, e mandou ao Secretario que lhe trouxesse todos os papeis, e cartas do Hidalcão; e depois de os ver, mandou chamar o seu Embaixador, e disse-lhe, que se o Hidalção queria ter paz, e amizade com ElRey de Portugal seu Senhor, que elle era disso muito contente; mas que os apontamentos que trazia não eram conformes ao que lhe o Hidalcão tinha por muitas vezes escrito, e que pera se declarar este negocio com elle, determinava de mandar hum Embaixador em sua companhia. O Embaixador lhe respondeo, que nos apontamentos não houvera mudança nenhuma; e pois queria lá mandar seu messageiro, e havia de haver dilação no negocio, que lhe pedia muito por mercê, em quanto se falasse no concerto da paz, mandasse aos seus Capitães que largassem o porto de Dabul, e deixassem vir as náos com mercadorias, e mantimentos a elle. Afonso Dalboquerque desejava tanto de tomar alguma conclusão com o Hidalcão, que mandou logo recado a Garcia de Sousa, que estava sobre Dabul, que largasse a navegação do porto, não sendo mercadorias

defezas; e que se os Mouros quizessem seguros pera suas náos navegarem, que lhos mandassem pedir a Goa. Despachado este Embaixador, mandou Afonso Dalboquerque em sua companhia, pera assentar paz, Diogo Fernandez Adail de Goa, e o filho de Gil Vicente por seu Escrivão, e João Navarro por lingua, e seis encavalgaduras, e hum Capitão da terra com vinte peões pera os servirem polo caminho. Partido Diogo Fernandez, despachou o Embaixador do Rey de Cambaya, que havia dias que andava em Goa, e dilatava-lhe o seu despacho; porque como a Armada que fazia era grande, e muito apercebida de todas as cousas necessarias pera cometer qualquer feito por grande que fosse, ainda que não tivesse dado conta a ninguem do caminho que queria fazer, arreceava-se que presumissem os Mouros que era pera entrar o estreito do mar Roxo, e que pela via de Cambaya, e de Miliquiaz, que era muito astucioso, se viesse a saber de sua ida primeiro que partisse, e Adem, que elle determinava de cometer se apercebesse; e pera lhe fazer crer mais isto, chegou neste tempo outro messageiro do Rey de

Cambaya fóra de proposito, dizendo que vinha apressar mais o concerto da paz; e a principal rezão, por onde Afonso Dalboquerque dilatou este despacho, foi porque desejava muito ver-se com o Rey em pessoa, e por ser já tarde, e podia perder a moução do estreito, e D. Garcia de Noronha, que havia de ir em sua companhia, polos muitos negocios que tinham em Cochim, e Calicut, não podia vir a tempo que pudesse fazer huma cousa, e outra, despachou os Embaixadores com determinação, que da volta do estreito viria a Cambaya ver-se com o Rey, se lhe o tempo désse lugar pera isso. E depois de ter visto os apontamentos, e condições, com que ElRey D. Manuel mandava que se fizesse a paz, determinou de mandar em sua companhia Tristão Déga por Embaixador ao Rey, e João Gomez por seu Escrivão, com hum presente de cousas de Portugal, e da India; e a Instrução que levava era pedir-lhe fortaleza em Diu, onde a gente, e fazenda delRey de Portugal estivesse segura; e que os Mercadores do seu Reyno mandassem suas mercadorias a Goa, e não a outra parte, e que nella

achariam todas as que quizessem pera carregarem suas náos, e não recolhesse em sua terra Rumes, nem Turcos, que eram imigos capitaes dos Portugueses; e depois disto, despachou hum messageiro de Miliqueaz, que o viera visitar da sua chegada de Malaca, e antes que se partisse, mandou-lhe mostrar os armazens delRey, que naquelle tempo estavam com muita artilheria, muitas cubertas de cavallos, e armas, e todas as mais cousas necessarias pera guerra, e as estrebarias com muitos cavallos, e mandou fazer alardo de todos os bésteiros, e espingardeiros, que eram muitos; porque todo o homem casado, e solteiro, que vivia em Goa, era obrigado a ter besta, ou espingarda, assi pera defensão da Cidade, como pera qualquer outro incidente que sobreviesse: e assi lhe mandou mostrar Benestarij, que os Turcos tinham muito forte com baluartes, e o lugar por onde as nossas náos o foram abalroar, e sem nenhum temor da muita artilheria que nelles tinham, lho tomáram por força. E quiz Afonso Dalboquerque que o messageiro de Miliqueaz visse esta fortaleza, e o estrago que nella fora feito,

porque dissesse a seu Senhor quão pouca confiança devia de ter nos seus baluartes de Diu, se ElRey de Portugal lhe mandasse que o tomasse; e com estes artificios, de que se elle sabia muito bem valer na paz, e na guerra, em quanto governou a India, nunca se Miliqueaz houve por muito seguro em Diu, ainda que o sabia muito bem dissimular.

## CAPITULO LIII

*De como chegou a Goa hum Embaixador do Rey Vengapor: e como o grande Afonso Dalboquerque se vio com Roçalcão, e o que com elle passou.*

Partido Tristão Déga, e os Embaixadores do Rey de Cambaya em huma náo de Miliqueaz, que viera a Goa carregada de mantimentos, despachou o grande Afonso Dalboquerque Gaspar Chanoca pera ir a Narsinga, que ao tempo de sua partida pera Malaca tinha lá mandado, e tornou com reposta, e em sua companhia mandou o Rey de Narsinga hum Embaixador com

hum presente pera ElRey D. Manuel, e por não ser ainda vindo de Malaca se tornou, e por esta causa o tornou a mandar com o mesmo negocio ao Rey, dando-lhe conta do feito de Benestarij; e antre outras cousas muitas, que levava pera lhe dizer, era, que pois todos os Reys da India tinham dado lugar em seus portos pera fazer huma casa forte, em que se agazalhasse a fazenda delRey de Portugal, e elle tanto desejava sua amizade, que lhe devia de dar Baticalá pera a fazer; e que quanto era os cavallos que vinham a Goa, que elle queria que fossem todos a Narsinga, que era muito contente de lhos dar antes que ao Hidalcão; e posto que Fr. Luis lhe tinha escrito, que não fizesse fundamento de sua amizade, nem confiasse em suas palavras, em quanto o Rey de Garçopa fosse vivo, quiz Afonso Dalboquerque dissimular com elle, porque lhe tinha ElRey D. Manuel mandado por muitas vezes, que se trabalhasse por ter sua amizade por ser gentio. Dahi a tres dias chegou hum Embaixador do Rey Vengapor a visitalo da vinda de Malaca, e feito de Benestarij, e trouxe-lhe de pre-

sente sessenta cubertas de cavallo com suas testeiras, e colas, obra muito bem feita, e acabada, com vinte e cinco sellas com seus estribos, e guarnições, e mandou-lhe cometer por elle, que lhe largasse a governança das terras de Goa, e que por ellas lhe daria de renda huma certa cousa, e lhe deixasse tirar trezentos cavallos, de que tinha necessidade. Afonso Dalboquerque despachou muito bem este Embaixador, e mandou-lhe dar por seu dinheiro os cavallos que pedia, e muitas cousas pera o Rey em retorno do seu presente, fazendo delle sempre fundamento; porque além de procurar a amizade delRey de Portugal, e offerecer-se com sua pessoa, e gente na guerra de Goa contra os Turcos, he o seu Reyno estrada verdadeira, e segura pera Narsinga, e muito abastado de mantimentos, e nelle se fazem cubertas, sellas, e tudo o mais necessario pera cavallos, donde se Goa podia prover de todas estas cousas, tendo dellas necessidade. Passado isto, Roçalcão, que se deixou ficar nas terras de Goa, da outra banda do rio, depois do desbarato de Benestarij, mandou per muitas vezes dizer a Afonso Dalboquerque, que

folgaria de se verem ambos, e que seria onde elle quizesse; e porque se escusava disso, sabendo que se fazia prestes pera ir pera fóra, insistio mais em seu requerimento. Afonso Dalboquerque importunado delle, vendo que não trazia nenhum perjuizo ao concerto das pazes, que se tratavam com o Hidalcão falar-lhe, foi-se ver com elle no rio de Benestarij, e o que passáram foram offerecimentos, que lhe Roçalcão fez, e desejos de sua amizade, e do serviço delRey de Portugal. Nesta prática entendeo Afonso Dalboquerque claramente, que Roçalcão se não havia por muito seguro ali onde estava, e que os Mouros por lhe verem pouca gente, e fóra da graça do Hidalcão, queriam bolir com elle; e que por se valer do poder delRey de Portugal, arreceando-se que o Hidalcão viesse sobrelle, desejava tanto sua amizade. Afonso Dalboquerque não lhe aceitou seus offerecimentos, usando com elle de palavras desapegadas, porque não tivesse de que lançar mão, até ver o assento que o Hidalcão tomava no concerto das pazes, que per seus Embaixadores lhe tinha mandado cometer. Acabada esta prática, perguntou-

lhe que novas tinha do Hidalcão; e elle lhe disse, que no seu arraial havia grande divisão, porque os Persas, e Coraçones eram contra os Turcos, e Rumes por matarem Camalcão, hum Capitão principal de sua casa, e Governador de sua fazenda, que era Persio de nação. Passadas todas estas cousas, e outras, despedio-se Afonso Dalboquerque, e foi-se pera Goa, sem tomar nenhuma conclusão com elle.

## CAPITULO LIV

*Da chegada do Embaixador do Prestes João a Goa, e do recebimento que lhe fizeram: e como o grande Afonso Dalboquerque o mandou a Portugal, e o mais que passou.*

Chegado o grande Afonso Dalboquerque á Cidade, achou nella Estevão de Freitas, que vinha de Dabul com recado de Garcia de Sousa pera elle, em que lhe fazia a saber, que áquelle porto era chegado huma náo de Zeila, na qual vinha hum Embaixador do Prestes João Rey dos Abexins,

pera ElRey de Portugal, e que os Governadores da terra o tinham reteudo; que lhe mandasse dizer o que faria; porque como lhe tinha mandado que largasse a navegação do porto, até ver outro recado seu, não ousára de bolir comsigo. Afonso Dalboquerque folgou muito com esta nova, porque lhe tinha ElRey D. Manuel per muitas vezes escrito, que se trabalhasse por saber do Prestes João, e dos homens, que ElRey D. João, antes de seu falecimento, lá tinha mandado por terra; e tornou logo a mandar Estevão de Freitas na fusta em que viera, com recado a Garcia de Sousa, que lho mandasse, o qual como teve este recado, mandou dizer aos Governadores da terra, que aquelle homem, que tinham reteudo, vinha enviado do Prestes João pera ElRey de Portugal; e que o Capitão geral da India, sabendo que ali estava, lhe escrevêra que lho mandasse: que lhes pedia por mercê lho entregassem pera lho mandar, e que nisso não houvesse dúvida. Os Governadores, posto que sua determinação era não no deixar passar sem recado do Hidalcão, a quem tinham mandado, receosos que Garcia de Sousa os tratasse

mal, mudáram o conselho, e entregáramlho; e como elle o teve comsigo, despachou logo Estevão de Freitas que o levasse, e deo-lhe mantimentos, e tudo o mais que lhe pedio pera sua viagem, e chegado á barra de Goa, mandou Afonso Dalboquerque todos os Fidalgos, e Capitães em bateis que o fossem receber; e porque este Embaixador trazia hum pedaço do Lenho da Vera Cruz pera ElRey D. Manuel, foi-se á ribeira esperalo com toda a Clerisia, e gente da Cidade com Cruzes em procissão, e dali leváram o Lenho debaixo de hum páleo á Sé, e depois de todos darem muitas graças a Nosso Senhor, por lhes mostrar cousa tão desejada, como era abrir-se caminho pera se poderem communicar com o Prestes João, mandou Afonso Dalboquerque agazalhar o Embaixador, e dar-lhe todo o necessario pera sua despeza, e de sua mulher, e huma moça, e moço Abexins, que trazia comsigo. Este Embaixador se chamava Mateus, era alvo, e de boa presença, e dizia ser irmão do Patriarca dos Abexins. E posto que os nossos duvidassem ser enviado polo Prestes João, dizendo ser Mouro, espia do Grão

Soldão, elle falava nas cousas da Fé como homem creado antre Christãos. Espantamento duvidarem os nossos ser este homem verdadeiro Embaixador do Prestes João, e canonizarem-no por Mouro, porque não era tão pequena a fama do nome, e poder, que ElRey D. Manuel naquellas partes tinha, e da contínua guerra que fazia aos Mouros, que hum Rey tão Christianissimo, tão desejoso de se communicar com os Christãos, estando vinte dias de navegação da India, não se trabalhasse por saber que gente, e que Christãos eram, pois tinha na sua terra Portugueses, que El-Rey D. João o Segundo lá tinha mandado, e tendo Jerusalem tão vizinho, onde os seus naturaes continuamente hiam visitar o sancto Sepulchro, duvidarem que o Guardião de S. Francisco de Monte Sião lhe mandasse hum pedaço do Lenho da Vera Cruz. São isto obras de Satanás, que sempre tira ali, onde vê que póde mais danar.

Passados dous dias, mandou Afonso Dalboquerque vir perante si o Embaixador; e sendo presente Pero Dalpoem Secretario, e Alexandre de Ataíde lingua, lhe pergun-

tou o caminho que fizera, e como o mandára o Prestes João assi, sem vir em sua companhia algum Portugueses, dos que lá estavam, e que recado trazia pera ElRey de Portugal. O Embaixador disse, que sua vinda fora por Zeila, e que áquella hora que o Prestes João o chamára pera o mandar, lhe descubríra sua vinda, sem dar conta a ninguem, e lhe dera aquellas cartas pera ElRey de Portugal, não lhe dizendo outra cousa, senão que se viesse á India, e pedisse ao seu Capitão geral embarcação pera Portugal; e que senão partíra com esta dissimulação, e na Corte do Prestes João se soubera que elle vinha com recado a ElRey de Portugal, em nenhuma maneira pudéra passar por terra de Mouros, sem muito perigo. O recado que trazia era, que o Prestes João seu Senhor mandava cometer casamento de seus filhos com os delRey de Portugal a troco, e offerecer-lhe gente, e mantimentos pera distruirem a casa de Méca, e o Grão Soldão do Cairo, e que tudo isto lhe mandaria pôr em hum porto da sua terra, qual elle quizesse: e que o Lenho da Vera Cruz, que trazia, lhe mandára o

Guardião de Jerusalem, com o qual tinha muita amizade, e que tudo aquillo que lhe dizia podia ver pelas cartas ser verdade. Afonso Dalboquerque lhe disse, que elle não costumava abrir as cartas, que vinham pera ElRey seu Senhor, nem fazer experiencia nos Embaixadores, que pera elle hiam, que elle o despacharia logo pera se ir nas náos que estavam pera partir. E porque este Lenho da Vera Cruz fosse com mais authoridade, e veneração diante delRey, mandou-lhe Afonso Dalboquerque fazer huma caixa de ouro, em que veio; e porque estava já muito a pique com sua ida pera o estreito, mandou o Embaixador a Jorge de Melo Pereira, Capitão de Cananor, que o embarcasse na náo de Bernaldim Freire, ou de Francisco Pereira, qual lhe melhor parecesse, e que lhe désse todos os mantimentos que fossem necessarios pera sua viagem. E porque em Cananor o Capitão, e todos tiveram este Embaixador por truão, e espia do Grão Soldão, tanto que se Bernaldim Freire partio, em cuja náo hia, foi muito mal tratado delle, e em Moçambique, onde invernou, o prendeo em ferros por conselho de Francisco Pereira,

e fizeram outras cousas, (cuidando que nisso danavam a Afonso Dalboquerque,) que não digo, porque são mortos. E chegados a este Reyno, posto que Bernaldim Freire por enxugar o que tinha feito, dissesse grandes males do Embaixador, com tudo ElRey D. Manuel, pelas cartas que lhe Afonso Dalboquerque escreveo, o recebeo muito bem, tendo-o sempre em credito de Embaixador; e depois de se aqueixar a ElRey do que lhe Bernaldim Freire, e Francisco Pereira fizeram, mandou-os prender no Castelo de Lisboa, e ali estiveram até que se o Embaixador partio pera a India muito bem despachado, e com elle mandou ElRey D. Manuel D. Rodrigo de Lima por Embaixador ao Prestes João; e Diogo Lopez de Sequeira, sendo Governador da India, entrando o estreito com huma Armada os levou comsigo, e chegando a Maçuá, morreo o Mateus, e D. Rodrigo foi com sua embaixada, do qual não dou rezão por não ser em tempo de Afonso Dalboquerque; e nestas mesmas náos, que vieram aquelle anno a Portugal, veio hum Embaixador do Rey de Ormuz, do qual farei menção em seu lugar.

## CAPITULO LV

*Da chegada de D. Garcia de Noronha a Cochim: e de como, depois de ter dado ordem aos navios que se haviam de concertar, e despachar as náos, que aquelle anno haviam de vir pera Portugal com carga, se partio pera Calicut com toda sua Armada, e o que lá passou.*

Chegado D. Garcia de Noronha a Cochim, depois de dar ordem ás náos da carga, que aquelle anno haviam de vir pera Portugal, e concertar as que levava comsigo, partio-se pera Calicut com toda sua Armada, e chegando defronte do porto da Cidade, mandou-lhe dizer o Principe irmão do Çamorim, que era nosso amigo, que seu irmão desejava de ter pazes com ElRey de Portugal, e que era contente de lhe dar lugar em Calicut pera fazer huma fortaleza, e lhe pagaria tributo. D. Garcia pelas dilações, e enganos, em que andáram com Simão Rangel, não lhe quiz nunca responder a proposito, e foi continuando a guerra, e guardou a costa de maneira,

que não sahio nenhuma náo daquellas, que estavam carregadas pera partirem pera o estreito, e ali andou todo o mes de Janeiro, até que lhe Afonso Dalboquerque escreveo que largasse a costa, e se viesse, descubrindo-lhe secretamente como sua determinação era entrar o estreito do mar Roxo, e que lá seria mais certo tomarem as náos com toda sua fazenda, que em Calicut. D. Garcia como teve este recado de seu tio, deixou a costa, e foi-se a Cochim, e fez prestes todos os navios, que já estavam concertados, e partio-se com elles, e chegou a Goa a dez de Fevereiro, e deo conta a Afonso Dalboquerque de tudo o que tinha passado com o Çamorim, e que estando pera se partir, lhe escrevêra o Principe de Calicut huma carta, em que lhe dizia, que o Çamorim estava arrependido de não ter feito pazes com elle, e que lhe queria dar o lugar que pedia pera fazer fortaleza; e que se até ali lho não dera, fora porque os Mouros estantes do Cairo lho estrováram, e que não tornára a este negocio por lhe ter mandado que se viesse. Afonso Dalboquerque com este recado deteve-se em Goa

quatro, ou cinco dias, e despachou Francisco Nogueira, que ElRey D. Manuel mandava, que fazendo-se fortaleza em Calicut, ficasse por Capitão della, e Gonçalo Mendez, que havia de ser Feitor, pera ambos irem acabar este negocio, polos desejos que tinha de meter hum pé em Calicut; e mandou-lhes que não tomassem lugar pera fazer fortaleza, senão de dentro do arrecife defronte do seu cerame no pouso das náos, e deo-lhe cartas pera os Capitães, e Officiaes de Cochim, e Cananor lhe darem tudo o que lhe fosse necessario pera a obra. Despedido Francisco Nogueira de Afonso Dalboquerque, foi-se a Cochim fazer prestes, e deo as cartas que levava ao Capitão, e Officiaes delRey, e dali partio pera Calicut, pera entender no fazer da fortaleza, como lhe Afonso Dalboquerque tinha mandado; e como o Çamorim soube que elle èra partido de Goa, e que na costa não havia Armada que tolhesse partirem dez náos, que estavam carregadas de pimenta pera o estreito, dissimulou com Francisco Nogueira, e foi-lhe dilatando o negocio com palavras de comprimento; o qual vendo-se enganado do Çamorim,

tornou-se pera Goa, e ali esteve esperando a vinda de Afonso Dalboquerque; e depois de ser partido, partíram as náos que estavam carregadas, e sendo no golfão de Çacotorá pera o Cabo de Guardafum, foi tamanha a tormenta que deo nellas, que humas se perdêram, e outras arribáram, e foram-se meter por esses portos de Cambaya até Dabul; e vindo Afonso Dalboquerque do estreito correndo aquella costa, tomou-as todas, e trouxe-as comsigo a Goa, e com a perda dellas ficáram os Mercadores Mouros de Calicut de todo perdidos.

## CAPITULO LVI

*Como o grande Afonso Dalboquerque deo conta aos Capitães, e Officiaes delRey da carta, que lhe escrevêra sobre largar Goa ao Hidalcão, e o que se sobre isto assentou.*

Passadas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os Capitães, e alguns Fidalgos desses mais antigos da India, e os Officiaes delRey, e a

cada hum per si com juramento dos Sanctos Evangelhos, que não dessem conta a ninguem do que lhe queria dizer, lhes disse, que havia dias que ElRey D. Manuel lhe escrevêra huma carta, em que lhe mandava que praticasse com elles, se era seu serviço suster Goa, ou não; e polos negocios o trazerem todo aquelle tempo muito occupado, lhe não dera conta disso, nem de hüns apontamentos, que lhe mandára, os quaes lhe parecia serem feitos por Gaspar Pereira, Lourenço Moreno, Antonio Real, e Diogo Pereira, porque havia muito que tinha entendido nelles que, porque lhes não contentava a guerra, andavam nestes manipodios, e conjurações; e porque lhe parecêra cousa muito perjudicial ao estado, e credito delRey ter conselho público sobre este negocio, o quizera fazer de maneira que menos prejuizo trouxesse ao seu serviço, e que por isso lhes pedia por mercê, que vissem os apontamentos, (que logo lhes mandou dar,) e que escrevessem a Sua Alteza o que lhe deste negocio parecia, pera lhes mandar a reposta nas náos que estavam pera partir pera Portugal.

CARTA DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE
PERA ELREY DE PORTUGAL
SOBRE ESTE NEGOCIO.

*Senhor, eu tomei Goa, porque Vossa Alteza mo mandou, e o Marichal o trazia em sua instrução, e tambem o fiz por ser cabeça principal da liga que stava feita, pera nos botarem fóra da India; e se a Armada, que os Turcos tinham feito no rio de Goa, (com muita gente, artilheria, e armas, que pera este negocio tinham,) fora ávante, e neste tempo viera a dos Rumes, porque esperavam, não duvidára perder-se tudo; e ainda que viera huma de Portugal, por grande que fosse, não lhe houveram de deixar tomar assento na terra: e ella desbaratada, tudo o mais era levado nas mãos sem trabalho, e como se tomou Goa, ella só obrou mais no credito de Vossa Alteza, que todas as Armadas, que de quinze annos a esta parte são vindas á India: e se Vossa Alteza, polo parecer dos que lhe isto escrevêram, faz fundamento de segurar seu estado nestas partes, com as fortalezas de Cochim, e Ca-*

*nanor, não póde ser; porque sendo contrariadas por mar, não tem mais força, que em quanto os Reys da terra quizerem; porque se hum homem nosso toma qualquer cousa por força a hum negro, logo a ponte levadiça he alevantada, e as portas da fortaleza fechadas: e faz isto não ser Vossa Alteza Senhor da terra, como he de Goa, porque o agravo, que se faz a Mouros, ou Portugueses, não chega mais longe que até o Capitão da fortaleza. Vossa he a justiça, vosso he o baraço, e o cutelo, e em mão do vosso Capitão geral está o castigo, e diante delle se remedea o agravo de cada hum; e se agora ha algum melhoramento na obediencia da gente da terra, visto está que a tomada de Goa fez, que tem a India a direito; e ser ella tantas vezes contrariada dos Turcos, como os que escrevêram a Vossa Alteza dizem, e tão bem defendida dos Portugueses, deo ainda maior credito pera as cousas destas partes irem por diante; e poz em tamanha desesperação os companheiros da sua liga, que o Rey de Cambaya, sendo hum tão grande Principe como he, me mandou logo seus Embaixadores, e tcdos os*

*Cavaleiros, e Fidalgos, que se perdêram com D. Afonso de Noronha meu sobrinho, vindo de Çacotorá, sem lhos eu mandar pedir, e offereceo-me fortaleza em Diu: cousa tão grande, que ainda agora o não posso crer, e sou importunado do Çamorim de Calicut, que me quer dar lugar pera fazer fortaleza em sua terra, e que vos pagará tributo cada anno. Tudo isto faz Goa, sem eu a nenhum destes fazer a guerra. E por sem dúvida tenho, que fazendo-se fortaleza em Diu, e Calicut, (como espero em Nosso Senhor,) que depois dellas bem fortificadas, se na India entrarem mil náos do Soldão, que nenhuma dellas torne a seu poder. E se os do vosso conselho entendessem as cousas da India tambem como eu, entenderiam que não póde Vossa Alteza senhorear huma cousa tamanha, como he a India, com pôr todo seu poder, e forças no mar, (cousa tão duvidosa, e de tantos inconvenientes,) e isto he o que os Mouros destas partes querem, e não fortalezas, porque sabem que não póde durar, e querem viver em seus estados, e mandos, e levarem as especiarias a suas escapolas antigas que tem, e não que-*

*rem ser sujeitos a Vossa Alteza, nem querem vossos tratos, nem vossa amizade; e se elles isto não querem, como hão de folgar de nos ver tomar assento nesta Cidade de Goa, e fazela muito forte, e ser Vossa Alteza Senhor de hum porto, e barra tão principal como este he, que não trabalhem com todas suas forças por nos defenderem que o não façamos? E se aos que isto escrevem a Vossa Alteza parece aspera cousa ser Goa tantas vezes contrariada, como póde ser tomar-se a terra a hum tão grande Rey, como he o Hidalcão, e Senhor de tanta gente, que se não trabalhe pela tornar a tomar, e nos quebrar a cabeça se puder? E como vier hum Capitão seu sobre esta Cidade, logo lha havemos de deixar sem primeiro provar nossas forças com as suas? Se isto assi ha de ser, deixe Vossa Alteza a India aos Mouros, e não na queira suster com gastos, e despezas tão desordenadas no mar, em náos de cortiça a quatro bombas. Pois os gastos desordenados, que estes homens ociosos escrevem a Vossa Alteza que Goa faz, as escumas da India são tão grandes, que sendo bem grangeadas por vossos Officiaes, bastam pera sus-*

*ter muita parte das despezas que se nella fazem. E se vos dizem que pela eu ganhar aos Turcos a quero suster, tenha Vossa Alteza por certo, que se eu fora Portugues da condição destes, mandando-ma derribar, que eu havia de ser o primeiro que lhe puzesse o picão, e o barril da polvora debaixo da torre da menagem, por tal que este jogo da India se tornasse á baralha; mas em meu tempo, em quanto eu houver de dar conta com entrega a Vossa Alteza das cousas da India, não se ha ella de derribar, porque não quero que meus imigos se gloriem, vendo algum grande revés neste estado, e sustela-ei á minha custa, até vir outro Governador como elles desejam. E se isto que digo não lograr o estomago a alguns duvidosos neste feito de Goa, saiba Vossa Alteza que ainda tem homem que a governa: e assi velho, e fraco como sou, aceitarei esta conquista, deixando-me Vossa Alteza dar as terras dos Mouros aos Cavaleiros, e Fidalgos, que mas ajudarem a ganhar: e não me tome cada anno conta do que faço como a Almoxarife, por informação de quatro homens mal acostumados, que ficam em seus pagodes: e trate-me com*

*muita honra, e mercê, que eu folgarei de acabar nesta empreza, e gastar essa miseria que tenho nella: e por fim de tudo isto digo, que se Vossa Alteza agora, ou em qualquer tempo que for, deixar Goa aos Turcos, que Nosso Senhor quer que as cousas da India se acabem; e de mim crea Vossa Alteza, que em quanto a governar, ainda que me dê muito trabalho, não vos hei de mandar lugares pintados, senão Reynos tomados por força a seus donos, e fortificados de maneira, que dem rezão de si em todo o tempo. Isto he o que me parece deste negocio de Goa, que me Vossa Alteza mandou que praticasse com os seus Capitães, e Officiaes.*

*Apontamentos, que ElRey mandou a Afonso Dalboquerque sobre Goa.*

»Que Goa era muito doentia, e que se »faziam nella gastos desnecessarios, que não »aproveitavam pera mais que darem traba»lho á gente.

»Que nella havia de haver sempre con»tínua guerra, porque o Hidalcão era tão »poderoso, que se havia de trabalhar muito

»pela tornar a ganhar, por ser cabeça »principal do seu estado.

»Que as rendas da terra firme, de que »Afonso Dalboquerque fazia grandes fun»damentos, não era possivel podelas ha»ver, senão com ter nellas muita gente »com grandes despezas pera arrecadação das »rendas, porque o mesmo Hidalcão as não »podia arrecadar, sem ter ali muita gente »de guerra.

»Que o Hidalcão, deixando-lhe Goa, fol»garia de fazer qualquer partido, e ficar »tributario de Sua Alteza.

Depois de todos verem estes apontamentos, escrevêram a ElRey, que se espantavam de Sua Alteza querer deixar huma cousa tão commoda, e importante a seu serviço como era Goa, e que tanto sangue de Portugueses tinha custado, por conselho de homens, que nunca vestíram armas pera experimentarem os trabalhos dellas. Como ElRey vio a carta de Afonso Dalboquerque, e o parecer dos Capitães, escreveo-lhe que fizesse muito fundamento de Goa, e grandes agardecimentos do modo que tivera em tratar este negocio. Lançados os Turcos fóra de Benestarij, ficou Goa

mais desassombrada, e começou a tomar assento, e os que escrevêram a ElRey que se derribasse, muito envergonhados de lho ter escrito. E por isto dizia Afonso Dalboquerque muitas vezes, que mais mercê merecia a ElRey D. Manuel por lhe defender Goa dos Portugueses, que pela tomar duas vezes aos Turcos.

FIM DA TERCEIRA PARTE

# COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO DALBOQUERQUE

CAPITÃO GERAL

QUE FOI

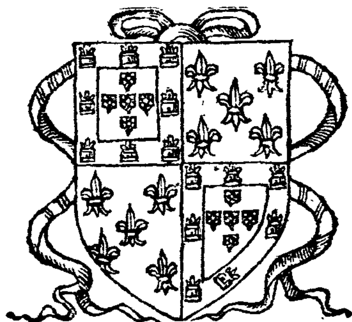
DAS INDIAS ORIENTAES

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

# REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME.

*PARTE IV.*



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

ANNO MCMXXVI

# COMMENTARIOS

DO GRANDE

# AFONSO DALBOQUERQUE

CAPITÃO GERAL QUE FOI DAS INDIAS ORIENTAIS

EM TEMPO DO MUITO PODEROSO

## REY D. MANUEL

O PRIMEIRO DESTE NOME

---

PARTE IV.



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1926

## INDICE DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE QUARTA

# PARTE IV

**Em que se contém como o grande Afonso Dalboquerque entrou o Estreito do mar Roxo, e o que passou depois de sua tornada á India, e o que fez na segunda tomada do Reyno de Ormuz, e como faleceo, e cujo filho foi**

---

## CAPITULO I

*De como, depois de ter sua Armada prestes, teve conselho com os seus Capitães, e Pilotos sobre sua viagem: e como se assentou, que entrasse o estreito do mar Roxo, e o que passou no caminho até chegar a Adem.*

Depois de o grande Afonso Dalboquerque ter tomado assento com os Capitães, e Fidalgos da India sobre as cousas de Goa, e escrever a ElRey D. Manuel seu parecer naquella materia, mandou Jorge Dalboquerque por Capitão a Cochim; porque

Pero Mascarenhas, que o era, havia de ficar em Goa por Capitão, como tenho dito; e depois de ter isto ordenado, foi-se embarcar a sete de Fevereiro do anno de treze, e mandou aos Capitães, e gente, que se recolhessem ás náos, que poderiam ser por todos mil e setecentos Portugueses, e oitocentos Malabares, e Canarins. E depois de serem todos embarcados, estando já toda a Armada fóra da barra de Goa, antes de se fazerem á véla, mandou chamar todos os Capitães, que eram D. Garcia de Noronha, Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Garcia de Sousa, D. João de Sá, Jorge da Silveira, D. João de Lima, Manuel de Lacerda, Diogo Fernandez de Béja Capitão da náo de Afonso Dalboquerque, Simão Dandrade, Aires da Silva, Duarte de Mélo, Gonçalo Pereira, Fernão Gomez de Lemos, Pero de Afonseca de Castro, Ruy Galvão, Jeronymo de Sousa, Simão Velho, Antonio Raposo, e João Gomez Capitão da caravela, e depois de juntos lhes disse: Que ElRey D. Manuel seu Senhor, em todas as cartas que lhe escrevia, lhe encomendava muito que se trabalhasse por tomar Adem, e entrar o estreito

do mar Roxo, e que agora pelas que lhe D. Garcia seu sobrinho, que ali estava, trouxera, apertára mais este negocio, e que por alguns justos respeitos que tivera lhe não dera conta de sua determinação, e tambem porque as cousas assentadas, e determinadas por Sua Alteza não havia de pôr em conselho se as faria, salvo havendo tantas contradições nellas, que fosse forçado tomar outra determinação; que lhes pedia por mercê que se naquelle negocio houvesse algumas, por onde não fosse seu serviço fazer aquella jornada, lho dissessem; e depois de muitas práticas passadas, assentáram todos que devia entrar o estreito do mar Roxo, pois os negocios da India lhe davam lugar pera o poder fazer. Acabado este conselho, foram-se todos pera suas náos, e ao outro dia pela menhaã mandou Afonso Dalboquerque atirar hum tiro, (sinal pera se fazerem á véla,) e todos leváram suas ancoras, e com vento largo de boa viagem fizeram seu caminho direito ao cabo de Guardafum, e naquelle golfão acháram os ventos tão bonançosos, que gastáram mais dias do que parecia que se podiam deter naquelle caminho, que foi

causa de lhe faltar agua; e porque no cabo de Guardafum não havia aguada pera tantas náos, e detendo-se alguns dias pera a tomar podiam os Mouros de Adem ser avisados de sua ida, mandou Afonso Dalboquerque arribar toda a Armada pera Çacotorá, e foram surgir no porto do Çoco, onde sohia estar a nossa fortaleza, e no lugar haveria já cincoenta Fartaquis, que a começavam a concertar, e por não terem ainda nenhum modo de defensão, como víram a Armada, fugíram todos pera a serra contra Calaceá, que he hum porto, que está da outra banda da Ilha. Os Christãos da terra vieram falar a Afonso Dalboquerque, e elle lhes mandou dar alguns pannos, e arroz, e derribar todas as casas dos Mouros, e pôr-lhes fogo a tudo o que ali tinham. Feito isto, mandou a toda a Armada que tomassem agua, e a João Gomes que fosse na sua caravela correr toda a Ilha até o porto de Calaceá, temendo-se que estivesse ali algum barco dos Fartaquis, ou alguma náo de Mouros, tomando agua, e passando da outra banda de Fartaque, e Dofar, désse novas de sua ida. João Gomes correo toda a Ilha, e foi ter

ao porto, sem achar nenhum barco, nem náo, e dali se tornou, e por os ventos serem levantes, contrairos pera tornar ao porto do Çoco, onde a nossa Armada ficára, foi-lhe forçado andar de huma volta na outra, e indo na do mar, topou huma náo, que hia pera o estreito, e tomou-a, e trouxe-a comsigo; e por ser de Chaul, com quem tinha pazes, e não levava especiaria, posto que não levasse seguro, não lhe quiz Afonso Dalboquerque tomar nada, e levou-a comsigo pera se valer do seu Piloto naquella jornada, porque não levava nenhum que soubesse aquella costa. Chegado João Gomes, tendo já toda a Armada tomado agua, antes que se partissem, praticou Afonso Dalboquerque com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros da Armada a maneira que teriam no cometer a Cidade de Adem, e nesta prática houve diversos pareceres; porque os mais disseram que chegando a ella, primeiro que a cometessem, deviam de ter fala dos Mouros, se queriam estar á obediencia, e serviço delRey de Portugal: outros disseram, que sem ter mais práticas com elles, se devia de cometer a Cidade. Afonso Dalbo-

querque foi deste parecer, e disse, que as cousas grandes, e que tão prestes tinha o socorro como Adem, não compria, chegando a ella, ter conselho do que haviam de fazer, senão boa determinação pera a cometerem ; porque querendo tratar de concerto com elles, era dilatar-lhes o tempo pera se aparelharem melhor do que estavam, e vir-lhes socorro de outra parte, se delle tivesse necessidade ; e deixando-os aperceber, convinha então aventurar tudo, e pôr-lhes as mãos : que seu parecer era, chegando a Adem, sem mais ter prática com os Mouros, (não sucedendo cousa que lho estorvasse,) a cometessem logo, porque o bom conselho era atalhar casos, que podiam acontecer, e não no perigo buscar o remedio, porque os Mouros daquella terra não davam pareas com moralidades, senão com muito sangue feito nelles, e em este parecer assentáram todos.

## CAPITULO II

*Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Çacotorá, e chegou a Adem: e a causa, por que não deo logo nella, como estava assentado, e o mais que passou.*

Acabada esta prática, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a Armada á véla direito a Adem; e porque o vento começou a escacear, foram todos á orça quanto puderam pera afferrar a terra do cabo de Guardafum, que lhe ficava a balravento, porque dali com todos os ventos eram senhores da boca do estreito, e com quanto se mudavam de hum romo pera o outro, todavia tomáram a terra por sota vento de Abedalcuria; e tomando ali a costa na mão, foram sempre ao longo della, com determinação de atravessarem de Mete a Adem; e porque as aguas corriam contra vento, e o mar era grosso, teve a nossa Armada muito trabalho por espaço de tres dias, de maneira que se perdêram todos

os catures, que levavam por popa das náos, pera se delles aproveitarem dentro no estreito; e fazendo-se os Pilotos dez leguas de Mete, determináram de atravessar a Adem; e porque escorrendo o porto não podiam tornar a elle com os levantes, mandáram fazer o caminho de Noroeste pera ficarem sempre a balravento, e por este rumo cortáram todo aquelle dia, e noite com pouca véla, e foram amanhecer entre Canacani, e huma serra, que se chama Arzina, e aquelle dia fizeram seu caminho ao longo da costa; e como foi noite, por não passarem o porto de Adem, mandou Afonso Dalboquerque fazer sinal de pairo a toda a Armada, e estiveram assi todas as náos de mar em través até pela menhaã, que se fizeram á véla, e ao Sol posto houveram vista de Adem; e por não saberem a terra, e ser a Armada grande, e podiam as náos ao surgir dar humas pelas outras, pareceo a todos bem não irem de noite demandar o porto, e amaináram com fundamento de pairarem aquella noite; e estando nesta determinação, veio Pero Dalboquerque no seu batel á náo de Afonso Dalboquerque, e disse-lhe como achára fundo

em trinta e cinco braças. Elle com isto que Pero Dalboquerque lhe disse, mandou fazer sinal ás náos que se levassem, e com os traquetes, e prumos nas mãos foram cortando por aquelle parcel, até tocar o prumo em quatorze braças, muito perto do porto de Adem. Os Mouros como já tinham visto a nossa Armada de huma serra muito alta, que descobre todo aquelle mar, fizeram-lhe fogos de huma ponta da terra, que está contra o estreito, passando Adem, cuidando que os nossos iriam demandar o fogo, porque achando-se daquella banda, não podiam tornar a tomar o porto com os levantes. Afonso Dalboquerque como era cauteloso, temendo-se do que podia ser, mandou surgir toda a Armada, e esteve surto toda aquella noite, e ao outro dia pela menhaã, que era sesta feira de Endoenças, deram todos á véla, e foram surgir no porto de levante; e porque nelle estavam muitas náos de Mouros, que o tinham todo occupado, ficáram as nossas hum pouco de fóra. A nossa gente como hia já toda armada, e aparelhada pera sahir em terra, polo que estava assentado, quizeram logo desembarcar, e cometer a Cidade. E posto que

Afonso Dalboquerque desejou muito de lhes fazer a vontade, por ser sesta feira de Endoenças, dia da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, de que era muito devoto, e em que tinha toda sua esperança, vendo que a necessidade lhe mudava o conselho, quiz segurar a Armada, e desembaraçar as náos humas das outras, e amarralas muito bem, por tal que vindo algum levante muito rijo, não se fizesse algum máo recado: e foi assi, que depois de estarem surtos, ventou o levante tão rijo, que foi necessario a algumas náos surgirem tres, e quatro amarras. Passada a estrupada do vento, mandou Mira Merjão Governador da Cidade dizer a Afonso Dalboquerque por hum Mouro de Cananor, que estava em Adem, que era o que queria, e que vinha buscar com aquella Armada? Elle lhe mandou dizer, que era Capitão geral por ElRey D. Manuel, Rey de Portugal, e Senhor das Indias, que hia a Judá em busca dos Rumes, e não nos achando ali, determinava de ir a Suez a ver se era verdade que ousava o Soldão do Cairo de fazer Armada contra o poder delRey seu Senhor. O Mouro tornou a terra com esta

reposta, e Mira Merjão o tornou logo a mandar com hum presente de gallinhas, carneiros, limões, e laranjas, e por elle lhe mandou dizer, que aquella Cidade era delRey de Portugal, e tudo o que lhe cumprisse della, e mandasse se faria. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que seu costume era não tomar presentes de Senhores com quem não tinha paz assentada, que olhasse o que lhe dizia, porque com aquella condição lho tomava ; e que dissesse a Mira Merjão, que pois elle queria estar á obediencia delRey seu Senhor, que mandasse abrir as portas da Cidade, e recebesse sua bandeira, e gente dentro nella, e que dissesse aos Mouros mercadores que ali tinham náos, que elle lhes dava seguro, que se viessem pera ellas. E fez Afonso Dalboquerque isto a fim de os tirar fóra da Cidade, por ter menos imigos contra si. Como Mira Merjão vio por este recado de Afonso Dalboquerque, que queria mais obras que palavras, mandou-lhe dizer por dous Mouros principaes da Cidade, que elle era criado do Xeque Senhor de toda aquella terra, e que não tinha licença sua pera o poder deixar entrar dentro na Cidade ; e se

alguma cousa delle quizesse, que elle lhe viria falar á ribeira com vinte homens, e que levasse elle outros tantos. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que era escusado verem-se ambos em outro lugar, senão dentro na Cidade. Os dous Mouros se foram com esta reposta, e não tornáram mais, nem os Mercadores quizeram vir segurar suas náos, e sobre isto não houve mais práticas, nem conselho; e porque pela falta dos catures, que se perdêram no caminho, não havia em que desembarcasse a gente tão prestes, como era necessario, mandou Afonso Dalboquerque recolher humas barcaças grandes, que demandavam pouco fundo, que os Mouros ali tinham pera carga, e descarrega das náos, pera ao outro dia ante menhaã, que era vespera de Pascoa, cometerem a Cidade.

*Do sitio da Cidade de Adem.*

Adem he huma Cidade assentada na costa de Arabia em doze gráos e meio de altura da banda do Norte. A sua cerca será maior que a da Cidade de Evora, mas a povoação não he tamanha. Tem casas

muito formosas, e muito altas, todas de pedra, e cal. Está situada ao pé de huma serra muito alta, e pela comiada della tem muitos castelos, e torres, que parece cousa feita mais pera formosura, que proveitosa pera defender. A Cidade está na boca, e navegação do estreito, e por junto della passam as náos, que partem da India pera o estreito no mez de Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, e as que partem no mez de Março, afferram a costa do Cabo de Guardafum, e vam sempre á vista da terra de Barbora, e Zeila, e não hão vista de Adem, porque naquelle tempo começam já a ventar os ponentes. Esta Cidade he mais forte da banda da terra firme que do mar: tem alguns lugares, por onde se póde entrar: desta serra, que está sobrella, vem hum muro talhado a pique até o mar entestar no muro da Cidade, que será tão comprido, como em Lisboa da porta do ouro ás portas da ribeira: e este muro está sobre o porto, que os Mouros chamam Focate, que he o pouso, onde as náos todas vem surgir, e ali estam duas torres com hum baluarte, em que os Mouros tinham artilheria, e hum trabuco. Neste porto está

huma Ilha pequena de pedra viva, sem haver herva verde nella, desapegada da Cidade, a que os Mouros chamam Cira, a qual tem hum molde de muro, que atravessa o porto, e abriga ali as náos do levante, (que quando vem he tão forçoso, que passam muito trabalho,) e no cabo deste molde tem huma torre, e hum baluarte muito fortes. Quando Afonso Dalboquerque por aqui tornou da vinda do estreito, achou esta Ilha cercada de muro, e muitas torres feitas nella, que Mira Merjão mandou fazer com medo de aos nossos tomarem, e se fazerem fortes nella, quando por ali tornassem, o que lhe aproveitou pouco, como adiante se dirá. Nesta Ilha, nem na Cidade não ha agua, senão a que lhe vem de carreto, e passam-se logo dous, tres annos que não chove. Nas costas da Cidade detrás desta serra está outro porto, que se chama Ujufu, abrigado de todos os ventos; tem fundo, em que podem ancorar náos muito grandes, e aqui entra hum esteiro muito estreito, que de baixa mar tem pouca agua, no qual está huma ponte, que os moradores da Cidade antigamente fizeram, por ser por ali mais perto caminho de Zebir

pera Adem, onde o Rey o mais do tempo está; e ao longo deste caminho vem hum cano de agua, que passa pela ilharga da ponte, e vai cahir em hum tanque grande de pedraria, que está huma legua da Cidade, e ali vem os camelos por ella. A agua, que sahe por debaixo dos arcos, estende-se por hum campo abaixo em lagoas, e se os moradores desta Cidade não tiveram esta ponte, não puderam em hum dia rodear tantas quantas ha estendidas por aquelles campos; e além desta serventia da ponte, tem huma estrada larga, que vem do sertão ter a huma porta, que está na serra, com duas torres muito fortes, e por ali se serviam os camelos esses dias, que a nossa Armada esteve no porto, porque das náos, e dos bateis os viam os nossos ir, e vir carregados por esta estrada, e entrarem pela porta da serra. A largura desta terra, de hum mar a outro, será hum quarto de legua, por onde está visto que Adem não he Ilha, como sempre antigamente se teve que era; e Afonso Dalboquerque como esperava de tornar outra vez sobrella, quiz-se mais certificar disto, e mandou Manuel de Lacerda, Simão Dandrade, Pero de Afonseca,

Simão Velho nos bateis, que corressem tudo isto, e o vissem muito bem; e dizia muitas vezes, que se tivera visto Adem, que a não cometêra por aquella parte por onde a cometeo. Defronte desta serra da outra banda da terra está hum lugar, que se chama Rubaca, em que viviam vinte pescadores, e todos gente pobre em casas palhaças, e nesta povoação ha muitos poços de agua boa de beber, e hum palmar pequeno. O Rey de Adem terá mil e quinhentos de cavallo, e muita gente de pé: a principal renda, de que se mantem, he de ruiva, que nasce em sua terra, e poderá haver cada anno vinte e cinco mil fardos della, a qual ninguem póde comprar senão o Rey da terra: dam-lha os lavradores a seis xerafins o fardo, e elle a manda a Cambaya, onde se gasta em tingir pannos, e lá se vende a vinte e dous o fardo, e toda a outra renda que tem he pouca cousa. Este porto de Adem antigamente era cousa muito pouca; e depois que os Portugueses descubríram a India, e a navegáram, foi-se fazendo grande escapola de todas as mercadorias, que entram da boca do estreito pera dentro; e a rezão disto he, porque as

Armadas, que ElRey de Portugal traz sempre na costa da India, não deixam navegar as náos dos Mouros pera aquellas partes em seu tempo, e por não serem tomadas, partem fóra de moução, e vão descarregar as mercadorias a Adem, e ali as vendem aos mercadores da terra, e compram outras, que trazem pera a India, e no tempo da moução as mandam os Mercadores de Adem a Judá, a Méca, e a Suez, e a outros lugares dentro do estreito, e por esta causa se vieram viver a Adem muitos Mercadores do Cairo, de Judá, e da India, e de todas aquellas partes com grandes fazendas, que fez ser Adem tão nobre, como agora he, e ter fama da mais rica terra que ha em toda aquella costa.

## CAPITULO III

*Como o grande Afonso Dalboquerque combateo a Cidade de Adem, e o que passou neste primeiro combate.*

Passado o dia da sesta feira, que se gastou todo em se amarrar as náos, como tenho dito, a noite seguinte, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos

os Capitães, e disse-lhes, que posto que tivessem assentado de combater a Cidade por duas partes, o lanço do muro era tão comprido, que não tinha gente, nem escadas pera acudir a tudo; que lhe parecia que deviam todos juntamente de o combater por hum lugar, por tal que a gente fosse dobrada ao muro, e pudessem socorrer huns aos outros; e que era necessario, entrando a Cidade, ordenarem-se de maneira com os Mouros, que lhes tomassem a porta da serra, que hia pera o sertão, porque não na ganhando, não tinham nada feito, e os Mouros poderiam meter quanta gente quizessem dentro na Cidade, e forçadamente se haviam de recolher ás náos, e que isto sería grande quebra, e abatimento pera elles, que por isso lhes convinha muito a todos pelejarem como cavaleiros, e trabalharem pela ganhar. Os Capitães se começáram a desconfiar, e respondêramlhe, que não tivesse nenhuns inconvenientes pera deixar de cometer aquelle feito, porque elles estavam todos prestes pera o ajudarem nelle. Concertado isto, ordenou Afonso Dalboquerque D. Garcia com a maior parte da gente, e desses Fidalgos,

e Cavaleiros que havia, que fossem cometer o muro com suas escadas pela banda da mão esquerda, onde os Mouros tinham a maior força da sua gente, (porque estava ali huma porta, que elles tem por profecia que por ali se ha de ganhar a Cidade de Adem, a qual D. Garcia de Noronha tentou de quebrar, e achou-a forrada de parede por dentro,) e que elle com a outra mais gente cometeria da banda da mão direita, e João Fidalgo Capitão com a gente da Ordenança ficaria no meio antre elles, com huma escada larga que tinha, por onde poderiam subir seis homens a par, e que Anrique Homem com cem soldados da Ordenança fosse atravessar huma ponta de huma rocha, que vinha entestar no muro, por onde ligeiramente poderia descer á Cidade; e tanto que os nossos fossem em cima do muro, descessem abaixo. Como todos foram advertidos do que haviam de fazer, foram-se pera suas náos, e sendo duas horas ante menhaã, mandou Afonso Dalboquerque tocar huma trombeta, e vieram-se logo todos a bordo da sua náo, e dali partíram em rompendo a alva, e foram demandar o muro, e polo mar ser aparcelado, ficá-

ram os bateis hum tiro de bésta afastados delle, que foi grande trabalho pera a gente, porque sahiam todos pela agua, e os espingardeiros molháram a polvora que traziam ; mas nem por isso deixáram os Capitães, e todos esses criados delRey, como valentes cavaleiros, de tomar as escadas ás costas, cada hum na companhia onde hia, e pôrem-as ao muro com muito esforço. Os Capitães, que eram na companhia de Afonso Dalboquerque, em pondo as escadas no muro, subíram logo por ellas sem mais outra determinação, ao qual pezou muito, porque elles fizeram seu dever como cavaleiros, e a sua gente ficou logo desarranjada, tirando alguns Fidalgos, e Cavaleiros, que subíram tambem com elles ; e foi tanta a pressa no subir, e cada hum por ser o primeiro, que com o pezo da muita gente quebráram as escadas. Afonso Dalboquerque como as vio quebradas, e que a gente toda acudia á de João Fidalgo Capitão da Ordenança, arreceando que a quebrassem, como fizeram ás suas, mandou-lhe acudir com os seus alabardeiros, a ver se com as alabardas podiam suster a escada que não quebrasse : com tudo a

gente foi tanta que quebrou, e as alabardas foram feitas em pedaços, e alguns alabardeiros mortos, e outros mal tratados. D. Garcia tambem a este tempo com os Capitães, que eram na sua companhia, poz as suas escadas, e ainda que os Mouros tivessem ali grande pezo de gente, todavia os nossos se ordenáram de maneira, que subíram muitos em riba, e fizeram despejar o muro, e arvoráram seus guiões nelle; e dizem que Garcia de Sousa foi o primeiro que arvorou o seu em hum cobelo. Os da companhia de Afonso Dalboquerque, invejosos de verem seus companheiros em cima do muro, vieram demandar a escada de D. Garcia pera subirem, e recresceo tanta gente huma sobre outra, que as escadas quebráram todas, e foi D. Garcia ferido, e muita parte da gente que com elle estava, o qual como vio as escadas quebradas, e que ali não fazia nada, assi ferido, e maltratado como estava, correo ao longo do muro com essa gente que ainda tinha, e foi demandar Afonso Dalboquerque pera saber delle o que havia de fazer; e vendo-o elle assi ensanguentado, disse-lhe: *Senhor sobrinho, não vos agasteis, que este pomar*

*não póde dar outro fruito, e que estes Mouros levassem agora o melhor de nós por nos quebrarem as escadas, eu espero em Nosso Senhor que em algum tempo tomemos vingança delles,* e mandou-lhe que fosse ao longo do muro com a sua gente, e visse se podia destapar alguma bombardeira, e que fizesse entrar por ella vinte, ou trinta bésteiros, e espingardeiros, que ajudassem os nossos, que estavam em cima do muro, e que se fizessem fortes em hum cobelo que tinham tomado, em quanto elle remideava algumas escadas pera tornarem a subir. D. Garcia como chegou a bombardeira, desentupio-a logo, e sería tão alta que caberia hum homem em pé por ella dentro. Como os nossos víram a bombardeira despejada, acudíram ali todos pera entrarem por ella; e D. Garcia, porque Afonso Dalboquerque lhe tinha mandado que não entrassem senão bésteiros, e espingardeiros, foi rijo a telos que não entrassem, e já a este tempo era dentro João de Ataíde, e alguns soldados. Os Mouros vendo tão pouca gente no muro, e as escadas quebradas, acudíram á boca da bombardeira a defender os nossos que não en-

trassem, e com muita palha acceza, terra, e pedra, que lançavam, tornáram a tapar a bombardeira, tendo já neste tempo os nossos bésteiros, e espingardeiros mortos muitos delles, e outros muitos feridos, e não puderam entrar por amor do fumo que os afogava; e os nossos, que estavam em cima do muro, por não terem lanças, não lhes puderam defender que a não tapassem, porque quando subíram a elle não levavam senão espadas, e adargas.

## CAPITULO IV

*De como Jorge da Silveira, com alguns Fidalgos, que estavam no muro, descêram abaixo, e foram cometer os Mouros, e o mais que passou.*

Vendo os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, que estavam em cima do muro, a saber, Jorge da Silveira, Aires da Silva, D. João de Lima, Vicente Dalboquerque, D. João Déssa, Ruy Galvão, João de Meira, Ruy Palha, João de Ataíde, Manuel da Costa, João Gonçalvez de Castelo-branco, Tristão de Miranda, Garcia de Sousa,

D. Alvaro de Castro, Lourenço Godinho, Gil Simões, e outros criados delRey, que os Mouros os estavam ladrando debaixo, desconfiados da pouca conta em que os tinham, sem esperarem outro socorro, descêram a elles, e com muito esforço os foram cometer, e seguindo-os, entráram de roldão pelas tranqueiras dentro, que tinham feitas nas bocas das ruas, que hiam ter á Praça, até chegarem a hum terreiro, onde matáram muitos. Mira Merjão Capitão da Cidade, que tinha o sentido na gente da Ordenança, que estava no cutelo da serra, e vio que não desciam abaixo, porque descendo ficávam-lhe nas costas, e puderam-no tratar mal, sahio com obra de cem Mouros, e deo nos nossos, os quaes lhes tiveram rosto, e matáram alguns, e feríram Mira Merjão; e estando nisto, recrescêram tantos Mouros a socorrelo, que lhes foi forçado recolherem-se ao muro, sendo já Jorge da Silveira morto, e alguns delles feridos. Garcia de Sousa, Duarte de Mélo, Gaspar Cão, Diogo Estaço, Diogo de Andrade, João de Sousa, André Correa, e hum mulato de Garcia de Sousa, fizeram-se fortes em hum cobelo,

e os outros aguardáram no muro os Mouros, que vinham no seu alcance; e como chegáram ao pé delle, pelo chão ser no mesmo andar, tratáram-nos muito mal com zagunchos, e fréchas polos nossos não terem lanças, pera de cima se poderem defender. Afonso Dalboquerque, que estava da banda de fóra ao pé do muro, vendo-os em este trabalho, ordenou desses troços de escadas quebradas que se fizesse huma atada com cordas, por onde se pudessem recolher. Como a escada foi posta ao muro, porque todos desejavam de subir, não dando lugar aos que estavam em cima que descessem, foi tanta a gente em ella, que outra vez a fizeram em pedaços. Anrique Homem com a gente da Ordenança, que se hia retirando pera trás, envergonhado de o ter feito, e do descuido que teve em socorrer os nossos, cometeo descer a baixo; e porque já não era tempo, acudio Afonso Dalboquerque rijo, e reprendeo-o, e felo volver atrás, e dali se tornou pera D. Garcia, ao qual deixára remediando huma escada, e cordas para se os nossos recolherem do muro; e porque a escada ficou hum pouco curta, os mais dos nossos se salvá-

ram pelas cordas, sem delles ficar em cima no cobelo mais que Garcia de Sousa, e mais hum seu mulato; o qual vendo que todos o deixavam, e alguns tão depressa, que quebravam as pernas, começou a dizer alto a Afonso Dalboquerque: *Senhor, mandai subir alguma gente, que me ajude a defender este cobelo, pois a que estava comigo me deixou.* Afonso Dalboquerque, com grande paixão que tinha de ver o negocio em estado que o não podia socorrer, disse-lhe: *Não sei que vos faça, as escadas são todas quebradas, e não ha cousa de que se possam fazer outras; e pois ainda a hora de Adem não he chegada, peço-vos que vos salveis por essas cordas, como fizeram estes Capitães, e Cavaleiros que aqui estam.* Garcia de Sousa não lhe respondeo nada, e virou-se pera os Mouros, que trabalhavam por entrarem com elle no cobelo, e disse ao seu mulato: *Tu salva-te, que eu hei de morrer aqui, porque nunca Deos queira que desça, senão por onde subi. Levarás esta minha adarga a ElRey Nosso Senhor, pera que seja testemunha diante delle de como aqui acabei por seu serviço;* e tirou o Lenho da Cruz, que

tinha ao pescoço, e deo-lho. E a este tempo eram já os Mouros em cima do muro pegados no cobelo, e elle, e o seu mulato se defendêram de maneira que os não puderam entrar, até lhes darem huma fréchada pela tésta, com que o derribáram, tendo feito muito estrago nos Mouros. O mulato como vio seu Senhor morto, estando já muito ferido, tomou a adarga, e lançou-se pelas cordas abaixo. Esta adarga era de humas de vaca, que os Malabares trazem, e por isso estava muito crespa de fréchas. Durou o combate desde pela menhaã até o meio dia, que se os nossos recolhêram. Não desculpo Garcia de Sousa, porque temerariamente não quiz fazer o que os outros Fidalgos, e Cavaleiros fizeram, nem tambem culpo os de que se queixava polo deixarem, pois as escadas todas eram quebradas, e o muro muito alto, e não havia por onde subir a cima, nem lugar pera lhe darem bateria com artilheria pera o derribarem, porque chegava a agua da maré ao pé delle: Determine-o quem ler estes Commentarios.

## CAPITULO V

*Como o grande Afonso Dalboquerque, depois de ter toda a gente junta, estando pera se embarcar, mandou D. Garcia tomar a artilheria que estava na Ilha de Cira, com que lhe os Mouros tiravam.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque toda a gente junta pera se embarcar, mandou-lhe Mira Merjão atirar com a artilheria, que tinha em huma torre da Ilha de Cira, e matáram-lhe alguns homens, e feríram-lhe muitos. Vendo Afonso Dalboquerque o dano que as bombardas lhe faziam, e que lhes não podia resistir por não ter escadas, nem maneira pera os poder entrar, e a gente muito cansada do trabalho, e da grande calma que fazia, foi-se embarcar, sendo já a maré chegada ao pé do muro, muito contra vontade de todos, porque desejavam de tornar outra vez ao combate, e quizeram que Afonso Dalboquerque mandára tirar a artilheria grossa em terra, e prantala no muro, pera darem com hum lanço delle no chão, por

onde pudessem entrar. Mas Afonso Dalboquerque vendo que não podia ser pelo inconveniente que tenho dito da maré, e tambem porque a moução dos levantes se hia gastando, e punha em condição, se hum só dia mais estivesse sobre Adem, perder-se a Armada por falta de agua, e pera tornar atrás havia de aguardar dous mezes e meio, e querendo entrar o estreito estava já no fim dos levantes, deixou de o fazer, e recolheo-se ás náos com toda a gente, e ao outro dia pela menhaã mandou a D. Garcia de Noronha seu sobrinho com toda a gente, que fosse tomar a torre, e balüarte da Ilha de Cira. Chegado D. Garcia ao pé da torre com a gente que levava, houve-se tão esforçadamente neste feito, que a tomou com muito pouco damno dos nossos. Os Mouros não podendo sofrer a bravosidade com que os cometêram, muitos se lançáram do muro abaixo, outros se recolhêram á Cidade, e os que ficáram foram todos trazidos á espada. Tomáram-se nesta torre, e baluarte trinta e seis bombardas dellas de grandura dos nossos camelos, e outras pouco menos. D. Garcia com esta vitoria deixou-se estar ali, até

que se Afonso Dalboquerque quiz partir pera o estreito, esbombardeando a Cidade, e derribando-lhe muitas casas. Recolhido D. Garcia pera as náos, mandou Afonso Dalboquerque a todos os Mestres que as fornecessem dos aparelhos, e enxarceas, e de todas as mais cousas de que tivessem necessidade, das náos dos Mouros, que estavam no porto; e aos Capitães, e gente da Armada que as saqueassem de todas as mercadorias que nellas estavam, e recolhessem todos os mantimentos que pudessem. Como as náos ficáram despejadas de tudo o que tinham, mandou-lhes Afonso Dalboquerque pôr o fogo, e ardêram todas sem ficar dellas nada.

O que se póde dizer deste feito de Adem he, que os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, que se nelle acháram, o cometêram mui ousadamente, e com muito esforço; mas a fortuna invejosa de os ver ganhar com tanta honra huma Cidade como aquella, nas barbas do Grão Soldão, quiz que as escadas quebrassem juntamente todas, porque sem contradição elles a tinham tomada, e não havia gente pera nas ruas della ousarem de pelejar com os nossos,

posto que havia já tres dias, quando chegáram ao porto, que a nossa Armada era vista da serra de Arzina, e fora grande credito pera Portugal, e grande assocego pera a India, segurar-se Adem, e fazerem-se fortes nella. E dizia Afonso Dalboquerque muitas vezes, que pera se ella conservar, e não dar trabalho aos Reys de Portugal, quatro cousas haviam de ter muito fortes, e muito seguras. Adem pera senhorearem o estreito de Méca, antes que o Grão Soldão entendesse nella. Ormuz pera serem senhores do estreito de Baçorá; e Diu, e Goa pera senhorearem todas as outras partes da India; e com terem estas quatro cousas seguras com muito boas fortalezas, podiam escusar outros muitos gastos desnecessarios que tinham.

Do dia que Afonso Dalboquerque poz as escadas nos muros de Adem, e a combateo a quinze dias, foi a nova ao Cairo por camelos de pósta mandada polo Xeque de Adem ao Grão Soldão, dizendo, que lhe fazia a saber, que os Portugueses tinham entrado o mar Roxo, e cortado o caminho da romaria de Méca. A reposta que lhe mandou foi, que se os Christãos eram

entrados no estreito, que guardasse elle muito bem seus portos, e suas terras, que elle faria outro tanto. Esta reposta tão seca, que lhe o Grão Soldão mandou, foi, porque os dias passados lhe mandára pedir que lhe largasse Adem, porque fora de seu pai, e de seus antecessores, e o Xeque lhe respondeo, que não sabia ter Adem outro Senhor senão elle; e o Mouro, que veio com este recado, deo nova que Judá se despejava de todas as mulheres, e meninos, com medo da nossa Armada, e que no Cairo havia grande revolta, porque se dizia que vinham os Christãos sobre Alexandria, e o Xeque Ismael com grande exercito sobre Alepo; e que o Grão Soldão sabendo que a nossa Armada entrára o estreito, se agastára muito, por lhe parecer que isto era concerto feito entre todos sobre sua distruição, e que mandára matar Amirquebir, e Udaquebir, e Mircelaquebir, os quaes eram tres Capitães principaes do Reyno pela suspeita que tinha de elles serem em esta conjuração contra elle; e que mandára chamar ao Governador de Damasco, e não quizera ir a seu chamado com receio que teve de o mandar matar, como fez aos

outros. Todas estas novas soube Afonso Dalboquerque depois serem verdade, por hum Abexim, que se lançou com Ruy Galvão em Zeila, da torna viagem do estreito.

## CAPITULO VI

*Como o grande Afonso Dalboquerque se sahio do porto de Adem com sua Armada, e se fez á véla caminho do estreito.*

Como o grande Afonso Dalboquerque estava já prestes pera se partir, e toda a Armada fornecida de tudo o que lhe era necessario pera segurar sua navegação, mandou diante a náo de Chaul, que João Gomez tomára em Çacotorá, com vinte Portugueses, e hum Judeo por lingua, avisando-os que nas portas do estreito lhe tomassem hum Piloto dos que ali móram, porque se arreceava que vendo elles a nossa Armada fugissem, e elle ficasse sem Piloto. Chegada a náo a huma Ilha, que está nas portas do estreito, veio logo hum demandala, e entrou dentro, perguntando se queriam Piloto. Os nossos como o tiveram dentro, sahíram donde estavam escondidos,

e lançáram mão delle. Estes Pilotos chamam-se Rubães, vivem nas portas do estreito, na Ilha que acima disse: navegam dali pera dentro, e tem muita experiencia de todos os baixos, e portos daquellas partes; e as náos, que navegam pera dentro do estreito, vem áquella Ilha tomar Piloto, e pagam-lhe até Judá trinta cruzados. Partida esta náo de Chaul, mandou Afonso Dalboquerque tirar toda a Armada ás toas fóra do porto, e fez-se á véla seu caminho direito ao estreito, e dali a dous dias chegáram ás portas delle, e por serem os primeiros Portugueses que ali chegáram, depois da India descuberta, mandou o grande Afonso Dalboquerque embandeirar as náos, e tirar toda a artilheria, e fazer grandes festas, e foram surgir no porto de levante, que está das portas do estreito pera dentro. Como a Armada foi surta, vieram os nossos, e trouxeram-lhe o Piloto que tinham tomado; e posto que elle levava tres, que tomára em humas náos de Zeila, que vieram ter ao porto de Adem, folgou muito com elle, e fez-lhe muito gazalhado. Ao outro dia pela menhaã huma náo de Mouros, que hia pera dentro, veio demandar

aquelle canal, e como houve vista da nossa Armada arribou, e foi surgir detrás de huma Ilha, que está na boca do estreito, a que elles chamão Mium, e por ficar a balravento se salvou. Afonso Dalboquerque vendo que o tempo se hia gastando, e que a muita necessidade de agua o tinha posto em grande aperto, e não sabia donde a houvessem, senão dizerem os Pilotos Mouros que em Camarão se podiam fornecer della, não se quiz deter mais, e ao outro dia se partio, fazendo seu caminho polo mar largo, que he a meio do estreito; e indo sempre á vista da costa de Arabia, e do Preste João, foram demandar huma Ilha, que jaz no meio deste canal, que se chama Jebelzocor, e não na puderam tomar aquelle dia; e por ser terra nova, que haviam de descubrir com o prumo na mão, e era quasi Sol posto, disse Afonso Dalboquerque aos Pilotos, que lhe dessem porto, e elles mandáram arribar a Armada sobre a terra de Arabia, e foram-no tomar em huma ponta que a terra faz, onde ficáram abrigados do levante, e ali surgíram em fundo de oito braças até doze, e neste porto acháram quatro náos de Barbora, e

Zeila, que hiam carregadas de mantimentos pera Judá, e Méca, e tomáram nellas mulheres, e moços Abexins, que os Mouros levavam pera vender em Judá, e por serem da terra do Preste João, não quiz Afonso Dalboquerque que fossem cativos, e dos Mouros tomáram poucos, porque os mais delles se salváram a nado, e os que ficáram nas náos mandou-lhes cortar as mãos, e as orelhas, e narizes, por serem do Xeque de Adem, e mandou-lhos lançar em sua terra, e assi o fez a todos os que tomou dentro no estreito, tirando os de Camarão, porque determinava de fazer assento em sua terra.

## CAPITULO VII

*Descripção da terra dos portos do estreito do mar Roxo pera dentro*

As portas do estreito, a que os Mouros chamam a Babelmandem, he lugar muito estreito : estão em altura do doze gráos, e dous terços : e nesta boca do estreito jaz huma Ilha atravessada, a que os Mouros chamam Mium, e de huma banda vai a

terra do Preste João, a que os Mouros chamam Jazem, e da outra vai a terra de Arabia. Entre esta Ilha, e a terra firme vai hum canal, que será de huma legua de largo pequena, e por aqui passam todas as náos dos Mouros, que vam pera Suez, e pera todas essoutras partes, porque vem com levantes, e pousam da banda da terra de Arabia, que he porto muito abrigado delles; e defronte desta Ilha Mium, no mesmo porto, e pouso dos levantes, está huma Ilheta pequena, que de baixamar passam da terra firme pera ella a pé enxuto, e nesta Ilha vivem os Rubães, que são os Pilotos do estreito; e no meio deste canal haverá de altura doze braças, e no porto dos levantes haverá sete até nove braças de altura. Nestas duas Ilhas, nem no porto dos levantes, não ha agua, trazem-na ali em camelos da terra firme; e detrás da Ilha dos Rubães, antes que entrem as portas do estreito, da banda da terra firme, está hum bom porto de ponentes, que tem agua hum pouco afastada da ribeira do mar; e antre a Ilha de Mium, e a terra do Preste João vai outro canal, que terá vinte e cinco braças de altura, e será de

largo duas leguas: por este canal navegam poucas náos, ainda que he mais largo, e mais alto que o outro; e a rezão disto he, porque não tem porto de levantes, em que possam surgir, tendo alguma necessidade.

Os Mouros fazem tres partições do mar Roxo pera sua navegação, e tomam por fundamento, que na largura do mar Roxo ha doze gemmas, que são tres sangraduras, em que poderá haver trinta leguas no mais largo do estreito, as quaes partem desta maneira: convem a saber: quatro gemmas, que he huma sangradura de mar çujo, Ilhas, baixos, e parceis, ao longo da costa de Arabia até Suez; e outras quatro gemmas de mar çujo, como dito he, ao longo da terra do Preste João até Çoar, que está quasi Norte Sul com Otor perto de Suez: e outras quatro gemmas são de mar limpo, que vai polo meio do estreito. E nestas duas repartições, que os Mouros fazem de mar çujo, terão de fundo oito braças até doze: são parceis, e com o prumo na mão se podem chegar, e afastar quanto quizerem, e surgir onde quizerem, e pera a navegação deste mar çujo se tomam os Pilotos nas portas do estreito;

porque havendo tempos contrarios, lhe dem porto entre aquellas Ilhas, e baixos de huma parte, e da outra. O canal, que vai ao meio estreito, a que os Mouros chamam mar largo, tem vinte e cinco braças de altura até quarenta, e pera o navegarem não tem as náos necessidade de tomarem Piloto, porque quando vem com tempo feito, com os mesmos que trazem navegam por este mar largo, e passam pela Ilha, que se chama Jazelzocor, que, como disse, jaz a meio estreito; e além della contra Judá está outra, a que chamam Sertão, e surgem nellas quando lhes vem bem, porque tem muito bons surgidouros. E com todos os biocos, que antigamente se diziam deste mar çujo, de huma banda, e da outra podem as nossas náos seguramente navegar com bom resguardo de dia, e não de noite, e a meio estreito podem navegar de noite, e de dia, sem nenhum pejo, e surgir quando quizerem, tendo boas amarras.

No estreito não ha agua doce, nem penedos debaixo da agua, sobre aguados, como antigamente diziam os Mouros daquellas partes, tudo a fim de ninguem ousar de o navegar. Não ha nelle tormentas,

nem tempos travessões, nem trovoadas : os ventos são sempre levantes no verão, e ponentes no inverno, e alguma hora de ventura sobre a noite, quando acalmam os levantes, venta terrenho. He terra quente : chamam os Mouros a este estreito do mar Roxo em sua linguagem Bahar Queixum, que quer dizer na nossa, Mar encerado, e a meu parecer, não tratando das opiniões dos que escrevêram a historia da India, (seguindo nisto a opinião de Afonso Dalboquerque, que foi o primeiro, depois della descuberta, que entrou das portas do estreito pera dentro,) este nome mar Roxo, ou mar Vermelho lhe convem mais que outro nenhum, e soube-lho bem pôr quem no assi primeiro nomeou, porque todo o estreito do mar Roxo he cheio de muitas manchas vermelhas como sangue. E estando Afonso Dalboquerque com toda sua Armada surto nas pontas do estreito, no porto dos ponentes, já de torna viagem pera a India, vio do capiteo da sua náo desembocar pela boca do estreito fóra huma vea de mar muito vermelha, e corria contra Adem, e estendia-se por dentro do estreito, quanto hum homem podia alcançar com

a vista. Espantado Afonso Dalboquerque disto, perguntou aos Pilotos Mouros, que vermelhidão era aquella tamanha no mar? Elles lhe disseram, que se não espantasse, porque o revolvimento, que a maré fazia nas aguas, por ser mais aparcelado, e de pouco fundo, com a montante, e juntamente eram causa daquella vermelhidão, principalmente na jusante, que as aguas correm pera fóra mais tezas, porque no estreito não havia corrente de aguas; e quando os ventos são tezos, corria a agua hum pouco com o vento, principalmente quando são ponentes, que correm as aguas mais rijo pera fóra do estreito, e então he ainda o mar mais vermelho. Parecêram bem estas rezões a Afonso Dalboquerque, e assentou ser assi, e que a causa disto seria o terreo do fundo do mar. Do cabo deste estreito, que he Suez, ao mar de levante he muito curto caminho, e segundo os Mouros tem por suas escrituras, quando Alexandre conquistou esta terra, teve pensamento de romper este mar com o de levante polo rio Nilo; e os Mouros, com que Afonso Dalboquerque falou, lhe disseram, que havia final donde isto começou, que he hum ca-

minho de desertos de arêa, que vai do Cairo pera Jerusalem, a que os Mouros chamam Ramilá.

Partindo das portas do estreito ao longo de Arabia até Camarão, tudo he do Xeque de Adem, e ao longo do mar não ha nenhum lugar, nem porto principal, tudo são aldeas, e humas pontas da terra, que entram no mar, que abrigam as náos, que ali vam surgir com levantes, e ponentes, e de Camarão até Judá he do Xerife de Jazem. Judá foi do Xerife Parcati, e naquelle tempo que Afonso Dalboquerque ali chegou era sujeita ao Grão Soldão do Cairo, o qual tinha ali hum feitor com vinte Mamalucos pera arrecadar os direitos da especiaria, e de todas as outras mercadorias que ali vinham ter. Era lugar pequeno, e a maior parte das casas palhaças. E quando D. Francisco de Almeida desbaratou os Rumes, veio-se Mirocem viver a Judá, e cercou-a de muro, e torres da banda da terra firme por amor dos Alarves, que vivem dali até Méca naquelles desertos, que será hum dia de caminho, que vinham roubar os moradores della, porque do mar se não temia. Este porto

de Judá he cercado de arrecifes de pedra á maneira de ilhotos, e junto da terra aparcelado, e abrigado de todos os ventos. Na terra não ha mantimentos, todos lhe vem de Barbora, e Zeila, de Alaca, e Meçua. E naquelles dias, que Afonso Dalboquerque esteve dentro no estreito, padecêram grande fome, porque não ousavam os Mouros de navegar. De Judá até Otor vivem muitas cabildas de Alarves. Otor he huma Cidade de Christãos : de Acintura, e dali até Suez polo sertão tudo são Alarves, que vivem naquelles desertos até perto de Jerusalem, e vam-se lançando pelas costas da serra de Monte Sinai entre o mar de Persia, e o mar Roxo. Entre Judá, e Otor ao longo da ribeira do mar está hum porto, que se chama Liumbo, e dali dous dias de caminho pera o sertão jaz a Cidade de Midina, onde está o corpo do seu profeta falso.

Duas cousas grandes tinha Afonso Dalboquerque em seu pensamento determinado de fazer, se o a morte não atalhára, (ou por melhor dizer, se ElRey D. Manuel, aconselhado de seus imigos, o não mandára vir da India :) A primeira cortar

huma serra muito pequena, que corre ao longo do rio Nilo, na terra do Preste João, pera lançar as correntes delle por outro cabo, que não fossem regar as terras do Cairo, e pera isso mandou muitas vezes pedir a ElRey D. Manuel, que lhe mandasse officiaes da Ilha da Madeira, que cortavam as serras pera fazerem levadas, com que se regam as cannas do açucar, e pudera-se isto fazer levemente, porque o Preste João o desejava muito, e não teve maneira pera o fazer; e se isto se fizera, como creio que pudera ser, se Afonso Dalboquerque vivêra, a terra do Cairo fora de todo destruida; porque se os Alarves, que viviam nos desertos entre Caná, e Coçaer, eram poderosos pera romper as crescentes do Nilo, cada vez que se enfadavam do Grão Soldão, (como adiante se dirá,) claro está que muito mais levemente pudera fazer Afonso Dalboquerque com ajuda do Preste João. A outra era, que tornando a entrar o estreito de Méca, (como esperava em Deos de fazer muito cedo,) determinava de levar quatro centos cavallos em taforeas, e desembarcar no porto de Liumbo, e correr a casa de Méca, e roubar todos os

thesouros que havia nella, que eram muitos, e o corpo do seu máo Profeta, e trazelo pera com elle se resgatar a Casa Sancta de Jerusalem: e pudera-se fazer muito bem, porque em hum dia e meio podiam ir a Midina, onde os seus ossos estam, o qual he hum lugar pequeno, e não ha nelle outra gente, senão huns Mouros, que elles tem por sanctos, com as unhas alfenadas, que se mantem de esmolas, que lhes vem do Cairo, e do Xerife Parcati, que era Senhor daquella terra: e com trezentos de cavallo, que tinha Alarves sem armas, não houvera de ousar de cometer os nossos, e pera lhes vir socorro do Cairo, não podia ser senão em trinta, ou quarenta dias, porque era necessario fazer-se grande apercebimento de cafilas de camelos pera trazerem agua, e mantimentos pera a gente, porque tudo são areas desertos, e sem agua: quanto mais que quando se soubesse no Cairo que a nossa gente era entrada em Midina, já então haviam de ser todos tornados ao porto de Liumbo, e embarcados.

Da Ilha de Mium, que está nas portas do estreito, (como já tenho dito,) tornando

pela terra da banda do Preste João até Dalaca, he senhoreada de dous Senhores Mouros, hum se chamava Azali, e o outro Dancali. De Dalaca até Maçuá, Çuaquem, e Arquico, he terra do Preste João, e estende-se o seu senhorio pelas costas do sertão de Magadaxo, e Çofala : e destoutra banda do mar Roxo se estende contra o Cairo até Çuaquem : e polo sertão confina com Nuba, e com a terra dos Mouros, que se chama Ajaje, donde vem o ouro a Çuaquem em pedaços quadrados como dados. Os Abexins não chamam ao Preste João senão Elati, que he nome de Emperador. De Çuaquem até Coçaer vivem cabildas de Alarves, gente de cavallo, e alguns delles armados. Coçaer está na ribeira do mar Roxo, he huma Cidade grande despovoada, com edificios velhos de pedraria, e Igrejas derribadas, com sinaes de cruzes nas paredes, e letreiros de letras Gregas, que parece que em algum tempo foi povoada de Christãos. Caminho deste Coçaer, que está já quasi no cabo do mar Roxo, tres jornadas polo sertão até o Nilo, está hum casal, que se chama Canaa, por onde naquelle tempo os Judeos Portugueses, e Castelha-

nos faziam o seu caminho pera a India, e faziam este caminho, e não o de Judá, porque tinham grande pena de passarem por Méca. Neste sertão, entre Coçaer, e Canaa, vivem muitos Alarves de cavallo, e de pé, e como tinham differenças com o Grão Soldão, por se vingarem delle rompiam ás vezes a crescente do rio Nilo, e espalhavam-no por huns vales grandes da sua terra. O Soldão por elles não fazerem tamanho dano ao Cairo, como era deixarem-se de regar algumas terras altas, que se semeavam derredor do Nilo, trabalhava-se humas vezes com a lança na mão, e outras com dadivas, de conservar sua amizade, e telos por amigos. E no cabo de todo este estreito está Suez, que he huma aldea de casas palhaças, em que viviam trinta Mamalucos, que o Soldão ali tinha pera guardarem os cascos das galés, que as não queimassem os Alarves, que ás vezes lhes vinham correr, e tambem pera as aguarem cada dia pela menhaã polo Sol as não abrir, que he ali muito grande. Este Suez, segundo o que mostra nos grandes edificios que tem derribados, parece que foi em outro tempo grande po-

voação, e que devia de ser ali Sião Gaber, de que a Brivia fala.

## CAPITULO VIII

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio daquelle porto pera Camarão, e como se houvera de perder no caminho.*

Pela necessidade que a Armada tinha de agua, não se deteve o grande Afonso Dalboquerque naquelle porto mais que aquella noite, e recolhidos os mantimentos, e queimadas as náos que ali tomou, partio-se pela menhaã, e foi-se na volta de Camarão; e sendo tanto avante como a Ilha de Jabelzocor, disseram-lhe os Pilotos que seria bom arribarem sobre a terra, porque era tarde, e não podiam chegar á Ilha senão muito de noite, e não sabiam se poderiam todas aquellas náos surgir no porto. A Afonso Dalboquerque lhe pareceo bem o que os Pilotos disseram, e mandou aos Rubães que lhe dessem porto. Elles lhe respondêram, que não tinham necessidade de tomarem outro porto senão a Ilha. Afonso Dalbo-

querque lhes disse, que todavia lhe dessem porto, porque o vento sobre a noite acalmava, e não podiam lá chegar a horas que se a Armada pudesse bem amarrar. Os Rubães mandáram arribar, e foram tomar porto perto da terra de Arabia em doze braças, e ali estiveram aquella noite, e como foi menhaã fizeram-se á véla, e passáram por junto da Ilha de Jebelzocor, e huma hora antes do Sol posto mandou Afonso Dalboquerque aos Rubães que lhe dessem porto, porque áquellas horas trabalhava polo tomar, por se não fazer algum máo recado de noite. Os Rubães mandáram arribar toda a Armada sobre hum lugar, que se chama Luya, que tem huma grande enseada com huma ponta que sahe ao mar, e detrás della está hum porto muito bom, abrigado do levante; e indo assi todos á véla, hum Rubão daquelles, por se vender por mais sabedor que os outros, disse a Afonso Dalboquerque, que mandasse ir a Armada toda á orsa quanto pudesse, porque indo assi naquella volta, não podiam dobrar a ponta da restinga, e elle mandou ao seu Piloto, que com o prumo na mão fizesse o caminho que dizia; e indo o Piloto son-

dando, tocou em oito braças, e do outro golpe em quatro e meia, e nisto deo a náo tres pancadas. Como a náo tocou, mandou o Piloto amainar de ramania, e surgio huma ancora, e a náo afilou logo sobre a amarra, e cahio em cinco braças e meia. Lopo Vaz de Sampaio, D. João Déssa, Pero de Afonseca, Simão Velho, e Fernão Gomez de Lemos, como víram o trabalho, em que a náo capitaina estava, amaináram as vélas, e surgíram, e acudíram logo nos seus bateis. Os outros Capitães, que hiam mais ao mar, corrêram de longo, porque estavam mais a çotavento, e foram tomar pouso, onde estava D. Garcia. O Piloto como a náo portou pela amarra, meteo-se no esquife, e foi sondar tudo por derredor, e porque achou bom fundo, foi dar huma toa á Madanella, que estava surta em dezeseis braças ; e como aquillo, onde a náo tocou eram alfaques de arêa, em pouco espaço tiráram a náo pera fóra, com muito trabalho de Diogo Fernandes de Béja, que era Capitão della, porque ainda que estivesse muito ferido de huma espingardada, que lhe deram na entrada de Adem polos peitos, onde sempre trouxe o pilouro até que mor-

reo, por lho não poderem tirar, e hum cano de chumbo, por onde lançava muita materia, trabalhou muito da sua parte pela salvar, e todos os Fidalgos, e Cavaleiros, que nella hiam, o ajudáram, porque marinheiros naquelle tempo todos vam buscar suas caixas. A náo ficou estanque sem fazer agua nenhuma, pelas pancadas que deo serem pequenas, e como foi aparelhada, fizeram-se todos á véla, e foram tomar o pouso onde estava D. Garcia, o qual não soube disto nada, porque era passado por diante, e naquelle porto estiveram todos aquella noite, e como foi menhaã, fizeram-se á véla, e foram ter a Camarão, e indo já perto do porto, víram sahir delle geluas á véla ; e como houveram vista dellas, mandou Afonso Dalboquerque D. Garcia que as fosse demandar, cuidando que era huma náo de Dabul, que vinha diante delle. Como D. Garcia chegou ás geluas, e vio que eram barcos, que passavam gente da Ilha pera a terra firme, com temor da nossa Armada, felos amainar, e tomou nelles certos Mouros, e Mouras, e hum Xeque principal, que ali estava acolhido, com medo do Rey de Adem. A Armada

veio toda á véla surgir no porto, onde acháram huma náo do Grão Soldão, e outra de mercadores sem gente, porque toda era fugida, e duas náos varadas em terra; e como ali chegáram ao outro dia, acalmáram logo os levantes, e começáram a ventar ponentes, de que Afonso Dalboquerque ficou mui agastado, porque via que já não podia chegar a Judá, nem a Suez, como desejava, porque naquelle estreito não ha mais ventos que levante, e ponente.

## CAPITULO IX

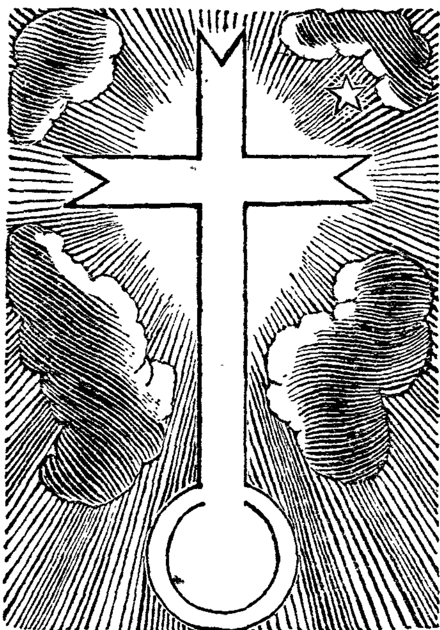
*De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se partir dali pera Judá, e do que passou no caminho, e do sinal que vio no Ceo.*

Havendo já muitos dias que o grande Afonso Dalboquerque estava em Camarão, por amor dos ponentes que ventavam, hum dia á noite começou a ventar levante: elle com os desejos que tinha de fazer aquella jornada, mandou logo dizer aos Capitães que se fizessem prestes, porque ao outro

dia determinava de se partir, e como foi menhaã leváram suas ancoras, e fizeram-se á véla, e sahíram do porto perante humas Ilhas, e coroas de arêa, (lugar bem apertado pera tantas náos,) e foram demandar huma Ilha, que está no mar largo, e chegando a ella, tornou o ponente a ventar, e surgíram ali todos em fundo de quinze braças até trinta, onde estiveram muitos dias. Afonso Dalboquerque enfadado do cursar do ponente, desejoso de saber o que hia polo mar, mandou João Gomez na caravela, e Domingos Fernandez Piloto com elle, que fossem a huma Ilha, que está a meio estreito, que se chama Ceibão, e vissem que mar, e que vento lá havia, porque não podia crer que aquillo fosse outra cousa senão peccados seus. Elles foram, e de huma volta, e da outra cobráram a Ilha, e depois de tomarem sonda derredor della, volvêram-se logo pera onde a nossa Armada ficava, e disseram-lhe que as mesmas bonanças que ali tinham, acháram de fóra, e a mesma sonda derredor da Ilha, e que não havia correntes de agua de huma parte á outra, senão jusante, e montante. Afonso Dalboquerque ficou contente disto que lhe

João Gomez disse, porque como não havia correntes de agua, teve esperança que de huma volta, e da outra poderiam cobrar Judá, ou algum porto da terra do Preste João; mas isto não pode ser, porque no estreito não se póde andar ás voltas por amor dos baixos, de que ficou muito agastado. Os Rudães lhe disseram, vendo-o assi, que se não agastasse, porque mudar-se o tempo era cousa muito natural no estreito, e como sahisse huma estrella da banda do Sul, chamada Turia, viriam logo dous, ou tres dias de levante, que os poria em Judá. Afonso Dalboquerque com esta esperança que lhe os Rudães deram, deixou-se estar mais alguns dias, e estando todos surtos esperando pela mercê de Nosso Senhor, appareceo contra a terra do Preste João huma Cruz no Ceo muito clara, e resplandecente, (assi como aqui vai pintada,) e passando huma nuvem por ella, partio-se em muitas partes, sem lhe tocar, nem lhe cubrir sua claridade, a qual foi vista de toda a gente da Armada, e todos com muitas lagrimas se assentáram de joelhos, e a adoráram. Afonso Dalboquerque, vendo aquelle sinal no Ceo, assentou que Nosso Senhor se ha-

via por servido de elles fazerem o caminho da terra do Preste João, e não o de Judá, pois pera aquella parte lhe mostrava o sinal da sua Sancta Cruz, e determinou de ir ás voltas demandar a terra do Preste João; mas a gente da Armada, como homens de pouca fé, deram-lhe muitos inconvenientes pera o não fazer: e deste sinal, que se vio no Ceo, mandou Afonso Dalboquerque tirar inquirição por todas as náos, e todos se affirmáram verem huma Cruz no Ceo muito clara, e resplandecente por hum grande espaço, de que tirou hum estromento, que mandou a ElRey D. Manuel.



Passado isto, porque na Armada havia falta de agua, vendo-se tambem Afonso Dalboquerque desesperado de fazer sua viagem, por ser já no fim de Maio, mandou a todos que se fizessem á vêla, e foram demandar Camarão, e ali estiveram o mez de Junho, e Julho, sem nunca lhe chover, nem haver tempo, em que não pudesse an-

dar hum batel por todo o estreito; e nos dias que ali esteve lhe morreo muita gente, por ser terra doentia, e mandou aparelhar todas as náos, pera como fosse tempo partirem caminho da India. E porque a Ilha de Dalaca he muito celebrada naquelle estreito, por respeito da pescaria de aljofar que se nella faz, mandou João Gomez Capitão da caravela, que fosse ver que cousa era, e que se trabalhasse muito por lhe tomar huma gelua, pera saber novas de Judá, e de Suez, e deo-lhe hum Rubão da mesma terra, e Domingos Fernandez Piloto pera irem com elle. Partido João Gomez, determinou Afonso Dalboquerque demandar a Zibit, que he huma Cidade principal, onde o Xeque de Adem sempre está, falar-lhe em huns cativos Portugueses, que tinha em seu poder, que se perdêram em hum bergantim, que andava em companhia de Duarte de Lemos, andando por Capitão mór de huma Armada no cabo de Guardafum, do qual era Capitão Gregorio da Quadra, de que darei rezão adiante, por não quebrar o fim desta historia; e pera fazer este negocio, mandou hum Mouro, que se tomou na náo do Grão Soldão com sua

mulher, e filhos, o qual era mercador, que já fora outra vez cativo, e deo-lhe hũa carta pera o Xeque de Adem, e outra pera os cativos que lá estavam, e prometeo-lhe que tirando-os de cativos, que elle lhe daria sua mulher, e filhos, e o poria em sua liberdade. O Mouro lhe disse, que o mandasse pôr em terra, e que elle faria tudo o que lhe mandava; e chegado a Zibit, onde o Xeque estava, jornada de sete dias de Adem, deo-lhe as cartas que levava, e elle as aceitou, e ao outro dia mandou logo o Mouro ao porto, onde o navio que o trouxera ficára, acompanhado de alguns que o levavam, o qual sem dar rezão dos cativos, disse aos nossos, que se lhe Afonso Dalboquerque quizesse dar sua mulher, e seus filhos, que lhe daria duzentos pardaos; e não disse outra cousa, porque os Mouros, que o acompanhavam, não consentíram que fallasse mais, e deram-lhe lugar que mandasse algum refresco da terra, e dali se tornáram pera o Xeque sem mais conclusão. Chegado o navio com esta reposta, dali a tres dias chegou João Gomez, e deo conta a Afonso Dalboquerque como chegára á Ilha de Dalaca, e surgíra

fóra dos baixos que o porto tem, e fora no seu esquife a terra; e que o Xeque da Ilha lhe mandára perguntar por dous Mouros de cavallo, que era o que queria; e elle lhe dissera, que vinha ali por mandado do Capitão geral da India, que ficava em Camarão com huma grossa Armada, a saber se queriam comprar algumas mercadorias, e que lhas dariam a troco de aljofar; e que o Xeque lhe mandára dizer, que na terra não havia mercadores, senão gente de guerra, e que vendo esta reposta não quizera ter mais prática com os Mouros, e se recolhêra, e fora correr a Ilha toda ao derredor, e que a terra do Preste João estava á vista, como ribatéjo com Lisboa, e que não fora a ella, porque não levava certa determinação sua pera o poder fazer, e que topára huma gelua no mar, que estava pescando aljofar, e arribando a ella se metêra por esses baixos, e cabeças de arêa, onde a caravela não podia chegar. Afonso Dalboquerque com esta nova ficou hum pouco contente; porque vindo tempo, com que pudesse navegar, determinava ir á terra do Preste João com toda sua Armada; e estando nesta determinação veio hum homem

darmas a elle, e disse-lhe, que se Sua Senhoria quizesse mandar novas a ElRey Dom Manuel do que tinha feito naquellas partes, que elle se atrevia de ir ao Cairo, e dahi pera Portugal. Afonso Dalboquerque lhe disse, que como esperava de fazer aquelle caminho, se não sabia a lingua terra? O homem darmas lhe respondeo, que elle fora Mouro, e que em Azamor se lançára com os Christãos, e que podia ir seguro, porque sabia muito bem a Aravia. Vendo elle que nisto não aventurava nada, e que seria grande contentamento pera ElRey Dom Manuel saber como elle andava no estreito, aceitou sua boa vontade, e mandou-lhe dar dinheiro pera o caminho, e disse-lhe o que havia de fazer, e mandou-o pôr na terra firme defronte de Camarão com huma braga de ferro nos pés, mostrando que hia fugido, o qual veio a Portugal, e ElRey folgou muito com as novas que lhe deo, e tomou-o por seu reposteiro; e aquella noite que se partio, estando o Ceo muito sereno, veio daquella banda da terra do Preste João hum raio de fogo muito largo, e muito comprido, e estendendo-se polo Ceo, foi cahir naquella

paragem de Judá, e Méca, e fez grande espanto em toda a Armada; e o Xeque, e todos os Mouros, que ali estavam cativos, ficáram atemorizados, porque tem por profecia, que o Preste João ha de dar de comer aos seus cavallos dentro na casa de Méca. Este Xeque deixou Afonso Dalboquerque ao tempo de sua partida em liberdade com todos os seus, e fez-lhe mercê.

## CAPITULO X

*De como Gregorio da Quadra, e os outros seus companheiros, que estavam cativos em poder do Rey de Adem, sahíram do cativeiro: e o que elle passou até chegar a estes Reynos.*

Porque atrás tenho dito, que daria rezão dos Portugueses, que estavam cativos em poder do Xeque de Adem, que não quiz resgatar, e o como sahíram do cativeiro em que estavam, pareceo-me necessario dizer primeiro o como se perdêram, e foi assi. Estando Duarte de Lemos Capitão mór surto com sua Armada na costa de Melinde, huma noite, fazendo grande cerração, e tempo, desamarrou-se hum bar-

gantim, e não se soube se foi por lhe quebrarem as amarras, ou por lhas cortarem, do qual era Capitão Gregorio da Quadra, hum homem honrado criado delRey D. Manuel; e com a grande corrente da agua, que naquelle tempo corre direito ás portas do estreito, vieram amanhecer sobre Adem. Como a gente da terra vio o bargantim, e conhecêram ser de Christãos, mandáram duas fustas, e tomáram-no, e todos os que vinham nelle foram logo levados ao Rey de Adem, que estava na Cidade de Zebit, que he a principal de seu Reyno; e como elle era homem mal acondicionado, e tratava mal os cativos, mandou-os meter todos em huma cisterna sem agua, onde tinha outros muitos de todas as nações; e quando Afonso Dalboquerque foi sobre Adem, havia oito annos que ali estavam cativos, e eram já todos mortos senão cinco. O Gregorio da Quadra como era homem discreto, aprendeo logo a Aravia, e falava tão bem, que não era julgado antre elles senão por Mouro, e fez-se alfaiate, e ali na cisterna fazia humas carapuças; e era tão primo no feitio dellas, que os Mouros lhe davam tamaras, e paças,

de que se todos mantinham, (porque costumam naquella terra trazer estas carapuças.) Tornado Afonso Dalboquerque do estreito pera a India, dali a poucos dias se alevantou hum Mouro principal contra este Rey, que os tinha cativos, dizendo que lhe pertencia o Reyno, e veio sobre elle, e desbaratou-o, e tomou-lhe a Cidade de Zebit, e soltou todos os cativos, que estavam na cisterna, e polos em sua liberdade, que se fossem por onde quizessem; e porque tinha prometido, dando-lhe Mafamede vitoria, de ir á sua casa, depois de ter tudo assocegado, fez-se prestes pera partir a cumprir a sua romaria. O Gregorio da Quadra com determinação de ir a Méca esperar a cafila, que cada anno vem de Damasco, pera dali ir ter a Baçorá, e de Baçorá a Ormuz, pedio ao Rey que o levasse comsigo, o qual polo ter por sancto, folgou muito de elle querer ir em sua companhia, e deo-lhe hum camelo em que fosse, e fez-lhe o gasto polo caminho. Chegados a Medina, onde Mafamede está enterrado em huma sepultura no meio da casa, cercada de grades de ferro, começou o Rey, e todos os outros, que foram com

elle, a andar derredor della, rezando suas orações. Gregorio da Quadra, que tambem andava com elles, lembrando-se da Fé de Jesus Christo, em que se creára, vendo-se em aquelle estado, chorando mùitas lagrimas, dizia: *Profeta de Satanás, se tu es aquelle, que estes perros cuidam, manifesta-lhes como sou Christão, porque eu espero na misericordia de Nosso Senhor de ver ainda esta tua casa de abominação Igreja de seu louvor, como he Nossa Senhora da Conceição de Lisboa;* e dizia isto com tantas lagrimas, que os Cacizes, que ali estavam, espantados da sua sanctidade, lhe pedíram muito que quizesse ficar alguns dias com elles.

E porque ao tempo que aqui chegáram havia dous dias que a cafila de Damasco era partida, determinou Gregorio da Quadra de atravessar aquelles desertos, e ver se a podia alcançar, e quando não, ir á ventura da misericordia de Nosso Senhor demandar o estreito de Ormuz; e disse ao Rey, que elle desejava de ir visitar a casa dos netos de Mafamede, que estavam na Persia, que lhe pedia por mercê lhe desse licença. O Rey, porque folgava com a sua

companhia, pezou-lhe muito, e disse-lhe: *Onde te queres ir? que são tudo desertos, e as aves de lá não communicam com as desta terra.* Gregorio da Quadra per cima disto se despedio delle, e partio-se, e caminhou muitos dias por aquelles desertos, sem saber aonde hia, nos quaes não havia nenhuma herva, senão medaos de arêa solta; e depois de ter gastado hum pouco de mantimento que levava, comia gafanhotos, e outros bichos voadores; e como elle não levava sobre si mais que hum pedaço de máo panno, com que cobria suas partes vergonhosas, e o Sol era grande, queimou-o de maneira, que tirava correas muito compridas do corpo, e hia tão esfolado, que não podia dormir deitado, e fazia huma cova com as mãos na arêa muito alta, e metido dentro della dormia em pé; e vendo-se já muito desapossado de suas forças, e tão fraco que não podia andar, chegado ao pé de hum monte de arêa, se poz em joelhos, com os olhos no Ceo, e pedindo misericordia a Deos, disse: *Senhor, pois eu sou vossa creatura, remida polo vosso precioso sangue, e permitistes que sahisse do cativeiro em que estava, havei misericordia de mim,*

*e não queirais que acabe aqui miseravelmente em estes desertos;* e começou a confessar seus peccados a Deos, pedindo-lhe que se lembrasse de sua alma, com determinação de acabar ali sua jornada; e dizendo estas palavras, e outras muitas, foi alevantado do chão, e levado acima do monte, onde o deixáram sem ver quem o levára; e estando assi, olhou pera baixo, e vio hum camelo, e andando mais vio hum Mouro, e caminhando pera elle, foi ter com a cafila que ali estava tomando agua, porque aquella he huma das aguadas que tem no caminho. Os Mouros da cafila espantados de verem homens naquelles desertos, houveram que seria sancto, e recolhêram-no pera si, e curáram-no daquellas esfoladuras, que trazia polo corpo, e deram-lhe vestido com que se cubrio, e perguntáram-lhe donde vinha, e como viera ali ter; e elle lhes contou tudo o que tinha passado, e como hia em romaria áquelles Corpos sanctos, que estavam na Persia. Acabado de tomarem sua agua, partíram-se, e foram ter a Babylonia, e ali o deixáram, e fizeram seu caminho pera Damasco. Gregorio da Quadra veio-se a Baçorá, e

embarcou-se em huma terrada, que hia pera Ormuz, em companhia de outros Mouros, e chegando á porta da nossa fortaleza, perguntou que dia era; e dizendo-lhe que era quinta feira de Endoenças, lançou-se no chão, e com muitas lagrimas deo graças a Nosso Senhor polo trazer a terra de Christãos em tal dia. D. Garcia Coutinho, que era Capitão da fortaleza, quando o vio espantou-se muito, e perguntou-lhe o caminho que trouxera, e elle lhe contou tudo isto que tinha passado; e que antes que Afonso Dalboquerque chegasse com sua Armada a Adem, fugíra em huma gelua com quatro companheiros seus, porque os outros eram já todos mortos, e sendo no mar os tomáram, e deram-lhes a comer huma vianda, com que os embebedáram, e estando tres dias sem darem acordo de si, lhes fizeram o sinal de Mouros, e que ao tempo de sua partida ficáram em Zibit, e não sabia o que era feito delles. D. Garcia fez-lhe muito gazalhado, e embarcou-o pera a India com tudo o que era necessario pera sua viagem, e vindo a estes Reynos, meteo-se Frade de S. Francisco na Ordem da Capucha, e nella acabou sanctamente.

## CAPITULO XI

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio do porto de Camarão pera a India, e o que passou no caminho.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque sabido particularmente todas as cousas do estreito, porque desejava já de se ir caminho da India, mandou aos Capitães que se fizessem prestes, e a quinze dias do mes de Julho do anno de quinhentos e treze se desamarrou do porto de Camarão, e sem tomar nenhuma terra, fez seu caminho direito ás portas do estreito, e passadas, foi surgir com toda a Armada detrás da Ilha, que está atravessada na boca delle, (como atrás tenho dito;) e porque lhe não ficasse nada por ver em esta jornada, quiz tambem saber que Ilhas eram estas, e que portos havia em ellas: e hum dia ante menhaã foi-se em o seu batel com Domingos Fernandez Piloto, e D. Garcia de Noronha, Lopo Vaz de Sampayo, e D. João de Lima nos seus, e todos juntos foram ter em hum porto, que a Ilha tem da banda do Preste

João, o qual faz huma enseada grande, que cóme parte da Ilha, e faz dentro em si tres enseadas, e a boca della está situada de maneira, que como foram dentro cerrou-se logo, e não víram mais mar nenhum de fóra. Este porto dentro tem de seis braças até doze de alto, e podem caber nelle duzentas náos, e he abrigado de todos os ventos. Afonso Dalboquerque como se vio dentro sahio em terra com os outros Capitães, e correo grande parte da Ilha, a qual he de pedra solta, grande, e pequena, sem haver nella arvore, nem herva verde; e em hum valle de arêa, que tem da banda do mar Roxo, achåram huma cisterna muito antiga á maneira de tanque, descuberta, entupida sem nenhuma agua, e hum poço, que tambem estava entupido de terra, do qual não víram mais que a boca. Tem esta Ilha hum morro alto sobre a entrada do estreito, e nelle mandou Afonso Dalboquerque pôr huma Cruz grande, e muito alta, que se fez de hum masto, e poz-lhe nome a *Ilha da Vera Cruz,* pelo sinal que tinham visto no estreito. E acabado de ver tudo, recolheo-se aos bateis, e veio-se pera as náos, e ao outro dia

pela menhaã mandou Ruy Galvão no seu navio, e João Gomez na caravela, que fossem a Zeila, e trabalhassem por ter prática com os Mouros da terra, e verem a maneira do lugar, e da gente, e trato delle; e achando algumas náos no porto, se os Mouros se não dessem bem com elles, lhes puzessem o fogo, e se tornassem em sua busca a Adem, porque ali esperaria por elles. Afonso Dalboquerque depois de os despedir fez-se á véla, e foi surgir com toda sua Armada diante da Cidade de Adem, onde achàram muitas náos grandes, e a Ilha de Cira cercada de muro, e muito mais torres nella do que dantes tinha; e porque os Mouros não cuidassem que assi estavam mais seguros, sem fazer demora, mandou a D. Garcia de Noronha seu sobrinho com muita gente cometer a Ilha, e disse ao seu Condestabre, que puzesse dous camellos em duas náos principaes, que estavam mais perto dos muros da Ilha, e dali lhe mandasse tirar, e fizesse todo o mal que pudesse aos de dentro. D. Garcia com a gente que levava foi cometer os baluartes, e houve-se tão valerosamente com os Mouros que estavam nelles, que em pouco es-

paço os desbaratou, e foi em posse da Ilha; e como foi dentro, mandou assestar hum camelo na torre principal della, e começáram de atirar á Cidade, e derribáram-lhe grande parte das casas; e porque hum trabuco, que os Mouros tinham em o alto da serra, fazia muito nojo á nossa gente que estava na torre, mandou D. Garcia a João Luiz fundidor de artilheria, que tinha cuidado do camelo, que tirasse com toda a furia ao trabuco dos Mouros, e o rompesse se pudesse. João Luiz afrontado de lhe os Mouros terem morto hum bombardeiro, começou átirar-lhe, e houve-se de maneira que duas vezes o rompeo, e os Mouros por se empararem delle fizeram huma parede alta de pedra, e cal. Como os Mercadores estrangeiros, que tinham suas náos no porto, víram a distruição de casas que hia na Cidade, arreceando-se que Afonso Dalboquerque lhes mandasse queimar as náos, mandáram-lhe cometer que lhas resgatasse por quanto quizesse; e elle lhes respondeo, que por nenhum preço lhas daria senão polos Christãos, que o Xeque de Adem tinha cativos, e não lhos dando, que nenhuma havia de ficar que não fosse

queimada; e porque os Mercadores não tornáram mais com reposta, determinou Afonso Dalboquerque, por cumprir sua palavra, de lhas queimar, e deo conta disso aos Capitães; e porque queimalas se não podia fazer sem perigo dos nossos, foram todos de parecer que o não devia de fazer, nem aventurar hum homem por tão pequena cousa, porque os Mouros tinham muita artilheria, prantada em resguardo dellas, e não podia fazer aquelle negocio tanto a seu salvo, que lhe não custasse muito. Afonso Dalboquerque como vio tantos inconvenientes, offerecidos por homens enfadados, determinou de o fazer só com a gente do mar, (a quem elle chamava sempre meus cavaleiros,) e mandou a Fernão Afonso Mestre da sua náo, e a Domingos Fernandez Piloto, que lhe fizessem prestes cem homens, porque com elles queria fazer aquelle negocio, e envergonhar todos os Capitães Fidalgos, e Cavaleiros daquella Armada; e estando todos prestes, embarcáram-se nos bateis, e Afonso Dalboquerque no seu esquife com as trombetas pera os favorecer: e huma sesta feira á meia noite, estando os Mouros descui-

dados, pojáram em terra, e corrêram a ribeira toda de longo, e foram ter com trinta Mouros, que estavam em guarda das náos, e matáram a maior parte delles, e puzeram-lhes o fogo; e porque estavam todas meadas de agua, não ardêram mais que tres; e feito isto, recolhêram-se aos bateis, e foram-se pera as náos com grande prazer, sem a nenhum delles acontecer cousa alguma; e depois de todos serem recolhidos com esta vitoria não esperada, ficáram os Capitães, e gente de armas tão envergonhados, que pedíram a Afonso Dalboquerque lhes désse licença pera irem queimar as que ficavam, e elle lha não quiz dar por os Mouros estarem já sobre aviso. Aquella menhaã chegou Ruy Gonçalves, e João Gomez, e contáram-lhe como chegáram a Zeila, e descubríram a entrada do porto, e querendo ter prática com os da terra, não lhes respondêram, e começáram alguns de cavallo a escaramuçar, fazendo zombaria delles; e vendo isto, não quizeram aperfiar, e queimáram-lhes vinte náos, que tinham no porto mui grandes, e ali se lançou com Ruy Galvão o Abexim, que atrás fica dito, o qual Afonso Dalboquerque mandou

a ElRey D. Manuel pera o informar das cousas daquellas partes, porque era homem avisado, e dava boa rezão das cousas, e andára sempre em companhia do Feitor do Grão Soldão.

## CAPITULO XII

*Como o grande Afonso Dalboquerque se partio do porto de Adem pera a India; e do que passou no caminho até chegar á Cidade de Goa.*

Passadas todas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque aos Capitães, que levassem suas amarras, e partio-se do porto de Adem a quatro dias do mes de Agosto, e com toda sua Armada foi á vista do cabo de Guardafum, e dali fizeram sua navegação á outra banda da terra, e afferráram Diolocindi, e foram correndo toda a costa de longo, e chegáram a Diu, onde foram muito bem recebidos de Miliqueaz, e bem festejados de dadivas, que deo a todos os Capitães, e ali esteve seis dias, e mandou concertar os bateis das náos, que vinham muito desbaratados : e

como chegou, veio logo Miliqueaz velo á náo, e estiveram ambos praticando em cousas desapegadas. Afonso Dalboquerque lhe disse, que queria deixar ali huma náo carregada de mercadorias pera se vender, que lhe pedia muito que mandasse fazer bom tratamento ao Feitor, e Officiaes que ali ficassem. Miliqueaz como não fazia provisão de palavras, fez-lhe grandes offerecimentos. Afonso Dalboquerque lhe pagou na mesma moeda, e despedio-se delle, ficando muito amigos, e depois de todas as náos terem tomado agua partio-se, deixando a náo Enxobregas com todas as mercadorias que trazia, e pera feitorizar este negocio Fernão Martinz Evangelho, e Jorge Correa por seu Escrivão: E sendo em mar mandou a Ruy Galvão que fosse a Goa no seu navio fazer a saber ao Capitão de sua ida, e a Jeronymo de Sousa que fosse a Cananor, e a Cochim fazer o mesmo, e elle com todas as outras náos foi ter a Chaul, e ali achou Tristão Déga, que havia dous dias que chegára, e hum Embaixador do Rey de Cambaya em sua companhia, o qual lhe deo conta como fora mui bem recebido do Rey, e deo-lhe huma

carta de Milecopi, que era hum Mouro principal do Reyno, desejoso de servir El-Rey de Portugal; e que quando chegára a Cambaya era o Rey ido ao estremo do Reyno de Mandao com grande arraial de gente, cavallos, e artilheria contra o Rey, e que esperára por elle em Champanel, e ali lhe dera as suas cartas, e que ao negocio de Diu lhe respondêra friamente, e que lhe parecia que o não daria; porque depois de lhe ter falado nelle, lhe offerecêra humas Ilhas ao longo da costa pera fazer fortaleza, e assento nellas, e que as não quizera aceitar, porque não tinha commissão sua pera o poder fazer, e que soubera de Milecopi, que Miliqueaz fazia tudo isto, porque lhe pezava de se ver fóra de Diu, e que ao negocio dos Rumes lhe respondêra, que elle os não consentiria mais na sua terra. E depois de Tristão Déga ter dado conta de todas estas cousas a Afonso Dalboquerque, veio-lhe o Embaixador do Rey de Cambaya falar, e deo-lhe a carta que trazia de crença, e disse-lhe, que o Rey de Cambaya lhe mandava pedir muito por mercê, que lhe désse licença pera mandar hum estante dos Guzarates a Ma-

laca, e seguro pera as náos de Cambaya que navegassem pera aquellas partes, e que os Portugueses tinham tomado a náo Meri que era sua, que lhe pedia muito por mercê que lha mandasse dar, pois lha tomáram tendo elle pazes com ElRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que ElRey seu Senhor desejava muito de ter paz, e amizade com o Rey de Cambaya, e ter trato em sua terra, e que por esta causa nunca lhe fizera guerra, nem lhe queimára seus lugares, nem esbombardeára suas fortalezas; e se as suas náos, e gente tinham recebido alguma afronta dos Portugueses pelo mar, seria porque sempre elle favorecêra todos os Reys, e Senhores, com quem ElRey de Portugal seu Senhor tinha guerra, principalmente ao de Malaca, e Ormuz, aos quaes mandára muitas náos carregadas de armas, e gente, e que o dissimulára sempre por não quebrar com elle: e a Milecopi escreveo grandes agardecimentos polo cuidado que tomára das cousas delRey seu Senhor, dando-lhe muitas esperanças de galardão de seus serviços; e que quanto era á náo Meri que o Rey lhe mandava pedir,

que elle a tinha em Cochim concertada de novo, que polo seu Embaixador lha mandaria. O Embaixador escreveo ao Rey tudo o que passára com Afonso Dalboquerque por hum criado seu, e que elle se hia em sua companhia pera levar a náo, o qual chegando a Goa, partio-se nella pera Cambaya.

E porque Afonso Dalboquerque teve por informação, que as náos de Calicut, que aquelle anno foram pera o estreito, (por partirem tarde,) com hum temporal, que lhe deo arribáram todas, e jaziam por esses portos de Cambaya até o monte de Deli, e huma entrára em Danda, terra de Chaul, em chegando sobre o porto, mandou recado aos da terra que lha entregassem, porque era de Meceris do Cairo, imigos delRey seu Senhor, e o Governador de Chaul lha mandou logo entregar, a qual teria tres mil quintaes de pimenta, e de gengibre, e dali se partio, e foi sobre Dabul, e mandou pedir aos Governadores que lhe entregassem duas náos, que estavam no porto; e porque começáram a andar em dilações, e Afonso Dalboquerque não podia fazer demora, deixou a Lopo Vaz de Sam-

payo com tres náos em guarda dellas, e mandou-lhe que defendesse o commercio do porto até lhas entregarem. Partido Afonso Dalboquerque, dali a poucos dias lhas entregáram com toda a especiaria que tinham. E porque Afonso Dalboquerque teve por informação, que no porto de Baticalá estava tambem outra, mandou Antonio Raposo em huma geleota, que fosse lá, e não lha querendo os Governadores da terra entregar, que lhes tolhesse a navegação do porto; e a Fernão Gomez de Lemos em outra fusta, que fosse a Mangalor, onde sabia que estavam duas náos, e fizesse outro tanto; e com estas diligencias, que Afonso Dalboquerque fez, recolheo todas as náos, que aquelle anno partíram de Calicut pera o estreito, que foi grande perda pera os Mercadores. E despachados estes Capitães, partio-se pera Goa, onde foi muito bem recebido de todos, e ali achou hum presente, que lhe mandára hum Embaixador do Xeque Ismael, que andava na Corte do Hidalcão, por hum criado seu, o qual se partíra de Goa com determinação de o tornar a ver, como fosse vindo do mar Roxo, antes de sua partida pera a Persia.

## CAPITULO XIII

*Como Francisco Nogueira deo conta ao grande Afonso Dalboquerque do que passára com o Çamorim sobre o fazer da fortaleza: e do conselho que teve com os Capitães sobre isso, e do que se assentou.*

Chegado o grande Afonso Dalboquerque a Goa, depois de ser recebido do Capitão, e povo da Cidade com grandes festas, Francisco Nogueira, que elle tinha deixado ao tempo de sua partida pera fazer a fortaleza de Calicut, como atrás tenho dito, lhe deo conta como chegára a Calicut, e dera suas cartas ao Çamorim; e falando com elle algumas vezes sobre o fazer da fortaleza, o achára sempre fóra de proposito, dando por escusa que não podia acabar com os Mouros da terra, que consentissem fazer-se fortaleza onde a pedia, e que lhe dava Challe, e elle a não quizera aceitar; e ainda que lhe dera lugar em Calicut, como os Capitães, e Officiaes del-Rey, a quem elle escrevêra que lhe dessem todo o favor, e ajuda pera se fazer a obra,

tinham danado secretamente o negocio, por comprazerem aos Reys de Cananor, e Cochim, era impossivel fazer-se fortaleza, se elle mesmo lá não fosse em pessoa. Afonso Dalboquerque polos desejos que tinha de meter hum pé em Calicut, ficou descontente destas dobraduras do Çamorim, e de lhe vir com novidades; e querendo-se determinar no que faria, mandou chamar os Capitães, e Officiaes delRey, e contou-lhes tudo o que Francisco Nogueira tinha passado com o Çamorim, e como nas náos, que aquelle anno vieram de Portugal, lhe escrevêra ElRey, que nas cousas de Calicut se houvesse de maneira, que o Rey de Cochim se não escandalizasse; e que escrever-lhe ElRey seu Senhor aquillo, não podia ser senão más informações, que os seus Officiaes de Cananor, e Cochim lhe tinham escrito daquelle negocio, sendo elles os que o tinham danado por comprazerem aos Reys, a que pezava muito deste assento, que ElRey D. Manuel queria fazer em Calicut, e que a obrigação que Sua Alteza tinha ao Rey de Cochim era sustelo em seu estado, e pagar-lhe dinheiro da pimenta que lhe comprava, e não guardar-lhe seus

costumes, e gentilidades, nem fazer guerra a Calicut, cada vez que elle quizesse. Ouvidas estas rezões, que Afonso Dalboquerque apresentou, foi o negocio muito bem praticado entre todos. D. Garcia, e os Capitães disseram, que lhes parecia bem fazer-se fortaleza em Calicut, querendo o Rey vir a isso por amizade, e bom concerto, porque em huma Cidade tão grande como era Calicut, e que tão prestes tinha o socorro, não se podia fazer fortaleza por força, que não custasse muito sangue. Os Officiaes delRey foram de outro parecer, e disseram, que não era seu serviço fazer-se fortaleza em Calicut, por se não poder suster sem grandes despezas, que elle devia de escusar quanto pudesse, porque isto era o que lhe ElRey mais encomendava que tudo, e que pera lhe tolher a navegação das suas náos, abastava andar huma Armada na costa pera lha defender, e por aqui foram dando outras rezões, fundadas todas em se não fazer fortaleza.

Depois de D. Garcia de Noronha, e os outros Capitães dizerem seu parecer neste negocio, vendo Afonso Dalboquerque os inconvenientes, que os Officiaes delRey da-

vam pera se não fazer fortaleza em Calicut, como era cousa forjada polos Reys de Cananor, e Cochim, disse, que elle não seria nunca de parecer que se fizesse guerra guerreada ao Çamorim, senão fosse com determinação de entender nelle de maneira, que o apagasse de todo, porque tudo o mais era ter sempre a Armada da India occupada em Calicut, sem entender em outras cousas, e pera ella ir tomando assento, convinha muito ter paz, e amizade com os Reys de Calicut, e Cochim, e trabalhar muito que fossem amigos, e conservalos, porque nestes dous portos se haviam sempre de achar as especiarias sorteadas, da maneira que as quizerem, pera carregar as náos que hão de ir pera Portugal; e esta amizade não póde ser firme, nem verdadeira, principalmente com o Çamorim, sem ElRey Nosso Senhor ter huma fortaleza em Calicut; porque além de se nisso ganhar grande credito antre os Mouros, polo muito que he soada entre elles esta guerra, que tem comnosco, lançaremos fóra da terra os Mouros estantes do Cairo, porque elles são causa de todos estes trabalhos, e tirar-nos-hemos de ter pendenças com o Çamorim,

que não servem de mais que dar muito credito aos Mouros, e trabalho aos Governadores da India. E se os que escrevem a ElRey Nosso Senhor, que não he seu serviço fazer-se esta fortaleza, andassem pelo mar com as armas ás costas, esbombardeando as náos dos Mouros, que vam carregadas de pimenta pera Méca, como nós andamos, folgariam de não termos tantas pendenças. E posto que Lourenço Moreno, e Antonio Real tenham escrito a ElRey, que com fazer esta fortaleza se acrescentam muitos gastos, os seguros das náos, que ali hão de vir tomar carrega, he huma cousa tamanha, que sendo bem grangeados por elles, ametade abasta pera se pagar á gente, que nella houver de estar, quanto mais que eu espero em Nosso Senhor, que indo nós a Calicut, assentemos este negocio de maneira, que pela competencia destes dous Principes venham os Mercadores de Cochim a dar pimenta a troco de mercadorias, que será grande serviço delRey acabar-se. E a isto que Afonso Dalboquerque disse, não houve mais ninguem que repricasse, porque em cousa tão clara não havia que dizer; e por não tar-

dar com a execução do que estava assentado, mandou logo fazer prestes huma Armada pera ir em pessoa fazer este negocio, e escreveo a ElRey D. Manuel pelas náos da carrega, que aquelle anno vinham pera estes Reynos, dando-lhe conta de tudo o que passava, e a determinação em que ficava. ElRey lhe respondeo, que víra as rezões que lhe davam pera fazer fortaleza em Calicut, e não guerra guerreada, como per muitas vezes lhe tinha escrito que fizesse, que a elle lhe parecia bem a determinação em que ficava, e que nisto fizesse o que lhe parecesse mais seu serviço, que pela muita experiencia que tinha de suas obras, e serviços fora rezão tomar seu conselho por cousa mais segura que todas, estando na India, quanto mais tão longe della, posto que polo que lhe escrevia o podia bem entender.

## CAPITULO XIV

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, e mandou D. Garcia de Noronha a Calicut assentar as pazes: e o que passou com o Rey de Cochim sobre isso.*

Assentado por todos os Capitães que se fizesse fortaleza em Calicut pelas rezões já ditas, determinou o grande Afonso Dalboquerque de se partir pera Cochim com a Armada que tinha prestes, e dali assentar este negocio como melhor pudesse: e mandou D. Garcia de Noronha seu sobrinho, que se fosse a Calicut, e soubesse do Çamorim sua determinação, e que lhe pedisse quatro cousas. A primeira, lugar no pouso das náos, defronte do seu Cerame, pera fazer huma fortaleza, em que os nossos pudesem estar seguros doutros trabalhos como os passados. A segunda, que lhe havia de dar a pimenta que se houvesse mister pera carregar as náos, que se haviam de ir pera Portugal, a troco de mercadorias de toda a sorte, polo preço, e pezo

de Cananor; e que o Feitor delRey seu Senhor pudesse comprar o gingibre, que os lavradores traziam a vender á praça pela Ordenança da terra. A terceira, que lhe havia de pagar toda a fazenda, que os Mouros tinham tomado aos Portugueses nos tempos passados. A quarta, que havia de dar de tributo em cada hum anno pera as despezas da fortaleza, e gente que nella estivesse, ametade dos seguros, que os Mouros mercadores eram obrigados a pagar das suas náos. Partido D. Garcia pera Calicut, dahi a poucos dias se partio Afonso Dalboquerque pera Cochim, e como chegou, o Rey o veio logo visitar, e na prática que ambos tiveram perante Gaspar Pereira, Diogo Pereira, e Lourenço Moreno, que eram Officiaes da Feitoria, se começou o Rey a escandalizar muito de lhe elle não ter dado conta desta nova amizade, que queria ter com o Çamorim, e mostrou-lhe humas cartas, que lhe escrevêra, e reposta de outras suas; e porque nellas não havia cousa de que o Rey de Cochim pudesse lançar mão, apassionou-se Afonso Dalboquerque muito de lhas tomar, e disse-lhe: *Estas cartas minhas são, não nas ei de negar,*

*e devia-vos de parecer rezão, que polo carrego, que tenho, respondesse em nome delRey meu Senhor aos amigos, e imigos, principalmente áquelles, que me mandam cometer paz, e amizade, e que me querem dar fortaleza em seus portos, como o Çamorim quer; e bem sei eu que trabalhais vós por trazer á vossa amizade os amigos, e imigos, e buscais todos os modos que podeis por terdes vosso Reyno, e terras seguras, de que me não dais conta, nem eu não vo-la peço, sendo muita rezão dardesma, pois em todos os vossos trabalhos me buscais; e lembre-vos, que morto vosso tio, com quanta pressa vim a vosso chamado, estando com huma Armada a pique pera partir ao feito de Goa: e se assi he, que fazeis o que vos cumpre, como vos não parece rezão, que saiba do Çamorim o que me quer? e responda a suas cartas, ainda que seja imigo delRey de Portugal meu Senhor? e juntamente com isto, quando cumprir não ter paz com elle, pois em minha mão está tela, e fazer-lhe a guerra se quizer, e queimar-lhe suas náos se quizer, e destruir-lhe todos seus portos se quizer? E se algum de nós tem rezão de se queixar eu sou,*

*porque senão tenho distruido o Çamorim, he porque vós, e o Rey de Cananor, cada vez que o vedes perdido, o ajudais com vossa gente, e lhe mandais as náos carregadas de mantimentos, com os seguros del-Rey meu Senhor, porque quereis que esta pendença esté sempre em aberto; e se ambos de dous quizereis sua distruição, (como me muitas vezes déstes a entender,) e foreis em minha ajuda, e do Marichal no feito de Calicut, elle fora de todo distruido.* O Rey de Cochim atalhado hum pouco destas cousas, e da efficacia, com que lhas Afonso Dalboquerque disse, respondeo que elle fora sempre servidor delRey de Portugal, e que todos os seus parentes, depois que os Portugueses entráram na India, eram mortos em seu serviço; e que pois o Rey de Calicut fora a principal causa disto, não se havia de crer delle, que agora o havia de ajudar contra os Portugueses, e que se o não ajudára no negocio de Calicut, como dizia, fora porque elle não quizera mais ajuda sua, que a que lhe pedíra perante o Marichal, o dia que lhe dera conta do negocio. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se lembrasse que as penden-

ças passadas que os Portugueses tiveram com o Çamorim, foram todas por lhe defenderem seu Reyno, que elle dizia, que lhe pertencia ; e se os seus parentes eram mortos em serviço delRey de Portugal, tambem o Marichal, e todos aquelles, que com elle acabáram em Calicut, morrêram por lhe assegurar sua honra, e seu estado, e elle ficára aleijado do braço esquerdo de maneira que o não podia levar bem á cabeça ; e que soubesse certo que se elle, e o Rey de Cananor levavam ávante suster o Çamorim, como até ali tinham feito, que elle tambem determinava de lhe não fazer mais a guerra, e que cada hum olhasse por si. Passadas estas práticas, o Rey de Cochim se despedio de Afonso Dalboquerque, mal contente destas, e outras cousas, que lhe disse, e nem por isso deixáram elle, e o Rey de Cananor de terem suas inteligencias com os Caimais, e Senhores da terra do Malabar, pera estorvarem este negocio, que Afonso Dalboquerque logo soube polo Aguazil velho, que fora de Cananor, que estava em Calicut.

## CAPITULO XV

*De como D. Garcia de Noronha mandou recado ao grande Afonso Dalboquerque do que tinha passado com o Çamorim, e o que elle nisso fez: e como foi a Calicut, e fez fortaleza nelle.*

Estando as cousas entre o Rey de Cochim, e o grande Afonso Dalboquerque no estado que tenho dito, trabalhando cada hum por fazer seu negocio o melhor que podia, chegou recado de D. Garcia pera Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que chegando a Calicut, mostrára os apontamentos, que levava, ao Çamorim, e que até aquella hora lhe não tinha respondido, nem parecia que se ordenava de maneira pera tomar conclusão naquelle negocio, porque tudo eram dilações, e vir-lhe cada dia com novidades, que não tinham nome pera escrever. Afonso Dalboquerque entendendo donde isto nascia, determinou de atalhar a estas malicias polo melhor modo que pudesse; e porque o Çamorim estava peitado dos Mercadores Mouros da terra, e por

esta causa lhe andava dilatando o negocio, quiz-se valer do Principe seu irmão, que era muito servidor delRey de Portugal, e escreveo-lhe secretamente huma carta, em que dizia, que se elle desejava tanto a amizade delRey de Portugal, como per muitas vezes lhe tinha mandado dizer, que agora era tempo pera effeituar esta vontade, ordenando de dar peçonha ao Çamorim; porque como fosse morto, elles se concertariam ambos de maneira que elle quizesse. O Principe, como estava desejoso de paz, e muito aborrecido dos Mouros do Cairo, que viviam em Calicut, porque trabalhavam com seu irmão que a não fizesse, e tambem com os desejos de reinar, poz por obra o que lhe Afonso Dalboquerque escreveo. Morto o Çamorim, foi elle logo alevantado por Rey; e sendo em posse do Reyno, recolheo pera si o Alguazil velho, que fora de Cananor, que seu irmão não queria ver, por ser verdadeiro, e leal servidor delRey de Portugal; e passados alguns dias, mandou dizer a D. Garcia por hum Caimal seu, que escrevesse ao Capitão geral da India, que o Çamorim seu irmão era morto, e que elle estava em posse do

Reyno, e era contente de fazer pazes com ElRey de Portugal, e dar-lhe lugar em Calicut pera fazer fortaleza onde elle quizesse; e que deste negocio não tinha dado conta aos Mouros principaes da terra, que foi causa de haver antre elles grandes differenças, porque todos queriam insistir na dureza, e contumacia do Çamorim passado. Mas como o Principe era homem verdadeiro, e governado por sua mulher, a que queria muito, (porque ainda que o costume dos Reys daquella terra fosse terem muitas, e os filhos não herdarem, elle tinha esta só, e os filhos que della tinha eram creados como seus herdeiros,) a qual desejava muito ter paz, e amizade com os Portugueses, que foi grande parte pera que os Mouros naturaes da terra consentissem neste assento da paz, e os que a isso não queriam vir, mandava-os matar diante de si, por comprazer a sua mulher; e aos estrangeiros deo embarcação pera elles, e suas mulheres, filhos, e fazenda, e que se fossem fóra do seu Reyno. Apagado este alvoroço dos Mouros, assentou D. Garcia com o Çamorim a paz polos apontamentos, que lhe Afonso Dalboquerque dera, e escreveo-lhe o que tinha

feito nisso, o qual com este recado se partio logo pera Calicut ; e depois de se ver com o Çamorim, e passarem grandes comprimentos de amizade de parte a parte, começou a entender no fazer da fortaleza, a qual fez pegado na agua de dentro do arrecife junto do pouso das náos.

Esta fortaleza era tamanha como o apartado de Cochim, com duas torres da banda do mar, e entre ellas no lanço do muro fez-se hum postigo pera por elle recebe-rem socorro todas as vezes que lhe fosse necessario, sem lho os Mouros da terra poderem tolher ; e neste mesmo lanço do muro se fez huma torre de menagem de tres sobrados, muito grande, e muito forte, e da banda da Cidade fizeram outras duas muito fortes, e antre ellas a porta principal da fortaleza, com hum baluarte pera a defender ; e sendo já a obra posta em altura, que se podia bem defender, entregou a capitanía della a Francisco Nogueira, com a gente que convinha pera guarda della, e fez Gonçalo Mendez feitor, e pagador das obras, e a João Serrão Escrivão da Feitoria ; e porque lhe era necessario partir-se pera dar expediente a alguns nego-

cios, que ficavam em aberto, despedio-se do Çamorim, ficando muito amigos, deixando a fortaleza provída de artilheria, polvora, e mantimentos em abastança, e partio-se pera Cananor, e o Çamorim mandou em sua companhia dous Embaixadores pera irem aquelle anno pera Portugal com hum presente pera ElRey D. Manuel, e por elles lhe mandou huma carta de pazes, assinada por elle, e polos principaes de seu Reyno, asselada com hum selo de ouro, pedindo que lhe mandasse outra, em que lhe confirmasse as pazes, que tinha assentado com Afonso Dalboquerque, e seguro Real pera todos seus portos. Os Embaixadores vieram a este Reyno, e foram muito bem recebidos delRey, e muito melhor despachados.

Tres cousas fez o grande Afonso Dalboquerque este anno de treze, com que poz em grande admiração, e espanto todos os Reys, e Senhores da India. A primeira a sua entrada do mar Roxo, que elles haviam por cousa muito difficultosa, que lhes quebrou muito os corações. A segunda entregarem-lhe, vindo do estreito nesses portos de Cambaya até o monte de Deli, todas as náos de Mouros, que ali arribáram

com tormenta, carregadas de especiaria, que aquelle anno partíram de Calicut pera Méca. A terceira, esta fortaleza que fez em Calicut; porque como ali era a escapula principal dos Mouros estrangeiros, que tratavam na India, com se fazer ficáram atalhados de suas navegações; e dizia o Rey de Narsinga quando o soube, que pois o Çamorim de Calicut consentíra fazerem os Portugueses fortaleza em sua terra, que bem podia o Capitão geral da India fazer outra em Bisnaga, se quizesse, a qual fortaleza D. Anrique de Menezes, sendo Governador da India, mal aconselhado dos seus Capitães, mandou derribar, tendo-a os Mouros cercada, e depois de o ter feito se arrependeo muito; e bem creio eu que se fora em tempo de Afonso Dalboquerque, que nunca se ella derribára, ainda que fora contrariada dos Mouros, como foi Goa, por ter hum pé no pescoço ao Çamorim de Calicut, porque este foi o seu principal intento, que o moveo a trabalhar tanto pela fazer.

## CAPITULO XVI

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Calicut, e foi ter a Cananor: e das novas que lhe escreveo Fernão Martinz Evangelho, de Diu: e como mandou Pero Dalboquerque com huma Armada a descubrir o estreito da Persia, e do mais que passou.*

Despedido o grande Afonso Dalboquerque do Çamorim, foi-se direito a Cananor com determinação de aquelle anno não navegar fóra da India, não pera repousar dos trabalhos passados, mas pera prover, e remediar algumas desordens, que os Officiaes delRey tinham feitas em sua fazenda aquelle tempo, que andou fóra da India; e chegado a Cananor, dahi a poucos dias lhe veio recado de Fernão Martinz Evangelho, que estava em Diu, em que lhe dizia, que áquelle porto era chegada huma gelua do estreito, na qual vinha hum messageiro do Cadi do Cairo, que trazia vestiduras pera o Rey de Cambaya, e pera o Hidalcão, e pera todos os seus Guazis, com

muitas bençóes, e muitos perdões, esforçando-os com muitas palavras, que fizessem guerra aos Christãos. Este Cadi do Cairo he huma pessoa principal que ali está, como Caciz maior de Méca, e confirma o Grão Soldão do Cairo quando o elegem, e da sua mão recebe a confirmação, e deo por novas que em Suez não havia mais que os Cascos das galés, e que no Cairo havia tanta peste, que morriam cada dia vinte mil pessoas, (e não se espantem disto, porque se affirma haver no Cairo vinte e cinco mil ruas;) e que depois de Sua Senhoria ser partido de Adem, fora ter huma gélua a Zeila, e contára que a artilheria das náos matára muita gente dentro na Cidade; e que o Xeque de Adem escrevêra ao Rey de Zeila, que lhe mandasse todas as náos que houvesse em seu porto, e toda a gente que se pudesse haver a soldo; e que elle lhe respondêra, que buscasse seu remedio, porque havia mister da gente, e náos que tinha pera guarda da sua terra; e que apôs esta gelua chegára huma terrada, que vinha da costa Furtaque, e que Miliqueaz, depois de falar com os Mouros que vinham nella, os avisára, que não dessem novas do

que passava a ninguem, e que elle por Mouros seus amigos, que lhe lançára, soubera que o Rey de Adem mandava avisar a todos os Mouros do seu Reyno, que estavam em Diu, se partissem logo com o primeiro tempo, porque tinha novas, que o Capitão geral da India se fazia prestes pera tornar sobrelle, e que tinha comsigo seiscentos Furtaquins, que tomára por força de algumas náos, que ao seu porto vieram ter; e que o Rey de Furtaque, por esta força que lhe fizera, determinava de ajudar Sua Senhoria com gente contra elle, se lá fosse, e que Miliqueaz era partido pera a Corte do Rey de Cambaya sobre o negocio de Diu, e levava muita prata, e muito ouro, muitas joias, e muitos pannos ricos, e duzentos cavallos pera peitar ao Rey, e seus Governadores, e que tambem levava pera dar ao Rey a espada que lhe Sua Senhoria dera, e que era chegada huma náo de Ormuz, que dera por nova, que Cogeatar era morto, e que estando pera morrer dissera ao Rey, e seus Governadores, que aceitassem a carapuça do Xeque Ismael, e sua oração, e dessem fortaleza aos Portugueses em Ormuz, porque não fa-

zendo estas duas cousas, duvidava poder-se o estado do Rey suster.

Afonso Dalboquerque com estas novas, que lhe Fernão Martinz Evangelho escreveo, ficou muito espantado de ver, que sua entrada no estreito fizera em tão poucos dias tantas mudanças, e fez prestes huma Armada de quatro náos pera mandar ao Cabo de Guardafum, e a Adem, se o tempo désse lugar pera saber o que lá hia; e como teve aparelhadas estas náos de tudo o que lhe era necessario, fez Capitão mór dellas Pero Dalboquerque seu sobrinho, e por Capitães das outras náos Ruy Galvão, Antonio Raposo, Jeronymo de Sousa, e por Feitor Tristão Déga, e João Teixeira Escrivão, e deo-lhes hum regimento, que sendo caso que os tempos lhes dessem lugar, fosse dar huma vista a Adem, e viessem invernar a Ormuz, e pedisse ao Rey a fortaleza que elle deixára começada, pera nella agazalhar as mercadorias que levasse, e tambem lhe pedisse as pareas, que eram devidas dos annos passados; e acabado de assentar isto, se fosse a descubrir o estreito do mar da Persia, e dahi se viesse caminho da India. Pero Dalboquerque, depois de

ter o Regimento, despedio-se de seu tio com os seus Capitães, e fez sua viagem direito ao Cabo de Guardafum, e adiante se dará rezão de sua viagem.

## CAPITULO XVII

*Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com o Alguazil de Cananor sobre algumas cousas que fazia contra o serviço delRey de Portugal: e como se partio pera Cochim: e do recado que lhe mandou o Embaixador do Xeque Ismael, que estava em Dabul: e como mandou Miguel Ferreira em sua companhia por Embaixador ao Xeque Ismael.*

Partido Pero Dalboquerque, começou o grande Afonso Dalboquerque a entender em algumas desordens, que os Officiaes delRey faziam em sua fazenda, e reprendeo-os do pouco cuidado que tinham della; e depois de ter tudo assentado, sabendo que o Alguazil de Cananor fazia algumas cousas mal feitas contra o serviço delRey de Portugal, e dizia muitos males delle, por lhe

não consentir suas tyrannias, e maldades, e tambem porque favorecia o Alguazil velho, que estava em Calicut, que elle fizera lançar de Cananor por ser nosso amigo, mandou-o chamar, e deo-lhe huma cadeia de ouro, que tinha no pescoço, dizendo, que lha dava por quantos males dizia delle; mas que quanto ás cousas do serviço delRey seu Senhor lhe rogava muito, que as tratasse de maneira, que os Officiaes delRey se não queixassem mais delle, nem metesse zizanias entre o Rey de Cananor, e o Capitão da fortaleza, porque, não se emendando, seria necessario acudir a isso com o rigor que suas culpas merecessem: e que se lembrasse, que dissimulára com elle a tyrannia que fizera a Pocaracem Mouro em lhe tomar os seus cavallos, não tendo outra rezão pera lhos tomar senão ser servidor delRey de Portugal. O Alguazil não ficou muito contente destas palavras, que lhe Afonso Dalboquerque disse, e respondeo-lhe que elle era muito servidor delRey de Portugal, e que em todos os negocios, que Sua Senhoria tivera com o Rey de Cananor, sempre trabalhára por favorecer as cousas de seu serviço; e que

quanto era aos cavallos que dizia de Pocaracem, que a culpa era dos Officiaes da Feitoria delRey de Portugal, e não sua. Afonso Dalboquerque por cima de saber que este Mouro era muito máo homem, e muito perjudicial ao serviço delRey, dissimulou com elle por ser muito aceito ao Rey de Cananor, e ficáram amigos.

Neste tempo chegou a Cananor o messageiro do Embaixador do Xeque Ismael, que andava na Corte do Hidalcão, que atrás tenho dito que viera a Goa com recado a Afonso Dalboquerque, sendo no estreito do mar Roxo: a substancia do seu recado era pedir-lhe seguro pera poder passar a Ormuz, e que mandasse em sua companhia hum Embaixador ao Xeque Ismael; e porque Afonso Dalboquerque desejava que elle visse todas as fortalezas da India, e principalmente a que se fazia em Calicut, despedio-o, e disse-lhe que fizesse o caminho por Calicut, e que o fosse esperar a Cochim, que lá o despacharia, porque tambem queria que visse as muitas náos, que aquelle anno vinham carregadas pera Portugal, e a grandeza dellas, e toda a outra Armada, que se estava concertando,

e o grande trafego da ribeira. Porque ainda que Miguel Ferreira levava na sua instrucção todas estas cousas pera as contar ao Xeque Ismael, quiz Afonso Dalboquerque que este messageiro fosse tambem testemunha de vista das grandezas delRey de Portugal; e partido elle, dali a poucos dias partio Afonso Dalboquerque pera Cochim, meado Dezembro do anno de treze, e como chegou, fez prestes Miguel Ferreira criado delRey D. Manuel com quatro encavalgaduras pera ir por Embaixador ao Xeque Ismael, com a mesma instrucção que tinha dado a Ruy Gomez, que lá mandava, (como atrás na primeira tomada de Goa fica dito,) que não houve effeito; porque chegando a Ormuz, ordenou Cogeatar Governador do Reyno, que o matassem com peçonha. Despachado Miguel Ferreira, mandou-lhe Afonso Dalboquerque dar embarcação pera si, e pera os seus, até chegarem a Dabul, porque dali havia de ir em companhia do Embaixador do Xeque Ismael, que o estava esperando, e fez mercê ao seu messageiro, de que foi muito contente; e elle ficou-o tanto da pessoa de Afonso Dalboquerque, que o mandou tirar polo

natural pera o levar ao Xeque Ismael. Partidos os Embaixadores, e Miguel Ferreira, esteve ainda Afonso Dalboquerque alguns dias em Cochim provendo cousas que eram necessarias; e acabadas, deixou D. Garcia de Noronha seu sobrinho pera despachar as náos da carrega, que aquelle anno haviam de ir pera Portugal, e encommendou-lhe muito o gazalhado dos Embaixadores do Çamorim, que haviam de ir nellas, e que mandasse concertar toda a Armada, que estava em Cochim, pera no verão seguinte navegar pera onde lhe parecesse mais serviço delRey de Portugal; e partio-se pera Goa.

## CAPITULO XVIII

*Dos Embaixadores, que o Xeque Ismael mandou ao Rey de Cambaya, e ao Hidalcão, e o fundamento de suas embaixadas.*

Como o Xeque Ismael desejava muito de trazer todos os Reys da India á sua amizade, e a seguirem a sua cepta, man-

dou por muitas vezes seus Embaixadores ao Rey de Cambaya, e ao Çabayo, porque tendo persuadido estes, que eram muito poderosos, e de grandes estados, os outros facilmente viriam ao que elle quizesse: E o anno de treze, que Afonso Dalboquerque entrou o estreito do mar Roxo, tornou a mandar Embaixadores aos mesmos Reys com cem cavalgaduras cada hum, e tendas muito ricas pera seus aposentamentos, e baixelas de prata de seu serviço. A instrucção de suas embaixadas era, que aceitassem a sua carapuça, e mandassem ler o livro da sua oração em as suas Mesquitas: e com o mesmo requerimento mandou outro ao Rey de Ormuz, o qual polo conselho que lhe Cogeatar tinha dado, como tenho dito, e tambem por Rexnordim, que governava a terra, ser Persio de nação, ouve pouco que fazer com o Rey em aceitar a carapuça, e oração do Xeque Ismael, e fazer-se seu tributario. Embaixador, que hia pera o Hidalcão, chegou á Cidade de Calbergate, onde elle estava, e levou-lhe certos cavallos de presente, com cubertas muito ricas, e pannos de brocado, e seda da Persia, e algumas peças de ouro, e prata, e esmeral-

das, e huma porcelana de Turquesa meaã, (e dizia Diogo Fernandez Adail de Goa, que Afonso Dalboquerque lá tinha mandado, que se neste tempo achou presente, que era cousa muito pera ver ;) e como ali chegou, mandou logo hum messageiro visitar Afonso Dalboquerque a Goa, como atrás fica dito. O Hidalcão recebeo muito bem o Embaixador, e passados alguns dias, despachou-o, dando-lhe em reposta, que dissesse ao Xeque Ismael, que folgava muito com sua amizade, mas que não havia de aceitar outra lei, nem outra oração, senão a em que se creára, e deo-lhe algumas joias pera o Xeque Ismael, e mandou-o a Dabul pera dali embarcar, e chegado, mandou o messageiro, que tenho dito, a Afonso Dalboquerque.

O outro Embaixador, que foi ao Rey de Cambaya, chegou a Champanel, e foi muito bem recebido delle, e mal despachado, por huma desaventura que lhe aconteceo, e foi assi. Ao tempo que este Embaixador chegou, havia poucos dias que era vindo á Corte o filho mais velho do Rey de Mandao, acompanhado de alguns vassallos seus, que o quizeram seguir, a pedir-

lhe ajuda de gente pera lançar fóra do Reyno hum seu irmão mais moço, que se tinha alevantado com elle por morte de seu pai. O Embaixador como foi na Corte, tomou conversação com elle, e per muitas vezes o convidou a cear; e huma noite, estando sós depois da cea, como o moço era gentil homem, lançou mão delle, (porque estes Ismaelitas são mais tocados deste peccado çujo, segundo fama, que nenhuns outros Mouros daquellas partes da India.) O moço começou a bradar, e acudio-lhe logo toda a sua gente. O Embaixador vendo este alvoroço, lançou o moço fóra, e fez-se forte nas casas, e começou-se a defender da gente que o combatiam. Como esta nova chegou ao Rey de Cambaya, mandou toda a sua guarda, e apagou-se o arroido, sendo já mortas de huma parte, e da outra seterta, ou oitenta pessoas. O filho do Rey de Mandao, envergonhado disto que lhe aconteceo, foi-se pera os Reys Butos, que confinam com o seu Reyno, e elles lhe deram ajuda contra o irmão, e lançado fóra do Reyno, ficou em posse delle. Este Reyno de Mandao confina tambem com o de Cambaya: he gente muito guerreira, e em

todos os lugares da raia tem gente de guarnição. O Rey passado, pai deste moço, trazia continuadamente comsigo sete, ou oito mil mulheres a cavallo, com seus arcos, e fréchas por estado: hiam com elle á caça, e a todas as partes onde hia folgar, e na guerra não se aproveitava dellas. O filho como foi em posse do Reyno, tirou-se disso, e não quiz que andassem mais com elle. O Rey de Cambaya aborrecido do que o Embaixador fizera, despachou-o que se fosse, tendo-o já desenganado do requerimento a que viera, e deo-lhe dous Alifantes, e huma alimaria, que se chama Ganda, e outras muitas peças em retorno do presente que lhe trouxera, e mandou hum Capitão com gente, que o levasse até Çurrate pera lhe ali darem embarcação pera seu fato, e pessoa; e chegado a Çurrate, embarcou-se logo em huma náo, que estava pera partir pera Ormuz. Os criados, depois delle partido, fizeram prestes huma náo, em que embarcáram os Alifantes, e bicha, e todo o fato. Os Mouros da terra como não eram contentes do requerimento, com que o Embaixador viera, emmasteáram a náo com hum masto eivado, e alargando-se da

costa com hum pouco de vento rijo, que lhe deo, quebrou, e tornáram árribar a Çurrate, e o Rey tornou áver o seu presente. O Embaixador foi seu caminho na outra náo, pouco contente do gazalhado do Rey de Cambaya, e selo-hia muito menos, depois que soubesse o que os Mouros tinham feito aos seus criados.

## CAPITULO XIX

*De como Miguel Ferreira, que foi por Embaixador ao Xeque Ismael, chegou a Tauriz: e do recebimento que lhe fizeram: e do que passou até tornar a Ormuz.*

Partido Miguel Ferreira de Cochim, chegou a Dabul, onde o Embaixador do Xeque Ismael estava esperando polo seu messageiro, e porque elle desejava muito que o grande Afonso Dalboquerque mandasse visitar o Xeque Ismael seu Senhor. Como já em sua companhia hia hum Embaixador do Hidalcão, folgou muito com sua vinda; porque era o Xeque Ismael tão grandioso,

que nenhuma outra cousa desejava de ver em sua Corte, senão Embaixadores de todos os Reys do Mundo. Chegado Miguel Ferreira, dali a poucos dias se embarcáram todos em huma náo, e foram ter a Ormuz, e o Rey lhes fez muito gazalhado, e dali fizeram seu caminho direito a Tauriz, onde o Xeque Ismael estava, o qual era já avisado da ida de Miguel Ferreira por huma carta do seu Embaixador, e tambem do Embaixador do Hidalcão, que hia em sua companhia. O Xeque Ismael, porque desejava muito a amizade de Afonso Dalboquerque, pela grande fama que tinha delle, quiz fazer honra a Miguel Ferreira, e mandou aos Senhores da sua Corte, e toda a gente de guerra, que o fossem receber, e que lho trouxessem primeiro que o Embaixador do Hidalcão, o qual ficou muito agravado, e descontente, porque o não recebêram com aquella grandeza, com que foi recebido Miguel Ferreira. O qual como chegou ao Xeque Ismael, deo-lhe a carta de crença, que levava de Afonso Dalboquerque, que elle recebeo com muitas palavras, e mostras de amizade; e porque Miguel Ferreira hia muito doente, não teve

aquelle dia mais prática com o Xeque Ismael, que dar-lhe a carta, e pedir-lhe licença pera se ir agazalhar, e elle lha deo, e mandou ao seu Fysico mór que o fosse ver, e trabalhasse muito polo dar são; porque não no fazendo assi, lhe havia de mandar cortar a cabeça. Passados alguns dias, que se Miguel Ferreira foi achando melhor, mandou-o o Xeque Ismael ir perante si, e perguntou-lhe polo estado delRey de Portugal, e da Raynha, e cuja filha era, e a maneira das nossas Armas, e como se fazia a guerra, e com quem a tinha, e se havia muitos cavallos em Portugal; e perguntou-lhe pelas náos, e navegação da India, e outras muitas cousas do poder, e estado delRey D. Manuel naquellas partes. E a tudo lhe Miguel Ferreira respondeo conforme á instrucção que levava; e o messageiro, que fora ter com Afonso Dalboquerque, que a esta prática estava presente, lhe mostrou o seu retrato que levava, e gavou-lhe muito a grandeza da Armada da India, e das náos da carga, e que os Reys daquellas partes não ousavam de mandar suas náos fóra dos seus portos sem seguro delRey de Portugal. O Xeque Ismael fol-

gava tanto de ouvir estas cousas, e de falar com Miguel Ferreira pela boa rezão que lhe dava de tudo, que em quanto o não despachou, o mandava chamar muitas vezes, e praticava com elle no estado delRey de Portugal, e em as cousas da India, e os desejos que tinha de se destruir o Grão Soldão, e a casa de Méca, offerecendo pera isso sua pessoa, e estado. Passados muitos dias que Miguel Ferreira esteve na Corte, pedio ao Xeque Ismael que o despachasse; porque Afonso Dalboquerque Capitão geral das Indias, polos desejos que tinha de saber novas de sua Real Pessoa, lhe mandára que se fosse o mais cedo que pudesse. O Xeque Ismael folgava tanto com Miguel Ferreira, que o despachou muito contra sua vontade, e em sua companhia mandou o messageiro, que com elle viera por Embaixador a Afonso Dalboquerque, e hum presente de muitos pannos de seda, e brocado, e cavallos acubertados com cubertas muito ricas, e saias de malha, e outras armas, que os Persas costumam, e duas vestiduras de brocado com botões de ouro, com que se vestem, e huma cinta, adaga, e terçado, e outras peças, tudo de ouro,

e meio alqueire de turquezas, assi como sahem da mina; o qual presente, que valia muito, repartio Afonso Dalboquerque por todos os Capitães, sem tomar nenhuma cousa pera si, senão os cavallos, que tomou pera ElRey D. Manuel, que mandou entregar aos Officiaes da sua feitoria. E porque as peças de ouro lhe parecêram boas, e serem de hum Principe tamanho, como o Xeque Ismael, comprou-as aos Capitães polo seu dinheiro, e mandou-as a ElRey por D. Garcia de Noronha seu sobrinho. Como Miguel Ferreira foi despachado, despedio-se do Xeque Ismael, e elle, e o seu Embaixador se partíram, e vieram por suas jornadas a Ormuz, e polo caminho foram grandemente festejados por todos os lugares por onde passavam. Chegados a Ormuz, foram bem recebidos do Rey, e de Rexnordim seu Governador; e estando ali esperando tempo pera passarem á India, chegou Afonso Dalboquerque ássentar as cousas deste Reyno, do qual foram mui bem recebidos.

## CAPITULO XX

*Como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Goa, e das novas que teve de Malaca, e o socorro que lhe mandou: e como Fernão Perez Dandrade desbaratou a Armada dos Jaos.*

Na entrada de Janeiro do anno de catorze chegou o grande Afonso Dalboquerque a Goa, onde achou Embaixadores dos Reys de Pegú, e Sião, e outro de sua mãi, com presentes de peças muito ricas, e cartas de muitos cumprimentos, mostrando nellas desejarem muito a amizade delRey de Portugal, e quererem fazer assento de trato em Malaca; e como elle desejava que o comercio desta Cidade fosse muito celebrado de todos os Reys daquellas partes, folgou muito com suas embaixadas, fazendo muito gazalhado aos Embaixadores. Na companhia destes Embaixadores vinha Manuel Fragoso, que elle tinha mandado com Antonio de Miranda ao Rey de Sião, pera lhe fazer hum livro de todas as cousas, mercadorias, trajos, e costumes da terra, e da

altura em que os portos della estavam, que Afonso Dalboquerque com os presentes mandou logo a Dom Garcia de Noronha, pera que nas náos da carrega, que estavam prestes pera partirem pera estes Reynos, os mandasse a ElRey D. Manuel, o qual Manuel Fragoso lhe deo huma carta de Ruy de Brito Patalim Capitão da fortaleza de Malaca, em que lhe dava conta do estado della, e como Patequitir se alevantára com os escravos da mulher de Utemutaraja, (que podiam ser seis mil,) e com alguma gente da terra, que o quizeram seguir, e fizera huma fortaleza com tranqueiras muito fortes, pera dali lhe fazer a guerra, com favor do Lassamana, que andava no estreito de Sabão, tolhendo que não viessem mantimentos á Cidade; e que vendo elle isto, mandára Fernão Perez Dandrade com sua Armada por mar, e Antonio Pessoa com gente por terra cometer as tranqueiras; e que ainda que ao entrar dellas passassem muito perigo, por o lugar ser em si forte, com tudo foram cometidas com tanto animo, que as entráram por força, matando primeiro muitos dos imigos; e que vendo-se Patequitir desbaratado,

se recolhêra polo rio de Muar dentro, e que tinha mandado pedir socorro de gente ao Rey da Jaoa, prometendo-lhe de o fazer senhor de Malaca. Depois de ler Afonso Dalboquerque esta carta, soube de Manuel Fragoso como era chegado a Malaca Antonio de Miranda, e que pela achar neste aperto se deixára ficar, e o mandára com os Embaixadores, que em sua companhia vieram, e que ao tempo de sua partida chegára Antonio Dabreu, que fora descubrir Maluco, e Mendafonso com toda a gente a salvamento, tirando Francisco Serrão, que perdêra a sua na Ilha de Ternate, onde ficava com os que com elle se salváram, e que se dera tambem com a gente da terra, que governava o Rey daquellas Ilhas, do qual não dou rezão, porque o fim disto foi depois da morte de Afonso Dalboquerque.

Informado bem Afonso Dalboquerque por Manuel Fragoso das necessidades de Malaca, mandou logo fazer prestes tres navios com cento e cincoenta soldados, e muitas munições de guerra, e Francisco de Melo, Jorge de Brito, e Martim Guedez, que haviam de ir por Capitães, porque estes

com a mais gente, que era vindo com Antonio Dabreu, bastavam até elle prover a fortaleza de Capitão; os quaes chegáram a Malaca, e foram muito bem recebidos dos da fortaleza, porque com este novo socorro se asseguravam do receio, em que os punha a grande frota dos imigos que esperavam. Dahi a poucos dias ao Sol posto chegou Pateonur com huma Armada de noventa velas sobre o porto de Malaca, em que viriam dez mil homens, (tirando os juncos grandes, que deixou no rio de Muar,) e em sua companhia vinham tambem Patequitir, e o Lassamana, e surgíram todos afastados da nossa Armada. Patequitir vendo tantos navios tão bem armados, e tanta gente, mudada a determinação com que vinha, que era sahirem em terra, e darem na nossa fortaleza, foi-se a Pateonur, e Lassamana, e disse-lhes, que lhe parecia que não era tempo pera cometer a Cidade, porque desembarcando todos em terra, ficavam os Frangues senhores do mar, e podiam-lhe queimar facilmente toda a Armada, e ella desbaratada, ficavam elles perdidos: que seria bom conselho tornarem-se a recolher ao rio de Muar, e dali fazerem a

guerra a Malaca. Como este conselho parecesse bem a todos, huma hora ante menhaã largáram as amarras, e fizeram-se á véla. Fernão Perez Dandrade, que estava em vigia sobrelles, tanto que os vio ir, mandou levar toda sua Armada, e foi-os seguindo, e antes que chegassem ao rio de Muar, deo nelles, e meteo-lhes muitas náos no fundo, e matou-lhes muita gente, ficando dos nossos muitos feridos, e alguns mortos. O Pateonur como hia na dianteira, em quanto os nossos andavam travados com a sua Armada, teve tempo pera se recolher mais depressa, e chegando ao rio de Muar, embarcou-se no seu junco, e deo á véla caminho da Jaoa, pouco contente deste successo, e ficáram os Jaos tão assombrados do medo deste desbarato, (que foi hum dos honrados feitos, que se naquellas partes fez,) que não ousáram mais tornar a Malaca. O Patequitir, e o Lassamana nos navios em que hiam entráram polo rio dentro, e salváram-se no sertão, e Fernão Perez com esta victoria recolheo-se pera Malaca, onde foi recebido com grande prazer do Capitão, e de toda a outra gente da fortaleza. Esta victoria, e outras muitas

teve Fernão Perez dos Mouros, em quanto andou por Capitão mor naquellas partes, que não digo particularmente, porque ha outros que escrevêram muito delle.

## CAPITULO XXI

*Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Béja, e James Teixeira por Embaixadores ao Rey de Cambaya: e como chegáram a Çurrate, e se partíram dali pera a Corte.*

Com as novas que Fernão Martinz Evangelho escreveo da ida de Miliqueaz á Corte do Rey de Cambaya, ficou o grande Afonso Dalboquerque muito descontente, e receoso de não haver effeito o negocio de Diu, e de o elle danar mais do que per suas cartas tinha feito, de que tinha muitas esperanças, segundo lhe Milecopi por Tristão Déga tinha escrito; e com fundamento de ainda poder ser, mandou Diogo Fernandez de Béja, e James Teixeira por Embaixadores pera tratarem este negocio com o Rey, e por elles lhe mandou de presente

hum colar de ouro esmaltado, e hum punhal com bainha tudo de ouro anilado, e hum criz de ouro, e dez covados de veludo preto, e huma peça de brocado verde da Persia, e duas da China, e hum bacio de agua ás mãos com sua albarrada, tudo muito bem dourado. E porque esta embaixada fosse com mais authoridade que as outras, polo desejo que tinha de fazer assento em Diu, mandou-lhe dar vinte encavalgaduras, e prata pera serviço de sua meza, e muitos peões da terra pera os servirem, e deo-lhes hum regimento do que haviam de fazer. Partidos Diogo Fernandez, e James Teixeira, mandáram diante Pero Queimado, e Ganapatim Gentio, (que sabia muito bem a lingua Guzarate,) que fosse pedir seguro ao Rey de Cambaya pera poderem ir a elle, e polos tempos serem roins, tardáram muito no caminho, e chegáram a Çurrate a quinze dias do mes de Março. E porque ainda não era vindo Pero Queimado, mandáram pedir a Desturcão Regedor da Cidade seguro pera poderem desembarcar. E como elle tinha já recado do Rey, (que por Pero Queimado sabia de sua vinda,) que os agazalhasse

muito bem, mandou-lhe o seguro, e Meacoja, e Meababu Capitão do Rey de Cambaya, e hum irmão de Milecopi, em cuja casa haviam de pousar, que os fossem receber, e muitas encavalgaduras pera elles, e pera os seus, e carretas pera o fato. Tanto que desembarcáram, foram-se logo a casa de Desturcão pera o verem, que estava doente em huma cama; e depois de passarem com elle suas cortezias, estiveram praticando todos, até que vieram duas cabayas, que o Desturcão mandou trazer pera dar a Diogo Fernandez, e James Teixeira, (porque aquelle he seu costume.) Diogo Fernandez lhe disse, que os Embaixadores delRey de Portugal, em cujo nome elles ali vinham, não eram acostumados a tomar nada, senão dos Reys a que eram enviados; e porque Desturcão se houve por injuriado disso pela necessidade que tinham delle, por lhe fazerem honra lhas tomáram, e despedidos delle se foram aposentar nas casas do irmão de Melecopi, que estavam já aparelhadas pera isso, e ao outro dia pela menhaã mandáram por Duarte Vaz, e Ruy Paez certas peças a Desturcão, que elle tambem refusou de tomar, e com tudo

aceitou-as. Passados tres, ou quatro dias, mandou-lhe dizer o Desturcão, que tinha huma carta do Rey seu Senhor pera lhe dar tudo o que lhe fosse necessario pera seu caminho, que lhe mandassem dizer quando queriam partir pera lho ter prestes. E porque neste tempo chegou Pero Queimado, e lhes deo nova que Melecopi estava fóra da Corte, desavindo do Rey, e no Regimento que levavam lhe mandava que não fizessem nada sem elle, dissimuláram sua partida, e mandáram dizer por Duarte Vaz ao Desturcão, que o homem que fora polo seguro lhes dissera, que o Rey era partido pera a Cidade de Patané contra os Reys Butos; e porque Afonso Dalboquerque lhe tinha mandado em seu Regimento, que tornassem a invernar a Goa, e a moução era gastada, e não havia tempo pera fazerem huma cousa, e a outra, que determinavam de se tornar dali, e que pera a outra moução tornariam mais devagar. O Desturcão lhes tornou a isto por Meababu, que pois tinham já tomado seguro, e tudo o que era necessario pera seu caminho estava prestes, não lhe parecia boa cortezia deixarem de ir ao Rey, nem elle

daria boa conta de si, se os deixasse tornar sem o irem ver, pois pera isso vinham, e que era necessario fazelo primeiro a saber ao Rey, e vindo recado seu, fariam o que elle mandasse.

Como Diogo Fernandez de Béja, e James Teixeira víram a determinação do Desturcão, e que não podiam fazer outra cousa senão o que elle quizesse, por darem bom rosto á sua ficada, mandáram-lhe dizer, que pois lhe assi parecia, elles fariam o que lhes mandasse, porque o Capitão geral das Indias o haveria assi por bem, que logo se queriam partir caminho da Corte. O Desturcão lhes mandou dar tudo o que lhes era necessario, e Meacamadim Capitão do Rey, com trinta peões frécheiros, que os fosse aposentando polo caminho, e partíram de Çurrate a vinte e oito dias do mes de Março, e chegáram a Champanel a quatro do mes de Abril, e foram pousar em huma horta junto da Cidade, onde se vestíram, e ataviáram pera irem ver Melecopi, que estava em Champanel, o qual como soube de sua vinda, mandou hum filho seu com muita gente de cavallo, e de pé, com muitos tangeres, que os fossem receber,

e ali dormíram aquella noite, onde foram muito bem agazalhados, e banqueteados de Melecopi, ao qual Diogo Fernandez de Béja deo a carta que levava de Afonso Dalboquerque, e hum presente, e deo-lhe conta do negocio a que hiam, porque assi lho tinha mandado. Melecopi lhes disse, que Miliqueaz, depois da partida de Tristão Dêga, viera á Corte, e falára por muitas vezes ao Rey, dizendo-lhe, que não désse fortaleza em Diu aos Frangues, porque se a ali queriam ter era pera lhe tomarem sua terra: que elle tinha Diu muito forte, e não havia medo do poder do Mundo que sobre elle viesse. E depois de passarem sobre isto muitas palavras, e lhes Melecopi aconselhar o que haviam de fazer, e a maneira que haviam de ter em seu negocio, se despedíram delle, e se partíram pera Madoval, onde o Rey estava, e Melecopi mandou com elles hum homem principal de sua casa com seis de cavallo pera os acompanharem, e disse-lhes que não pousassem senão onde aquelle homem seu lhe ordenasse.

## CAPITULO XXII

*De como Diogo Fernandez de Béja, e James Teixeira chegáram a Madoval: e do recebimento que lhe fizeram, e o que passáram com Çodamacão Alguazil mór do Rey de Cambaya sobre seu despacho.*

Partidos Diogo Fernandez, e James Teixeira de Champanel, antes de chegarem á Cidade de Madoval, onde o Rey estava, mandáram a Meacamadim, que os hia aposentando, que fosse diante a Çodamacão Alguazil mór fazer-lhe a saber de sua ida; e elle lhe mandou dizer, que se aposentassem aquelle dia em huma horta sua fóra da Cidade; e ao outro pela menhaã mandou hum homem principal de sua casa, Turco de nação, com trinta de cavallos, e muita gente de pé, e muitas trombetas, e tangeres por elles pera os agazalhar em sua casa; e chegando todos á porta do seu pateo, veio Melique Coadragui, filho de Desturcão, que era pagem do Rey, recebelos, e ali se descêram, e entráram em huma sala, onde os Çodamacão estava

aguardando, do qual foram recebidos com muito gazalhado, e honra, e ali lhe apresentou logo Diogo Fernandez o presente que pera elle levava, dando-lhe huma carta de Afonso Dalboquerque; e depois de estarem hum pouco falando, disse-lhes, que se fossem descançar, e que como o Rey viesse, que era ido á caça, elle iria ao Paço, e lhe faria a saber sua chegada, e saberia delle quando queria que o fossem ver, e mandou-os agazalhar em hum quarto das suas casas, onde todos couberam muito largamente. Ao outro dia pela menhaã foi o Çodamacão ao Paço, e de lá mandou dizer a Diogo Fernandez, e James Teixeira, que o Rey era vindo, e que queria que logo fossem a elle, e pera os acompanhar mandou Melique Coadragui com toda a gente de cavallo da Corte, com muitos tangeres, o qual chegou, estando já Diogo Fernandez, e James Teixeira com toda a sua gente vestida. Postos a cavallo, foram-se direitos ao Paço, e depois de descidos, passadas muitas casas, e pateos, foram ter a hum muito grande, onde o Rey estava lançado em hum catle, com todos os Capitães do seu Reyno postos pelas paredes em

ordem, segundo suas presidencias, e chegáram a elle, (levando diante de si o presente, que lhe Afonso Dalboquerque mandava, por ser este seu costume,) e fizeram-lhe sua cortezia ao nosso modo, e o Rey lhes fez muito gazalhado, mostrando ter muito contentamento da sua vinda ; e depois de lhe todos os que levava comsigo beijarem a mão, deo-lhe Diogo Fernandez a carta que levava de Afonso Dalboquerque, que logo leo, porque era em Arabigo ; e depois de lida, disse-lhe Diogo Fernandez, que Afonso Dalboquerque Capitão geral da India lhe mandava sua Çalema, e offerecer toda a Armada delRey de Portugal pera o servir com ella. O Rey lhe agradeceo muito seus offerecimentos, e perguntou-lhes como ficava Afonso Dalboquerque, e a elles como se achavam do caminho. Passado isto, apartou-os Melique Coadragui pera o cabo do pateo, e ali lhes trouxe duas cabaias de brocado pera Diogo Fernandez, e James Teixeira, e outras de veludo de côres pera os mais que com elles hiam. Acabado de as vestirem, tornára outra vez a fazer cortezia ao Rey, ao modo da terra, e elle lhes disse, que se fossem

pera a pousada, e que do negocio a que vinham dessem conta a Çodamacão, que elle os despacharia logo.

Ao outro dia, depois de comer, mandou-os Çodamacão chamar, e disse-lhes, que lhe dissessem tudo o que queriam do Rey, porque lhe tinha mandado que os despachasse logo. Diogo Fernandez lhe disse, que a principal causa de sua vinda era pedir-lhe lugar em Diu pera fazer fortaleza, pera nella ter segura a gente, e fazenda delRey de Portugal; porque Afonso Dalboquerque, Capitão geral da India, esperava de ter grande trato no Reyno de Cambaya, e que desta maneira teria o Rey os Portugueses mais pegados comsigo pera o servirem, e a sua Alfandega lhe renderia dobrado do que rendia. O Çodamacão lhes respondeo, que até aquella hora nunca se falára em fortaleza, senão em Bacar, a qual elle concedêra a Tristão Déga, quando lá fora; e que pera ter amizade com o Rey de Cambaya, e trato em seu Reyno abastava Bacar, porque nome de fortaleza era muito odioso. A isto lhe disse Diogo Fernandez, que a gente, e fazenda delRey de Portugal não havia de estar em Bacar, se-

não em muito boa fortaleza, por lha não roubarem, e matarem os seus, como fizeram em Calicut, Coulão, e Malaca; e que se nelles tiveram fortalezas, como agora tinham, tudo estivera seguro, e a paz, e amizade conservada. E porque ElRey de Portugal desejava de a ter verdadeira com o Rey de Cambaya, lhe mandava pedir fortaleza em Diu; e por aqui lhe deram oútras muitas rezões que faziam ao caso. O Çodamacão lhes respondeo, que por amor de Afonso Dalboquerque apresentaria ao Rey todas aquellas rezões, e trabalharia muito polos despachar o mais cedo que pudesse. E dali a tres dias mandou-os Çodamacão chamar á noite, (porque as casas se corriam humas pelas outras,) pera lhes dar o despacho; e disse-lhes, que dizia o Rey, que pela amizade que desejava de ter com ElRey de Portugal, e tambem por lho Afonso Dalboquerque Capitão geral da India mandar requerer, era contente de lhe dar fortaleza em hum destes lugares, qual quizesse, a saber, Beroche, Çurrate, Maim, Dumbes, ou Bacar, e que de qualquer lugar destes que quizesse aceitar, lhe mandaria logo fazer seu despacho; e se

isto não quizessem, que lhe não parecia bom coração o do Capitão geral da India. Diogo Fernandez lhe respondeo, que elle não trazia comissão de Afonso Dalboquerque pera poder aceitar fortaleza senão em Diu; e que pois elle era huma pessoa tão principal, e em que o Rey tinha muita confiança, que devia de olhar muito bem quanta honra, e proveito ganhava em as gentes delRey de Portugal terem trato em sua terra, porque desta maneira se tornaria a enobrecer, e a render muito mais do que sohia, e as suas náos navegariam seguras, sem lhe ninguem fazer nojo. O Çodamacão lhe disse, que se o Rey tivesse paz, e amizade com o de Portugal, se lhe tolheriam navegarem as suas náos pera o estreito, e pera Adem, não levando especiarias. Respondeo-lhe Diogo Fernandez, que não era rezão, que as náos de Cambaya navegassem pera aquellas partes, pois era gente, com quem ElRey de Portugal tinha guerra, e que a verdadeira amizade havia de ser amigos de amigos, e imigos de imigos. Çodamacão lhe disse, que pois as náos de Cambaya não haviam de navegar seguras pera o estreito, e pera Adem, onde era a sua

principal navegação, que proveito tinha o Rey da amizade delRey de Portugal? e que isto que lhe o Capitão geral da India pedia, tinha elle dado a Miliqueaz, que era hum escravo seu; e que senão eram contentes do despacho, que elle não havia de falar mais nisso ao Rey. Diogo Fernandez lhe respondeo, que como se não contentariam os Guzarates de navegarem pera Malaca, Pegú, Martabane, Bengála, e Ormuz, e pera todas as outras partes, que estavam a serviço delRey de Portugal, e tinham paz com elle, e não pera o estreito, e Adem, com quem tinha guerra? os quaes o Capitão geral da India determinava com sua Armada ir distruir, e que depois de ter feito assento naquellas partes, podiam as náos de Cambaya lá ir com suas mercadorias; e que pois determinava de não falar ao Rey mais naquelle negocio, que lhe mandasse dar despacho daquillo que dizia, pera darem rezão de si a Afonso Dalboquerque, porque elles determinavam de se partir, e acabada esta prática se tornáram pera sua casa.

## CAPITULO XXIII

*De como Diogo Fernandez, e James Teixeira se despedíram do Rey de Cambaya, e se partíram: e o que passáram até chegarem a Goa.*

Passados tres dias, mandou o Çodamacão dizer a Diogo Fernandez, e James Teixeira, que se fossem despedir do Rey, porque os tinha já despachados; e estando elles pera ir, chegou Melique Coadragui com muita gente de cavallo, como da primeira, e entrando no Paço, deram a todos cabaias que vestíram, e adagas, e camarabandes, com que se cingíram, e assi foram beijar a mão ao Rey, o qual lhes disse, que se fossem a Çodamacão, que elle lhes daria seu despacho, dizendo-lhes muitas palavras de amizade, que dissessem da sua parte a Afonso Dalboquerque. Despedidos, vieram-se a casa do Çodamacão, e elle lhes deo huma carta do Rey pera Afonso Dalboquerque, e hum presente de cousas de Cambaya, e huma bicha por ser cousa monstruosa, e nunca vista nestas par-

tes, a qual estava em Champanel, e que elle lha mandaria a Çurrate. E como foram despachados do Çodamacão, despedíram-se delle, e vieram-se pera casa, onde já tinham carretas prestes, e cavallos, e dali se partíram, e chegáram a Çurrate a oito dias do mes de Maio, e polos tempos serem já muito forçosos, e não poderem navegar, invernáram ali. Passado o inverno, pedíram a Desturcão que lhes désse embarcação, como lhe o Rey tinha mandado, porque se queriam partir, e elle lhes mandou dar tres cotumbas, (que são huns navios pequenos,) e nelles mandáram embarcar o fato, e a bicha, que já era chegada, a qual veio a este Reyno, e ElRey D. Manuel a mandou ao Papa, e no caminho se perdeo a náo em que hia. Depois do fato ser todo embarcado, despedíram-se de Desturcão, e dali se foram acompanhados de dous Capitães do Rey de Cambaya, até o lugar onde haviam de embarcar, e despedidos delles, partíram-se caminho da India, e chegáram a Goa a quinze dias do mes de Setembro, onde acháram Afonso Dalboquerque muito agastado, porque lhe tinha dado hum Regimento, em que lhes manda-

va, que em nenhuma maneira do Mundo invernassem em Cambaya, e até ali não tinha sabido nenhumas novas delles. Diogo Fernandez, e James Teixeira lhe deram conta de tudo o que passáram, e como o Rey estava muito fóra de lhes dar fortaleza em Diu, porque Miliqueaz o estorvava com grossas peitas que dava a Bilirrane, que era a principal mulher que o Rey tinha, e que o governava, e que os lugares que lhe davam pera a fazer veria por aquella carta que traziam.

Este Reyno de Cambaya antigamente foi de Gentios, e confina de huma parte com as terras dos Reysbutos polo porto de Barapatane, e com o Reyno de Decam por hum porto, que está entre Chaul, e Maim : terá cento e trinta leguas de cósta : jaz quasi em ponta, e pera dentro do sertão terá sessenta leguas de largo : he terra chã, muito abastada de mantimentos, e ha nelle muitos cavallos, e muito bons. Confina tambem polo sertão com o Reyno de Delij, e com o Reyno de Mandou, que são dous Reys muito poderosos ; e quando os Portugueses descubríram a India, havia duzentos annos que era senhoreado de Mou-

ros, e foi desta maneira. Tem Cambaya huma Ilha pegada á terra firme talhada a pique, que se chama Betexagor, na qual os Mouros Arabios, e Persios, vindo ali tratar de mercadoria com os Gentios, fizeram huma povoação, e começáram-se alliar com elles ; e como os Gentios, segundo suas crenças, e religião, não podiam ter armas em suas casas, acháram os Mouros disposição nelles, e com pouco trabalho foram senhores de todos os lugares, e portos das ribeiras do mar, e dali começáram a conquistar a terra firme, e em pouco tempo senhoreáram tudo, e começáram a fazer náos de quilha, em que navegavam pera todos as partes da India ; e o segundo Rey Mouro, que reinou em Cambaya, que foi grande conquistador, mandou certas náos á costa de Melinde, e dali vieram demandar a Cabo de Boa Esperança, com determinação de passarem a estas partes ; e chegando ao cabo, acháram tão fortes tempos, que arribáram, e vieram ter á Ilha de São Lourenço, e por as náos não serem pera navegar, ficáram nella, e povoáram alguns portos, e dizem que destas náos nasceo haver povoação de Mouros na

Ilha de São Lourenço; e por ser este Reyno de Cambaya abastado de todas as mercadorias, navegavam pera elle de todas as partes da India.

O Rey que reinava, quando Diogo Fernandez chegou, era homem de quarenta annos, casado com huma Reybuta, mulher de grande preço, e estima, que se chamava Belirrane, e a fóra esta tinha quinhentas. Era grande caçador de falcão, e quando hia á caça levava sempre comsigo trezentos caçadores a cavallo. O Rey de Cambaya está sempre o mais do tempo na Cidade de Madoval, por estar perto das serranias dos Reysbutos, com quem tem sempre contínua guerra. Terá esta Cidade de comprimento huma boa legua : he muito viçosa de muito boas aguas, muitos folgares, e muitas casas, e por isto está nella o mais do tempo ; e todo o seu thesouro, artilheria, e munições de guerra tem na Cidade de Champanel, por ser muito forte, a qual tem huma fortaleza em hum alto, onde estam certos homens principaes, de que o Rey se confia muito, em guarda com muita gente de cavallo. Havia neste Reyno de Cambaya, neste tempo que Diogo Fernan-

dez, e James Teixeira lá foram, quatro senhores principaes, que governavam a justiça, e fazenda do Rey, e o principal delles era Çodamacão, que foi seu mestre, que o ensinou a ler, o qual era Turco de nação; os outros tres se chamavam Dabiadastur, Asturmaleque, e Asturcão.

## CAPITULO XXIV

*Do que Pero Dalboquerque passou na viagem que fez ao Cabo de Guardafum: e como o Rey de Ormuz chegou a elle.*

Depois de Pero Dalboquerque ser partido de Goa, como atrás fica dito, fez sua viagem direito a Çacotorá pera ali tomar agua, e naquella travessa houve vista de tres náos, e arribou a ellas, e por serem de Calicut, e levarem seguro de Afonso Dalboquerque, as largou, e deixou ir seu caminho, nas quaes hiam todos os Mercadores Mouros estantes em Calicut, com suas mulheres, filhos, e fazendas, que o Rey mandou que se fossem fóra de seu Reyno, como fica dito. Pero Dalboquerque, depois

de largar as náos, tornou a seu caminho via de Çacotorá, e feita sua aguada, foi-se ao Cabo de Guardafum, e ali andou todo o veram, onde tomou dez náos de Mouros muito ricas, que hiam pera o estreito; e por ser já tarde, e os ventos lhe não darem lugar pera ir dar vista a Adem, como lhe Afonso Dalboquerque mandava, foi-se na volta de Ormuz, onde chegou no fim de Maio; e surto no porto, mandou-o o Rey Terunxa que reiñava, (por o Rey Ceifadim seu irmão ser morto com peçonha,) visitar á náo por Hacem Ale, Mouro natural de Grada, e por elle lhe mandou dizer, que aquella Cidade estava a serviço delRey de Portugal, cujo vassalo elle era. Pero Dalboquerque lhe deo grandes agradecimentos pela visitação, e que folgava muito de o achar naquelle proposito; e ao outro dia pela menhaã mandou a Tristão Déga a terra, e Francisco Dalboquerque, que fora Judeo, por lingua, com as cartas que trazia de Afonso Dalboquerque pera o Rey, e que lhe dissesse, que sabendo o grande Afonso Dalboquerque seu tio Capitão geral das Indias, que o Rey Ceifadim seu irmão era morto, o mandára ali pera retificar as pa-

zes com elle, que antre ambos foram feitas, e pedir-lhe que lhe mandasse pagar as pareas, que lhe eram devidas de dous annos; e porque elle trazia aquellas náos carregadas de muitas mercadorias, que lhe pedia por mercê lhe mandasse dar a fortaleza, que seu tio deixára começada, pera nella as agazalhar, e tambem pera a gente que ali ficasse estar segura dos desastres de Ormuz. O Rey lhe respondeo, que a fortaleza lhe não podia dar, porque estava metida com os seus Paços, e por ser pegada no mar não tinha cousa com que mais folgasse, e que visse elle se havia algum lugar junto do mar, ou dentro na Cidade, onde pudesse estar segura sua fazenda, e gente, que elle lho mandaria logo dar; e que quanto ás pareas, que seu irmão tinha mandado hum Embaixador a ElRey de Portugal, antes de sua morte, com hum presente de pérolas, e outras cousas de muito preço, pedindo-lhe que lhe quitasse as dividas dos annos passados, e que esperava pela reposta; e quando lhas não quizesse quitar, elle se empenharia pera pagar tudo o que devesse; e que quanto á retificação das pazes, elle estava

prestes pera fazer tudo o que lhe Afonso Dalboquerque mandava.

Tristão Déga tornou com esta reposta, e como Pero Dalboquerque não ficou contente della, mandou-lhe dizer, que elle não lhe mandava pedir os seus Paços, senão a casa, e fortaleza que seu tio começára a fazer á custa da fazendo delRey de Portugal, por vontade de seu irmão, e de seus Governadores, como se podia ver pela carta das pazes, que antre elles fora feita: que lhe pedia muito por mercê lha mandasse entregar, porque queria descarregar aquellas náos, e começar a vender suas mercadorias, e que tambem lhe viria proveito na sua Alfandega; e quanto ao que dizia, que a fortaleza estava pegada com os seus Paços, que isso era o que elle devia de querer, porque quanto mais perto de si tivesse os Portugueses, tanto mais segura estaria sua pessoa de seus imigos, e teria seu Reyno mais em paz, e seu porto seria favorecido, e cheio de todas as riquezas do Mundo. O Rey lhe respondeo, que era verdade que seu irmão tinha dado lugar pera se fazer em elle huma fortaleza, não cuidando nos inconvenientes que se disso po-

diam seguir; e que depois de ser começada, e Cogeatar Governador do Reyno ver o damno que disso recebiam os seus Paços, não quizera consentir que se acabasse, e esta fora a principal causa das differenças, que entre Afonso Dalboquerque, e o Rey seu irmão houvera, e que aquella fortaleza lhe devassava os seus Paços, e que por esta rezão, e outras muitas não podia largar aquella casa; e pois pera fazer outra lhe tinha offerecido qualquer lugar que quizesse, e que lha faria á sua custa, que o devia de aceitar, e não insistir mais nisso, porque na carta que lhe o Capitão geral da India escrevia, o havia assi por bem. Tristão Dèga lhe respondeo, que pois queria estar pela carta, e dar outro lugar pera se fazer fortaleza, que Pero Dalboquerque Capitão mór daquella Armada não aceitaria outro senão o Esprital, ou Alfandega, porque em cada hum destes mandava Afonso Dalboquerque que se fizesse, por serem junto dos seus Paços, onde a gente, e mercadorias delRey de Portugal estariam mais seguras, não lhe querendo dar a sua. O Rey lhe respondeo, que o Esprital, que lhe Pero Dalboquerque mandava pedir, era

huma casa de oração, que os seus antepassados fizeram pera recolhimento dos doentes, e peregrinos que a Ormuz viessem, e que seria cousa muito vergonhosa pera elle dar a casa, que estava offerecida a Deos, pera fazer nella fortaleza; e que quanto á Alfandega, que era huma casa, em que se pagavam os direitos antigamente aos Reys de Ormuz, que tirando-lha, era tirarem-lhe a vista dos olhos, e que em nenhuma maneira do mundo lhe podia dar nenhum daquelles lugares, que outro qualquer que quizesse lhe daria, como lhe tinha dito. E com esta final reposta se veio Tristão Déga, e disse a Pero Dalboquerque tudo o que passára com o Rey.

## CAPITULO XXV

*De como Pero Dalboquerque, vendo que o Rey lhe não queria dar a fortaleza, nem lugar pera fazer outra, lhe mandou pedir huma casa pera descarregar as náos; e se partio a descubrir o estreito do mar da Persia.*

Vendo Pero Dalboquerque as dilações em que o Rey andava, e que havia muitos dias que estava ali sem fazer nada, mandou-lhe dizer por Tristão Déga, que pois sua vontade, e de seus Governadores era não lhe dar a fortaleza, que o grande Afonso Dalboquerque tinha começada, nem nenhum lugar dos que lhe pedia pera fazer outra, que lhe mandasse dar huma casa, em que descarregasse aquellas náos, pera começar a vender suas mercadorias. O Rey mostrando-se disso muito contente, lhe mandou dar as casas, em que estivera a feitoria delRey de Portugal a primeira vez que Afonso Dalboquerque foi a Ormuz, onde se achâram algumas cousas que ficâram nellas, pelas não poderem recolher,

as quaes Rexnordim mandou entregar a Tristão Dèga, e João Teixeira. E como foram entregues das casas, começáram logo a descarregar suas mercadorias. Descarregadas as náos, mandou-lhe Pero Dalboquerque pôr o fogo; e ainda que se nisso perdesse muito dinheiro, que os Mouros davam por ellas, ganhou-se muito em as elles não terem pera navegar. Feito isto, mandou a Tristão Dèga, e João Teixeira, que estivessem em terra por Feitores daquellas mercadorias, e Christovão Cercado, e Vasco Pirez Escrivão da Armada por seus Escrivães, e elle fez-se prestes com sua Armada pera ir descubrir o estreito do mar da Persia, como lhe Afonso Dalboquerque tinha mandado em seu Regimento; e estando com as vélas dalto pera se partir, mandou-lhe o Rey dizer por Hacem Ale, que lhe rogava muito, que não fizesse aquelle caminho, porque as suas náos eram grandes, e o estreito todo cheio de baixos, e Ilhas, que arreceava acontecerlhe algum desastre. Pero Dalboquerque lhe respondeo, que lhe beijava as mãos por aquelle aviso, mas que não podia deixar de fazer aquelle caminho, porque lhe tinha

mandado o Capitão geral da India que descubrisse aquelle estreito todo; e que tambem lhe mandava, que soubesse se estava Barem á sua obediencia, e que pois elle lá hia, que visse se lhe compria algum serviço, porque com aquella Armada del-Rey de Portugal se offerecia a servilo, e que assi lho tinha mandado Afonso Dalboquerque seu tio; e que lhe pedia muito por mercê, que tivesse prestes as pareas, e carta de ouro, porque tanto que tornasse, se havia logo de partir caminho da India.

Como o Rey de Ormuz vio que todavia Pero Dalboquerque por cima do que lhe aconselhava determinava de entrar o estreito, mandou-lhe dar dous Pilotos, que o sabiam bem, e cartas pera no caminho lhe darem outros, e tudo o que lhe fosse necessario, e encommendou-lhe muito que favorecesse hum Capitão seu que lá andava. E com isto se partio a sete de Julho do dito anno, e entrou polo estreito do mar da Persia, e descubrio todos os portos, Ilhas, e lugares, que nelle havia, até huma Ilha, que se chama Lulutem; e sendo tanto avante como Bárem, por os ventos serem

ponentes, e fazer-se tarde pera tornar á India, como em seu Regimento levava, fez volta, estando della dous dias de caminho, e veio ter a Raxel, onde achou Mirbuzaca Capitão do Xeque Ismael, o qual tinha tomado vinte terradas a hum Capitão do Rey de Ormuz. Como Pero Dalboquerque isto soube, mandou-lhe dizer, que o grande Afonso Dalboquerque o mandára com aquella Armada áquellas partes em serviço do Rey de Ormuz, que lhe pedia por mercê, que as terradas, que tinha tomadas ao seu Capitão, lhas mandasse entregar. O Mirbuzaca como não tinha Armada pera poder resistir á nossa, mandou-lhe entregar as terradas, e tudo o mais que tinha tomado. E depois de o Capitão ser entregue dellas, partio-se Pero Dalboquerque pera Ormuz, onde chegou a seis dias do mes de Agosto, e o Rey o mandou logo visitar por Hacem Ale, dando-lhe grandes agradecimentos do que passára com Mirbuzaca sobre as suas terradas. Tristão Déga, e João Teixeira vieram-no logo ver á náo, e deram-lhe conta como o Rey lhe não tinha pago as pareas, nem feito a carta de ouro, que lhe deixára dito que fizesse.

Passados dous dias, mandou Pero Dalboquerque dizer ao Rey por Tristão Déga, João Teixeira, e Vasco Pirez Escrivão da Armada, em modo de requerimento, que pois lhe não quizera dar a fortaleza, que Afonso Dalboquerque tinha começada, que a reposta disso lhe mandasse por escrito, e que as pareas lhe mandasse pagar, porque se não havia de ir sem ellas pera a India. O Rey não quiz responder por escrito, e de palavra lhe madou dizer, que a fortaleza, em que lhe tornava a falar, já lhe tinha dito a rezão porque lha não podia dar; e quanto ás pareas, que elle estava pobre, por muitas despezas que tinha feitas; que lhe pedia que disto, e do mais que lhe tinha dito ácerca da vinda do seu Embaixador, lhe conhecesse, e o podia dar por reposta ao Capitão geral, e com isto se despedio Tristão Dége do Rey.

## CAPITULO XXVI

*De como Pero Dalboquerque tornou ápertar com o Rey sobre a paga das pareas, e o que sobre isso passou com elle: e de como se partio pera a India, e chegou a Goa.*

Ficou Pero Dalboquerque tão agastado desta reposta do Rey, que tornou logo a mandar Tristão Déga, que lhe dissesse, que pois lhe pagára tão mal o serviço que lhe fizera, em lhe fazer tornar as suas terradas, que soubesse certo, que se não havia de partir daquelle porto, sem primeiro lhe mandar pagar todas as dividas que devia. Como lhe Tristão Déga deo este recado, sem mais esperar reposta se tornou pera as náos. O Rey, e os seus Governadores, vendo a determinação de Pero Dalboquerque, receando-se que com esta menencoria lhe queimasse sessenta náos de Mercadores, que estavam no porto, as quaes hiam pera o estreito, e com a nova que tiveram de elle andar de Armada no Cabo de Guardafum, arribáram ali, assentáram todos que

pera remediar isto, deviam de trabalhar por lhe pagar o mais que pudessem, do que lhe era devido das pareas; e mandou-lhe logo o Rey dizer por Hacem Ale, que pois lhe não queria conhecer suas necessidades, nem esperar pela reposta do seu Embaixador, que tinha mandado a Portugal, que elle buscaria algum dinheiro emprestado pera lhe pagar, e seria o mais que pudesse. Passados tres dias, mandou-lhe por Hacem Ale dez mil xerafins, pedindo-lhe muito que lhe perdoasse, por lhe não mandar mais, que os Mercadores estavam tão pobres, (por não ousarem de navegar por medo da sua Armada,) que ainda aquillo pudera haver com muito trabalho; e quanto era á carta de ouro, que se estava fazendo, que como se acabasse, elle a mandaria ao Capitão geral da India. Pero Dalboquerque, porque o tempo não dava lugar pera esperar, por causa da moução, tomou os dez mil xerafins, e mandou recolher a fazenda, que ainda estava em terra por vender, ás náos; e como teve tudo recolhido, e a Armada prestes de mantimentos, e agua pera se partir, mandou dizer ao Rey por Tristão Déga, e João Teixeira, que

Afonso Dalboquerque tinha sabido, que o Xeque Ismael desejava muito Ormuz, que elle da sua parte lhe pedia por mercê, pois a obrigação de o defender era delRey de Portugal, não consentisse que gente grossa do Xeque Ismael entrasse em suas terras, e mandasse apregoar, que nenhuma pessoa da Persia passasse á India, porque Afonso Dalboquerque mandava que todo aquelle, que se tomasse nesse mar, indo pera lá, fosse trazido á espada; que Mercadores podiam ir seguros quantos quizessem. E sendo caso que a Ormuz viesse ter algum Embaixador do Xeque Ismael pera algum Rey da India, que não levasse comsigo mais que cincoenta pessoas, porque todos os mais que se achassem havia de tomar por cativos. E porque ElRey de Portugal mandava desfazer o porto de Baticalá, e queria que todos os cavallos da Arabia, e Persia fossem a Goa, que lhe pedia por mercê, que todas as náos, que carregassem cavallos, mandasse que fossem direitos a Goa, porque ali achariam todas as mercadorias que quizessem; e que fazendo isto, elle não daria seguro a nenhuma náo pera navegar, senão a que fosse

direito a Ormuz com mercadorias; e que soubesse certo, que toda a que não fosse a Goa, lhe havia de mandar tomar a fazenda, e matar-lhe a gente. O Rey lhe respondeo, que irem os Mercadores a Goa lhe parecia muito bem, mas que havia de ser com duas condições. A primeira, que esta pena se executasse naquelles, que claramente se visse que deixavam Goa por ir a outras partes. E a outra, que mandasse fazer muita honra aos Mercadores, e respeitasse quão caros eram os cavallos em Ormuz, e quanto custo faziam aos que os levavam; e que fazendo isto, e dando-lhe as mercadorias em preço que pudessem ganhar, todos os Mercadores folgariam de ir a Goa, sem ser necessario pôrem-lhes pena pera os fazerem lá ir. E com esta reposta se despedio Tristão Déga, e João Teixeira do Rey; e como foram na náo, mandou logo Pero Dalboquerque notificar aos Capitães sua partida, e ao outro dia pela menhaã deram véla, e fez seu caminho direito á India; e sem lhe acontecer cousa que seja de contar, chegou a Goa com sua Armada a vinte oito dias de Setembro do anno de quatorze, onde achou o Embaixa-

dor do Rey de Ormuz, que havia poucos dias que chegára de Portugal nas náos, que vieram aquelle anno, e com a chegada de Pero Dalboquerque foi grande alvoroço na Cidade, porque já se sabia as grandes prezas que fizera; e como chegou, foi logo ver a Afonso Dalboquerque seu tio, e deolhe conta do que passára em sua viagem; e como o Rey de Ormuz tinha tomado a carapuça do Xeque Ismael, e mandava rezar a sua oração em todas as suas mesquitas, e que Rexnordim governava tudo, e que mandára vir todos os seus filhos da Persia, e que hum Capitão do Xeque Ismael, que se chamava Mirbuzaca, andava com huma Armada senhoreando todo o estreito da Persia. Afonso Dalboquerque ainda que folgasse muito com a vinda de seu sobrinho, pera supprir as necessidades da India, pezou-lhe de saber o estado em que as cousas de Ormuz estavam, e determinou logo comsigo só de ir aquelle anno remedialas, antes que o Xeque Ismael metesse ali hum pé; e começou-se logo a fazer prestes dissimuladamente, mostrando que tudo era pera entrar o estreito de Méca. Valeria esta preza quarenta mil cru-

zados pera ElRey, e huma náo carregada de mercadorias, que se não pode vender, a fóra os dez mil xerafins das pareas. E posto que Afonso Dalboquerque fosse aconselhado polos Officiaes delRey, que fizesse a carrega daquelle anno a dinheiro, por custar menos, lembrando-se da necessidade da gente, não no quiz fazer, e mandou pôr huma meza na praça, e pagar a todos em dinheiro, e mercadorias, tudo o que lhe era devido de seus soldos, e mantimentos até aquella hora, com que ficáram muito contentes. E antes que se este pagamento fizesse, aconteceo ser Afonso Dalboquerque muito importunado de hum Lascarim, que lhe mandasse pagar seu soldo, que morria á fome; e vendo-se elle sem dinheiro pera o poder fazer, puxando polas barbas, lhe disse: *Arrenego da vida em que vivo, que queres que te faça? toma essas barbas, vai-as empenhar.* O Lascarim as guardou; e sendo a este tempo que pagáram aos outros fóra, quando veio foi-se a Afonso Dalboquerque, e disse-lhe: *Eis-aqui as vossas barbas, mandai-as desempenhar, e pagai-me.* Elle o abraçou, dizendo, que quem lhe tambem guardára as suas

barbas, rezão era que fosse muito bem pago; e porque já não havia dinheiro del-Rey, mandou-lhe pagar do seu, e dali por diante lhe chamáram o Lascarim de Afonso Dalboquerque.

## CAPITULO XXVII

*Da chegada do Embaixador do Rey de Narsinga, e do recebimento que o grande Afonso Dalboquerque lhe fez: e como o despachou, e mandou em sua companhia Antonio de Sousa, e João Teixeira assentar o negocio a que viera.*

Com estas novas, que Pero Dalboquerque deo, do estado em que as cousas de Ormuz ficavam, determinou o grande Afonso Dalboquerque de ir lá aquelle verão com huma grossa Armada acabar a fortaleza, que deixára começada, e empossar-se do Reyno, primeiro que o Xeque Ismael entendesse nelle, e começou-se a fazer prestes dissimuladamente, sem dar conta a ninguem, dizendo que sua ida havia de ser pera o estreito de Méca, porque assi lho tinha ElRey D. Manuel mandado. E neste

tempo chegou hum Embaixador do Rey de Narsinga, que se chamava Retelim Cherim, Governador de Bracelor, e dos lugares da ourela do mar, o qual era o principal homem de sua casa, e muito aceito a elle, e vinha acompanhado de muitos peões da terra, que o serviam polo caminho. Avisado Afonso Dalboquerque da sua vinda, e a pessoa que era, mandou Pero Mascarenhas Capitão da fortaleza com muita gente de cavallo, que o fosse esperar fóra da Cidade. Chegado a elle, fez-lhe sua cortezia, vindo já acompanhado de muita gente de cavallo, e hum Capitão com muitos peões da terra, e trazia diante de si quatro Alifantes com seus castelos de madeira emparamentados de seda, e em cada hum delles vinha hum homem honrado Gentio, com bacios de agua ás mãos de prata dourados, em que traziam perolas, e joias de pedraria, e outras peças ricas da terra, que lhe o Rey mandava de presente, e com este aparato chegáram aos paços do Çabayo, onde Afonso Dalboquerque estava, e ali o esperou em huma sala grande mui bem armada, e hum docel de brocado com huma cadeira de veludo cramesim, em que estava

assentado, e todos os Capitães, Fidalgos, e gente nobre, que estavam em Goa, em pé ao longo das paredes; porque ainda que o grande Afonso Dalboquerque com os nossos se tratasse familiarmente, com os Mouros, e Gentios daquellas partes guardou sempre sua authoridade, de que nasceo terem-lhe muito acatamento, e terem-no em muito. Como o Embaixador entrou na sala, Afonso Dalboquerque pela qualidade de sua pessoa o veio receber ao meio della, e dali se foram ambos ao lugar, onde se haviam de assentar, e assi em pé lhe apresentou o Embaixador o presente que levava, e deo-lhe huma carta de crença do Rey de Narsinga, pedindo-lhe muito que o despachasse com brevidade. Afonso Dalboquerque lhe disse, que se fosse repousar do trabalho do caminho, e que elle veria a carta, e o despacharia, e mandou-lhe dar todo o necessario pera sua despeza, e dos seus. Ao outro dia mandou-o chamar, e disse-lhe, que o Rey de Narsinga lhe escrevia, que tudo o que lhe elle dissesse da sua parte cresse, que queria saber o negocio a que vinha pera o despachar. O Embaixador lhe respondeo, que o Rey de Narsinga

seu Senhor desejava muito de continuar a paz, e amizade que tinha feita com El-Rey de Portugal, e por esta rezão, sabendo as differenças que havia entre elle, e o Hidalcão, determinava de lhe fazer a guerra; e que se elle estava ainda na determinação passada, que o avisasse por hum messageiro seu, porque sendo ambos juntos nesta guerra, havia pouco que fazer em o destruir, e tambem lhe falou no trato dos cavallos; e porque o Rey de Narsinga, depois de lhe Afonso Dalboquerque mandar cometer por Manuel Fernandez, e Gaspar Chanoca, que se ajuntassem ambos pera fazerem guerra ao Hidalcão, andou sempre em dilações sem se determinar, quiz tambem dilatar este negocio até o Rey entender, que em sua mão estava distruilo, com lhe tirar o trato dos cavallos, e dalo ao Hidalcão; e disse ao seu Embaixador, que elle cuidaria naquelle negocio, e lhe responderia. O Embaixador avisou logo o Rey de Narsinga desta reposta seca, que lhe Afonso Dalboquerque deo, o qual como vio que elle não acudia com diligencia a dizer-lhe que estava prestes pera ir sobre as terras do Hidalcão, sendo negocio, que lhe

muitas vezes tinha cometido, assentou que podiam ser intelligencias do Hidalcão, e despachou logo hum messageiro pera o seu Embaixador, dizendo-lhe que apressasse mais seu despacho, e dissesse a Afonso Dalboquerque, que estava já em caminho com todos seus arraiaes, esperando seu recado. E vendo elle, que todavia o Rey de Narsinga se apressava, como homem, que desejava de tomar conclusão no negocio, polos receios que tinha do Hidalcão, despachou o seu Embaixador, e fez prestes Antonio de Sousa, e João Teixeira com dez de cavallo, e cincoenta peões da terra pera os servirem polo caminho, e mandou-os em sua companhia pera assentarem esta amizade; e na instrução que lhe deo de cousas que haviam de dizer ao Rey da sua parte, dizia, que querendo elle sua ajuda pera entrar nas terras do Hidalcão, que lha daria, com tal condição, que havia de pagar soldo a toda a gente que lhe mandasse; e quanto ao trato dos cavallos, que lhe havia de dar trinta mil cruzados cada anno, com obrigação de mandar por elles a Goa, e pagar os direitos delles, e Baticalá, ou Bacalor, qual elle Afonso Dalboquerque

mais quizesse. Estas, e outras cousas lhe mandou cometer, porque lhe pareceo que o tempo estava disposto pera fazer bom negocio com elle, e ás vezes huma boa conjunção acaba melhor hum negocio, por muito grande que seja, que o poder de hum Rey. Como foram prestes, partíramse, e por elles mandou Afonso Dalboquerque hum presente de peças muito ricas ao Rey, que Pero Dalboquerque trouxe de Ormuz, e outras de Portugal.

## CAPITULO XXVIII

*Como, depois de partido o Embaixador do Rey de Narsinga, chegou outro do Hidalcão a falar nas pazes, e trato dos cavallos, e outro de sua mãi, que veio apressar mais o negocio: e o que o grande Afonso Dalboquerque nisso fez.*

Sabendo o Hidalcão, que o Rey de Narsinga tinha mandado seus Embaixadores ao grande Afonso Dalboquerque, e que se fazia prestes com muita gente pera vir sobre suas terras, a fim de lhe fazer a guerra, arreceando-se que assentasse com

elle o trato dos cavallos, que era o principal nervo de sua defensão, mandou hum messageiro com cartas ao seu Embaixador, que havia dias que andava em Goa, o qual fora em companhia de Diogo Fernandez Adail, e João Teixeira, que atrás fica dito, que Afonso Dalboquerque lá tinha mandado, e tornáram-se sem tomarem conclusão: que apressase mais o negocio, e que lhe dissesse, que pois estava assentado antre elles, que em quanto se tratasse em concerto de paz, não tolhesse virem as náos dos Mouros com suas mercadorias a Dabul; que lhe pedia por mercê mandasse castigar os seus Capitães, pois contra este assento, que estava feito, tomavam todas as náos que vinham pera Dabul, porque elle desejava muito de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, e assentar o trato dos cavallos, como por muitas vezes lhe tinha mandado dizer por seus Embaixadores, e que lhos não devia de tirar polos dar ao Rey de Narsinga. O Embaixador deo conta de tudo isto, que lhe o Hidalcão escreveo, a Afonso Dalboquerque, pedindo-lhe que o despachasse, porque o Hidalcão seu Senhor cuidava que por negligencia sua deixava de

o ser. E como a determinação de Afonso Dalboquerque era entretelo, até ver se o Rey de Narsinga queria tomar conclusão no que lhe tinha mandado dizer, porque lhe vinha melhor sua amizade por ser Gentio, se com boa determinação quizesse entender na conquista do Reyno de Decam, que a do Hidalcão por ser Mouro, com o qual não podia ter nunca verdadeira amizade, por amor dos Turcos, que lhe aconselhavam que a não tivesse, respondeo-lhe que elle o despacharia.

Passados alguns dias, vendo a mãi do Hidalcão que o governava, que o seu Embaixador tardava, como ella desejava que seu filho tivesse paz com Afonso Dalboquerque, mandou-lhe por huma criada sua, mulher de muita authoridade, que fora casada com hum Mouro, que governava sua casa, com huma carta a tratar esta amizade, com muitos offerecimentos, pedindo-lhe que despachasse o Embaixador de seu filho, que havia muito tempo que lá andava requerendo seu despacho, e que désse licença áquella sua criada pera lhe comprar alguns cavallos, de que tinha necessidade, (porque naquellas terras todas as mulheres

nobres andam a cavallo, e por esta causa, além de terem necessidade delles pera a guerra, valem muito.) Afonso Dalboquerque deo licença pera os comprar, e despachou-a logo; e que dissesse a sua Senhoria, que elle tivera muitos negocios em que entender, e que por isso não pudera despachar o Embaixador do Hidalcão seu filho, que o mais cedo que pudesse o despacharia. E porque o Embaixador apertava muito com elle em seu despacho, e Antonio de Sousa, e João Teixeira não vinham com recado do Rey de Narsinga, porque esperava pera se determinar no que havia de responder, e o tempo de sua partida pera Ormuz se chegava, despachou-o com determinação, que quando tornasse assentaria com o que lhe melhor partido fizesse; e polo entreter mandou em sua companhia João Gonçalvez de Castel-branco, mui bem acompanhado de gente de cavallo, e de pé, e por elle lhe respondeo, que polos desejos que tinha de sua amizade, e vizinhança, lhe daria todos os cavallos que viessem a Goa, com tanto que lhe largasse as terras firmes, e o passo da terra do Gate pera estar mais seguro dellas, e que ElRey

D. Manuel seu Senhor lhe faria todas as seguranças que quizesse, pera estar seguro de lhe não mandar fazer a guerra, nem ser contra elle por o Rey de Narsinga; e que quanto era a castigar os Capitães, que tomavam as náos, que vinham pera Dabul, contra o que estava assentado, que isso fazia huma galé, que andava alevantada, que elle não podia fazer justiça dos Portugueses, que com seu seguro roubavam as náos dos Mouros, pois com medo de os elle castigar fugiam pera o seu arraial, e lá eram muito bem tratados delle; e que havia poucos dias, que quatro Lascarins roubáram huma náo de Cananor, e por acharem acolheita em sua terra, os não podia haver pera os castigar, que por isso era muito melhor deixalos roubar as náos dos Mouros. Valeo tanto este artificio, de que Afonso Dalboquerque usou, que tanto que o Embaixador chegou, escreveo logo o Hidalcão aos Tanadares de todas suas terras, que os Portugueses que se achassem nellas, lhos mandassem entregar, posto que já fossem casados na terra; e sendo Afonso Dalboquerque em Ormuz, foram trazidos a Goa, e entregues ao Capitão.

A rezão desta queixa do Hidalcão era, que Afonso Dalboqüerque enfadado delle, por recolher em sua terra alguns Portugueses dessa gente baixa, a que fazia muita honra, e gazalhado, mandou secretamente dizer a Duarte de Sousa, que andava em Dabul em huma galé, como fica dito, que como alevantado tomasse todas as náos de Mouros que viessem ao porto, ainda que levassem seguro seu; e porque de todo se não danassem alguns soldados, que andavam alvoroçados polos grandes partidos que lhe o Hidalcão fazia, mandou prender hum, que teve por informação que andava dizendo que se havia de ir pera elle, se lhe não dessem huma certa cousa que pedia, e por ser engenhoso, e saber fundir artilheria, mandou-o enforcar, e dizia o pregão: *Enforcam este homem, porque cuida que presta pera alguma cousa.* Tendo-se falado primeiro com o Vigairo em segredo, que com toda a Clerisia lho fossem pedir, e do caminho o tornáram á cadeia, e arrependido o soldado da sua determinação, mandou-o soltar, e tornados estes Embaixadores com reposta, acháram Afonso Dalboquerque morto.

## CAPITULO XXIX

*De como chegou D. Garcia a Goa com os navios, que mandára concertar em Cochim: e como o grande Afonso Dalboquerque fez sua Armada prestes pera se partir, e mandou Jorge Dalboquerque por Capitão de Malaca, e o que passou no caminho.*

Depois destes Embaixadores partidos, dahi a poucos dias chegou D. Garcia de Noronha com os navios, que ficára concertando em Cochim, e com sua chegada começou logo o grande Afonso Dalboquerque a aparelhar sua Armada; e porque El-Rey D. Manuel lhe tinha muito encommendado, que partindo da India pera alguma parte, deixasse as cousas della de maneira, que pudessem dar rezão de si, vindo-lhe algum trabalho, (porque conservar o ganhado era mais que ganhar outras de novo :) entendeo em prover todas as fortalezas da India de gente, artilheria, e mantimentos, e tudo o mais necessario em muita abastança, e mandou a D. Garcia

que tivesse cuidado de fazer prestes a Armada. Feito isto, mandou vir Jorge Dalboquerque de Cochim, e despachou-o com huma Armada de quatro vélas, com duzentos homens, e todas as munições de guerra, que eram necessarias, pera ir por Capitão a Malaca, e a Pero Mascarenhas que se tornasse pera Cochim a acabar seu tempo, e deo a capitanía de Goa a D. João Déssa. E porque Afonso Dalboquerque determinava de invernar em Ormuz, e no verão que vinha ir tomar Adem, e entrar o estreito do mar Roxo, mandou-lhe que lhe fizesse quatro galés, e feitas lhas mandasse a Ormuz aparelhadas de tudo o que fosse necessario. E estando já prestes pera se partir, mandou-lhe o Çamorim pedir licença pera mandar duas náos a Adem, de que se elle escusou, dizendo, que aquillo era contra o concerto que ambos tinham feito, e que elle estava de caminho pera Adem, e não queria que fossem diante avisar o Rey: todavia por cima destas rezões, e outras, que lhe deo, apertou mais o Çamorim no seu requerimento. Vendo Afonso Dalboquerque isto, fez da necessidade virtude, e mandou-lhe dizer que era

muito contente de lhe dar licença pera aquellas que pedia, não levando pimenta, (posto que era terra de imigos delRey de Portugal seu Senhor,) com tanto que os Mercadores de Calicut lhe fizessem á sua custa duas galés grandes, e pedio-lhe isto por se escusar; mas os Mercadores polo grande ganho que tinham em mandarem suas mercadorias ao estreito, foram contentes de as fazer; e porque se fizessem com màis diligencia, deixou pera negoceador dellas Duarte Barbosa, e hum carpinteiro com outros da terra pera as fazerem, porque sua determinação era, depois que entrou o estreito do mar Roxo, reduzir toda a Armada da India a galés.

Estando Jorge Dalboquerque já prestes com sua Armada, despedio-se de Afonso Dalboquerque, e partio-se do porto de Goa hum sabbado pela menhaã, e sem lhe acontecer nada no caminho, chegou a Pacé a tempo que o Rey, (que era muito servidor delRey de Portugal,) estava prestes com sua gente pera dar batalha a hum Senhor da terra, que se tinha alevantado contra elle; o qual sabendo da chegada de Jorge Dalboquerque, mandou-o logo visitar, pe-

dindo-lhe que quizesse ser com elle naquelle feito, porque confiava que com sua ajuda haveria vitoria de seus imigos. Jorge Dalboquerque lhe mandou dizer, que de muito boa vontade o serviria; mas que havia de ser com condição, que o deixasse só com sua gente cometer os imigos, porque elle esperava na misericordia de Deos de lhe dar vingança delles, e que se puzesse em hum outeiro alto com todo seu arraial, com ramos nas mãos, e que dali veria como os Portugueses pelejavam. Concertado isto, abalou Jorge Dalboquerque com todos os seus, e foi cometer os imigos, que estavam em hum baixo, ficando-lhe o Rey com toda sua gente nas costas; e deo nelles com tanto esforço, que os desbaratou, e poz em fugida, matando infinidade delles, e recolheo-se pera o porto, onde tinha sua Armada. O Rey mandou aos seus que seguissem o alcance aos imigos, e elle veio-se pera Jorge Dalboquerque, dando-lhe grandes agradecimentos, e muitos louvores daquelle feito, que foi huma das grandes vitorias, (por os nossos serem tão poucos,) que naquellas partes se houve. Jorge Dalboquerque se despedio do Rey, offerecen-

do-lhe seu serviço cada vez que o houvesse mister, e foi-se embarcar, e fez seu caminho direito a Malaca, e em chegando tomou posse da fortaleza, e Ruy de Brito Patalim embarcou-se na mesma Armada, e veio-se pera a India, e chegando a Goa, achou o grande Afonso Dalboquerque falecido. Além de Jorge Dalboquerque ser muito Cavaleiro, teve tanta conta com sua alma, que da primeira vez que foi a Malaca por Capitão trouxe dez mil cruzados, e da segunda que tornou levou doze, e trouxe dez, o que se agora não costuma.

## CAPITULO XXX

*Do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teve sobre o caminho que faria: e como se assentou que fosse a Ormuz: e das novas que teve, chegando a Mascate.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque assentadas todas as cousas da India, e as fortalezas provídas de todo o necessario, e huma Armada prestes de vinte e seis

vélas, de que eram Capitães D. Garcia de Noronha, Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Diogo Fernandez, Aires da Silva, Simão Dandrade, Duarte de Melo, Vasco Fernandez Coutinho, Antonio Ferreira, Fernão Gomez de Lemos, Antonio Raposo, Ruy Galvão, Jorge de Brito, Jeronymo de Sousa, Silvestre Corço, Manuel da Costa, Pero Ferreira, João Pereira, Fernão de Resende, Francisco Pereira, João Gomez, João de Meira, Nuno Nunez Raposo, Pero Corço Fernãodianes, e Vicente Dalboquerque, que era Capitão da náo Nazareth, em que Afonso Dalboquerque seu tio hia, foi-se embarcar a vinte dias de Fevereiro do dito anno, e depois de serem embarcados, mandou chamar todos estes Capitães á sua náo, e D. João Déssa Capitão da fortaleza de Goa, e D. Sancho de Noronha Alcaide mór, sendo tambem presente Nicoláo Ferreira Embaixador do Rey de Ormuz, que o Setembro passado chegára de Portugal com reposta de sua embaixada; e depois de todos juntos, lhes disse, que elle tinha aquella Armada prestes com todos os mantimentos que pudera recolher; e segundo tinha visto polos róis

da terra, haveria nella mil e quinhentos Portugueses, e setecentos Malabares, e que ElRey Dom Manuel lhe escrevia cada anno, que cumpria a seu serviço entrar o mar Roxo, e fazer huma fortaleza em Adem, e que aquelle anno lhe escrevêra huma carta, em que lhe fazia a mesma lembrança; e tambem lhe dizia, que folgaria muito de se assentarem as cousas de Ormuz; e que elle tinha por nova certa que o Rey, depois da morte de Cogeatar, tinha tomado a carapuça, e oração do Xeque Ismael, que era hum começo pera vir a ser senhor do Reyno, como melhor sabia Nicoláo Ferreira seu Embaixador, que ali estava presente. E porque ElRey D. Manuel lhe escrevêra apertadamente sobre estas duas cousas, queria saber delles a qual dellas seria mais seu serviço ir com aquella Armada, se entrar o mar Roxo, e fazer fortaleza em Adem, ou segurar Ormuz de maneira que o Xeque não metesse o pé nelle. Acabado de lhe apresentar todas estas cousas, houve entre elles differentes pareceres, porque a huns parecia bem entrar o estreito, e fazer fortaleza em Adem, e a outros que se acabasse a de Ormuz, que tinha começada.

E por atalhar a estas differenças, quiz Afonso Dalboquerque, antes de assentar nada, saber o parecer de Nicoláo Ferreira, o qual disse que o Rey de Ormuz seu Senhor, que o mandára por Embaixador a ElRey de Portugal, era morto, e que este Governador, que governava o Reyno, era natural da Persia, vassalo do Xeque Ismael, e que tinha comsigo dentro em Ormuz sete, ou oito sobrinhos seus que mandavam tudo, e que estes cada vez que lhes viesse bem, matariam a este Rey que reinava, como fizeram ao Rey seu Senhor, e entregariam o Reyno ao Xeque Ismael; e depois de ser em posse delle, sería máo de lançar fóra, e que por isto estava tão danado, que lhe parecia que devia de ir a Ormuz, e seguralo, porque isto era o que mais cumpria a ElRey de Portugal.

Acabado Nicoláo Ferreira de dizer seu parecer, disse Afonso Dalboquerque que elle não tinha dúvida ser o estreito fecho principal de toda a India, e destruição do Grão Soldão, e casa de Méca, se nelle fizessem fortaleza; mas que isto havia de ser quando as necessidades da India não fossem tamanhas, que lhe fizessem mudar o conse-

lho, e pera serem socorridas de Portugal havia mister dous annos. E além disto, o que lhe mais fazia espertar os sentidos de sua obrigação, era ser certificado, que o Rey de Ormuz tinha aceitado a carapuça do Xeque Ismael, e sua oração, e Reys Nordim seu Governador ser Persio de nação, homem velho, e cubiçoso, em cujo poder estava todo o thesouro, e fazenda do Rey, e ter comsigo muitos filhos, e tambem ver os Embaixadores do Xeque Ismael, que continuamente entravam na India, e os negocios que começava a ter com os Reys, e Senhores della, e os presentes que lhe mandava, que por estas, e outras muitas rezões, que não dizia, lhe parecia que deviam de ir assentar as cousas de Ormuz, porque nelle teriam largas despezas pera suas necessidades, e paga de soldos da gente, e acabado este feito, de ali lhe ficava mais ázo, e disposição pera entrarem o mar Roxo, e destruirem a Armada do Soldão, e casa de Méca. E porque os mais destes Capitães foram deste parecer, mandou Afonso Dalboquerque fazer hum assento, em que assináram todos; e despedido de João Déssa Capitão da Cidade, ao

outro dia quarta feira de cinza, vinte e hum do dito mes de Fevereiro, se fez á véla com toda sua Armada, e dia de Nossa Senhora de Março chegáram sobre Çuriate, e ali acháram huma Armada do Rey de Ormuz, que andava guardando a costa dos Nautaques, a qual como reconheceo a nossa, fez-se noutra volta. Afonso Dalboquerque fez seu caminho direito a Mascate, onde surgio pera tomar mantimentos, e agua. Os Regedores da terra como víram a nossa Armada, lembrando-se do passado, vieram logo com grande presente visitalo. Elle lhes perguntou por novas de Ormuz, e disseram-lhe que haveria hum mes, ou dous, que Reys Hamed Mouro da Persia, sobrinho de Reys Nordim, que era Governador do Reyno, se alevantára com a fortaleza, e casa do Rey, e o tinha prezo, e a Reys Nordim, e seus filhos, e absolutamente governava a terra, e que algumas cartas suas, que ali eram vindas, vinham já seladas do seu sinete, e que tinha em Ormuz quinhentos archeiros da Persia, e tres irmãos seus; e de sobrinhos, e primos com irmãos haveria em Ormuz até vinte e cinco casas, os quaes fizera vir

da Persia a viver ali. Com estas novas, que lhe os Regedores deram, ficou Afonso Dalboquerque hum pouco agastado, por lhe parecer que não estavam as cousas de Ormuz tão faceis de assentar, como elle cuidava, lembrando-lhe tambem quantas vezes tinha escrito a ElRey D. Manuel, que tomasse conclusão nas cousas de Ormuz, porque estava em condição de o perder, se lhe não acudisse com tempo.

## CAPITULO XXXI

*De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Mascate, e chegou a Ormuz: e dos recados que mandou ao Rey, e do mais que passou.*

Depois de o grande Afonso Dalboquerque ter sabido dos Regedores de Mascate todas estas novas que tenho dito, mandou-lhe dar algumas peças que trazia, e tomado agua, e mantimentos, despedio-se delles, e fez seu caminho direito a Ormuz, sem tomar outra terra, e chegado ao porto, mandou salvar a Cidade com toda a

artilhéria. Ficou o Reys Hamed tão espantado da Armada, e da gente, que logo mandou visitar Afonso Dalboquerque da parte do Rey por Hacem Ale com hum presente de cousas de comer, e hia em sua companhia Miguel Ferreira, que Afonso Dalboquerque tinha mandado por Embaixador ao Xeque Ismael, como atrás tenho dito, o qual havia dias que ali estava, e hum Embaixador do Xeque Ismael, que vinha em sua companhia, esperando tempo pera passarem pera a India; e depois de lhe Miguel Ferreira dar larga conta de seu caminho, perguntou-lhe Afonso Dalboquerque pelas cousas de Ormuz como estavam; e elle lhe disse tudo o que os Governadores de Mascate tinham contado, e Reys Hamed tanto que o víra no porto, dera mais largueza ao Rey, e soltára Reys Nordim, e os filhos da prizão em que os tinha; e que havia poucos dias que era entrado em Ormuz Abrahem Beque, hum Capitão principal do Xeque Ismael, com seis, ou sete servidores comsigo, e que a outra gente, e cavallos deixára da banda da terra firme, e que elle perguntára ao Embaixador do Xeque Ismael a que vinha este

seu Capitão, e elle lhe dissera que era pera mandar dali hum messageiro com vinte cavallos, e cartas ao Rey de Cambaya. Afonso Dalboquerque guardou em si esta dissimulada vinda de Abrahem Beque, e como Capitão prudente não se descuidou do que lhe cumpria fazer, e mandou dissimuladamente guardar toda a Ilha em roda com as galés, e bargantins que levava, pera que nenhuma gente estrangeira entrasse em Ormuz, e disse a Miguel Ferreira, que se fosse pera terra, e estivesse com o Embaixador do Xeque Ismael, até que lhe elle mandasse recado do que havia de fazer. Despedido Miguel Ferreira, chamou Hacem Ale, e mandou-o a terra, e em sua companhiã Duarte Vaz criado delRey D. Manuel, que sabia muito bem a lingua, com recado ao Rey, e Reys Nordim, sem fazer nenhuma memoria de Reys Hamed. Chegado Duarte Vaz ao Rey, disse-lhe da parte de Afonso Dalboquerque, que o Embaixador, que o Rey Ceifadim seu irmão tinha mandado a ElRey de Portugal, estava ali com elle com cartas, e reposta de sua embaixada; e por elle se tornar á Fé em que se creára, e achar o Rey, e Cogeatar

mortos que o mandáram, não ousára de ir a terra, que lhe mandasse hum filho, ou sobrinho de Reys Nordim, que ficasse por arrefens na sua náo, e que lhe mandaria o seu Embaixador pera lhe dar o recado que trazia, e que lhe perdoasse pedir-lhe arrefens, porque ElRey de Portugal seu Senhor assi o mandava que o fizesse, e que elle por alguns inconvenientes mandava vigiar a Ilha, pera que na Cidade não entrasse gente de armas; que lhe pedia o mandasse apregoar, porque todo o que se achasse sem seu mandado, havia de mandar cortar a cabeça, e que isto fazia por bem, e assocego da terra; e que outras cousas que tinha pera falar com elle, lhe mandaria dizer, depois que ouvisse o recado que lhe o seu Embaixador trazia delRey seu Senhor. O Rey respondeo a Duarte Vaz, que folgava muito com a vinda do seu Embaixador, e que a tornasse Christão sem sua licença não tinha que dizer, que elle falaria com os seus Governadores, e do que assentassem lhe mandaria reposta; e ao outro dia mandou hum filho de Reys Nordim moço pera arrefens á náo, e como lá foi, mandou Afonso Dalboquerque Nicoláo

Ferreira mui bem acompanhado, e Pero Dalpoem Secretario da India com elle, e Alexandre de Ataíde lingua; e acabado Nicoláo Ferreira de dar ao Rey as cartas que trazia, e a reposta de sua embaixada, se tornou pera a náo; e neste espaço que o mancebo esteve esperando pela tornada de Nicoláo Ferreira, Afonso Dalboquerque lhe perguntou polo negocio de Reys Hamed como passava. O mancebo estava tão assombrado, e havia tamanho medo, que não ousou de dizer cousa nenhuma, e vendo-o assi tão atemorizado, não quiz ter mais prática com elle, e chegado Nicoláo Ferreira, despedio-o. Afonso Dalboquerque, depois de lhe Pero Dalpoem, e Nicoláo Ferreira darem conta do que passáram, perguntou-lhe por Reys Hamed que homem era? elles lhe disseram que era hum homem alvo, mancebo de trinta annos, bem disposto, e de boa presença, e que era havido por homem de esforço, e muito amado da gente de guerra, e que estava encostado á cadeira do Rey com hum terçado, e huma mão posta na adaga, e que o Rey não respondia mais que o que lhe elle dizia. Afonso Dalboquerque como não

queria dilações, e sabia que Reys Hamed estava em determinação de defender Ormuz, mandou chamar os Capitães á sua náo, e disse-lhes, que pois o Rey de Ormuz pela carta que lhe ElRey D. Manuel escrevêra, tinha visto sua determinação, que elle queria entender logo nas cousas de Ormuz, em quanto estavam de boa digestão, que lhe dissessem o como, ou o em que começaria com o Rey; e depois de praticarem huma cousa, e outra muito bem, disse D. Garcia em nome de todos, que naquelle negocio não havia que dizer, que pois a fortaleza que deixára começada estava ainda assi, e na Cidade não havia outro lugar mais acommodado pera o serviço delRey que aquelle, que este devia de pedir pera se acabar, e não cometer outras cousas novas, porque sería cousa de dilação; e que devia de mandar pedir ao Rey aposentamento na Cidade pera os Capitães, e gente, que houvesse de estar em terra em guarda dos Officiaes, que haviam de trabalhar na obra.

Com esta determinação dos Capitães, mandou Afonso Dalboquerque a terra Diogo Fernandez de Béja, Pero Dalpoem Se-

cretario, e Alexandre de Ataíde lingua, e disse-lhes, que dissessem ao Rey, que elle folgaria de falar com os seus Governadores, pera assentarem algumas cousas, que cumpriam a seu serviço; que lhe pedia muito por mercê, que lhes mandasse que fossem falar com elle, e levassem o contrato que tinha feito com o Rey Ceifadim, e Cogeatar, porque queria estar por elle. Dado este recado ao Rey, Reys Nordim lhes respondeo em seu nome, (porque Reys Hamed era tão soberbo, que nunca quiz ter prática, nem recado com Afonso Dalboquerque,) que o Rey de Ormuz era filho delRey de Portugal, e a Cidade, e tudo o mais de seu Reyno era seu, e que faria tudo o que elle mandasse; porém que era necessario dar conta disso a seus Governadores, que elle lha daria aquella noite, e ao outro dia pela menhaã lhe mandaria a reposta. E como foi menhaã, veio Hacem Ale á náo de Afonso Dalboquerque, e estando presentes todos os Capitães, lhe disse, que o Rey praticára com os seus Governadores o que lhe mandára dizer, e que verdadeiramente elle desejava de lhe fazer todos os serviços que pudesse, e principal-

mente o que lhe ElRey de Portugal, (que tinha como Pai,) mandava: que obrigalo polo contrato, que tinha feito, era pedir-lhe a fortaleza, que tinha metida com as suas casas; que lhe pedia muito por mercê que lha largasse, e elle lhe daria outro lugar qual quizesse pera fazer outra, e que pera isto não era necessario contrato. Afonso Dalboquerque, e os Capitães, depois de passarem algumas práticas sobrisso, assentáram que lhe alargasse a fortaleza, com tanto que lhe désse em arrefens, pera cumprir o que prometesse, dous filhos de Reys Nordim, e com esta reposta mandou Afonso Dalboquerque a terra Pero Dalpoem, Manuel da Costa, e Alexandre de Ataíde lingua, que foi sempre em todos os recados. O Rey lhe respondeo, que pera lhe dar os arrefens, que lhe Afonso Dalboquerque mandava pedir, era necessario saber primeiro o lugar onde elle queria fazer a fortaleza; e com esta reposta se tornáram, e veio com elles Hacem Ale pera saber a determinação de Afonso Dalboquerque. E elle lhe disse, falando-lhe hum pouco menencoreo, que dissesse ao Rey, e aos seus Governadores, que não entendia

a maneira do seu negociar, que lhe tinha mandado dizer que alargando-lhe aquella casa, em que tinha começado a fortaleza, lhe daria lugar pera fazer outra qual elle quizesse; e pedindo-lhe arrefens pera estar seguro disto, lhe respondia que lhe nomeasse primeiro o lugar, e que então lhe daria os arrefens: que dissesse ao Rey, que elle tinha feito hum contrato com seu irmão, e com Cogeatar seu Governador, polo qual queria estar; que mandasse Reys Nordim falar com elle, e o levasse, porque em tudo o cumpriria: que elle não queria as suas casas, nem a sua mesquita, senão a que á custa delRey D. Manuel seu Senhor tinha começada; e que soubesse certo se lha não entregasse, que havia de destruir Ormuz, e sobre essa pendença morrer elle, e todos os Portugueses que ali estavam.

## CAPITULO XXXII

*De como o Rey de Ormuz mandou Reys Nordim falar com o grande Afonso Dalboquerque sobre a entrega da fortaleza: e o que sobre isso passáram.*

Chegado Hacem Ale a terra, contou ao Rey, e seus Governadores tudo o que passára com o grande Afonso Dalboquerque, e a reposta que lhe dera, da qual o Rey, e todos ficáram mui agastados por verem sua determinação, e logo tornou a mandar Hacem Ale com recado, pedindo-lhe que se não agastasse, que logo mandaria Reys Nordim seu Governador falar com elle, e assentaria tudo como sua Senhoria quizesse. E porque Reys Nordim era velho, e gotoso, e não podia subir á sua náo, que lhe pedia por mercê se quizesse ver com elle em huma galé, e que mandasse arrefens pera ficarem em terra. Ao outro dia pela menhaã se foi Afonso Dalboquerque á galé grande, de que era Capitão Silvestre Corço, acompanhado de todos os Capitães, e chegou-se junto de terra, e mandou Lopo Vaz de Sampayo, Simão de

Andrade, Aires da Silva, Pero Dalboquerque, Duarte de Melo, e Vasco Fernandez Coutinho, que fossem nos seus bateis a terra pera lho trazerem, e levassem Diogo Fernandez de Béja pera ficar por arrefens. Chegados os Capitães a terra, foi Diogo Fernandez entregue a hum Capitão do Rey de Ormuz, e Reys Nordim entrou no batel de Lopo Vaz de Sampayo, e com elle Reys Mudafar irmão de Reys Hamed, e dous criados de Reys Nordim, e vieram-se assi todos juntos á galé, onde Afonso Dalboquerque estava, o qual como vio Reys Nordim abraçou-o, e fez-lhe grandes gazalhados, e depois de assentados, faláram hum pouco nas cousas passadas da primeira vez que viera a Ormuz. Passada esta prática, perguntou-lhe Reys Nordim se havia de haver Rey em Ormuz? Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que si, estando á obediencia delRey D. Manuel seu Senhor, e guardando-se o contrato que era feito. Reys Nordim lhe disse, que o Rey polo ter por pai lhe mandára pedir que lhe largasse aquella casa, que estava pegada com os seus Paços, e por lhe fazer mercê lha alargára. E porque as achegas necessarias pera se fa-

zer outra seriam trabalhosas de ajuntar em tão breve tempo como elle queria, que o Rey era contente de lhe alargar a sua fortaleza que tinha começada, e que a acabasse muito embora, porque Ormuz, e todo o Reyno era delRey de Portugal, e ambos usáram neste negocio de manha; porque o Reys Nordim com o receio que tinha de Afonso Dalboquerque pedir o Esprital, que era huma casa de muita veneração entre elles, quiz antes dar a nossa fortaleza, que estava começada, que os arrefens que lhe pediam. E Afonso Dalboquerque pedia o Esprital, porque lhe dessem a fortaleza, por estar no melhor lugar da Cidade, e sobre dous portos principaes della, hum de Levante, e outro de Ponente. Assentado isto, disse-lhe Reys Nordim, que ElRey de Portugal na reposta das cartas de sua embaixada remetia tudo a elle: que lhe pedia por mercê pois assi era, que em nome delRey de Portugal quizesse jurar o contrato que estava feito, e que elle tambem o juraria em nome do Rey de Ormuz. Afonso Dalboquerque poz a mão em hum livro, e jurou de cumprir todas aquellas cousas que estavam no contrato, e Reys

Nordim tirou outro do ceio pequeno, escrito em letras mouriscas, dourado por cima, e em nome do Rey jurou de estar sempre á obediencia delRey de Portugal, e de seus Governadores.

Feitos estes juramentos, mandou Afonso Dalboquerque dar a Reys Nordim huma cabaia de brocado com botões de ouro, e hum ramal de contas de ouro muito grossas, e a Reys Mudafar outra de cetim cramesim com botões de ouro, e por Nicoláo Ferreira mandou hum colar de ouro esmaltado muito rico ao Rey, mandando-lhe pedir muitos perdões, por não ser cousa como sua pessoa merecia, e fez mercê a Hacem Ale de cincoenta cruzados, e cinco covados de escarlata: e disse a Reys Nordim, que dissesse ao Rey, que lhe pedia muito por mercê, que mandasse logo cerrar a porta da fortaleza, que hia pera os seus Paços, e abrir outra, que vinha pera a praia, e que lhe désse aposentamentos na Cidade pera a gente até se acabar a fortaleza; e que em sinal de paz, e amizade, mandasse arvorar aquella bandeira sobre os seus Paços, que lhe logo deo, das Armas de Portugal, porque fosse notorio a todos

que estava á obediencia delRey de Portugal. Reys Nordim lhe disse, que tudo se faria como elle mandava, e pedio-lhe seguro pera virem os Mouros da terra firme com mantimentos, e mercadorias á Cidade, e elle lho deo, com tanto que não viesse de mistura com elles gente de guerra, porque achando-se não havia de dar vida a nenhum; e despedindo-se Reys Nordim, quizera-lhe Afonso Dalboquerque perguntar polo negocio de Reys Hamed como passava, e nunca pode, porque Reys Mudafar nunca o deixou falar com elle só. Reys Nordim se foi pera terra acompanhado de todos os Capitães como viera, e Diogo Fernandez se veio pera as náos. E o Rey mandou logo arvorar a bandeira no mais alto corucheo dos seus Paços; e como foi vista das náos, desparou toda a artilheria. Acabado Reys Nordim de dar conta ao Rey do que passára com Afonso Dalboquerque, mandou logo fechar a porta que hia pera os seus Paços, e abrir a outra, que vinha pera a ribeira. Feito isto, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que a porta da fortaleza estava aberta, que podia mandar tomar posse della cada vez que quizesse;

e elle mandou logo D. Alvaro de Castro, e Lopo de Azevedo com a gente da Ordenança, que fossem tomar posse da fortaleza, que foi Domingo de Ramos, derradeiro dia do mes de Março do anno de mil e quinhentos e quinze, com grande prazer, e muito tirar de artilheria; e como foi noite, com D. Garcia seu sobrinho, e alguns Capitães foi ver a fortaleza, e á entrada da porta se assentou em joelhos, e com muitas lagrimas deo graças a Nosso Senhor por lhe dar a sua casa sem guerra, nem morte de gente; e ao outro dia mandou fazer huma paliçada ao longo da praia de sestos cheios de terra, e entre elles assentar a artilheria, e ordenou dentro da paliçada algumas casas de madeira, pera se nellas recolherem os bombardeiros, e officiaes da obra, e alguma gente da Ordenança. Acabado isto, que durou poucos dias, veio-se Afonso Dalboquerque aposentar na torre da menagem, que estava meia feita, e mandou alojar a gente da Ordenança no Esprital.

## CAPITULO XXXIII

*Como Reys Nordim mandou dizer por Alexandre de Ataíde lingua ao grande Afonso Dalboquerque o negocio de Reys Hamed, e o que nisso passou.*

Passadas todas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque dizer a Reys Nordim por Alexandre de Ataíde lingua, que elle tinha sabido, que Reys Hamed seu sobrinho estava empossado da casa do Rey, e de todos seus thesouros, e o tinha como prezo: que lhe rogava muito lhe mandasse dizer secretamente o como este negocio passava. Reys Nordim, posto que com o medo que tinha do sobrinho, não ousava de falar, com tudo magoado de o ter tirado de sua honra, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que depois do Rey Ceifadim ser morto, elle alevantára este que agora reinava, e que pera segurança de seu estado metêra das portas a dentro do Paço Reys Hamed seu sobrinho, e dous irmãos seus ; e por elle ficar como cabeça principal na casa do Rey morto, depois do falecimento de Cogeatar, governava o Reyno

por este Rey ser moço, e passado hum anno, que estava na posse, o Reys Hamed pedíra ao Rey o lugar da governança, que Cogeatar tinha, e as suas casas, em que sohia pousar, de que se escusára por muitas vezes, e que polo desviar deste proposito lhe dissera, que fizesse prestes certas atalaias, porque o queria mandar por Capitão dellas contra os Nautaques, e depois de estarem prestes, pagára hum mes de soldo á gente, que com elle havia de ir, e o fizera embarcar, e que Reys Hamed, depois de ser no mar, se desembarcára, e entrára com maior soberba do que sohia em casa do Rey; e huma noite que chovia, por consentimento de seus irmãos, que dormiam dentro nos Paços, entrou com aquella gente que levava, e foi ter á cama, onde o Rey estava com sua mulher, e tomando-o pela mão, arrancára de hum terçado, dizendo-lhe se via elle que o podia ali matar. O Rey vendo-o sobre si, com medo da morte, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe, que o não matasse, que tudo faria quanto elle quizesse, e com isto logo o Reys Hamed se apoderára de toda sua casa, e thesouros, e com o favor que tinha de seus

irmãos o prendêra a elle, e seus filhos, e o dia que sua Senhoria chegára áquelle porto o soltára, ao qual negocio não pudera resistir, por estar em huma cama muito doente da sua gota; e que Reys Hamed tanto que se apoderára do Rey, nunca mais o deixára, trazendo-o como prezo, e que lhe não consentia falar com ninguem, senão perante si, de que elle estava muito sentido, e que não era poderoso de dar nenhuma cousa de sua fazenda, porque Reys Hamed tinha as chaves de todo seu thesouro, dando-lhe sómente cem xerafins cada anno, e tudo o mais gastava como queria, e que desta maneira estava o Rey fóra de seu estado, e elle do governo da terra, e Reys Hamed senhor de tudo. Alexandre de Ataíde foi com este recado a Afonso Dalboquerque, de que ficou muito espantado, porque deixára Reys Nordim entregue ao outro Rey passado; e tornando-o logo a mandar, disse-lhe, que dissesse ao Rey que o Embaixador do Xeque Ismael lhe mandára dizer que queria vir a elle, que antes que lhe falasse era necessario ver-se com Reys Nordim, que lhe pedia por mercê lhe mandasse que lhe viesse ali falar á for-

taleza, e mandou Antonio Raposo, Nuno Martinz Raposo, e Pero Dalpoem Secretario que fossem por elle, o qual veio acompanhado de todos os Mercadores, e homens principaes da terra, e em sua companhia vinha Reys Mudafar irmão de Reys Hamed. Afonso Dalboquerque fez a todos muita honra, e gazalhado, e deo-lhes juramento que fossem sempre fieis vassalos do Rey de Ormuz, e se cumprisse gastarem suas fazendas até morrer por seu serviço, que o fizessem: e assi lhes fez jurar, que não reconhecessem por Governador do Rey, e Reyno a nenhuma outra pessoa, senão a Reys Nordim, a quem elle entregára a governança do outro Rey que era morto; e que tambem lhes jurava de os ter, e manter em justiça, e defender o Rey de seus imigos; e o mesmo juramento deo a Reys Mudafar, que não obedecesse aos mandados de outro Governador da terra a fóra ao Rey, senão a Reys Nordim; e posto que elle quizera dissimular com o juramento, todavia fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou. Acabado isto, despedio Reys Nordim, e em se querendo ir apartou-se com elle pera o cabo da casa

com o Secretario, e Alexandre de Ataíde lingua, e ali lhe disse Reys Nordim o mesmo que lhe já tinha mandado dizer, e que lhe pedia muito por mercê que lhe honrasse aquellas cans, e não consentisse que no cabo de sua velhice fosse avexado, e tirado de sua honra, pois sempre fora leal ao Rey Ceifadim seu Senhor, e a este com quem agora vivia. Afonso Dalboquerque lhe disse, que se não agastasse, porque lhe prometia de muito cedo tirar Reys Hamed fóra de Ormuz, e o Rey ficaria livre, e elle em toda sua honra como sempre estivera.

## CAPITULO XXXIV

*De como o Embaixador do Xeque Ismael veio ver o grande Afonso Dalboquerque: e do recebimento que lhe fez, e do mais que com elle passou.*

Depois de estar o grande Afonso Dalboquerque aposentado na nossa fortaleza, mandou-lhe o Embaixador do Xeque Ismael dizer por Miguel Ferreira, que queria vir a elle, e dar-lhe o recado que lhe

trazia de seu Senhor. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que aquelle dia não podia ser, porque tinha alguns negocios pera despachar, que ao outro o despacharia. E mandou logo fazer prestes diante da fortaleza, (onde vinha ter huma rua principal da Cidade,) hum estrado grande de madeira com tres degráos, todo alcatifado de alcatifas, e armado por derredor de muitos pannos, e hum docel de brocado, e algumas almofadas de veludo verde postas no estrado, e duas cadeiras da mesma côr, franjadas de ouro. E mandou aos Capitães da Ordenança, que tivessem prestes sua gente muito bem armada, (que podiam ser seiscentos homens,) e todos os bésteiros, e espingardeiros, e que toda esta gente puzessem em ordem ao longo da praia; e mandou a toda a outra gente de lanças, e adargas, que tambem estivessem ali em ordem mais chegados ao estrado, de maneira, que fizeram huma rua mui comprida, e a fóra esta gente que estava toda em ordem, havia outra muita que andava solta, e todo o povo de Ormuz, (cousa espantosa de ver!) e todos os Capitães, Fidalgos, e criados delRey haviam de estar

no estrado com Afonso Dalboquerque, mui bem ataviados de suas pessoas, e pagens, que lhe tinham suas armas. Ordenado tudo desta maneira, ao outro dia, depois de comer, mandou Afonso Dalboquerque D. Garcia de Noronha seu sobrinho com todos os Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros, que fossem polo Embaixador, e lho trouxessem. O Rey de Ormuz estava a huma janella dos seus Paços, que vinha sobre a praia, com todos os seus Governadores, vendo este triunfo. Chegado Dom Garcia aonde o Embaixador estava, fez-lhe grandes cortezias, como era rezão fazer-se a hum Embaixador de tamanho Principe, e começáram a caminhar nesta ordem. Vinham logo diante de todos dous Mouros de cavallo, que eram caçadores de onças, com cada hum sua nas ancas, e apôs elles vinham seis cavallos, hum diante do outro, selados com suas cubertas muito ricas, e testeiras de aceiro, com saias de malha nos arções; e apôs elles hiam doze Mouros a cavallo mui bem vestidos, que levavam as joias de ouro, peças de seda, e brocado em bacios de prata de agua ás mãos; e logo apôs estes hiam as trombetas de Afonso Dalboquerque, e ata-

bales tangendo, e todos os Capitães, e Fidalgos apôs elles em ordem, de huma parte, e da outra, e detrás de todos hia D. Garcia com o Embaixador, e nesta ordem chegáram aonde Afonso Dalboquerque estava. A nossa Armada, que estava toda embandeirada, em o Embaixador chegando á fortaleza, tirou toda a Artilheria, que parecia que se fundia o Mundo; e subindo o derradeiro degráo do estrado, alevantou-se Afonso Dalboquerque da cadeira onde estava assentado, e deo dous, ou tres passos. O Embaixador lhe fez suas cortezias, segundo seu costume, e deo-lhe huma carta do Xeque Ismael pera ElRey de Portugal, e Afonso Dalboquerque a tomou com o barrete na mão, e assi esteve sempre em quanto a teve; e deo-lhe outra pera elle, que Afonso Dalboquerque deo a Pero Dalpoem Secretario, que tinha junto comsigo. Acabado de lhe dar as cartas, com algumas palavras que lhe disse, apresentou-lhe o presente que levava, (do qual não dou rezão, porque já fica dito atrás o que era.) Afonso Dalboquerque o recebeo com muito contentamento, e prazer, e depois de mandar recolher tudo, esteve falando hum

pouco com o Embaixador, perguntando-lhe polo Xeque Ismael como estava, e onde ficava, e elle como vinha do caminho. Acabada esta prática, disse-lhe que se fosse agazalhar, que depois falariam mais largamente. D. Garcia de Noronha o tornou a levar a sua casa da maneira que o trouxe, e ali lhe mandou Afonso Dalboquerque dar em muita abastança tudo o que lhe era necessario pera despeza sua, e dos seus.

Passados dous dias, mandou Afonso Dalboquerque chamar o Embaixador, e na prática, que com elle teve, lhe disse os desejos que o Xeque Ismael tinha de ter conhecimento, e amizade com ElRey de Portugal, e prestança com sua Senhoria, e grandes agradecimentos do gazalhado, e bom tratamento, que os seus Embaixadores tinham recebido delle na India, offerecendo-lhe lugares em seu Reyno, se os quizesse aceitar, e fazelo grande Senhor nelle pela fama que tinha de sua pessoa. Passada esta prática, cometeo-lhe o Embaixador quatro cousas, que trazia na instrução de sua embaixada. A primeira, que os direitos, que se pagavam das mercadorias, que vinham da Persia a Ormuz, fossem do Xeque Is-

mael. A segunda, que lhe désse embarcação pera passar gente sua á terra de Arabia, (que he na costa, em que jaz Barem, e Catife.) A terceira, que o ajudasse com sua Armada a tomar hum lugar, que se chama Guardaré, com o qual se tinha alevantado o Rey de Maçaram seu vassalo. (Este Guardaré jaz antre Diolicindé, e a terra de Jasque, que he do Reyno de Ormuz, onde os Nautaques o mais do tempo fazem sua guarida, e dali salteam as náos que vem pera Ormuz.) A quarta, que lhe désse porto na India pera os Mercadores da Persia tratarem suas mercadorias, e licença pera assentarem casa de feitoria em Ormuz. Acabado o Embaixador de apresentar estas cousas, Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os negocios daquella qualidade era necessario cuidar-se nelles, que elle o veria, e o despacharia o mais em breve que pudesse.

## CAPITULO XXXV

*De como o grande Afonso Dalboquerque deo conta aos Capitães do que passára com Reys Nordim, e o estado em que as cousas do Rey estavam, e o que se nisso assentou: e como o Rey o veio ver á fortaleza, e Reys Hamed foi morto.*

Como o grande Afonso Dalboquerque foi enformado por Reys Nordim do estado em que o Rey estava, mandou chamar D. Garcia de Noronha seu sobrinho, e todos os Capitães, e deo-lhes conta de tudo o que com elle passára, pedindo-lhes, que cada hum per si lhe dissesse o como caminharia neste negocio. Todos assentáram que devia tirar o Rey do poder deste tyranno, e mandar-lhe que elle, e seus irmãos se sahissem logo do Reyno. Assentado isto, como Afonso Dalboquerque tinha determinado de o matar, e disto não tinha dado conta a ninguem, senão a D. Garcia seu sobrinho, (porque em cousa sabida por muitos não podia haver segredo,) quiz ver

se por alguma via, com pouco alvoroço, o podia haver ás mãos. E por algumas vezes lhe mandou dizer com palavras doces, e brandas, que desejava de o ver, e falar com elle. Reys Hamed se escusou sempre, dizendo, que quando o Rey o fosse ver, então falariam, (porque o seu pensamento era, se visse tempo disposto, matar Afonso Dalboquerque, e pera isso tinha já muita gente de armas prestes dentro na Cidade.) Afonso Dalboquerque recebeo estas suas desculpas dissimuladamente, e começou dali por diante a tratar ver-se com o Rey; porque vindo Reys Hamed em sua companhia, podia mais facilmente pôr em effeito sua determinação; e mandou-lhe dizer por Pero Dalpoem Secretario, que desejava muito de o ver, que lhe pedia por mercê ordenasse onde queria que se vissem. O Rey lhe disse, que falaria com os seus Governadores, e lhe mandaria a reposta. E ao outro dia pela menhaã lhe mandou dizer por Hacem Ale, que polos desejos que tambem tinha de o ver, mandaria armar huma tenda á porta dos seus Paços, e ali se veriam. Afonso Dalboquerque, porque entendeo que isto era conselho de Reys Hamed,

respondeo-lhe apassionadamente, que sendo elle Capitão mór de quatro náos, chegando áquelle porto, seu irmão o Rey Ceifadim lhe viera falar a hum Cerame fóra dos seus Paços; e que agora que era Capitão geral da India com tão grande poder, e credito como via, que parecia rezão vilo elle ver á sua casa, e fosse da maneira que quizesse. Tornado Hacem Ale com esta reposta, o Rey, e Reys Nordim como desejavam de se ver livres da sujeição em que estavam, disseram que lhes parecia bem ir ver Afonso Dalboquerque á fortaleza, e deste parecer foram tambem outros Governadores da Cidade; mas Reys Hamed como era soberbo, disse, que não era honra, nem credito do Rey de Ormuz ir ver hum Capitão delRey de Portugal a sua casa; e passados muitos recados de parte a parte neste negocio, consentio Reys Hamed que fosse o Rey ver Afonso Dalboquerque, porque lhe pareceo que nestas vistas podia pôr por obra sua danada tenção; e mandou-lhe dizer da parte do Rey por Hacem Ale, que ao outro dia pela menhaã o iria ver; mas que na casa onde se vissem não havia de ter comsigo mais que os Capitães, sem

nenhumas armas, porque elle os que levasse iriam tambem desarmados. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que com todas essas condições desejava muito de o ver, mas que toda a outra gente que ficasse de fóra havia de estar armada, porque assi andava sempre. Assentado isto, mandou Afonso Dalboquerque armar huma sala grande terrea, que estava já acabada, de pannos, e hum docel de brocado, com duas cadeiras de veludo cramesim franjadas de ouro, e bancos por derredor cubertos de alcatifas pera os Capitães, e Governadores da terra, que haviam de vir com o Rey; e mandou a toda a gente de armas, bésteiros, e espingardeiros que estivessem todos armados junto da porta da fortaleza, que hia pera o mar; e aos Capitães da Ordenança, que pousavam no Esprital, que estivessem prestes, e que a hum tiro de bombarda, que ouvissem, sahissem pela rua direita, e fossem demandar a porta da fortaleza que hia pera a Cidade, e se apoderassem della; e aos outros Capitães, que se fizessem prestes pera ao outro dia receberem o Rey, e trouxessem suas armas secretas, e punhaes escondidos pera se valerem delles, quando

fosse necessario; e disse a D. Garcia de Noronha, que recolhesse pera si cincoenta homens, de que confiasse, e que tivesse cuidado da porta; e tanto que o Rey, Reys Hamed, e Reys Nordim fossem dentro, a fechasse, e não consentisse entrar mais ninguem.

Posto tudo em ordem, ao outro dia pela menhaã mandou Afonso Dalboquerque por Pero Dalpoem, e Alexandre de Ataíde lingua dizer ao Rey como o estava esperando. Chegados com este recado, fez-se o Rey logo prestes com todos os Senhores, e Governadores da terra a pé, e elle a cavallo rodeado de muitos archeiros daquella guarda, e veio-se pera a fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estava. Reys Hamed como vinha no proposito que tenho dito, trazia todos os seus armados de saias de malha, e tarçados debaixo das cabaias, e elle trazia hum tarçado, e adaga, e hum escudo, e na mão huma maça de ferro comprida. E sendo já perto da porta da fortaleza disse ao Rey, que estivesse quedo, porque queria entrar dentro, e ver as casas como estavam; e como entrou, foi-se pera Afonso Dalboquerque, e elle lhe fez gazalhado,

e disse a Alexandre de Ataíde que lhe dissesse, como vinha com armas, se o concerto fora que as não tivesse ninguem. Reys Hamed como homem alvoroçado lhe respondeo : *Isso não se entende em mim,* e tornou-se pera onde deixára o Rey, com determinação de se tornar, porque lhe pareceo que não era tempo pera pôr em obra sua determinação, e já o achou que começava a entrar pela porta dentro, e chegando a elle, disse-lhe, que não entrasse, porque Afonso Dalboquerque tinha muita gente comsigo armada. Alexandre de Ataíde, que ali estava, ouvindo estas palavras, disse-lhe : *Vem por aqui, que eu te irei mostrar todas as cousas como estam,* e tomou-o pela mão, e levou-o a Afonso Dalboquerque, o qual lhe disse, que se desarmasse, que não vinha assi bem. Reys Hamed começou-se a constranger, pondo a mão no tarçado. Afonso Dalboquerque vendo-o assi desatinado, e o tempo disposto pera o matar, como tinha determinado, disse a Pero Dalboquerque, que pera isso estava avisado : *Tomai-o lá,* o qual acudio rijo, e meteo-se entre Afonso Dalboquerque, e Reys Hamed, e neste tempo lan-

çou-lhe Reys Hamed a mão de huma béca de veludo que trazia. Afonso Dalboquerque o botou de si, e disse a Pero Dalboquerque: *Matai-o,* e naquelle instante foram tantos os punhaes, que sem lhe darem lugar pera bradar foi morto, e polo não ver virou-lhe as costas, e começou a andar pera onde o Rey vinha, e disse contra Dom Garcia, e outros Capitães, que o vinham acompanhando: *Não he nada, tudo he feito.* D. Garcia como deixou o Rey com Afonso Dalboquerque, tornou rijo á porta ter a gente que não entrasse, e felo já com muito trabalho. O Rey quando vio Reys Hamed morto, porque seu fundamento não era matarem-no, senão lançalo fóra do Reyno, ficou fóra de si, cuidando que lhe haviam de fazer outro tanto. E eram ali com elle Reys Nordim, e Reys Xarafe seu filho, (que cá esteve em Portugal,) e Hacem Ale; e quando o Afonso Dalboquerque assi vio, foi-se a elle com o barrete na mão, rindo-se, e disse-lhe, que se não agastasse, porque elle havia de ser Rey de Ormuz em nome delRey D. Manuel seu Senhor, e assentou-o em huma cadeira debaixo do docel, e fez-lhe

todas as ceremonias devidas a hum Rey, pedindo-lhe muito por mercê que lhe perdoasse ousar elle de fazer huma cousa como aquella diante de sua pessoa Real; que se matára Reys Hamed fora por ser homem muito soberbo, que entrando naquella casa apunhára do terçado que levava, e chegando-se a elle lhe lançára mão da béca, e por lhe dizerem que o tinha prezo, e estava apoderado de todo seu Reyno, e thesouro: (e isto sempre com o barrete na mão, com muitas palavras de cortesia, que elle nos taes tempos sabia muito bem dizer.) O Rey agradeceo muito tudo o que lhe fez, dizendo-lhe que o tinha por pai, e que tudo o que fizera fora muito bem feito, e que confessava receber aquelle Reyno de sua mão em nome delRey de Portugal.

## CAPITULO XXXVI

*De como Reys Mudafar, e seu irmão, entendendo que Reys Hamed era morto, se foram com toda sua gente meter nos Paços do Rey, e se fizeram fortes nelles, e do mais que passou.*

Os irmãos de Reys Hamed, que ficáram de fóra com a sua gente, posto que com o tanger das trombetas, e atabales, que nunca sessáram, por assi lhes ser mandado, não sentíram nada do que passára dentro, todavia pela suspeita que tinham, vieram com machados pera quebrarem as portas, e entrarem dentro por força. Afonso Dalboquerque polos atalhar, mandou tirar huma bombarda, que era o sinal, que tinha dado aos Capitães da Ordenança, que tanto que o ouvíram, vieram logo direito á porta, e fizeram afastar os irmãos de Reys Hamed, e toda sua gente. E porque se começáram a travar com elles, acudio D. Garcia, e disse-lhes da parte de Afonso Dalboquerque, que olhassem o que faziam, porque andava de mistura com

aquellés Mouros gente do Rey, e Reys Nordim. Afonso Dalboquerque tambem por apaziguar este alvoroço, mandou D. Alvaro da Silveira, Ruy Galvão, e Diogo Fernandez de Béja, que se fossem pera a gente da Ordenança, e os apaziguassem, e a todos os Capitães que se armassem, e deixou D. Garcia com a gente, e subio-se a hum terrado com o Rey, e Reys Nordim, e ali lhe mandou fazer hum estrado alcatifado, em que esteve assentado hum grande pedaço, visto de todos os Mouros, que cuidavam que era morto. Os irmãos de Reys Hamed como o víram, pedíram-lhe com muita soberba seu irmão; e porfiáram tanto nisto, que lhes mandou Afonso Dalboquerque dizer por Alexandre de Ataíde lingua, que lhes mandaria dar a sua cabeça, se a quizessem. Como elles isto ouvíram, entendendo que seu irmão era morto, começáram a ameaçar o Rey, dizendo que elles se iriam á fortaleza, e levantariam hum filho do Rey Ceifadim por Rey. E com esta furia se foram aos Paços, e cerráram as portas, e fizeram prestes toda a artilheria, com determinação de se defenderem. E porque cumpria apaziguar-se logo

aquella parcialidade de Reys Hamed, antes que lhe viesse alguma gente de fóra, mandou Afonso Dalboquerque ás náos por muitas escadas que trazia, e fez prestes sua gente pera os entrarem por força, e mandou levar ao terrado certas peças de artilheria pera dali bater a fortaleza. Reys Nordim lhe pedio que sobreestivesse assi, até o Rey mandar saber delles sua determinação, porque não podia ser que quizessem levar aquillo ávante, e mandou chamar os seus Mulás, que foram, e vieram duas vezes sem tomar nenhuma conclusão. Como Afonso Dalboquerque vio que por aqui não podia acabar com elles, mandou chamar Abrahem Beque Capitão do Xeque Ismael, e o seu Embaixador, e por elles lhe mandou dizer, que se até o Sol posto senão sahissem todos fóra da fortaleza, e se embarcassem pera a terra firme, que soubessem certo que a nenhum havia de dar a vida. Abrahem Beque, como era cabeceira principal desta liga, como falou com elles, sahíram-se logo dos Paços pera o cabo da Cidade, e mandáram pedir a Afonso Dalboquerque o corpo de Reys Hamed seu irmão pera o levarem a soterrar á sua terra,

e embarcação pera se passarem á terra firme com suas mulheres, e gente, que seriam por todos setecentos homens de peleja. Afonso Dalboquerque lha deo, e quanto ao corpo de Reys Hamed, que lho não havia de dar, porque os tredores a seus Senhores não haviam de ter sepulturas certas onde jouvessem. Aquella noite se embarcáram todos, e se passáram da outra banda. E sendo huma hora antes de Sol posto, cavalgou Afonso Dalboquerque com o Rey, e acompanhados de toda a nossa gente, foram polo meio da Cidade até os Paços, levando diante de si a gente da Ordenança, e todas as trombetas, e atabales, e Dom Garcia, e Reys Nordim hiam atrás, com todos os Capitães, e gente nobre da Armada a pé : e foi grande prazer na Cidade, quando víram o Rey, e muito mais de se verem fóra do poder de Reys Hamed, dando grandes louvores a Afonso Dalboquerque ; e com muita rezão, porque tendo em seu poder o Rey, e os seus Paços, que era a principal fortaleza de Ormuz, e todos seus thesouros, não quiz lançar mão delle, mas como homem prudente tratou-o sempre com muita authoridade, mostrando-lhe

que não vinha a Ormuz senão pera o servir, e suster em seu estado, perdendo tão boa occasião, por lhe não ficar nome de tyranno; e com este triunfo chegou o Rey á sua fortaleza, a qual lhe Afonso Dalboquerque entregou, e a Reys Nordim seu Governador em nome delRey de Portugal, sendo a tudo presente o Embaixador do Xeque Ismael, e Abrahem Beque seu Capitão, que na Persia seriam boas testemunhas destas grandezas de Afonso Dalboquerque.

## CAPITULO XXXVII

*De como o Rey de Ormuz tornou outra vez ver-se com o grande Afonso Dalboquerque na fortaleza: e o que passáram, e a justiça que se fez de sete Portugueses, que fugíram pera os Mouros.*

Passados alguns dias depois da morte de Reys Hamed, vendo o Rey o muito que devia ao grande Afonso Dalboquerque, polo tirar daquelle tyranno, determinou de o ir ver, e levou-lhe hum presente de muitas peças de ouro, e cousas ricas da terra

pera elle, e seus Capitães, e mandou-lhe dizer por Reys Nordim, que desejava muito de o ver, que lhe mandasse dizer onde queria que se vissem, porque aquelle dia que lá fora não tivera tempo de lhe falar, com as cousas que passáram. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que aquillo era grande mercê, e honra pera elle, que pois lha queria fazer, fosse na casa, onde o livrára do poder daquelle tredor. Reys Nordim se tornou com esta reposta, e levou ao Rey huma espada de ouro muito rica, que lhe Afonso Dalboquerque mandava. E huma terçà feira, que o Rey assentou de vir, foram as trombetas, e atabales de Afonso Dalboquerque por elle, o qual veio a cavallo, e Reys Nordim com todos os Senhores, e Governadores da terra a pé, e diante de si trazia o presente, como he seu costume. Afonso Dalboquerque com todos os Capitães o esperou em aquella casa, mui bem armada de tapeceria, hum docel, e duas cadeiras de seda pera elles, e muitos bancos alcatifados á roda pera os Capitães, e gente que vinha com o Rey. Chegado elle, foi Afonso Dalboquerque á porta com todos os Capitães recebelo; e feitas suas

cortezias, se vieram assentar nas cadeiras, onde depois de passarem estas cortezias, lhe disse o Rey, que a mercê que lhe fizera em o tirar da sujeição daquelle máo homem, lhe lembraria sempre pera o servir, e estaria á obediencia delRey de Portugal, pois em seu nome tinha aquelle Reyno. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle era seu servidor, e que sempre o havia de ajudar a suster em seu estado; e assi encomendava muito a todos os seus, que ali estavam, que sempre o servissem, e puzessem suas vidas, e fazendas por elle, como eram obrigados. E depois de estarem assi falando hum grande pedaço nas desordens, que Reys Hamed tinha feitas no Reyno, porque Afonso Dalboquerque desejava que a gente da Cidade não trouxesse armas, porque assi teria a terra mais segura, usou deste artificio com o Rey, e disse-lhe, que havia poucos dias que elle mandára matar aquelle tredor de Reys Hamed como sabia, o qual tinha irmãos, e parentes, e na Cidade andavam ainda alguns criados seus, e que não faltaria hum, que não estimando a vida, lhe tirasse com huma frécha; que lhe pedia por mercê, pera escusar estes in-

convenientes, mandasse que nenhuma pessoa em Ormuz trouxesse armas; e que pois a obrigação de guardar aquella Cidade era sua, abastava pera a defender andarem os Portugueses armados, e tambem que com isto se escusariam brigar entre huns, e outros. O Rey estava ainda tão assombrado do máo tratamento, que lhe Reys Hamed fizera, que como lhe nelle falou, respondeo, que lhe parecia muito bem, e que logo o mandaria apregoar. Passada esta prática, despedio-se de Afonso Dalboquerque, e foi-se pera sua casa muito contente delle.

Ao outro dia pela menhaã mandou logo apregoar, que nenhum Mouro, de qualquer estado que fosse, trouxesse arco, frécha, nem outra qualquer arma pela Cidade, de dia, nem de noite, sob pena de morte, tirando os archeiros da sua guarda, que Afonso Dalboquerque permittio que andassem armados, e desta maneira se foi senhoreando pouco a pouco da terra, e o Rey não fazia cousa alguma sem primeiro lhe mandar perguntar se o faria; e aquelle dia á tarde lhe mandou dizer, que hum Capitão seu, que estava em huma fortaleza

da banda da terra firme, lhe escrevêra, que aquella menhaã foram ali ter sete Portugueses, e hum negro em huma barquinha; e querendo lançar mão delles, se puzeram em defensão com espingardas que levavam, e por serem Portugueses não consentíra que os matassem. Afonso Dalboquerque informando-se da fugida destes homens, soube, que hum Antonio Fernandez, que se chamava de Alvito, que andára muito tempo na Persia sendo Mouro, os induzíra pera os levar ao Xeque Ismael. Sabido isto, mandou dizer ao Rey, que lhe pedia por mercê, que lhos mandasse logo buscar, e mortos, ou vivos lhos trouxessem, e a barca em que foram. O Rey escreveo a todos seus Capitães, que se trabalhassem polos tomar, porque não no fazendo lhes havia de mandar cortar as cabeças; e apôs este recado do Rey, mandou a Jeronymo de Sousa em huma galé com gente á terra firme, e a Nicoláo Ferreira em hum parao, porque sabia a lingua, pera lhos trazerem. Os Capitães do Rey, como tiveram recado seu, mandáram muita gente por diversas partes em busca delles, e foram-os alcançar quatorze leguas pela terra dentro em com-

panhia de huma cafila, que hia pera a Persia, que lhe levava o fato, e tomáram-nos todos, salvo hum Gallego, que matáram por se não querer dar; e assi como os traziam com as armas que lhes tomáram, os entregáram a Jeronymo de Sousa, o qual se veio com elles á Cidade; e em chegando, mandou Afonso Dalboquerque ao Ouvidor, que entendesse em seu negocio. Processado o feito, foram julgados que morressem queimados na barquinha em que fugíram; e Pero Dalpoem, que era Ouvidor geral da India, mandou trazer a barca á praça da Cidade, e ali foram todos publicamente queimados, salvo João Afonso, e Antonio Fernandez Marinheiro, aos quaes Afonso Dalboquerque deo a vida por alegarem serem elles os que o salváram no padez em Calicut, quando foi o negocio do Marichal, e comutou-lhes esta pena em degredo pera as galés. E desta justiça tão breve, que fez, foi muito mais temido dali por diante.

## CAPITULO XXXVIII

*Do recado, que o grande Afonso Dalboquerque mandou ao Rey sobre a gente de Reys Hamed: e de algumas cousas, que mais ordenou pera assocego do Reyno: e como Abrahem Beque Capitão do Xeque Ismael se foi pera as suas terras.*

Sabendo o grande Afonso Dalboquerque, que na fortaleza de Monejão estava por Capitão hum irmão de Reys Hamed, e em todos os outros lugares, e armadas andava gente sua, e Capitães, como quer que desejava de desarreigar toda sua semente daquelle Reyno, mandou dizer ao Rey polo Secretario, que lhe mandasse que se fosse logo della, e quando o não fizesse por sua vontade, mandasse gente que por força o tirasse; e que todos os Capitães, e gente de Reys Hamed, que andava na Armada contra os Nautaques, e espalhados por esses lugares do Reyno, mandasse logo despedir, e lançar fóra delle. O Rey lhe respondeo, que elle mandaria logo lá os seus Muluás, que são homens religiosos,

e quando por bem não pudesse acabar com elles, que faria o que lhe mandava, e que tambem proveria no mais. O irmão de Reys Hamed, visto o recado do Rey, respondeo que se lhe désse vinte mil xerafins, que lhe deixaria a fortaleza. E depois de sobre isto passarem muitos recados, por derradeiro lhe pedio quatro mil xerafins, e que se iria. O Rey por escusar trabalhos, mandou-lhos dar, e elle largou a fortaleza, e foi-se. Como Afonso Dalboquerque soube que o Rey dera dinheiro ao irmão de Reys Hamed, por lhe deixar a fortaleza, mandou dizer a Reys Nordim, que fizesse logo represaria em duas náos suas, que eram chegadas da India, carregadas de mercadorias, e dali se valesse do dinheiro que lhe tinha dado, e Reys Nordim o fez assi. Feito isto, mandou o Rey cartas por todo o Reyno a seus Capitães, que toda a gente que se achasse nas suas fortalezas de Reys Hamed, fosse despedida, e com pena de morte que mais não entrasse em seus Reynos; e mandou vir a Armada, que andava contra os Nautaques, e despedio os Capitães, e gente de Reys Hamed que nella andava: Com estas diligencias,

que Afonso Dalboquerque fez, ficou a terra assocegada de muitos alvoroços, e roubos que nella havia. E porque tinha por informação que na Cidade havia mancebia pública de homens, mandou dizer a Reys Nordim que os mandasse logo lançar fóra de todo o Reyno, porque elle não ousaria de estar em terra, onde se tão publicamente cometia hum peccado tão abominavel contra Deos ; porque sendo achados dali por diante, os havia de mandar todos queimar no meio da praça vivos. Reys Nordim os mandou logo lançar fóra, e com este medo não ousáram de tornar. Acabadas estas cousas, entendeo Afonso Dalboquerque com os Mercadores, e deo-lhes seguro pera suas náos irem á India carregar de mercadorias, e as cafilas que vinham da Persia pera Ormuz, e fez-lhes tantas abastanças, e larguezas, que os amigos, e imigos folgavam de vir a Ormuz com suas mercadorias como dantes, confiando em sua palavra. E se dos Portugueses recebiam algum agravo, eram mui bem castigados, e com estas cousas, e outras que fazia, vieram muitos Mercadores de fóra assentar em Ormuz, e começou-se a ennobrecer

grandemente. E na pessoa do Rey, nem governança do Reyno não quiz Afonso Dalboquerque meter a mão, (deixando tudo e elle, e seus Governadores,) e tratou sempre o Rey com muito acatamento, e veneração, que foi grande parte pera a terra tomar assento.

Assentadas todas estas cousas, Abrahem Beque Capitão do Xeque Ismael, que estava em Ormuz, como tenho dito, vendo que todos seus fundamentos eram desfeitos com a morte de Reys Hamed, pedio licença a Afonso Dalboquerque pera se ir pera suas terras, que eram na ribeira do mar da Persia, e elle lha deo. E porque sempre dissimulou suas cousas polo não ter por parte, por ser Capitão principal do Xeque Ismael, e vizinho das terras de Ormuz, fez-lhe muita mercê em nome del-Rey, de que foi muito contente, e chegado a suas terras, escreveo ao Xeque Ismael as grandezas de Afonso Dalboquerque, principalmente o negocio de Reys Hamed. Despedido Abrahem Beque, mandou Afonso Dalboquerque apresentar suas necessidades ao Rey, e Reys Nordim seu Governador, e assi lhe mandou amostrar os protestos,

que fizera ao Rey Ceifadim, e a Cogeatar sobre a fortaleza que tinha começada, que lhe elles tomáram a primeira vez que fora a Ormuz, em que tinha gastado muito dinheiro, e perdida muita fazenda, a fóra outra, com que os seus Officiaes se alevantáram em terra; e que lhe pedia muito por mercê que visse aquelle negocio muito bem, e lhe mandasse pagar tudo o que se achasse por boa conta, porque tinha necessidade de dinheiro pera acabar aquella fortaleza, e pera despezas de sua Armada. Passados sobre este negocio muitos recados de parte a parte, mandou-lhe o Rey dizer, que era muito contente de pagar tudo o que se devesse, com tanto que lhe levasse em conta cinco mil xerafins, que o Visorrey D. Francisco Dalmeida tinha quitado a seu irmão; e que quanto era á fazenda que dizia que se tomára, Reys Nordim entregára muita parte della a Pero Dalboquerque, quando ali viera o anno passado, de que tinha seus assinados; e que quanto era á conta, que mandasse falar com Reys Nordim, e tudo o que fosse devido se pagaria. Ao outro dia, por não perder tempo, mandou Afonso Dalboquer-

que Pero Dalpoem, Alexandre de Ataíde lingua, e Manuel da Costa Feitor a casa de Reys Nordim, e feita a conta, achâram que se deviam cento e vinte mil xerafins, que o Rey mandou pagar por dias, com que se fez a obra da fortaleza, e outras despezas. E nisto parou a zombaria, que os Capitães fizeram, quando Afonso Dalboquerque mandou fazer este requerimento a Cogeatar, como tenho dito.

## CAPITULO XXXIX

*De como o grande Afonso Dalboquerque pela nova que teve da vinda dos Rumes, mandou pedir ao Rey que lhe emprestasse a sua artilheria, e o que nisso passou: e como, depois de a ter em seu poder, o foi ver a sua casa.*

Estando as cousas de Ormuz no estado, e assocego que tenho dito, e a fortaleza posta em boa altura, chegou hum Mouro, que vinha de Calayate, ao grande Afonso Dalboquerque, e disse-lhe, que ao tempo de sua partida chegára nova de

Adem, que os Rumes se faziam prestes em Suez com huma grossa Armada pera virem a Ormuz ; e posto que esta nova lhe pareceo ser lançada polos irmãos de Reys Hamed pera alvoroçarem a terra, aprŏveitou-se Afonso Dalboquerque della, pera o que havia dias que desejava fazer, e era haver toda a artilheria do Rey á sua mão, por algum modo que lhe não fosse escandaloso ; e pera mais authorizar este negocio, mandou Dom Garcia de Noronha seu sobrinho com recado ao Rey, acompanhado de alguns Capitães, e gente armada, (porque assi era costume andarem em Ormuz,) dando-lhe conta das novas que tinha da vinda dos Rumes, e que sua determinação era pelejar com elles no mar, que lhe pedia por mercê lhe mandasse emprestar toda a sua artilheria pera prover a fortaleza della, porque da sua tinha necessidade pera fornecer a Armada, e não era tanta que pudesse suprir huma cousa, e a outra. Chegado D. Garcia ao Paço com este recado, achou o Rey acompanhado de Reys Nordim, e de outros Mouros principaes ; e porque Afonso Dalboquerque o tinha avisado, que entrando no Paço se apoderasse logo delle, porque

não lhe querendo dar a artilheria lha tomassem por força, entrando, deixou em cada porta hum Capitão com gente que a guardasse, mostrando que fazia aquilo por cortezia, por não entrar gente armada onde o Rey estava; e chegado D. Garcia a elle, deo-lhe o recado que levava de Afonso Dalboquerque. Reys Nordim lhe disse, que o Rey o tinha por pai, e que tudo o que elle mandava se faria, e que pudera escusar vir sua pessoa áquelle negocio, que abastava pera isso o menor de sua casa, que se fosse, que o Rey lhe mandaria toda a artilheria á fortaleza. E como D. Garcia hia avisado de seu tio, que se não viesse sem primeiro trazer a artilheria diante de si, disse a Reys Nordim, que pois o Rey queria fazer aquella mercê a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por mercê lha mandasse entregar, porque estava assentado de logo aquella noite fazerem prestes a Armada, porque vindo os Rumes não no tomassem desapercebido. E como Reys Nordim estava arrependido da palavra, que tinha dado a D. Garcia, e desejava que se fosse, e despejasse os Paços da gente, pera depois de ido ter tempo de cuidar no que

faria, começou a divertir o negocio, dizendo, que o homem, que tinha as chaves do armazem, era ido fóra. Dom Garcia como estava determinado de se não ir sem levar a artilheria, disse-lhe, que nos negocios, em que o perigo estava na tardança, não convinha haver dilações nelles, que lhe mandasse entregar a artilheria, porque se não havia de ir dali sem ella. Reys Nordim vendo que lhe não aproveitavam suas dissimulações fingidas, fez da necessidade virtude, e mandou despregar as portas das terecenas onde estava, e os bombardeiros com seus condestabres começáram logo ácarretar, e seriam tres horas da noite quando se acabou de pôr toda na praia, que era cousa formosa pera ver, e ao outro dia escreveo Reys Nordim aos Capitães de Mascate, e Calayate, que lhe mandassem toda a que lá estava ; e no fim de Junho chegou huma galé, e hum bargantim com ella, e Afonso Dalboquerque mandou recolher toda a que havia polos muros da Cidade, e assi ficou com toda a artilheria de Ormuz. E se foi cilada a nova que o Mouro deo da vinda dos Rumes, caro lhe custou. Passado isto, dali a dous dias quiz

Afonso Dalboquerque ir ver o Rey polo contentar, e deixou D. Garcia de Noronha com toda a gente em guarda da fortaleza, e elle acompanhado de alguns Capitães, e Fidalgos foi-o ver, e chegando aos Paços veio Reys Nordim recebelo a hum terreiro grande, e dali se foram aonde o Rey estava, e chegando á porta da sala, veio-lhe Reys Xarato guarda mór do Rey falar, e disse-lhe, que elle lhe dera aquelle officio, e que estava ali como seu escravo pera o servir; e estando nesta prática, chegou o Rey á porta. Afonso Dalboquerque em o vendo, foi-se a elle com o barrete fóra, e pedio-lhe a mão pera lha beijar, e o Rey lha não quiz dar, e abraçou-o, e beijou-o na cabeça, (que he honra, que costumam fazer a homens de sua qualidade,) e assi abraçados entráram pera dentro de huma camara, que estava concertada com hum céo entretalhado armado a modo de docel, com duas cadeiras, huma da China pera o Rey, e outra de veludo cramesim pera Afonso Dalboquerque, e duas almofadas do mesmo theor, em que tinham os pés. E depois de assentados, estiveram falando em cousas de amizade, e o Rey lhe

disse que aquelle fora o melhor dia que nunca tivera; e Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que todos os em que lhe pudesse fazer algum serviço, seriam de muito gosto, e contentamento pera elle, e pedio-lhe que lhe mandasse vir ali os filhos do Rey Ceifadim pera os ver, que eram dous meninos de idade de oito, ou nove annos cada hum, a que fez muito gazalhado, por serem filhos de seu pai, e pedio ao Rey, e Reys Nordim que os creassem muito bem. Passadas todas estas práticas, despedio-se Afonso Dalboquerque do Rey, e Reys Nordim o veio acompanhando até a porta da fortaleza, e dali se tornou.

## CAPITULO XL

*De como o grande Afonso Dalboquerque despachou o Embaixador do Xeque Ismael, e Fernão Gomez de Lemos pera ir em sua companhia: e o presente que por elle lhe mandou.*

Neste tempo vendo o Embaixador do Xeque Ismael como o grande Afonso Dalboquerque se fazia prestes pera pelejar com

os Rumes, pedio-lhe que despachasse, porque havia dias que ali andava : elle entendeo logo em seu despacho, e fez prestes Fernão Gomez de Lemos, irmão de Duarte de Lemos da Trofa, pera o mandar em sua companhia por Embaixador ao Xeque Ismael, e Gil Simões criado delRey D. Manuel por Escrivão da embaixada, e ordenou-lhe oito encavalgaduras pera o acompanharem, vestidos todos de seda á nossa usança ; e fez tambem prestes pera lhe mandar de presente muitas cousas, a saber, dous corpos de couraças, hum de veludo cramesim, e outro de brocado, hum capacete, e hum barbote guarnecido de ouro, hum arnes trançado com todas suas peças, quatro manilhas de ouro, e rubis, mui ricos anneis, e outras joias de ouro de pedraria mui ricas, e hum berço, e hum cão de metal, e meia duzia de espingardas, e outra meia de béstas, e mandou-lhe cobre, estanho, e de todas as especiarias da India hum pouco. E que lhe dissesse, que daquellas cousas se poderia aproveitar quando lhe comprisse ; e que por elle andar sempre no mar, e não trazer senão armas, e mantimentos, lhe não mandava outras cousas

muitas que havia em Portugal, e que da fruita da India lhe mandava aquella amostra, com que o bem podia servir. E a instrucção, que lhe deo foi, que dissesse ao Xeque Ismael, que se quizesse ter prestança, e amizade com ElRey de Portugal seu Senhor, que lhe mandasse seus Embaixadores, porque com sua ajuda poderia destruir o Grão Soldão, e a casa de Méca; e que tendo elle licença delRey pera o ajudar com sua Armada, o poderia mui bem fazer, porque estava de assento em Ormuz. E que se o Xeque Ismael se escusasse de mandar os Embaixadores, por ser longe, (como dissera a Miguel Ferreira,) lhe dissesse, que pois tinha necessidade da amizade delRey de Portugal, não devia de sentir o trabalho de hum homem, o qual elle mandaria mui bem agazalhar nas náos, que hiam pera Portugal; e que tambem lhe contasse as grandezas delRey, e da Rainha sua mulher, e as contínuas guerras, que tinha contra os Mouros de Africa, e da India, e contra o Turco, e Soldão do Cairo. Prestes Fernão Gomez pera se partir, mandou Afonso Dalboquerque chamar o Embaixador, e disse-lhe, que elle

lhe pedíra da parte do Xeque Ismael qutro cousas, e que cuidára nellas: que quanto á primeira, em que lhe pedia que os direitos, que se pagavam em Ormuz das mercadorias, que vinham da Persia, fossem seus: que os gastos, que o Rey de Ormuz fazia com a gente, e Armadas, que tinha pera sustentar seu Reyno, eram tantos, a fóra o tributo, que pagava a ElRey de Portugal seu Senhor, que senão fossem os direitos das mercadorias, que vinham da Persia, e de outras partes, não se poderia suster, porque todas as mais rendas do Reyno eram muito poucas, (como elle podia mui bem saber,) e que por esta rezão lhas não podia largar. E que a segunda, que era pedir-lhe embarcação pera passar gente sua á terra de Arabia, que era muito contente de lhe dar todos os navios que houvesse mister, com tanto que o Xeque Ismael désse segurança bastante ao Rey de Ormuz de lhe não ser feito nenhum desaguizado nas suas terras, nem na Ilha de Bárem. E a terceira, que lhe pedia, que era ajuda de gente, e Armada contra o Rey de Maçaram, que era seu vassalo, e se tinha alevantado com a Cidade de Guarda-

ré, que elle o ajudaria com toda a Armada, e gente de ElRey de Portugal, (porque assi lho tinha elle mandado,) e que isto havia de ser com tal condição, que as mercadorias, que vinham da Persia a Ormuz, não tivessem por ali sahida. E quanto á quarta, que era pedir-lhe porto na India pera os Mercadores da Persia terem trato, e licença pera assentarem casa de feitoria em Ormuz, que era muito contente de fazer isto que lhe pedia, e que o porto da India havia de ser Goa, e a entrada por Ormuz; e que toda a outra parte da India, onde fossem achados os Mercadores da Persia, haviam de perder suas mercadorias, com a mais pena que lhe quizesse dar. Como lhe Afonso Dalboquerque teve respondido a estes seus requerimentos, disse-lhe, que dissesse ao Xeque Ismael, que elle recebia em grande mercê as terras, que lhe mandava offerecer, e o desejo de o fazer grande Senhor em seu Reyno, que sería isso pera lhas guardar, e defender de seus imigos, que elle tinha ganhadas muitas naquellas partes a ElRey de Portugal seu Senhor, e esperava ainda de someter outras muitas debaixo de sua obediencia pera com tudo o

servir : e que a amizade, e boa prestança, que desejava de ter com elle Afonso Dalboquerque, estimava muito por ser de hum Principe tamanho como elle ; e que tambem estimava em muito mandar a toda a gente, que andava na India, da sua carapuça aceita, que se viessem todos pera elle, e o servissem, como lhe elle tinha mostrado pela instrucção que trazia : que esperava em Deos de muito cedo tornar a Ormuz, e que folgaria de haver azo, com que se vissem em algum lugar dos seus da ribeira do mar da Persia ; e que elle em sua companhia mandava hum homem fidalgo principal da casa delRey seu Senhor por Embaixador ao Xeque Ismael, que lhe pedia que recebesse lá bom tratamento. Passadas estas práticas, Afonso Dalboquerque lhe fez mercê de joias, e vestidos, e pimenta, que lhe pedio, com que foi muito contente. E tendo tudo prestes, se partíram todos a dez de Agosto do anno de quinhentos e quinze. E não dou rezão do que Fernão Gomez passou em sua embaixada, porque quando tornou, já Afonso Dalboquerque era morto.

## CAPITULO XLI

*De como os Reys de todas aquellas partes mandáram visitar o grande Afonso Dalboquerque por seus Embaixadores: e como D. Garcia de Noronha lhe pedio licença pera se vir pera o Reyno, e o mais que passou.*

Partidos estes Embaixadores pera o Xeque Ismael, vendo D. Garcia de Noronha que na obra da fortaleza havia já pouco que fazer, pedio licença ao grande Afonso Dalboquerque seu tio pera se vir pera Portugal, e por se achar mal disposto de doença muito enfadonha, e tambem pela necessidade que tinha de sua pessoa, e serviço, não lha quiz dar; mas D. Garcia com os desejos que tinha de se vir, apertou com elle tanto, que lha deo, muito contra sua vontade, e despachou-o a vinte e nove dias de Agosto do dito anno, e deo-lhe todos os seus poderes pera fazer a carrega, e por elle mandou a ElRey D. Manuel huma bacia, taça, e pucaro, e huma cinta,

e adaga tudo de ouro, que era do presente, que lhe o Xeque Ismael mandou, e humas cubertas de cavallo cramesim de laminas, com sua testeira lavrada de tauxia de ouro, e huma sella guarnecida de prata, e huma saia de malha, e hum feltro entretalhado de cores, o qual ainda que fosse de pouco preço era muito pera ver, e em sua companhia mandou quinze Reys cegos, que estavam em Ormuz com suas mulheres, filhos, e servidores, e que os entregasse em Goa ao Capitão, que os tivesse a bom recado, e lhes désse tudo o que lhes fosse necessario pera seu sustentamento. Fez Afonso Dalboquerque isto por apagar esta geração dos Reys de Ormuz, que se não espalhasse por algumas partes, e trouxessem em algum tempo desassocego ao Reyno. E despachou Antonio de Afonseca com dez mil xerafins por Feitor, e Aires de Magalhães por seu Escrivão pera lhe terem prestes em Goa muitos mantimentos, e munições de guerra, e concertados os navios, que houvesse na India, e se acabassem as galés, que deixára começadas em Goa; e escreveo a Duarte Barbosa, que as duas de Calicut lhe tivesse acabadas, porque determinava

de aquelle verão ir com huma grossa Armada tomar Adem, e fazer-se forte nella, e entrar o estreito do mar Roxo, e fazer assento na terra do Preste João. Mas isto ordenou Deos como foi sua vontade, porque chegando a Goa faleceo, (como adiante se dirá,) e que não falecêra, era vindo Lopo Soares por Governador da India, por onde estes seus pensamentos não houveram de haver effeito. Partido D. Garcia na náo Belém, chegou a Cochim, e estando-se fazendo prestes pera se vir pera Portugal, chegou Lopo Soarez, com o qual teve algumas differenças.

Partido D. Garcia, começou-se Afonso Dalboquerque a achar melhor da sua doença, e neste tempo chegáram alguns Embaixadores dos Reys vizinhos ao Reyno de Ormuz, visitalo, a saber, o Rey de Lara, o qual lhe mandou de presente hum cavallo, e huma carta de grandes offerecimentos de tudo o que houvesse na sua terra. Lára está tres leguas de Ormuz : he huma Cidade muito grande, situada na Persia, e está á obediencia do Xeque Ismael. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, e mandou-o visitar por Fernão Martinz Evangelho, e por

elle mandou comprar cavallos, que ha muitos naquella terra. E apôs este Embaixador chegou outro de Mirbuzaca Capitão do Xeque Ismael, que estava em Raxel ribeira do mar da Persia, como tenho dito, e mandou-lhe hum cavallo, e carta de grandes offerecimentos, na qual lhe pedia que o quizesse ajüdar por mar a tomar aquelles portos, e Ilhas, que havia polo estreito do mar da Persia, e que elle sería fiel servidor delRey de Portugal, e lhe pagaria tributo delles, e lhe daria todos os cavallos, e mantimentos de que tivesse necessidade. Afonso Dalboquerque não lançou mão deste requerimento de Mirbuzaca, porque determinava de o escrever a ElRey, e fazer nisso o que lhe elle mandasse, e escreveo-lhe grandes agradecimentos do que lhe dizia, divertindo o negocio pera quando tornasse a Ormuz; e de todós os Reys, e Senhores daquella ribeira do mar da Persia andavam ali Embaixadores, que Afonso Dalboquerque despachou com grandes palavras de agradecimentos, e presentes, que lhes mandava, e de Mouros da Persia, e Tartaria; e todas as partes do sertão eram tantos cada dia na fortaleza pera o verem, que se

não podiam os nossos defender delles; e porque com sua doença sahia poucas vezes fóra, pediam aos que tinham cuidado da porta da fortaleza, que o deixassem ver, porque não eram vindos da sua terra a outra cousa. E se alguma hora cavalgava, era tanta a gente pelas ruas apôs elle, que se não podia valer. E porque a fama de sua pessoa, e grandezas corria por todas aquellas partes, e tinham novas dos Embaixadores, que lhe o Xeque Ismael mandava, (que elles haviam pela maior cousa do Mundo,) mandavam criados seus que lho levassem tirado polo natural.

## CAPITULO XLII

*De como veio a Ormuz hum Capitão do Xeque Ismael ver o grande Afonso Dalboquerque: e as novas que lhe deo, e o mais que com elle passou.*

Partido D. Garcia de Noronha, dahi a alguns dias chegou huma cafila da Persia com muitos Mercadores da Tartaria, e Ruxia, e de todas aquellas partes com suas mercadorias, por onde se a Cidade come-

çou a enobrecer muito; e em sua companhia vinha hum Capitão do Xeque Ismael, o qual partíra da Corte pera ver o grande Afonso Dalboquerque pelas grandezas, que se lá contavam de sua pessoa, com que elle folgou muito; e porque havia pouco tempo, que o Xeque Ismael tivera huma grande batalha com o Turco, em que se este Capitão achou, perguntou-lhe como passára, e elle lhe disse, que vindo o Turco com trinta mil de cavallo, e muita gente de pé demandar hum passo da serra pera por ali passar a Tauriz, os Capitães do Xeque Ismael, que vinham na dianteira, chegáram primeiro á serra, e foram em posse delle, e defendêram-lhe a passagem. Chegado o Xeque Ismael, houve por afronta não deixarem passar o Turco, e mandou aos seus Capitães que largassem o passo. O Turco como vio o passo desembaraçado, passou-se á serra, e poz as costas nella, e fez-se ali forte com muitas carretas de artilheria encadeadas humas nas outras, de que tinha cercado em roda todo o seu arraial, e quinze mil espingardeiros todos postos em ordem, com determinação de esperar ali o Xeque Ismael, porque se não

estreveo ao ir cometer onde estava; e teve o Turco tal vigilancia no seu arraial, que nunca o Xeque Ismael pode saber a ordem em que estava; e como homem, que não tinha em conta os Turcos, foi-os cometer com vinte mil de cavallo. O Turco fez duas batalhas da sua gente, e veio-o esperar fóra do forte que tinha feito. Como o Xeque Ismael deo nos Turcos, polos logo em desbarato, e foi-lhes seguindo o alcance até o entrar polo seu arraial dentro; e por não ter conhecimento da artilheria, nem saber como estavam, aporfiou muito pera entrar com elles. Como o Turco vio os Persas desmandados, mandou desparar a artilheria, e ella por huma parte, e os espingardeiros por outra, fez tão grande estrago, que o Xeque Ismael vendo-se desbaratado, e muita gente sua morta, foi-se recolhendo pera Tauriz, que seriam dali vinte leguas, e o Turco lhe foi seguindo o alcance, e sem ter nenhuma resistencia, entrou a Cidade de Tauriz, e tomou todo o thesouro do Xeque Ismael, que nella tinha. E estando ali com determinação de se fazer forte, lhe veio nova, que os Christãos hiam sobre Costantinopla, e por esta causa deixára esta

empreza, e se tornára com grande pressa, e o Xeque Ismael se reformára de gente, e tornára sobre Tauriz; e certos Capitães, que o Turco ali deixára, como souberam de sua vinda, largáram a Cidade, e fugíram, e o Xeque Ismael como chegou, mandou fazer justiça de todos os principaes da terra por deixarem entrar os Turcos na Cidade sem pelejarem.

Dizia Afonso Dalboquerque, depois de ouvir estas novas, (estando á prática com os Capitães sobre esta imizade, que o Xeque Ismael tinha com o Turco, e Grão Soldão, sobre differenças de sua lei,) que o Xeque Ismael fora hum corisco lançado por Deos sobre a seita de Mafamede pera se a India conservar, e o Xeque Ismael não entender nella; porque sendo moço de oito annos, sem ter nenhuma acção, nem direito no Reyno, se alevantára naquelle anno, que o Almirante descubrio a India, e com o favor de hum tio seu ganhára a Turquemana, a Persia, o Reyno de Coraçone, Camarcante Cidade dos Tartaros, o Reyno de Aquilam, e toda a Armenia baixa, e outras muitas Provincias de Turcos, e Tartaros, queimando todas as mes-

quitas dos Mouros, deixando as de Christãos; e fazendo isto, sendo de oito annos, que fizera agora de vinte quatro, se Deos não permittíra ter dous imigos tão poderosos, como he o Turco, e o Grão Soldão do Cairo? E como Afonso Dalboquerque era grande conquistador, e muito facil na execução das cousas, escreveo por muitas vezes a ElRey D. Manuel, que fizesse com todos os Reys Christãos, que quizessem ter amizade com o Xeque Ismael, porque tendo-o da sua parte, sería cousa muito leve destruir-se o Turco, e o Grão Soldão. E que pedisse licença ao Papa pera lhe mandar mestres, que lhe fizessem artilheria, porque isto só lhe faltava pera os destruir. O Capitão do Xeque Ismael, porque havia dias que andava em Ormuz, e não viera a outra cousa senão a ver Afonso Dalboquerque, pedio-lhe licença pera se ir, e elle lhe fez mercê de muitas peças de ouro muito ricas, e mandou-lhe mostrar toda a artilheria, que havia em Ormuz, e que dissesse ao Xeque Ismael, que com aquella, e outra muita que tinha na India, o serviria em nome delRey de Portugal contra seus imigos, cada vez que lhe cumprisse.

## CAPITULO XLIII

*Do sitio da Cidade de Ormuz, e do seu commercio*

Tres cousas ha na India, que são escapolas de todo o commercio das mercadorias daquellas partes, e chaves principaes della. A primeira Malaca, que está em tres gráos na entrada, e sahida do estreito de Singapura, de que já fallei. A segunda Adem, que está em vinte e hum gráo de altura, e na entrada, e sahida do estreito do mar Roxo, e desta tenho dito o que pude saber. A terceira he Ormuz, o qual está em quinze gráos, e na entrada, e sahida do estreito do mar da Persia. Este Ormuz a meu ver he a principal de todas. E se ElRey de Portugal tivera senhoreado Adem com huma boa fortaleza, como tem Ormuz, e Malaca, senhoreando estes tres estreitos, que tenho dito, pudera-se chamar senhor de todo Mundo, (como fez Alexandre, quando chegou ao rio Ganges,) porque com estas tres chaves fechava as portas a tudo. E bem creio eu que se a morte não atalhára a Afonso Dalboquerque,

que ellas estiveram todas na sua mão. Muito tinha que dizer nisto; mas como minha tenção não he escrever descuidos alheios, quero-me tornar á minha historia. Ormuz cousa muito antiga he, e por rezão de seu commercio, e navegação he mui nomeado por todo Mundo; mas eu não pude saber o como se fundou, porque começar por colheita de ladrões, que andava polo mar a roubar, (como foi Corinthio,) não póde ser, porque he huma Ilha de tres leguas, toda de pedra de sal, muito esteril de agua, e a que se gasta vem da terra firme. Se por pescadores, que ali viessem fazer suas pescarias, (como foi Malaca,) não póde ser, por amor da agua que já disse. Seja o que for, e cada hum lhe dê o fundamento que quizer, que os Mouros hão Ormuz por tamanha cousa, que dizem que o annel he o mundo, e a pedra Ormuz; e assi deve ser, porque ali vem todas as mercadorias da Persia, Tartaria, Turquemana, do Reyno de Gilam, de Bagadá, e Cairo, e de todas as partes da India; e todas as mercadorias que se podem cuidar se acham em Ormuz. He a mais abastada terra de mantimentos, (não nos havendo nella,) que ha naquellas

partes. Na praça de Ormuz se acham todas as diversidades de frutas secas, e verdes, que ha em Hespanha. He Ormuz tão curioso de todas as cousas, que esses dias, que Afonso Dalboquerque ahi esteve, traziam neve de trinta leguas por dentro da Persia a vender ali. Vam de Ormuz muitos cavallos pera a India, que valem muito, por serem os melhores de toda ella. O estreito do mar da Persia he muito povoado de lugares, de Ilhas de huma parte, e da outra, principalmente da banda da Arabia, onde está a Cidade de Baçorá, á qual vem ter hum rio, que nasce duas jornadas de Méca, que córta a terra toda; e da banda da Persia he a Provincia de Raxel, que tem muitos lugares, e fortalezas ao longo do mar, de muito trato, onde vem ter muitas mercadorias da Persia; e no cabo de todo este estreito está a Cidade de Bagadá, a qual foi senhoreada de Armenios, e tomou-lha o Xeque Ismael, e agora he o Turco Senhor della, e ali se vem ajuntar tres rios grandes: hum se chama Eufrates, o outro Tigris, e o outro Fizam, e dizem que vem de hum lago grande, que está por dentro da Persia; e por aquella parte, por onde entra

no mar, chamão-lhe os Mouros Xerdebaudá, e tem grande força de agua. Este rio divide a Arabia da Persia. Desta Cidade Bagadá vinham antigamente muitas mercadorias a Ormuz, e este commercio está agora defezo por ElRey de Portugal. Neste estreito hà tambem huma Ilha grande, que se chama Barem, na qual ha muita creação de cavallos, lavouras de trigo, e frutas de toda a sorte. E derredor della se pesca o aljofar, e perolas, que vem a estes Reynos de Portugal, e he o melhor, e mais duravel de todas aquellas partes. A fóra estes lugares principaes ha nesta ribeira do mar da Persia muitos lugares pequenos de pouco trato, e todo este mar se navega com navios pequenos, porque tem muitos baixos. E destes lugares todos vem muita somma de seda a Ormuz, que se carrega pera a India. Os mais dos povoadores desta Ilha são Persios, e a linguagem que se nella mais usa he a sua. Tem esta Ilha muitas minas de enxofre, e no verão, por rezão da quentura do Sol, he algum tanto doentia. Estende-se o seu senhorio até Goader huma Cidade grande, que he na terra dos Nautaques.

## CAPITULO XLIV

*De como o grande Afonso Dalboquerque por rezão de sua doença fez huma fala aos Capitães sobre a successão, se elle morresse: e o que se nisso assentou, e como se partio caminho da India.*

Como o grande Afonso Dalboquerque não sahia da obra de dia, nem de noite, por dar fim a se acabar a fortaleza com brevidade, e as calmas eram grandes, e elle velho, e mal regido, tornou a doença a carregar nelle, e esteve onze dias, que não sahio fôra de casa, nem o via ninguem, senão esses seus familiares. E como fosse estranho a gente deixarem de o ver, começou-se a dizer pela Cidade que era morto, de maneira que lhe foi forçado pera assentar os corações dos Mouros, e dos nossos amostrar-se, e dali por diante deo lugar a alguns Capitães que o vissem, ainda que sua doença o não sofria. E porque cada vez se achava peior, e sentia em si muita fraqueza, sendo vinte e seis dias do mez de

Setembro, mandou chamar todos os Capitães a sua casa; e sendo Pero Dalpoem Secretario presente, lhes disse, que elle era homem velho, e doente de doença, que podia morrer falando. E porque permitindo Nosso Senhor que acabasse, queria deixar ordenadas as cousas de aquelle Reyno, e a fortaleza que fazia, como cumpria ao serviço delRey seu Senhor, que lhes pedia por mercê lhe dessem todos suas menagens de obedecerem a qualquer pessoa, a que elle antes de seu falecimento cometesse seus poderes, até ElRey D. Manuel prover nisso como fosse seu serviço. Os Capitães lhe respondêram com muitas lagrimas, que Nosso Senhor lhe daria aquella saude, que lhe todos desejavam, e que cumpria pera conservação do estado delRey de Portugal naquellas partes; que fizesse o que quizesse, porque todos eram mui contentes do que elle ordenasse, e de obedecer a quem deixasse seus poderes. Afonso Dalboquerque com muitas palavras de amor lhes agradeceo muito os desejos que tinham de sua saude, e tomou a menagem a todos com juramento, que lhe fizeram nas suas mãos de obedecerem em nome delRey a quem

nomeasse, e disso mandou fazer hum assento por Pero Dalpoem Secretario, em que todos assinâram. Acabado isto, porque Afonso Dalboquerque se achava cada vez peior, fez seu testamento, e ordenou sua alma. E depois de ter cumprido com Deos, confessado, e commungado, e feitos todos os autos de Christão a vinte dias do mez de Outubro, chamou Pero Dalboquerque seu sobrinho, filho de Jorge Dalboquerque seu primo com irmão, e disse-lhe, que por elle ser tal pessoa, com quem a gente folgaria de ficar naquella fortaleza; e tambem porque o Rey de Ormuz lhe mostrára sempre ter delle muito contentamento, e desejos de elle ficar ali, e o merecer por sua cavalleria, e fidalguia, lhe fazia mercê daquella fortaleza em nome delRey de Portugal, com quatrocentos mil reis, e duzentos quintaes de pimenta ao meio, de ordenado cada anno; e que dali por diante tivesse cuidado de olhar pelas obras della, porque elle não tinha disposição espiritual, nem corporal pera entender em outra cousa, senão na conta, que havia de dar a Deos dos deserviços que lhe tinha feitos: que mandasse pôr a artilhéria em seu lugar,

porque a fortaleza estava já em tal altura, que bem se podia defender, e que lhe puzesse nome *Nossa Senhora da Conceição,* e mandasse recolher todos os mantimentos, que estavam fóra, em casa do Almoxarife. E que elle deixava Nicoláo Ferreira por Guarda mór do Rey de Ormuz, que lhe encommendava muito o favorecesse, e mandou trazer diante de si os dous filhos do Rey Ceifadim, e entregou-lhos, dizendo, que lhe pedia muito que olhasse por elles, e os tivesse comsigo pera freio do Rey, o qual elle deixava em Ormuz contra sua vontade, porque matára seu irmão o Rey Ceifadim, e se alevantára com o Reyno, e dissimulára com elle, porque estes meninos não eram de idade pera poderem governar.

Pero Dalboquerque, depois de lhe beijar as mãos por aquella mercê que lhe fizera da fortaleza, lhe disse, que elle estimava mais escolhelo antre tantos Capitães, Fidalgos, e Cavaleiros pera aquelle carrego, (que cada hum delles merecia melhor que elle,) que quanto proveito lhe podia vir daquella fortaleza, que tudo o que lhe mandava, elle o faria. Como foi divulgado

que Pero Dalboquerque era Capitão da fortaleza, (porque cada hum dos Capitães cuidou de o ser,) muitos ficáram descontentes; mas elles não tinham rezão, porque como se ella havia de dar a hum só, foi mui boa eleição a de Pero Dalboquerque, porque era hum raro homem, e bem se vio na conta que deo de si o tempo que nella esteve. E dali por diante começou a entender na obra da fortaleza, e fazer tudo o que era necessario. Afonso Dalboquerque fez Feitor Manuel da Costa, filho de Mestre Afonso, Fysico mór delRey D. Manuel, e Escrivães da Feitoria Manuel de Sequeira, criado da Duqueza de Bragança, e a Diogo Dandrade moço da camara delRey. Ordenado isto, despedio-se de todos os negocios, e não quiz mais entender em nenhuma cousa; e mandou a Diogo Fernandez de Béja, que lhe fizesse prestes a náo Flor da Rosa, de que era Capitão, pera se partir caminho da India, e a todas as náos, que haviam de ir em sua companhia. Ordenada sua partida, mandou dizer ao Rey por Pero Dalpoem, e Alexandre de Ataíde, que se queria partir, porque lhe era necessario morto, ou vivo ir prover as cou-

sas da India: que lhe pedia muito por mercê lhe perdoasse não no ver, que a sua doença era de maneira, que lhe não dava lugar pera o poder fazer, que esperava em Deos de muito cedo o tornar a ver; e que elle deixava Pero Dalboquerque seu sobrinho por Capitão da fortaleza, e confiava que elle o servisse muito bem. O Rey respondeo a Pero Dalpoem, que dissesse a seu pai, que lhe pezava muito de sua ida, e com lhe parecer que cedo se viriam ficava descançado. Afonso Dalboquerque como estava com aquelles desejos de se ir caminho da India, despedio-se de Pero Dalboquerque, e dos Capitães que ali ficavam, e foi-se embarcar huma quinta feira oito dias do mez de Novembro, da mesma era, pela sésta, porque ninguem o visse, e fez-se logo á véla, e foi surgir huma legua da Cidade, e ali esteve esperando pelas duas galés grandes, e a caravela de João Gomez, e o bargantim Sanctiago, que hiam em sua companhia; e sabbado pela menhaã chegou Hacem Ale com duas terradas carregadas de refresco, que lhe o Rey mandava, e elle o mandou entrar dentro na camara onde estava. E depois de lhe Hacem Ale dar o

recado do Rey, respondeo-lhe, que dissesse, que elle lhe tinha muito em mercê sua visitação, que depois que se mettêra no mar se achára melhor; e que agora, que não estava presente em Ormuz, lhe pedia muito por mercê désse melhor aviamento á obra da fortaleza, porque era a melhor cousa que podia ter em seu Reyno pera conservação de seu estado. E despedio-o, fazendo-lhe mercê de trinta xerafins, e aos Mouros das terradas quarenta, e muito vinho pera beberem, com que elles folgáram mais que com o dinheiro. E como se partíram, fizeram-se á véla caminho da India.

## CAPITULO XLV

*De como o grande Afonso Dalboquerque soube, por huma terrada que tomou no caminho, que vinha de Diu, que era vindo Lopo Soarez por Governador da India: e como chegando á barra de Goa faleceo.*

Despedido Hacem Ale do grande Afonso Dalboquerque, mandou Diogo Fernandez de Béja fazer a náo á véla, e sendo já fóra

da garganta do estreito de Ormuz, tanto avante como Calayate, hum dia pela menhaã ouveram vista de huma terrada de Mouros, que vinha á véla; e porque Afonso Dalboquerque desejava muito de saber novas da India, disse a Diogo Fernandez Capitão da náo, que mandasse o bargantim Sanctiago apôs ella, o qual a seguio tanto que a fez arribar. Chegado a bordo da náo, perguntou-lhe Diogo Fernandez donde vinham? Os Mouros lhe disseram que vinham de Diu. Afonso Dalboquerque mandou logo que viessem perante elle o Capitão, Mestre, e Piloto; e como os teve comsigo, deo juramento a Alexandre de Ataíde lingua, que de cousa que aquelles Mouros contassem, e de novas que dessem da India, lhes não encubrisse nada. Os Mouros pedíram perdão a Afonso Dalboquerque de não arribarem logo primeiro que o bargantim fosse a elles, dando por desculpa, que não sabiam que vinha ali sua pessoa. E porque a doença o apressava, e cançava muito de falar, disse a Alexandre de Ataíde, que lhe perguntasse muito miudamente por novas da India, e pera onde hiam. O Capitão da terrada lhe disse, que Cide

Ale, e hum Embaixador do Xeque Ismael, que estavam em Diu, o despacháram com cartas pera sua Senhoria, que por ellas veria as novas que havia na India. Afonso Dalboquerque mandou logo a Alexandre de Ataíde que lesse as cartas. A de Cide Ale dizia, que eram vindas doze náos de Portugal, e nellas Lopo Soarez por Capitão mór da India, e Diogo Mendez por Capitão da fortaleza de Cochim, e pera todas as outras fortalezas Capitães, que nomeava por seu nome, e Miliqueaz lhe não escrevia, porque lhe pezava muito de o ElRey mandar ir da India. E na do Embaixador do Xeque Ismael dizia, que pois ElRey de Portugal tão mal conhecia suas cavallerias, e serviços, que lhe aconselhava que se fosse pera o Xeque Ismael, porque lhe ficava que elle o fizesse o maior Senhor de sua terra, e pedia-lhe seguro pera ir com suas mercadorias a Ormuz, e dahi pera a Persia. Afonso Dalboquerque como soube, que era chegado outro Governador, e seus imigos muito favorecidos delRey, alevantou as mãos, e deo graças a Nosso Senhor, e disse : *Mal com os homens por amor del-Rey, e mal com ElRey por amor dos ho-*

*mens, bom he acabar.* Dito isto, mandou tomar aos Mouros todas as cartas que levavam pera Mercadores de Ormuz, em que dizia, que se não tinham dado fortaleza a Afonso Dalboquerque, que lha não dessem, porque era vindo outro Governador, que faria tudo o que elles quizessem. E porque estas novas não dessem torvação á fortaleza, que se ficava acabando, mandou-as Afonso Dalboquerque queimar todas, e despedio os Mouros que se fossem, e ficou só com o Secretario; e tendo já feito seu testamento, em que se mandava enterrar na sua Capella, que tinha feito em Goa, que elle ganhára aos Mouros, fez huma cedula, em que mandou que os seus ossos, depois da carne gastada, se trouxessem a Portugal, e outras palavras, que ouve por escusado escrever. E acabado isto, escreveo huma carta pera ElRey D. Manuel, que dizia assi:

*Senhor, quando esta escrevo a Vossa Alteza estou com hum soluço, que he sinal de morte. Nesses Reynos tenho hum filho, peço a Vossa Alteza, que mo faça grande, como meus serviços merecem, que lhe tenho feito com minha serviçal condição;*

*porque a elle mando, sob pena de minha benção, que vo-los requeira. E quanto ás cousas da India não digo nada, porque ella falará por si, e por mim.*

E neste tempo estava já tão fraco, que se não podia ter em pé, pedindo sempre a Nosso Senhor, que o levasse a Goa, e ali fizesse delle o que fosse mais seu serviço; e sendo tres, ou quatro leguas da barra, mandou que lhe fossem chamar Fr. Domingos Vigario geral, e Mestre Afonso Fysico. E porque com a grande fraqueza que tinha não comia nada, mandou que lhe trouxessem hum pouco de vinho vermelho, do que viera aquelle anno de Portugal. Partido o bergantim pera Goa, foi a náo surgir na barra, sabado de noite, quinze dias do mez de Dezembro. Quando disseram a Afonso Dalboquerque que estava ali, alevantou as mãos, e deo muitas graças a Nosso Senhor por lhe fazer aquella mercê, que elle tanto desejava, e esteve assi toda aquella noite, (com o Vigario geral, que era já vindo de terra, e Pero Dalpoem Secretario da India, que elle deixou por seu testamenteiro,) abraçado com o Cruxifico; e falando sempre, disse ao Vigario geral, que era seu Con-

fessor, que lhe rezasse a Paixão de Nosso Senhor, feita por S. João, de que fora sempre muito devoto, porque nella, e naquella Cruz, que era semelhança da em que Nosso Senhor padecêra, e nas suas Chagas, levava toda a esperança de sua salvação : e mandou que lhe vestissem o habito de Sanctiago, (de que era Commendador,) pera morrer nelle, e ao Domingo huma ora ante menhaã deo a alma a Deos ; e ali acabáram todos seus trabalhos, sem ver nenhuma satisfação delles. E de crer he que quem assi acabou não teria muitos erros feito em seu cargo, pera que o Rey, a quem tinha servido muito lealmente, o mandasse vir sem lhe galardoar seus serviços ; mas como Afonso Dalboquerque tinha imigos no Conselho delRey, a que pezava ouvir suas grandezas, e as grandes vitorias, que lhe Nosso Senhor naquelas partes tinha dado, aconselháram a ElRey D. Manuel que o mandasse vir, e não lhe faltáram rezões pera isso, conformes a sua tenção, e que mandasse Lopo Soarez por Governador da India. E vendo ElRey o erro, que fizera em o mandar vir, e a necessidade que tinha de sua pessoa na India, escreveo a

Lopo Soarez huma carta, que adiante vai escrita, que eu mandei trasladar da propria, que achei nos meus papeis.

## CAPITULO XLVI

*De como foi levado a enterrar o corpo do grande Afonso Dalboquerque á sua Capella, e o grande pranto que por elle se fez: e de sua vida, e costumes.*

Acabado o grande Afonso Dalboquerque de espirar, antes que viesse gente da Cidade, foi logo amortalhado, e vestido no habito de Sanctiago, com huns borzeguis calçados, e esporas nos pés, e huma espada na cinta, (como he costume enterrar os Commendadores,) na cabeça huma carapuça de veludo, e ao pescoço huma beca do mesmo. E como foi vestido, mandou Pero Dalpoem alcatifar a tolda da náo, e ali puzeram o corpo sobre hum catle, cuberto com hum panno de veludo preto, e huma almofada do mesmo theor á cabeceira. E Diogo Fernandez de Béja, que era Capitão, mandou fazer prestes o batel, em que

o haviam de levar a terra; e sendo já menhaã, começou a gente da Cidade a vir em bateis com muito alvoroço pera o acompanhar; e quando o achâram morto, foi tamanho o choro, e pranto em todos, que parecia que se fundia o rio de Goa; e porque a gente era muita, foi logo embarcado, e levado no batel á Cidade. E chegando ao cais, onde D. Goterres Capitão da Cidade, e todos os Fidalgos, e Cavaleiros que havia nella, e todo o povo, e Clerigos, e Frades o estavam esperando, foi tirado em terra, do mesmo catle em que vinha, e ali se começou outro novo pranto. E depois de o encommendarem, (que os Clerigos, e Frades não podiam fazer com choro,) esses Fidalgos, que se ali achâram, tomâram o catle aos ombros, e debaixo de hum palio o levâram á sua Capella de Nossa Senhora da Conceição, onde o enterrâram, e hiam-no acompanhando todo o povo da Cidade, assi Christãos, como Gentios, e Mouros, que não cabiam por as ruas, mostrando com muitas lagrimas o grande sentimento que tinham de sua morte. Os Gentios quando o vîram ir lançado no catle, com a barba tão comprida que

lhe dava pela cinta, e os olhos meios abertos, diziam, segundo suas gentilidades, que não podia ser que era morto, senão que Deos tinha necessidade delle pera alguma guerra, que o mandava ir. E assi nesta ordem, com estes prantos, e choros, chegáram todos com o corpo á Capella, que elle fundou sobre a porta da Cidade, por onde entrou quando a tomou aos Mouros, e ali lhe foi feito seu sahimento com pregação, na qual haveria bem que dizer. E pera esta Capella deixou em Goa muita renda de foros de casas pera lhe dizerem Missa quotidiana, e o remanescente mandou que se désse de esmola todas as sestas feiras aos meninos orfãos filhos de Portugueses. E quando seu filho Afonso Dalboquerque mandou trazer a sua ossada a Portugal, mandou vender a propriedade por huma Bulla que tem do Papa, e fez hum Esprital de peregrinos em Azeitão, e huma Igreja pegada com elle á custa do dinheiro, deixando em Goa propriedades, que rendem quarenta mil reis pera se dizer Missa quotidiana na dita Capella, como o Papa manda na sua Bulla. Feitas as obxequias, mandou Pero Dalpoem pôr huma tumba de tres

degráos, (tudo forrado de veludo preto,) sobre a cova, e a Capella emparamentada toda de pannos pretos, e mandou dependurar em riba a bandeira real, com que pelejava, (que lhe ElRey D. Manuel mandou de Abrantes ao porto de Belém, estando pera se embarcar, por morrerem na Cidade de peste,) a qual está na Capella mór de Nossa Senhora da Graça, onde os seus ossos estão enterrados.

Era este grande Capitão homem de meaã estatura, o rosto comprido, e córado, o nariz hum pouco grande. Era avisado, e Latino, e de grandes ditos : falava, e escrevia muito bem : mui facil na conversação, muito grave no mandar, muito manhoso no negociar com os Mouros, muito temido, e amado de todos, que poucas vezes se acha em hum Capitão. Era muito esforçado, e bem afortunado. E dizia ElRey D. Fernando Rey de Castella a Pero Correa, estando lá por Embaixador, que se espantava muito delRey D. Manuel seu filho mandar vir Afonso Dalboquerque da India, sendo tão grande Capitão, e tão bem afortunado. Nas batalhas, que teve com os Mouros, navaes, e terrestes houve

sempre vitoria, sendo algumas vezes ferido, porque os lugares em que se achava não eram muito sadios. Foi mui prestes na execução do que se assentava no conselho que se fizesse, e seu nome, e vitorias tão celebrado de todos os Reys, e Principes da Europa, e Asia, que o grão Turco falando com D. Alvaro de Sande Capitão do Emperador Carlo Quinto, que lá estava cativo, nas cousas da India, punha a mão nos peitos, e dizia, que Afonso Dalboquerque fora hum insigne Capitão. Foi homem de muita verdade, e tão inteiro na justiça, que os Gentios, e Mouros, depois de sua morte, com qualquer agravo que recebiam dos Governadores da India, se vinham a Goa á sua sepultura, e offereciam-lhe boninas, e azeite pera a sua alampada, pedindo-lhe que lhe fizesse justiça. Foi muito piedoso com os pobres: casou muitas mulheres em Goa. Foi tão largo de condição, que todos os presentes, e dadivas, que lhe os Reys da India mandavam, (que foram muitos, e valiam muito,) repartia com os Capitães, e Fidalgos, que lhos ajudavam a ganhar. Foi muito honesto em seu viver, e tão recolhido em seu falar, que o mór

juramento que fazia, quando estava muito menencorio, era: *Arrenego da vida em que vivo.* Faleceo de idade de sessenta e tres annos, havendo dez que governava a India.

## CAPITULO XLVII

*De como arrependido ElRey D. Manuel de ter mandado vir Afonso Dalboquerque da India, lhe tornou a mandar que não viesse: e da carta que sobre isso escreveo a Lòpo Soarez Governador da India.*

Partido Lopo Soarez por Governador pera a India em Março no anno de 1515. logo em Agosto veio nova a ElRey D. Manuel por via de Veneza, porque sempre tinha ali suas intelligencias pera saber tudo o que o Grão Soldão ordenava, e do seu Embaixador que estava em Roma, que o Grão Soldão do Cairo afrontado de os Portugueses lhe entrarem o estreito do mar Roxo, mandava fazer huma grossa Armada de galés, e galeões em Suez com muita gente, e artilheria pera mandar sobre a India, principalmente ao Reyno de Ormuz, porque o grande Afonso Dalboquerque se

não apoderasse delle. ElRey enfadado com esta nova, e arrependido de o ter mandado vir, determinou de acudir a este negocio com toda a brevidade possivel, e mandou fazer logo huma Armada pera em Março do anno de 1516. mandar muita gente á India; e escreveo a Lopo Soarez esta carta, dizendo-lhe estas novas, que tinha da Armada do Soldão, e o que havia de fazer pera se dereprimir, sendo entrada na India.

*Lopo Soarez amigo, nós ElRey vos enviamos muito saudar. Porque ha dias que temos novas, que o Grão Soldão faz huma Armada em Suez pera mandar á India, confiramos a maneira em que se devia prover, sendo caso que a Armada do Soldão seja entrada na India, que esperamos em Nosso Senhor que não será; porque como em cousa mais perjudicial a nosso serviço, e em que consiste todo o arreceio da mudança das cousas dessas partes, devemos de prover, e remediar. E considerando o que ácerca deste caso sería mais seguro, e de que se teria mais certa esperança, pareceo-nos mais nosso serviço, que sendo caso que a dita Armada do Soldão seja entra-*

*da na India, e estando lá Afonso Dalboquerque, lhe mandar que em sua vinda pera estes Reynos, como lhe tinhamos mandado, não fizesse mudança, e Nos ficasse lá servindo; e que vós, por Cochim, e Calicut serem cousas tão principaes como são, e em que principalmente consiste a conservação das cousas da India, fiqueis em ella por Capitão mór, e Governador, ficando tambem em vossa capitanía Malaca; e que da gente, que comvosco foi, tomeis quatrocentos homens, que vos mais contentarem, pera ficarem comvosco, e em vossa companhia, além da gente ordenada ás ditas fortalezas, e com toda a Armada da navegação de Malaca a Cochim, e que residais em qualquer das ditas fortalezas de Cochim, e Calicut, que vos melhor parecer, e em que virdes que será mais segurança das cousas de nosso serviço. E hei por bem, que a carga das náos, que cada anno forem pera lá, e vierem com as especiarias, fique tudo a vosso cargo, sem outra nenhuma pessoa entender nisso, salvo o Feitor, e Officiaes da Feitoria.*

*E queremos que todas as outras fortalezas, gente, armadas, e exercito, assi do*

*mar, como da terra, fique á obediencia de Afonso Dalboquerque pera nos servir, assi como vir que convem, e acudir aos impedimentos que se offerecerem, por respeito da dita Armada do Soldão, e se trabalhe pela desbaratar, como esperamos em Nosso Senhor que fará, segundo a elle compridamente escrevemos.*

*E posto que de vós tenhamos inteira confiança, pera neste negocio Nos servirdes com muito esforço, e cavaleria como tendes, em caso tão novo, e com semelhante necessidade, não Nos pareceo que abastaveis, sendo entrada a Armada do Soldão na India, porque não podem concorrer em vós tantas qualidades, como ha no dito Afonso Dalboquerque, pera o proveito, e segurança nas cousas dessas partes, pela experiencia que tem de muitos annos, e ter conhecidos os Reys, e Senhores, que Nos são verdadeiros amigos, e servidores; e assi polo contrairo os que o não são, e os corações, e vontade de cada hum, polo muito tempo que ha, que os tem praticados, e experimentados, e tambem as cousas em que póde dar cuidado, e torvação áquelles, em que não esperar de achar inteira*

*verdade nas cousas de nosso serviço, pera lhe tolher que se não ajuntem com o poder dos imigos. E pera todas estas cousas, e outras, que sucederem, convem ajudarmonos da experiencia particular, e geral que tem, assi do mar, como da terra, e principalmente as grandes vitorias, que lhe Nosso Senhor sempre deo nessas partes, em todas as cousas em que poz as mãos, e cometeo: Que esperamos na sua misericordia que nesta lha dará; porque ainda que muitos homens sejam pera muitas cousas, e delle se deva ter inteira confiança, como Nós temos de vós pera esta, e outra, ainda que maior fosse, (posto que nenhuma o possa ser,) por meio de aquelle, a que Nosso Senhor já tem nas mesmas cousas ajudado, parece que se poderão melhor fazer, e acabar, principalmente quando tambem as sabe como Afonso Dalboquerque.*

*E porque esta cousa importa, e releva tanto a Nosso serviço, honra, e estado como vedes, vos encommendamos, e mandamos, por mandado especial, que não resistais em maneira alguma a isto que vos mandamos, e Nos sirvais, assi como por esta carta o ordenamos.*

*E porque nas cousas da guerra, sendo a Armada do Soldão entrada na India, convem fazerem-se muitas despezas, mandamos aos Officiaes de Cochim, Calicut, e Malaca, que querendo Afonso Dalboquerque algum dinheiro, ou cousa de nossa fazenda, lho enviem logo sem nenhuma dilação, conforme a Provisão, que disso temos mandado ao dito Afonso Dalboquerque. Notificamos-vo-lo assi pera saberdes como o mandamos, e o não impedirdes, antes vos encommendamos muito, que deis a isso todo o aviamento que for possivel, pera que se faça inteiramente o que ácerca disso Afonso Dalboquerque requerer. Feita em Almeirim a 20. de Março de 1516.*

## CAPITULO XLVIII

*O estado, em que o grande Afonso Dalboquerque deixou a India ao tempo de seu falecimento.*

Vendo o grande Afonso Dalboquerque os desejos, que ElRey D. Manuel tinha de haver paz universal na India, como per

muitas vezes lhe tinha escrito, porque com ter guerra contínua não se podia bem suster polos grandes gastos que se faziam, trabalhou muito, em quanto viveo, de a ter com todos os Reys, e Senhores Gentios daquellas partes, tendo com elles muitas intelligencias, mandando-lhes seus messageiros, e offerecendo-lhes as Armadas delRey de Portugal pera destruirem os Mouros, e lançarem-nos fóra da terra, que lhe tinham tomada, principalmente o Rey de Narsinga, ao qual mandou por muitas vezes seus Embaixadores, procurando sua amizade, e pedindo-lhe, que quizesse entender na destruição do Hidalcão, e do Rey de Decam; e com todos os outros Reys Gentios do Cabo do Comorim pera dentro, assi na ourela do mar, como polo sertão, tambem teve intelligencias pera os trazer á amizade delRey de Portugal, mandando-lhes Embaixadores em seu nome, offerecendo-lhes suas Armadas, e gente. E estava este feito tão arreigado, que todos trabalhavam por terem assento de amizade com Afonso Dalboquerque: huns com obediencia, que lha mandavam por seus messageiros; outros com tributo, que lhe pagavam

de suas terras; outros com palavras boas, e brandas, que elle com elles usava; e outros com joias, e presentes, que da parte delRey D. Manuel mandava, e alguns lhe offereciam seus portos pera fazer nelles fortalezas, com desejos que tinham de terem trato, e amizade com os Portugueses, porque os tinham já como vizinhos da India; e se o a morte não atalhára, segundo seus espiritos eram grandes, ElRey de Portugal fora Senhor de toda a India; porque deixando a parte dos Gentios, que elle sabia mui bem grangear, os Mouros o temiam de maneira, (porque nas cousas da guerra era muito manhoso, e esforçado,) que o Hidalcão, sendo grande Senhor, e de muita gente, estando sobre o pescoço de Goa, que lhe Afonso Dalboquerque tinha tomado por força, por muitas vezes procurou sua amizade, com receio que tinha de lhe tomar sua terra. E não fora muito fazelo, se o Rey de Narsinga o ajudára polo sertão, como por muitas vezes lhe tinha mandado dizer; e mandou-lhe muitos messageiros, e presentes; e sua mãi, que o governava, se meteo por medianeira desta amizade, offerecendo-lhe todo seu poder contra quem

elle quizesse. Ao tempo de seu falecimento tudo ficou de paz desde Ormuz até Ceilão, e todo o Reyno de Cambaya, Chaul, Dabul, Goa, Onor, Baticalá até o monte de Deli, Cananor, Cochim, Caicoulão, até o Cabo do Comorim, todos os Reys, Senhores, mercadores destes portos, e polo sertão dentro deixou tão manços, e assocegados, que não podia ser mais huma gente conquistada, e senhoreada por força como esta era. E estava a terra tão pacífica, que os Portugueses negociavam suas mercadorias por todas as partes, sem lhes tomarem nada, nem os cativarem, e navegavam por todo o mar da India em náos, navios, zambucos pequenos, e grandes, e seguramente travessavam o mar de humas partes pera outras, e elles vinham a Goa com as suas, sem lhes ser feito nenhum agravo. E do Cabo do Comorim pera dentro tambem deixou os Reys de aquellas partes em grande paz, e amizade com El-Rey de Portugal, mandando-lhes Embaixadores com presentes em seu nome, e elles a elle, a saber, o Rey de Pegú, o Rey de Bengála, o Rey de Pedir, o Rey de Sião, o Rey de Pacé, e a fortaleza de Ma-

laca de assocego. Ficou em muita paz com o Rey da China, e o Rey da Jaoa, o Rey de Maluco com os Gores, e todos os outros seus vizinhos manços, e assocegados os tinha.

E a principal cousa que fez assocegar a India, e amançar os corações dos Reys, e Senhores della, foi ver as intelligencias, que o grande Afonso Dalboquerque tinha com o Xeque Ismael, pera tomarem a casa de Méca, e destruirem o Grão Soldão, e todos os Mouros, mandando-lhes seus Embaixadores com presentes. E com o Preste João, pera cortarem huma serra, e lançarem o Nilo por outra parte, pera destruição do Cairo. Verem-lhe tambem fazer grandes fortalezas na India: verem-lhe muita artilheria, muitas náos, navios, e galés. Verem-lhe muitos homens casados, muitos meninos, e meninas nascidas na terra. Verem fazer casas de pedra e cal, e prantarem pumares, lavrarem as terras, terem suas creações, tratarem no mar, e na terra suas mercadorias. Verem nos lugares toda a ordem de justiça, e bom governo, e outras muitas cousas de gente, que fazia fundamento na terra, e de assentar nella. E de

tudo isto corria a fama por todas as partes da India, da Persia, do Cairo, e da Turquia. E perguntava o Grão Soldão se havia muitos homens casados na India, e o Hidalcão quantos meninos, e meninas havia em Goa, porque elles não se arreceavam do mar, senão do assento, que os Portugueses queriam fazer na terra. E vendo os Mouros o pouco poder de Armadas, e gente, que ElRey de Portugal tinha na India, por milagre contavam todas estas cousas. E como os espiritos de Afonso Dalboquerque eram grandes, dizia muitas vezes, que esperava em Nosso Senhor de tomar Adem, e fazer assento nella, e fechar as portas do estreito com huma boa fortaleza, porque o Grão Soldão perdesse a esperança que tinha de ser senhor da India; e acabado isto, que se veria pera Portugal a repousar hum pouco sobre o cabo da enxada; e Nosso Senhor por sua Divina providencia atalhou a tudo em o levar pera si.

Ao tempo de seu falecimento deixou em Malaca, que tomou aos Mouros duas vezes, huma fortaleza muito forte, e muita artilheria, e gente nella. Deixou feita outra fortaleza em Ormuz, com muita gente,

e artilheria, e o Reyno todo á obediencia delRey de Portugal, o qual tomou duas vezes aos Mouros por força. Deixou huma fortaleza feita em Calicut, muito forte, com gente, e artilheria. Deixou a fortaleza de Cochim acabada, como agora está, que elle começou a primeira vez que foi á India, e sete Alifantes nella muito grandes, pera servirem na ribeira das náos. Fez a fortaleza de Cananor de pedra, e cal, que dantes era de taipa. Deixou Armadas em todas estas fortalezas pera guarda, e provimento dellas. Deixou a Cidade de Goa fortificada com muitos castellos derredor da Ilha pera segurança, a qual tomou por força duas vezes aos Mouros. Deixou nella muitos Portugueses casados, muitos Gentios feitos Christãos, e muita gente de cavallo. Deixou muitos armeiros, e officiaes de fazer cravação, selleiros, adargeiros, ferreiros, pedreiros, fundidores de artilheria, mestres de fazer espingardas, carpinteiros da ribeira, calafates ; e os mais destes Portugueses, e outros Christãos, naturaes da terra, vassallos, e subditos delRey de Portugal, como naturaes Portugueses. Deixou os armazens de Goa com muitas armas,

muitas cubertas de cavallo, muitas sellas, muita polvora, pilouros, e todas outras munições necessarias pera guerra. Deixou no porto huma Armada de cincoenta vélas, entre náos, e navios, e galés, e fustas, que pera aquelle tempo era muita, a fóra paráos, e navios de chitins, que nesta conta não entram. Mandou lavrar moeda em nome delRey de Portugal em Goa, e em Malaca, a qual corria por todas as partes da India. Foi o primeiro Capitão delRey de Portugal, que entrou no estreito do mar Roxo. *Y quien mas hiziere passe a delante,* que he o letreiro, que o Conde Fernão Gonçalvez mandou pôr na sua sepultura, que está á entrada da porta da Igreja do Mosteiro, onde está enterrado.

## CAPITULO XLIX

*Como chegou a Ossada do grande Afonso Dalboquerque a Portugal: e como foi levada a Nossa Senhora da Graça.*

Tendo o grande Afonso Dalboquerque feito seu testamento, e aprovado, em que se mandava enterrar na sua Capella de

Nossa Senhora, que tinha feita em Goa, vindo de conquistar o Reyno de Ormuz, deixando nelle feita huma fortaleza, como atrás fica dito, fez hum condicilho, que dizia assi : »Declaro, que falecendo eu nes»tas partes da India, que Nosso Senhor »por sua misericordia não permitta, por »alguns justos respeitos, que me a isso mo»vêram, e por descanço de minha alma, »mando que depois de comesta a carne, »os meus ossos sejam levados a Portugal, e »se enterrem em Nossa Senhora da Graça, »da Ordem de Sancto Agostinho, onde »jazem meus avôs.» Cousa tão desejada de Afonso Dalboquerque, como era trazerem seus ossos a Portugal, (como se vê por estas palavras do condicilho,) descuido fora de seu Filho passarem-se cincoenta e hum annos sem lhe cumprir sua vontade; mas como esta obrigação era de Pero Correa, e como testamenteiro era obrigado a fazelo, fica elle desculpado, o qual Pero Correa por muitas vezes pedio a ElRey D. Manuel, que lhe désse licença pera os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo, que em ter os ossos de Afonso Dalboquerque em Goa tinha a India se-

gura. Morto Pero Correa, ficou esta obrigação a seu Filho, como seu herdeiro, que trabalhou muito com ElRey D. João o Terceiro por haver esta licença, que lhe sempre negou, polos muitos requerimentos, que teve dos moradores de Goa, e de toda a India, que lha não désse; e depois de seu falecimento, governando a Raynha Dona Catharina Nossa Senhora estes Reynos por ElRey D. Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, e passáram-se alguns annos sem o poder acabar, que lhe foi necessario haver huma Bulla do Papa com grandes excommunhões aos moradores de Goa, que o não impedissem: (parece que não era ainda a hora chegada.) Havida esta licença da Raynha Nossa Senhora, porque já ahi não havia quem na impedisse, e indo D. Antão de Noronha á India por Visorey, que poz força com sua authoridade a mandalos, chegáram ao porto de Lisboa a seis dias do mez de Abril de 1566. E da náo em que vinham foram tirados, e levados á Casa da Misericordia, sendo Ruy Lourenço de Tavora Provedor, acompanhados de muitos Fidalgos, e ali estiveram alguns dias, cuberta a tumba com

hum panno de veludo cramesim com muitos Clerigos que o acompanhavam, e diziam cada dia Missa por sua alma, em quanto se dava ordem a se levarem á Capella mór de Nossa Senhora da Graça, que seu Filho dotou de grossa renda pera seu enterramento.

Estando tudo prestes, hum Domingo dezenove dias do mez de Maio foram juntos na Casa da Misericordia todos os Senhores, e Fidalgos, que havia na Corte, pera acompanharem estes Ossos, e dali sahíram em procissão, indo diante a bandeira da Misericordia com toda a Irmandade: apôs ella os Frades Franciscos, e Agostinhos, e toda a Clerizia da Cidade, com tochas nas mãos, e no couce o Cabido da Sé de huma parte, e D. Afonso Anriques Adaião delRey com toda a Capella da outra, e apôs elles a tumba, onde hiam os Ossos, que levavam os irmãos, cuberta por cima com hum panno grande de tela de ouro, e diante hia o Provedor com sua vara na mão, e Afonso Dalboquerque seu filho de huma parte, vestido em hum capuz de dó, com a cabeça descuberta, e da outra parte André Dalboquerque seu sobrinho,

da mesma maneira, e detrás da tumba o Duque de Aveiro, e seus filhos, e irmãos, e todos os mais Senhores, e Fidalgos, e Prelados, que a este tempo estavam na Corte. A gente do povo era tanta, que não cabiam pelas ruas, e assi nesta ordem foram caminhando em procissão, e por todas as Igrejas por onde passavam se dobravam os sinos, e chegáram a Nossa Senhora da Graça, e na Capella mór estava hum estrado alto de dous degráos, que quasi a tomava toda, cercada de todas quatro partes com muitas tochas, e alcatifado de muitas alcatifas, e ali puzeram a tumba, em que os Ossos hiam metidos, forrada de tela de ouro, acompanhada de muitos criados seus, vestidos todos de dó. E sobre esta tumba estavam dependuradas tres bandeiras das cores, e divisas dos tres Reynos, que o grande Afonso Dalboquerque ganhou aos Mouros na India. Em riba destas bandeiras estava a bandeira Real, que lhe ElRey Dom Manuel entregou, como atrás fica dito, muito rota, e velha, a qual lhe foi entregue a seis dias do mez de Abril do anno de 1506. E havendo sessenta annos que daqui partíra, os Ossos a tornáram a entregar

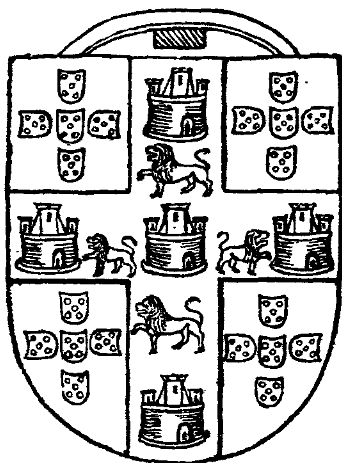
no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Sancto Agostinho, cheia de muitas vitorias, que houve na India, debaixo daquelle sinal da Cruz, reynando ElRey D. Sebastião Nosso Senhor; e depois de estar tudo quieto, começou Mestre Fr. Sebastião Toscano sua prégação, da qual não dou rezão nestes Commentarios, assi por não fazer grande volume, como tambem por andar impressa.

## CAPITULO L

*Donde procede este excellente Capitão Afonso Dalboquerque, e cujo filho foi: e como gastou sua mocidade até ir a primeira vez á India.*

Porque desta geração dos Alboquerques, e de sua antiguidade, e como formáram este nome, descendendo por linha direita dos Reys de Portugal, Lião, e Castella, tenho escrito hum largo tratado pera memoria dos que delles descendem, que collegi das Chronicas, e livros das linhagens de Portugal, e Castella, não direi aqui mais que

o que convem pera se entender brevemente donde descende este grande Afonso Dalboquerque, e cujo filho foi. He de saber, que ElRey D. Dinis, Rey de Portugal, teve hum filho natural, que houve de Dona Aldonsa de Sousa Infansona natural de Galiza, que se chamou D. Afonso Sanches, o qual casou com Dona Tareja Martinz, neta delRey D. Sancho de Castella, chamado Bravo, e houve com ella em dote Villa de Conde em Portugal, e muitos lugares em Castella, e o Castello Dalboquerque, que elle reedificou, e fundou de novo a Villa em baixo, e cercou-a de muro, e torres, e barbacaã, e cava, e povoou-a de gente de Portugal, e Castella, e alli fez seu assento, e na porta principal da Villa poz as suas Armas, que são estas, que aqui estam pintadas, que os Alboquerques, que delle descendem, houveram de trazer, e não as que trazem.



E na mesma porta poz este letreiro:

*Em nome de Deos seja tudo. Amen. Eu Dom Afonso Sanches Senhor deste Castello Dalboquerque, comecei este lavor, feria quarta, aos quatro dias do mez de Agosto, da era de 1314. o qual seja pera serviço de Deos, e de Sancta Maria sua Madre, salvamento de minha alma, crescimento de minha honra, endereçamento de minha fazenda; porque as cousas que a Deos são feitas, todas adiante hão de ir;*

*e as que sem elle são, todas hão de fenecer.*

*E porém praza a Deos que haja boa gloria o mestre pedreiro, que fez este Castello.*

Este D. Afonso Sanches Senhor Dalboquerque teve hum filho, que houve de sua mulher, que se chamou D. João Afonso Dalboquerque, que erdou sua casa, e foi grande Senhor em Castella, e o primeiro que tomou este appellido Dalboquerque: edificou a torre da menagem da Codiceira, e nella poz as suas Armas, que no principio deste Livro vam pintadas, misturando com as quinas de Portugal as Flor de Liz, que eram Armas de sua mulher, que descendiam da Casa Real de França, que os Alboquerques agora trazem. Deste D. João Afonso Dalboquerque descende este grande Capitão Afonso Dalboquerque, o qual foi filho segundo de Gonçalo Dalboquerque Senhor de Villa Verde, e de Dona Leonor de Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalvez de Ataíde, primeiro Conde da Atouguia, e da Condessa Dona Guiomar de Castro sua mulher, o qual sendo moço se creou em

casa delRey D. Afonso o Quinto, e por seu falecimento se foi a Arzila, e passados alguns annos tornou-se a servir ElRey Dom João o Segundo seu filho, e foi seu Estribeiro mór. Morto ElRey D. João, tornou-se a Arzila, e levou hum irmão comsigo, que lá matáram os Mouros, por cuja morte se veio pera Portugal servir ElRey Dom Manuel, e dormia na sua guarda. Foi na Armada de Taranto, e na tomada da Graciosa, achou-se em todas as cousas de guerra, que em seu tempo nestes Reynos sucedêram, até ir a primeira vez á India. Não casou. Teve hum Filho natural, que deixou por herdeiro de toda sua fazenda, e dos serviços que fez a tres Reys destes Reynos; e quiz ElRey D. Manuel, pela obrigação que tinha de lhe fazer mercê, que se chamasse Afonso Dalboquerque como seu pai, e casou-o com Dona Maria de Noronha, filha do Senhor D. Antonio primeiro Conde de Linhares, que era muito seu parente, e da Condessa Dona Joanna da Silva, filha de D. Diogo da Silva primeiro Conde de Portalegre. E depois de ser casado, mandou-o na Armada de Saboia por Capitão de hum galeão com a Infante Dona Beatriz

sua filha. E tornado desta jornada, com esperança de lhe ElRey D. Manuel satisfazer os serviços de seu pai, como tinha prometido ao Conde de Linhares seu sogro, achou-o morto, e ficou sem a satisfação, que mereciam os grandes serviços de seu pai, assi polo pouco cuidado que elle teve de os requerer, como tambem pela mudança do tempo.

FIM DOS COMMENTARIOS

